

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

**Marcelo de Castro Haiachi**

O CURSO DE VIDA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA: a deficiência e o esporte como  
eventos marcantes

Porto Alegre

2017

**Marcelo de Castro Haiachi**

O CURSO DE VIDA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA: a deficiência e o esporte como eventos marcantes

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araújo Gaya

Porto Alegre

2017

**Marcelo de Castro Haiachi**

O CURSO DE VIDA DOS ATLETAS COM DEFICIÊNCIA: a deficiência e o esporte como  
eventos marcantes

Conceito final: A

Aprovado em 17 de agosto de 2017.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Alberto Martins da Costa  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof. Dra. Márcia da Silva Campeão  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientador - Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araújo Gaya  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico este trabalho a pessoas imprescindíveis para o meu curso de vida:  
Meu pai Tosihide Haiachi, mesmo distante não deixou faltar nada para que eu tivesse uma  
boa educação;  
Minha mãe Maria Isabel de Castro, por sempre buscar o melhor para o meu desenvolvimento,  
nunca me negou nada, sua resiliência foi determinante para o meu sucesso;  
Meu irmão Cesar de Castro Haiachi, por servir de inspiração e desafiar minha capacidade de  
compreender melhor o mundo, me ensinando desde cedo que tinha que seguir meu próprio  
caminho e tomar minhas próprias decisões;  
Minha esposa Roberta Santos Kumakura, por estar sempre ao meu lado, principalmente nos  
momentos difíceis, sem seu apoio não teria conseguido;  
E aos meus filhos Maria Júlia e Ricardo por me inspirarem a ser melhor a cada dia;  
Muito obrigado por terem cruzado meu caminho.  
Amo vocês

## AGRADECIMENTOS

Ninguém conquista nada sozinho, por isso preciso deixar registrado alguns agradecimentos:

À Universidade Federal de Sergipe por proporcionar a oportunidade de me qualificar;

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por ter me acolhido;

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano por terem sido sempre cordiais e atenciosos comigo;

Aos funcionários da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança que sempre me trataram com respeito, obrigado pela amizade: Paulo, Isabel e Ezequiel;

Aos professores da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança por compartilharem seus conhecimentos: Marcelo Cardoso, José Cícero Moraes, Carlos Balbinotti, Janice Mazo, Graciele Sbruzzi, Anelise Gaya, Ricardo Petersen, Flávio Castro.

Ao grupo do PROESP por ter me recebido tão bem: Vinícius, Júlio, Ariele, João, Gabriel, Priscila, Vavá, Fernando, Débora, Carol, Barbara e a nova geração.

Ao Projeto Referências por ter acreditado na minha competência em produzir informações relevantes ao esporte paraolímpico brasileiro e ter fornecido um suporte financeiro importante para o desenvolvimento do meu trabalho de doutorado: Alan, Selda, Carla, Vinícius, Laís e Menescal.

Ao meu orientador, professor Adroaldo Gaya, por ter me dado a oportunidade de crescer enquanto pessoa, professor, pesquisador e por me ensinar a cada dia como fazer pesquisa e liderar um grupo;

Ao professor Alberto Reinaldo Reppold Filho por ter acreditado no meu potencial e não medir esforços para que eu conseguisse me qualificar. Não tenho palavras para descrever minha eterna gratidão por toda sua gentileza e companheirismo.

Ao amigo Ailton Fernando Santana de Oliveira que me proporcionou através do Projeto Diesporte conhecer pessoas importantes para minha formação e que me ensinaram a ser um profissional melhor: Lamartine Pereira da Costa, Celi Taffarel, Cassia Damiani, Vânia Pacheco, Antônio Mussino, Tony Meirelles, Alberto Reppold Filho e Leandro Nogueira.

Aos amigos Leonardo Mataruna, Silvestre Cirilo, Marcos Miéres, Luiz Fernando Nóbrega, Débora Guerra, Andressa Guimarães, Leonardo Silva e Silva, Pedro Carvalho, Rosely Kumakura, Denisson Azevedo, Rogério Wichi, Afrânio Bastos, Carlos Roberto

Santos, Pedro Jorge Menezes, Marcos Bezerra de Almeida, Fabio Zoboli por me incentivarem a ser melhor a cada dia.

*In memoriam* ao professor Sérgio Coelho que me deu a oportunidade de conhecer este novo universo e a Tia Selma que me acolheu tão bem e fez com que o trabalho fosse sempre um imenso prazer, minha singela homenagem a vocês.

Aos profissionais que me inspiraram a ser um profissional melhor: Susan Habib, Ana Felberg, Celby Santos, Paulo Cruz, Márcia Campeão, Ítalo Gonçalves, Sandra Peres.

À equipe da SPORTV que em 2012 e 2016 me ensinaram na prática o que realmente era o esporte paraolímpico: Livia Prates, Danilo Glasser, Murilo Spina, Thiago Barbieri, Celso Toshimi, Monique Pinheiro, Ivan e Athos Schwantes, Hilário Moreira, Andreia Gatti, Delton Leuri, Panda Sene, Roberto Ramos, Seleno, Sig, Nelson Pacheco, Renato Redovário, Bruno Souza, Clayton Carvalho, Guto Dejain, Guilherme Lopes, Lauter Nogueira, Alexandre Pussieldi, Vanessa Riche, Edgar Alencar, Elizabeth Zanini e Terezinha Cancelli.

E aos novos e velhos amigos, sem vocês este trabalho não seria possível. Infelizmente por questões éticas não posso citar seus nomes, mas deixo aqui registrado meu eterno agradecimento: TISR, EMP, HMN, RSR, LCP, WSO, DBG, LCAP, SRSIPC, PFD, BV, JMF, AWS, GMCD, DJP, MSS, SCL, ARS, MSF, ACA, AS, JPC, LO.

*Se a tradição da pesquisa nos ensina alguma coisa, é que a Verdade sempre encontra uma maneira de mudar. O máximo que podemos esperar é que nosso relatório provisório seja o mais claro, completo e próximo do que julgamos correto: Depois de todos os meus esforços, aqui está o que eu acredito ser a verdade – não toda a verdade, mas uma verdade importante para mim [...], uma verdade que tentei justificar da melhor maneira possível e expressar com clareza suficiente para que [...] encontrem em meu argumento bons motivos para concordar ou pelo menos reconsiderar aquilo em que acreditam.*

*Wayne Booth, Gregory Colomb e Joseph Willims*

*A arte da pesquisa, 2ª ed. 2005.*

## RESUMO

Esta tese apresenta como tema o curso de vida do atleta com deficiência. Como base conceitual foi utilizada a teoria do curso de vida, que consiste no caminho percorrido pelo indivíduo, marcado por eventos ocorridos ao longo do tempo. Estes eventos apresentam uma ligação direta com a obtenção dos recursos necessários para o seu desenvolvimento humano: boa saúde, bom domínio do conhecimento, certo nível de segurança econômica e boas relações sociais. A deficiência e o esporte aparecem como transições importantes para o curso de vida de atletas com deficiência. Neste sentido o objetivo do estudo é descrever o curso de vida do atleta com deficiência. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa que se justifica pela necessidade de se compreender os significados, os comportamentos e as características situacionais de como o atleta com deficiência constroem o mundo a sua volta. Foram entrevistados 23 atletas com deficiência (física - 16, visual - 4 e intelectual - 3), de característica congênita - 9 ou adquirida - 14. Estes atletas praticantes de diferentes esportes (coletivos - 06, individuais - 08) com uma concentração maior do sexo masculino (17 atletas) em relação ao feminino (06 atletas). Para interpretação dos dados foram reunidas 19 horas, 11 minutos e 42 segundos de material obtido a partir de entrevistas. A codificação e categorização foi auxiliada pela utilização do *software* NVIVO, versão 11 pro, disponibilizado à comunidade UFRGS e ancorada na análise de conteúdo. Foram estabelecidas a *priori*, com o apoio do referencial teórico, cinco categorias principais (contexto sociocultural, deficiência enquanto evento, esporte enquanto evento, trajetória esportiva e transições marcantes) e 19 subcategorias. A partir das análises surgiram cinco subcategorias a *posteriori*. A família teve um papel determinante no curso de vida dos atletas assim como a militância política a partir da criação de associações, participação em comissões nacionais e cargos de confiança na administração pública. A capacidade multiplicadora de divulgar informação e de auto-defesa dos direitos da pessoa com deficiência também se fez presente no estudo. Este empoderamento obtido a partir do envolvimento com o esporte e a fé foram pontos que aproximaram o curso de vida destes atletas sendo a obtenção de recursos, principalmente recursos financeiros, o ponto de maior distanciamento entre eles. Ter um bom nível de entendimento das ações que o cercam, faz da educação um fator determinante para conquista da profissão e, muitas vezes, de uma melhor ocupação no mercado de trabalho. Neste sentido, procuramos “utilizar os conhecimentos para transformar uma vida” ao reforçar o papel do esporte na construção da autonomia e na capacidade de guiar seu próprio curso de vida.

**Palavras chave:** empoderamento, renda, educação, família, autonomia.



## ABSTRACT

This thesis presents as a theme the life course of the disabled athlete. The theory of the course of life, which consists of the path traveled by the individual, marked by events occurring over time, was used as a conceptual basis. These events have a direct link with obtaining the necessary resources for their human development: good health, good knowledge, a certain level of economic security and good social relations. Disability and sport appear as important transitions to the life course of disabled athletes. In this sense, the objective of the study is to describe the life course of the disabled athlete. It is a descriptive research with a qualitative approach that is justified by the need to understand the meanings, behaviors and situational characteristics of how people with disabilities build the world around them. Twenty - three athletes with a disability (physical - 16, visual - 4 and intellectual - 3), of congenital characteristic - 9 or acquired - 14 were interviewed. These athletes practicing different sports (collective - 06, individual - 08) with a (17 athletes) in relation to the female (06 athletes). For data interpretation, 19 hours, 11 minutes and 42 seconds of material obtained from interviews were collected. The coding and categorization was aided by using NVIVO software, version 11 pro, made available to the UFRGS community and anchored in content analysis. Five main categories were established (sociocultural context, disability as an event, sport as an event, sporting trajectory and marked transitions) were established a priori, with the support of the theoretical framework, and 19 subcategories. From the analysis emerged five subsequent subcategories. The family played a decisive role in the life course of athletes as well as political militancy through the creation of associations, participation in national commissions and positions of trust in public administration. The multiplier capacity to disseminate information and self-defense of the rights of persons with disabilities was also present in the study. This empowerment obtained from the involvement with sport and faith were points that approached the life course of these athletes being the obtaining of resources, mainly financial resources, the point of greater distance between them. Having an appropriate level of understanding of the actions that surround it, makes education a determining factor for the achievement of the profession and often of a better occupation in the labor market. In this sense, we seek to "use the knowledge to transform a life" by reinforcing the role of sport in the construction of autonomy and in the ability to guide its own course of life.

**Key words:** empowerment, income, education, family, autonomy.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Trajetória e mudanças de direção no ciclo da vida.....	30
<b>Figura 2:</b> Perspectiva do curso de vida para manutenção do nível de capacidade funcional.....	31
<b>Figura 3:</b> Curso de vida e suas principais características.....	32
<b>Figura 4:</b> Representação da perspectiva do curso de vida.....	34
<b>Figura 5:</b> Distribuição estadual dos grupos de pesquisa que atuam na área do esporte para pessoas com deficiência.....	37
<b>Figura 6:</b> Manifestações do esporte para pessoas com deficiência.....	40
<b>Figura 7:</b> O desenvolvimento do movimento esportivo para pessoas com deficiência.....	43
<b>Figura 8:</b> Caminho percorrido pelo pesquisador.....	51
<b>Figura 9:</b> Mapa hierárquico dos atletas entrevistados.....	55
<b>Figura 10:</b> Mobilidade de residência dos atletas entrevistados.....	60
<b>Figura 11:</b> Processo migratório dos atletas em função do sexo.....	61
<b>Figura 12:</b> Processo migratório em função do período de nascimento.....	62
<b>Figura 13:</b> Distribuição dos atletas pelo tipo de deficiência a partir da sua forma, adquirida ou congênita.....	62
<b>Figura 14:</b> Período da vida em que os atletas adquiriram a deficiência.....	64
<b>Figura 15:</b> Causas da deficiência física entre os atletas entrevistados.....	65
<b>Figura 16:</b> Nível de escolaridade em função do tipo de deficiência.....	66
<b>Figura 17:</b> Relação entre o nível de escolaridade e a profissão / ocupação.....	70
<b>Figura 18:</b> Mapa hierárquico referente à distribuição das profissões / ocupações pelo período de nascimento.....	72
<b>Figura 19:</b> O efeito da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) após dez anos (2006-2016).....	75
<b>Figura 20:</b> 17 objetivos de desenvolvimento sustentável proposto pela Agenda 2030.....	76
<b>Figura 21:</b> Levantamento da legislação brasileira referente ao esporte.....	103
<b>Figura 22:</b> Modelo conceitual do ambiente esportivo do atleta de alto rendimento e seus fatores de influência.....	105
<b>Figura 23:</b> Distribuição dos tipos de esportes de acordo com o tipo de deficiência.....	125
<b>Figura 24:</b> A estrutura da carreira do atleta paraolímpico.....	137
<b>Figura 25:</b> Momentos da carreira do atleta paraolímpico.....	138
<b>Figura 26:</b> Barreiras e facilitadores para o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas com deficiência.....	159
<b>Figura 27:</b> Nível de ensino da população com deficiência.....	188

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Categorias e subcategorias encontradas no estudo.....	53
<b>Quadro 2:</b> Aparato legal voltado às pessoas com deficiência. ....	76
<b>Quadro 3:</b> Principais atos normativos relacionados ao esporte.....	104
<b>Quadro 4:</b> Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo A. ....	126
<b>Quadro 5:</b> Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo B. ....	128
<b>Quadro 6:</b> Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo C. ....	132
<b>Quadro 7:</b> Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo D. ....	133
<b>Quadro 8:</b> Quadro de análise do curso de vida dos atletas com deficiência .....	214

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente  
ABBR – Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação  
ANDE – Associação Nacional de Desportos para Deficientes  
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações  
BPC – Benefício de Prestação Continuada  
CHR – Centro Hospitalar de Reabilitação  
CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde  
CND – Conselho Nacional do Desporto  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
CONADE – Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência  
CORDE – Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência  
CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro  
CRPD – Convention on the Rights of Persons with Disabilities  
CVI – Centro de Vida Independente  
DIESPORTE – Diagnóstico Nacional do Esporte  
DSISO – Down Syndrome International Swimming Organisation  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
ESEFEX – Escola de Educação Física do Exército  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INAS – International Federation for Intellectual Impairment Sport  
INSS – Instituto Nacional de Seguro Social  
IPC – International Paralympic Committee  
JP – Jogos Paralímpicos  
LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PAF – Perfurações por Arma de Fogo  
PPG – Programa de Pós-Graduação  
QDA – Qualitative Data Analysis  
QIVC – Questionário de Investigação de Variáveis de Controle  
SADEF – Sociedade Amigos dos Deficientes  
SESC – Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

USP – Universidade de São Paulo

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

WDG – World Dwarf Games

## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	16
INTRODUÇÃO.....	19
REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
O curso de vida enquanto teoria .....	28
Aplicabilidade da teoria do curso de vida para construção de políticas .....	31
Relação Deficiência, Esporte e Curso de Vida .....	35
A eficiência por trás da deficiência.....	39
<i>Diferentes manifestações do esporte para pessoas com deficiência.....</i>	<i>40</i>
<i>Potencial do esporte como fator de desenvolvimento .....</i>	<i>42</i>
CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	47
Delineamento estudo.....	47
Os atletas como sujeitos da pesquisa .....	47
Critérios de inclusão e exclusão.....	48
Estudo piloto .....	48
Procedimentos.....	49
<i>Éticos .....</i>	<i>49</i>
<i>Instrumento de coleta de dados.....</i>	<i>49</i>
<i>Coleta de dados .....</i>	<i>50</i>
<i>Análise de dados.....</i>	<i>51</i>
CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA.....	54
Perfil sócio-demográfico.....	54
Mobilidade de residência .....	58
Tipo de Deficiência.....	62
Nível de escolaridade.....	65
Profissão / Ocupação .....	70
A DEFICIÊNCIA NO CURSO DE VIDA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA .....	74
Momento de aquisição da deficiência.....	78
Processo de reabilitação / estimulação.....	86
Aceitação da deficiência .....	94
O ESPORTE NO CURSO DE VIDA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA .....	103
Vida antes do esporte .....	106
Primeiros contatos com o esporte .....	109
Construção da identidade como atleta .....	117
Tipo de esporte.....	124
A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA.....	126

O rendimento esportivo do atleta com deficiência .....	135
Classificação funcional esportiva .....	139
Barreiras e facilitadores .....	148
Incentivo financeiro .....	159
Pós-carreira .....	171
TRANSIÇÕES MARCANTES DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA .....	179
Educação, Renda e Relações sociais.....	188
Autonomia .....	194
Empoderamento .....	201
ANÁLISES DOS DIFERENTES CURSOS DE VIDA .....	212
Relações de aproximação entre os diferentes cursos de vida .....	215
Relações de distanciamento entre os diferentes cursos de vida.....	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	219
Limitações do estudo .....	221
Recomendações de novos estudos .....	221
REFERÊNCIAS .....	222
APÊNDICES .....	234
1. Termo de consentimento livre e esclarecido.....	234
2. Instrumentos de coleta de dados .....	236
ANEXO .....	237
1. Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.....	237

## **PREFÁCIO**

A questão da deficiência é um tema cercado de estigmas que vem sendo transpostos ou, em alguns casos, colocados fora da pauta de discussões. Avançamos principalmente em relação às questões legais e na construção dos direitos das pessoas com deficiência, no entanto ainda existem lacunas que necessitam ser trabalhadas, principalmente em relação à aceitação do diferente.

Muitas pessoas só entram em contato com a deficiência quando a mesma bate à sua porta, seja de forma direta ou indireta. No meu caso especificamente, o contato com este universo ocorreu na Universidade (Federal do Rio de Janeiro), no primeiro período da Graduação em Educação Física, na disciplina chamada Educação Física, Profissão e Conhecimento. O objetivo da disciplina era fazer com que os alunos, recém-ingressados no curso, tivessem uma noção do mercado de trabalho que estava à espera deles. Dentre as várias opções expostas, a Educação Física para deficientes ficou para o grupo no qual estava inserido.

O ano era 1995 e essa disciplina realmente marcou minha formação profissional ao revelar um mundo que, para mim, era totalmente desconhecido. Não conhecia nenhuma pessoa com deficiência, não tinha ninguém na família, nem nunca tinha prestado atenção nesta situação. Foi uma feliz descoberta de um tema ainda em crescimento e com inúmeros problemas: a formação de profissionais para trabalhar na área; a falta de acessibilidade dos locais para o desenvolvimento das atividades; o baixo reconhecimento financeiro para os profissionais que atuavam na área e a dificuldade de encontrar pessoas interessadas em trabalhar. Alguma semelhança com os tempos atuais?

A partir deste momento, tratei de conhecer melhor o esporte para pessoas com deficiência e aprendi que a questão conceitual iria fazer parte de toda minha trajetória profissional, porque me deparei com os termos “educação física especial”, “educação física adaptada”, “deficiente”, “excepcional”, “retardado”, “especial”, “portador de deficiência”, “paradesporto”, “esporte adaptado”, “necessidades educativas especiais”, “necessidades especiais”, “paraolímpico”, “paralímpico” e muitos outros.

Oficialmente, meu primeiro contato ocorreu quando, junto com meu grupo de trabalho, entrevistei dois professores de Educação Física responsáveis pelo projeto esportivo para pessoas com deficiência, na Vila Olímpica da Mangueira, no Rio de Janeiro, que



funcionava no horário “nobre<sup>1</sup>”. A professora Susan Habib e o professor Sérgio Coelho nos apresentaram um universo cheio de possibilidades e desafios. No final da entrevista, eles nos convidaram para participar, como voluntários, em uma competição esportiva para pessoas com deficiência intelectual. Foi paixão à primeira vista e realmente um mundo de possibilidades se abriu para aqueles jovens estudantes que ainda não sabiam ao certo qual caminho seguir na profissão.

Os anos se passaram e resolvi me dedicar ao esporte que me fez escolher a profissão de Educação Física, o Voleibol. Ao longo de toda a minha trajetória profissional, continuei envolvido com o esporte para pessoas com deficiência, seja como voluntário, árbitro, coordenador ou como responsável pela organização de súmulas, resultados e relatórios técnicos de competições esportivas. Na verdade, pela minha dificuldade de estar presente nos eventos, passei a trabalhar mais nos bastidores.

Quando resolvi encarar o desafio de mudar de estado, em 2009, achei que nunca mais iria me envolver com a questão da deficiência. Para minha grata surpresa, passei a ser professor da disciplina de Atividade Física Adaptada, na Universidade Federal de Sergipe. Assim, passei a incentivar alunos, professores e servidores a serem, assim como eu, multiplicadores de oportunidades e desprovidos de qualquer tipo de preconceito em relação às potencialidades da pessoa com deficiência.

O destino me reservou mais uma grata surpresa, ao ser convidado para fazer parte da equipe de comentaristas dos Jogos Paralímpicos (JP) de Londres 2012 pelo canal de televisão SPORTV. Experiência indescritível, principalmente por ter aprofundado meus conhecimentos sobre o universo esportivo do atleta com deficiência. A possibilidade de trocar informações, dúvidas e conhecer mais de perto as diferentes realidades esportivas do movimento paraolímpico, realmente me fez refletir sobre quais seriam os elementos essenciais presentes na vida destes atletas, os recursos obtidos ao longo da sua trajetória esportiva e os impactos produzidos para sua família.

---

<sup>1</sup> Naquela época, década de 1990, era difícil encontrar locais que disponibilizassem suas instalações para desenvolver atividades esportivas para pessoas com deficiência. Nestes locais, o período da manhã era destinado geralmente para atividades com crianças, jovens e adultos, no horário de 7 horas às 11 horas. Como as atividades ocorriam no contra-turno escolar após às 11 horas os espaços ficavam ociosos, o que de certa forma facilitava a parceria para o desenvolvimento de atividades esportivas para pessoas com deficiência. Sendo assim, o horário das 11 horas às 13 horas acabava sendo o único disponível para trabalhar atletismo, futebol e natação para pessoas com deficiência intelectual. Os profissionais e os atletas tinham que orientar / praticar as atividades no período do dia com calor mais intenso e na hora do almoço. Os profissionais apelidaram este horário de “horário nobre” justamente por oferecer as piores condições para prática esportiva. Mas como todo início é difícil, este foi o horário que conseguimos.

Apesar da diversidade cultural do país, as diferenças econômicas das regiões brasileiras e os diferentes níveis de desenvolvimento dos estados, um ponto se mostrava comum em todas as histórias relatadas e vivenciadas: a dificuldade de assegurar à pessoa com deficiência os direitos garantidos pela constituição.

Sendo assim, a curiosidade ganhou forma e se transformou em projeto de doutorado ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a perspectiva de compreender como o esporte é representado no curso de vida de atletas com deficiência, independente da sua limitação (motora, sensorial ou intelectual).

Esta complexa rede de informações se constrói a partir do entendimento de que o esporte e a deficiência são eventos importantes no curso de vida destes atletas, refletindo de forma direta na obtenção de recursos essenciais para o seu desenvolvimento enquanto indivíduo.

Conhecer o caminho percorrido pelos atletas com deficiência não é um tema novo, mas compreender sua vida de forma longitudinal, multifacetada, com suas conexões e desdobramentos a partir dos seus contextos sociais, expõe a fragilidade de ações que promovam seu desenvolvimento enquanto indivíduos capazes de tomar suas próprias decisões.

Espero que compartilhem do mesmo entusiasmo que o meu, de promover uma mudança no olhar da sociedade em relação à pessoa com deficiência. Esta é minha pequena contribuição e conto com a colaboração de vocês para ampliar a rede de multiplicadores.

Talvez não possamos mudar o mundo, mas se conseguirmos fazer com que as pessoas aceitem o diferente, já será um grande passo. Ninguém é melhor ou pior do que alguém, somos simplesmente diferentes<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Esta frase esteve muito presente no início da minha trajetória profissional sendo muito exaltada por professores e alunos do projeto social em que estava inserido. Esta frase se baseou no lema da Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, escola de samba sediada na cidade do Rio de Janeiro. Este lema surgiu em 1958 com o Samba Enredo “Exaltação aos Fuzileiros Navais” em que uma bandeira oficial da escola trazia o lema “nem melhor, nem pior. Apenas uma escola diferente”. Maiores informações acesse: <http://www.salgueiro.com.br/simbolos/>

## INTRODUÇÃO

Esta tese apresenta como tema o curso de vida do atleta com deficiência. A interpretação da realidade brasileira se desdobra a partir da relação entre deficiência e esporte, tendo como eixo norteador o curso de vida de atletas, com algum tipo de limitação (motora, sensorial ou intelectual), de característica congênita ou adquirida. Como base conceitual foi utilizada a teoria do curso de vida, que consiste no caminho percorrido pelo indivíduo, marcado por eventos ocorridos ao longo do tempo. Estes eventos apresentam uma ligação direta com a obtenção dos recursos necessários para o seu desenvolvimento humano: boa saúde, bom domínio do conhecimento, certo nível de segurança econômica e boas relações sociais. Desta forma, descrever a representação do esporte como um acontecimento importante no curso de vida do atleta com deficiência, além de reconhecer os eventos que marcaram não só sua trajetória esportiva, mas também seu processo de empoderamento<sup>3</sup> será determinante para o desenvolvimento desta tese.

Ao entender a carreira esportiva como o “caminho percorrido pelo atleta, cercado de barreiras, sustentado pelos diferentes suportes obtidos ao longo da sua experiência competitiva de modo a facilitar a manutenção e a longevidade da trajetória esportiva” (HAIACHI *et al.*, 2016, p.3001-3002), se faz necessário aprofundar as fases (pré-transição, transição e pós-transição) estabelecidas por Wheeler *et al.*(1999) e ampliar a discussão a respeito do impacto causado pelo esporte, como um fator transformador do curso de vida de atletas com algum tipo de deficiência, tema ainda pouco debatido na literatura.

O foco no esporte paraolímpico<sup>4</sup> é ampliado a partir da realização dos JP no Rio de Janeiro. Neste sentido os atletas paraolímpicos ganham destaque e o país passa a ter que adequar a questão da deficiência ao seu caderno de encargos. Temas como mobilidade urbana, acessibilidade, acesso aos espaços públicos e arenas esportivas passam a ser uma preocupação para as três esferas de governo: municipal, estadual e federal. Vale lembrar que estes direitos

---

<sup>3</sup>Tradução da palavra inglesa “*empowerment*” significa, literalmente, “ter” ou “exercer” “poder sobre si”; ou seja, o exercício ou a socialização do poder entre os cidadãos e, portanto, o reforço da cidadania. O processo de empoderamento inclui a conscientização e a participação com relação a dimensões da vida social, antes desconhecidas ou negadas a determinado grupo ou a um conjunto de uma sociedade. Neste sentido, empoderamento significa a conquista da condição e da capacidade de participação, inclusão social e exercício da cidadania (LEONELLI, 2002).

<sup>4</sup> O termo paraolímpico causou muita repercussão em 2011 ao ser modificado para paralímpico pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. A justificativa da mudança recai sobre uma determinação do *International Paralympic Committee*, que propôs a alteração do termo. Infelizmente sua utilização não faz parte do vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa. Desta forma seguimos a determinação adotada pela Secretaria de Comunicação Social (Secom) do Senado Federal de utilizar somente o termo paralímpico como nome próprio seja para fazer referência ao Comitê Paralímpico Brasileiro ou aos Jogos Paralímpicos (SENADO FEDERAL, 2012).

já foram conquistados legalmente com a Constituição Federal de 1988 e ratificado agora com o Estatuto da Pessoa com Deficiência (PAIM, 2015).

Mas qual é o papel da pessoa com deficiência neste megaevento? Profissional, voluntário, espectador, atleta, dirigente ou gestor? E as deficiências que não estão presentes no programa dos JP? Esta outra face do esporte para pessoas com deficiência pouco é descrita, sequer é mencionada. Entender que esporte paraolímpico não é para todas as deficiências é uma informação básica, mas poucos têm acesso a essa informação. Na prática só estão aptos aqueles que tenham confirmado sua condição de elegibilidade, através da análise do seu potencial de ação e das suas habilidades em situação de jogo (VANLANDEWIJCK *et al.*, 1995). Este sistema de classificação adota três critérios: natureza e gravidade da deficiência do atleta; funcionalidade nas habilidades relacionadas ao esporte e o desempenho do atleta, observando competições anteriores. Sua estrutura se baseia no modelo funcional (relacionado à especificidade do esporte) e no modelo médico (relacionado à especificidade da deficiência) (MAUERBERG-DECASTRO, 2011).

Muitas dúvidas recaem sobre este processo de classificação funcional, principalmente no esporte paraolímpico. Vários atletas relatam o medo, a incerteza, o descaso e os equívocos neste processo que busca “eliminar as possibilidades de injustiças entre participantes de classes semelhantes e dar prioridade às deficiências mais graves” (GUTTMANN, 1976). O *International Paralympic Committee* (IPC) oferece oportunidade de participação para atletas com limitações motoras, visuais e intelectuais desde que apresentem o seguinte quadro: diminuição da força muscular (lesão medular, espinha bífida, poliomielite), limitação de movimento (redução permanente em uma ou mais articulações<sup>5</sup>), limitação nos membros (ausência total ou parcial, congênita ou adquirida), diferença de comprimento de membros inferiores (encurtamento ósseo de forma congênita ou adquirida), baixa estatura ( acondroplasia ou disfunção no hormônio de crescimento), hipertonia (aumento anormal da tensão muscular e uma capacidade reduzida do músculo de esticar, resultado de uma lesão, doença ou condição de saúde, paralisia cerebral), ataxia (falta de coordenação dos movimentos musculares devido à condição neurológica como paralisia cerebral, lesão cerebral ou esclerose múltipla), atetose (movimentos desequilibrados, descontrolados e de difícil manutenção da postura – paralisia cerebral, lesão cerebral, esclerose múltipla), limitação visual (comprometimento na estrutura do olho, nervo óptico / vias ou do córtex cerebral), impedimento intelectual (limitação no funcionamento intelectual e comportamento adaptativo

---

<sup>5</sup> A instabilidade articular e as condições agudas como artrite não são limitações consideradas elegíveis (IPC, 2015).

expresso nas habilidades conceituais, sociais e práticas originadas antes dos 18 anos de idade) (IPC, 2015).

Mesmo contemplando 10 critérios de elegibilidade alguns atletas ainda apresentam dificuldades de se enquadrar nestes critérios de classificação como o caso dos *Les Autres*<sup>6</sup>, dos surdos, de algumas síndromes (*down*<sup>7</sup>), transtornos (espectro autista<sup>8</sup>) e dificuldades de aprendizagem (SHERRILL, 1997).

Ao expor a carreira esportiva do atleta com deficiência (ambiente esportivo que o cerca, trajetória esportiva, as barreiras e os facilitadores para manutenção no alto rendimento) será possível transcender o aspecto terapêutico e de reabilitação, difundido no século passado, para ressaltar o viés transformador do esporte em que o lema, *altius, fortius e citius*, revela a nova condição atingida pelo esporte para pessoas com deficiência, a de alto rendimento esportivo. Obviamente que uma minoria consegue efetivamente viver do esporte. Mais do que dinheiro, medalhas, fama e sucesso, o esporte passa a ser um fator de exposição determinante para que o deficiente seja incentivado a tomar suas próprias decisões.

Neste sentido o trabalho está estruturado em partes. A primeira traz considerações iniciais sobre o curso de vida, teoria que norteará todo o estudo. Seu aprofundamento ocorre na segunda parte em que o referencial teórico permeia o desenvolvimento da tese, ao apresentar o curso de vida enquanto teoria; a aplicabilidade da teoria para construção de políticas para pessoas com deficiência; a relação entre deficiência, esporte e curso de vida e para finalizar, a eficiência por trás da deficiência, enfatizando o movimento esportivo para pessoas com deficiência, as diferentes manifestações do esporte para pessoas com deficiência e o potencial do esporte como fator de desenvolvimento.

A terceira parte foi destinada aos caminhos metodológicos percorridos pelo autor desde a escolha do delineamento de estudo, descritivo com abordagem qualitativa, até a análise de dados feita com o auxílio do *software* NVivo versão Pro11, a partir da análise de conteúdo.

---

<sup>6</sup> Tradução do francês “os outros” para aquelas pessoas que não são enquadrados em nenhum dos grandes grupos de deficiência adotados pelo IPC: amputados, lesionados medulares, paralisados cerebrais, deficientes intelectuais e deficientes visuais. É necessário uma sistema de classificação diferenciado baseado no número de membros afetados, na complexidade da condição física e na sua função motora (MAUERBERG-DECASTRO, 2011).

<sup>7</sup> A síndrome de Down é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo, que passa a ter 47 cromossomos ao invés de 46 como a maior parte da população (MOVIMENTO DOWN, 2017).

<sup>8</sup> O transtorno do espectro autista é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante ou logo após o nascimento. Esses distúrbios se caracterizam pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos (AUSTIMO E REALIDADE, 2017).

Na quarta parte, entramos na discussão dos resultados com a apresentação das principais categorias levantadas: o contexto sociocultural do atleta com deficiência, a deficiência no curso de vida de atletas com deficiência, o esporte no curso de vida de atletas com deficiência, a trajetória esportiva do atleta com deficiência e as transições marcantes no curso de vida dos atletas com deficiência. A partir destas categorias, surgiram outras 24 subcategorias importantes para aprofundar a relação da deficiência e do esporte no curso de vida dos atletas com deficiência.

A quinta parte é destinada à análise dos diferentes cursos de vida, centrados no período de nascimento e nos recursos obtidos ao longo da trajetória esportiva. Em seguida são apresentadas as relações de aproximação e distanciamento encontradas no curso de vida dos atletas entrevistados.

A sexta e última parte é destinada às considerações finais do estudo, onde foram respondidas as questões que nortearam o estudo levando em consideração e realçando também as limitações encontradas, assim como recomendações para futuros estudos.

No sentido de poder dar visibilidade às falas dos atletas, na medida em que são fontes primárias de informação, foi priorizado estabelecer a coerência interna entre elas, permitindo ao leitor ter acesso ao universo pesquisado com um todo e não simplesmente a uma parte dele.

O trabalho se justifica no âmbito prático por dar a oportunidade aos atletas, a partir das diferentes trajetórias esportivas, de compartilhar histórias, fracassos e sucessos, na perspectiva de servir como referência para uma nova geração de atletas, de forma a prepará-los para superar os desafios da construção de uma carreira esportiva, da sua longevidade esportiva e da melhora no seu estilo de vida. No campo acadêmico o trabalho procura levantar a discussão sobre a importância de pensar o atleta não como uma máquina de produzir medalhas e resultados, mas sim como um indivíduo com altas habilidades para o esporte. Esta capacidade diferenciada pode ser determinante para promover um grande impacto na sua subsistência, muitas vezes servindo até de atividade laboral. A necessidade da manutenção de bons resultados esportivos por um maior período de tempo, longevidade esportiva, precisa ser estimulada, já que o esporte é temporário e cabe ao atleta usufruir dele e não o contrário. Esta relação ainda não está muito clara no esporte para pessoas com deficiência (longevidade x obtenção de recursos através do esporte).

Desta forma, o estudo apresenta o seguinte problema de pesquisa: de que forma o esporte é representado no curso de vida dos atletas com deficiência?

Neste sentido o objetivo do estudo é descrever o curso de vida de atletas com deficiência.

O trabalho foi ancorado em três questões norteadoras:

1. Qual a importância do esporte no curso de vida do atleta com deficiência?
2. Que barreiras (constrangimentos) e facilitadores (oportunidades) são encontrados ao longo da sua trajetória esportiva de atletas com deficiência?
3. A partir do seu envolvimento com o esporte, quais as implicações para a autonomia e o empoderamento dos atletas com deficiência?

## REFERENCIAL TEÓRICO

A questão da deficiência é uma temática que traz certo desconforto tanto para sociedade como para comunidade científica, já que ambas ainda apresentam problemas de entendimento e aceitação. O olhar carregado de estigmas, preconceitos e discriminação se faz presente pela simples utilização do termo. Ao fugir dos padrões de normalidade, a deficiência provoca um viés para os pesquisadores, uma vez que os mesmos se veem obrigados a lidar com referenciais que não são muito comuns.

O problema não é a pessoa com deficiência e sim a forma como a normalidade foi concebida no sentido de valorizar, perante a sociedade, apenas o grupo considerado homogêneo, constituído de pessoas normais baseado em padrões estéticos e produtivos (DAVIS, 2013). Ao enxergar, apontar e julgar a deficiência sem que seja oferecida a possibilidade de ouvir o que estas pessoas têm a dizer, fica mais difícil estabelecer sua aceitação e adaptação para o convívio social (SILVEIRA, 2012).

Estas armadilhas impostas pelo convívio social demonstram o despreparo da sociedade em aceitar as diferenças, o diferente e os grupos minoritários (negros, mulheres, analfabetos, idosos e deficientes). Desconstruir o aparato de poder e saber em torno da deficiência foi o que motivou um grupo pesquisadores das ciências sociais nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, na década de 1970, a estabelecer questões para seu melhor entendimento, suas relações com as pessoas e o meio em que vivem. Este grupo procurou unir pesquisadores das ciências sociais, humanas, médicas e a comunidade com deficiência, consolidando o que foi chamado de *Disability Studies*. Este movimento passou a enxergar a deficiência como um conceito complexo, ao reconhecer o corpo deficiente e denunciar a estrutura social que o oprime. Esta ideologia opressora que humilha e segrega, levanta a discussão sobre a necessidade de formulação de políticas públicas que reconheçam, legitimem e cuidem da reparação das igualdades e da proteção social enquanto justiça social e não como uma questão particular (DINIZ, 2007; DAVIS, 2010; SILVEIRA, 2012).

A mobilização promovida pelo *Disability Studies* fez com que fosse possível compreender os efeitos da história cultural, das forças estruturais, das instituições e das formas de acesso a bens e oportunidades que afetavam as pessoas com deficiência de forma a oferecer perspectivas de melhora na sua condição de vida. O deficiente passou a assumir seu papel na pesquisa não só como objeto de estudo, mas também como pesquisador da sua própria realidade. Esta recente politização produziu informações e conhecimentos que serviram para colocar o deficiente no centro das discussões na luta pelos seus direitos.



Apesar de toda esta mobilização, ainda existe uma lacuna na produção deste conhecimento, principalmente pelos programas de pós-graduação brasileiros, talvez pela dificuldade de entendimento de que o deficiente é apenas uma das formas corporais de se fazer presente, sendo uma variação normal da espécie humana (DINIZ, 2007). Em levantamento feito no Banco de Teses da Capes<sup>9</sup> e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>10</sup> (BDTD), foram encontrados 97 pesquisas (71 mestrado e 26 doutorado) envolvendo a temática deficiência e esporte<sup>11</sup>. O lado positivo é a aproximação entre as áreas do conhecimento<sup>12</sup>: Ciências Humanas (Antropologia Social, Ciências Sociais, Educação, Educação Especial, Psicologia Social); Ciências Sociais Aplicadas (Direito, Turismo); Ciência da Saúde (Educação Física, Fonoaudiologia, Saúde Coletiva, Promoção da Saúde, Distúrbios do Desenvolvimento, Terapia Ocupacional); Engenharias (Engenharia Mecânica) e Linguística, Letras e Artes (Letras).

Esta relação entre deficiência e esporte extrapola seu papel inicial de promover apenas benefícios físicos e sociais e passa a afetar diretamente a vida das pessoas com deficiência (LABRONICI *et al.*, 2000). Ao possibilitar sua reinserção na sociedade através do desenvolvimento das suas potencialidades, a limitação e a incapacidade passam a dar espaço para a funcionalidade. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) estabelecida como ferramenta de avaliação das potencialidades do indivíduo pela Organização Mundial da Saúde (OMS), permite uma ruptura com o modelo médico de entendimento de deficiência, onde o foco era a doença e suas consequências, e passa a utilizar uma perspectiva multidirecional ao considerar os aspectos biológicos, individuais e sociais (NUBILA, 2010; CASTANEDA *et al.*, 2014).

No ambiente esportivo, o Sistema de Classificação Funcional serviu de ponto de partida para uma competição mais justa e igualitária. Este sistema permitiu um melhor enquadramento dos atletas e suas deficiências ao aumentar sua participação e valorizar seu potencial residual, ou seja, sua capacidade de realizar movimentos a partir da potencialidade

---

<sup>9</sup> Acesso disponível pelo endereço eletrônico <http://bancodeteses.capes.gov.br/>.

<sup>10</sup> Acesso disponível pelo endereço eletrônico <http://bdtd.ibict.br/>.

<sup>11</sup> A pesquisa foi realizada no período de dezembro de 2015 a maio de 2017 sendo consideradas as palavras principais deficiência e esporte e seus derivados: atleta paraolímpico, atleta paralímpico, esporte adaptado, esporte paraolímpico e esporte para pessoas com deficiência.

<sup>12</sup> As áreas do conhecimento seguem a distribuição proposta pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), disponível no endereço eletrônico <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>.

motora obtida pelos resíduos musculares procedentes de uma sequela relacionadas a algum tipo de deficiência (CARDOSO; GAYA, 2014).

O atleta com deficiência passa a ter condições de mostrar todo o seu potencial esportivo e os resultados logo começam a aparecer. A atenção por parte dos veículos de comunicação aumenta com a participação brasileira em Atenas 2004, com a conquista de 33 medalhas (14 ouros, 12 pratas e 07 bronzes) e a realização dos Jogos Parapan-Americanos na cidade do Rio de Janeiro em 2007, promovendo a formação dos primeiros heróis deficientes pela mídia (GONÇALVES *et al.*, 2009; PARSONS; WINCKLER, 2012; MARQUES *et al.*, 2014). A prática terapêutica e de reabilitação transcende sua abordagem e dá início a uma nova identidade para as pessoas com deficiência, a de atleta de alto rendimento esportivo. Esta constatação ocorre após a participação brasileira nos JP de Pequim em 2008, momento em que o país passa a figurar entre as nove maiores potências paraolímpicas do mundo, ratificada pela melhora do seu desempenho com a sétima colocação no quadro geral de medalhas nos JP de Londres 2012.

Os JP ganham o *status* de espetáculo esportivo, se confirmando como um produto a ser explorado e divulgado pela mídia (BRITAIN, 2012a). Os números da edição de Londres ratificam o momento de consolidação do esporte paraolímpico: venda de 2,7 milhões de ingressos para assistir os eventos fazendo com que as arenas de competição estivessem sempre lotadas; cobertura da mídia com mais de 150 horas de transmissão ao vivo; intensa movimentação nas redes sociais (1,3 milhões de *tweets*<sup>13</sup>); cobertura on-line com a transmissão de mais de 780 horas ao vivo, com 5,1 milhões de downloads pelo canal oficial do IPC; no facebook, o número de seguidores aumentou 350% com 82,1 milhões de visualizações da sua página e pela inédita compra dos direitos de transmissão dos Jogos por um canal de televisão brasileiro (IPC, 2012; HAIACHI *et al.*, 2013).

A escolha do Rio de Janeiro como cidade sede (2009) do maior evento multiesportivo para pessoas com deficiência, os JP Rio 2016, destaca o cenário de profissionalização alcançado por este movimento esportivo. Sua utilização enquanto atividade laboral se apresenta como uma possibilidade para constituição de uma carreira (HAIACHI *et al.*, 2016).

---

<sup>13</sup>*Tweet* significa gorjeio ou pio de pássaros pequenos. Este foi o nome encontrado para designar as trocas de mensagens utilizadas na rede social pelos usuários. O *Twitter* é uma das redes sociais mais populares do mundo, sendo gerados milhões de *tweets* diariamente, facilitando a comunicação entre as pessoas e as notícias no mundo todo, o mais rápido possível. Disponível em: <http://www.significados.com.br/tweet/>.

Esta recente profissionalização esportiva do atleta com deficiência promove alterações no seu curso de vida, já que propicia um impacto direto nos recursos obtidos neste momento específico da vida. O curso de vida procura então conhecer o caminho percorrido pelo indivíduo durante as fases da vida, estruturado a partir de eventos ocorridos e recursos obtidos ao longo do tempo (BERNARD; MCDANIEL, 2009).

Desta forma é possível entender o esporte como um evento importante no curso de vida do atleta com deficiência ao possibilitar, a partir do seu envolvimento, mudanças estruturais de subsistência que leva a um empoderamento, ou seja, o atleta passa a ser responsável pela construção do seu próprio caminho em função das oportunidades conquistadas de conviver de forma igualitária perante a sociedade (GUTIERREZ, 1990; CAMPEÃO, 2011b). Ao ter a liberdade para utilizar ao máximo suas potencialidades, abre-se um novo caminho para expressão da sua eficiência escondida, muitas vezes, por trás da deficiência.

Não devemos esquecer dos temas polêmicos que fazem parte do ambiente competitivo do esporte para pessoas com deficiência. O doping como uma manipulação bioquímica (RIDING, 2001), tecnológica - equipamento, próteses, materiais esportivos (THEVIS *et al.*, 2009; BURKETT, 2010) e genética (MATARUNA, 2006) evidenciam este cenário de busca por melhores resultados a qualquer preço (SILVA; RUBIO, 2003). Os problemas psicológicos frente às adversidades - caso Oscar Pistorius (BURKETT *et al.*, 2011; SWARTZ, 2013), o treinamento exaustivo que o corpo do atleta sofre na busca pelo resultado - caso Alan Fonteles (REBELLO, 2015), os problemas enfrentados na transição e no pós-carreira (WHEELER *et al.*, 1996), a manipulação da própria condição de saúde (MCGRATH, 2012), além de questões éticas relacionadas aos atletas geneticamente modificados (MATARUNA, 2006), na perspectiva de tornar os atletas elegíveis ou melhorar seu desempenho no esporte, o que desvirtua todos os aspectos éticos e morais que deveriam ser cultuados. O *fair play* (jogo limpo) passa também a ser ameaçado no esporte para pessoas com deficiência.

Ao reunir atletas com diferentes tipos de deficiência (física, sensorial e intelectual), revelando suas diferentes realidades a partir da representação simbólica do esporte no seu curso de vida, mais oportunidades poderão ser direcionadas para este grupo. Mais que resultados esportivos, medalhas conquistadas e maior exposição pela mídia, é preciso aproveitar o momento para produzir um legado não só para um grupo específico (deficientes físicos e visuais), mas sim para toda população com deficiência, carente de ações e atenção para o seu desenvolvimento enquanto indivíduo capaz de tomar suas próprias decisões.

## O CURSO DE VIDA ENQUANTO TEORIA

O impacto das mudanças sociais na vida das pessoas através de novas formas de compreensão da natureza, do intercâmbio entre as pessoas e seus meios sociais e culturais, passa a ser um campo de pesquisa importante nas Ciências Sociais após a Segunda Guerra Mundial. Os avanços nas formas de estudar, as mudanças ocorridas ao longo do tempo reforçam a importância da coleta de informações obtidas a partir da conexão entre a mudança social, a estrutura social e a ação individual (GIELE; ELDER JR, 1998b).

Anteriormente, para observar o comportamento humano, era preciso utilizar uma relação social instantânea ou abordagem cultural que considerasse o impacto do ambiente social sobre o indivíduo, ou uma abordagem temporal semelhante a um filme, que traçasse uma história da vida ao longo do tempo. A abordagem das relações sociais geralmente se concentrava nas interconexões da ordem macro (toda sociedade) ou no nível micro (pequenos grupos e interações face a face) (GIELE; ELDER JR, 1998a).

Os aspectos temporais da vida familiar (papel das fases sequenciais da vida e das múltiplas trajetórias de vida da unidade familiar) passou a ser uma característica central no desenvolvimento de estudos sobre a vida, mas poucos progressos foram alcançados por não levarem em consideração os vínculos entre as condições históricas e as mudanças comportamentais ocorridas em função de transições ocorridas ao longo do tempo (ELDER JR, 1978).

A compreensão desta interação entre o desenvolvimento familiar e as mudanças históricas permitiram o conhecimento de informações sobre a dinâmica social e o papel das transições na vida do indivíduo. Neste sentido, decisões familiares e individuais passaram a afetar os padrões de vida, assim como circunstâncias históricas específicas (guerras, aspectos econômicos, migração) reforçam ou atenuam o desenvolvimento dos seus membros (HARAVEN, 1978).

Neste sentido, o curso de vida pode ser entendido como um quadro para o estudo de indivíduos e famílias ao longo do tempo em seus contextos históricos. Esta abordagem traz a importância de um intercâmbio contínuo entre a família e os recursos obtidos ao longo do tempo, a interdependência da história individual e da família e o impacto das mudanças históricas no padrão de vida. Ao compreender os diferentes papéis assumidos ao longo da vida, juntamente com as mudanças da sua condição social, cultural e econômica, através das transições, tanto no tempo cronológico como histórico, o curso de vida oferece uma alternativa valiosa na geração de registros sobre a história da vida (ELDER JR, 1978).

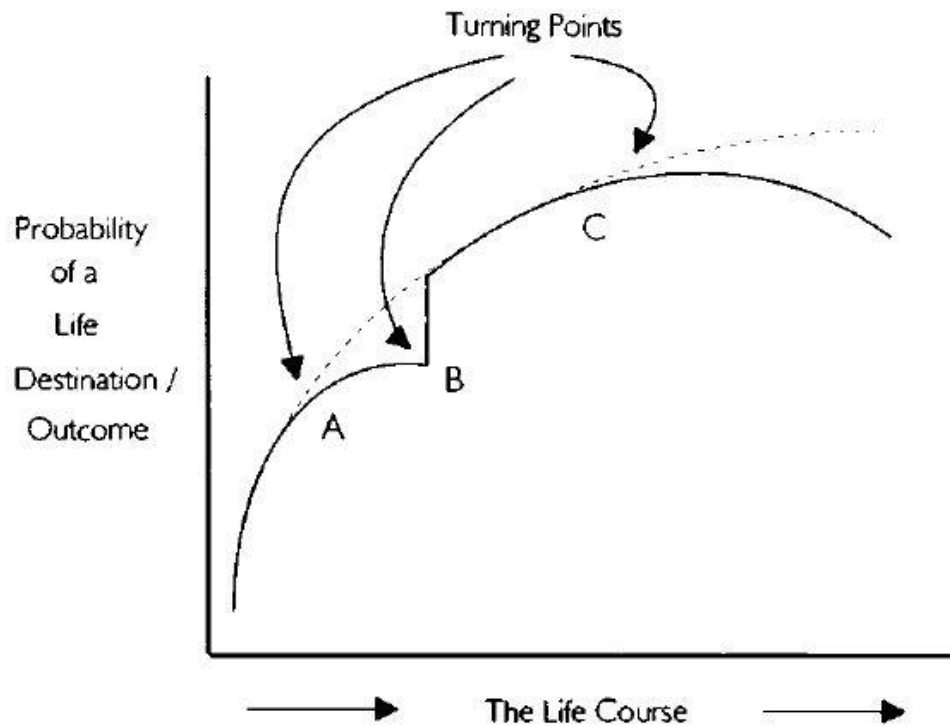
Esta poderosa ferramenta também se mostrou importante para orientação de debates a respeito do futuro da sociedade. Ao apresentar elementos essenciais da vida dos seus membros, ilustra a interdependência no tempo de vários recursos que formam sua trajetória e das suas famílias. Quatro fatores são chaves: a localização histórica e geográfica (contexto cultural), os vínculos sociais (integração social), o controle pessoal (orientação de objetivos individuais) e as variações no tempo (adaptação estratégica) (GIELE; ELDER JR, 1998a).

Desta forma, o curso de vida permite a interação entre múltiplos eventos com os diversos papéis sociais não determinados de maneira sequencial, constituindo uma experiência real ao longo do tempo. A flexibilidade e capacidade de abranger as diferentes variações culturais, sociais e individuais superaram as representações anteriores do ciclo de vida. A experiência particular de cada indivíduo em alguns aspectos e o contexto cultural em que está inserido passa a afetar diretamente seu curso de vida. Todos os níveis de ação social interage e é influenciado mutuamente não só como parte de um todo, mas também como resultado do contato com outras pessoas que compartilham experiências semelhantes.

Os motivos para atender às suas próprias necessidades resultam da tomada de decisão e da organização da vida em torno de objetivos, como ser economicamente estável, buscar satisfação e evitar o sofrimento. Para atingir seus fins, os indivíduos se adaptam a eventos externos, realizam ações e apresentam comportamentos a partir dos recursos disponíveis, se adaptando de forma passiva e ativa para atingir seus objetivos individuais ou coletivos. Sendo assim, ao trabalhar com os eventos da vida e seu tempo, a teoria do curso de vida pode contribuir teoricamente e praticamente para a implementação e avaliação de políticas para o desenvolvimento econômico e social de indivíduos (GIELE; ELDER JR, 1998a; BERNARD *et al.*, 2006).

A figura 1 apresenta uma trajetória que reflete um aumento não-linear nas chances de ocorrência de algum evento ao longo do tempo (linha pontilhada). Alguns destes eventos são decisivos e representam conceito essencial no curso de vida. Ao proporcionar efeitos duradouros e produzir mudanças em uma ou mais trajetórias de vida, este chamado ponto de inflexão, ocasionado por um evento ou mais eventos (A, B, C – figura 1), pode ocasionar uma mudança de direção no curso de vida. A linha contínua da figura 1 representa uma trajetória de vida impactada por eventos, fato este que mudou a direção do ciclo de vida em relação a uma trajetória previamente estabelecida (linha pontilhada) (WHEATON; GOTLIB, 1997). Desta forma, a sequência de situações ocorridas ao longo do tempo facilitam a compreensão dos impactos sofridos a partir das mudanças promovidas por estas situações, chamadas "eventos" ou "transições" (BRITTAIN; GREEN, 2012).

**Figura 1:** Trajetória e mudanças de direção no ciclo da vida.

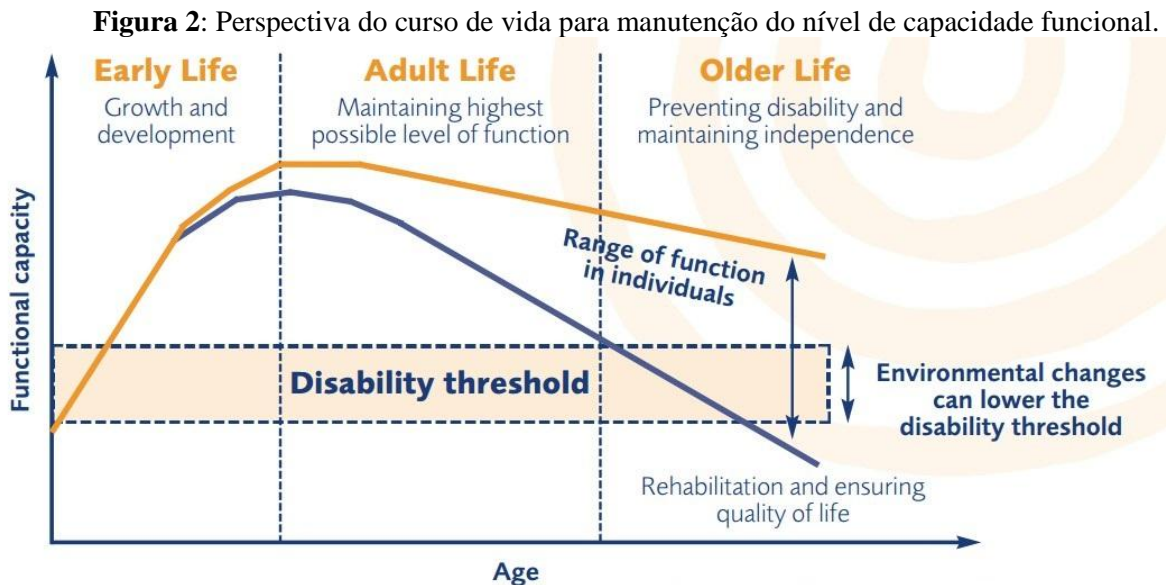


**Fonte:** Wheaton; Gotlib (1997).

As fases da vida associadas à capacidade funcional dos indivíduos é retratada na figura 2. Este quadro conceitual foi desenvolvido pela OMS (2000) para entender o processo de envelhecimento a partir da capacidade funcional (capacidade ventilatória, força muscular, produção cardiovascular). No período da infância, ocorre um pico de crescimento que tende a se estabilizar na idade adulta e sofre, em seguida, um declínio na velhice. Esta taxa de declínio é determinada por fatores relacionados ao estilo de vida na idade adulta (tabagismo, consumo de álcool, níveis de atividade física e dieta). Uma deficiência pode ser causadora deste profundo declínio, no entanto, este quadro pode ser reversível a partir de ações individuais associadas às políticas públicas.

Fatores de condicionamento social afetam a capacidade funcional, como o baixo nível educacional, o estado de pobreza e as condições prejudiciais de vida e trabalho. Para aqueles que adquirem uma deficiência, o serviço de reabilitação, as adaptações do ambiente físico e as intervenções específicas reduzem significativamente o limiar da deficiência. A qualidade de vida e as mudanças no ambiente no qual o indivíduo está inserido passam a ser determinantes. Ao promover alterações ambientais apropriadas, como o transporte público adequado em

ambientes urbanos, elevadores, rampas e adaptações nas residências, o limiar de deficiência se reduz, garantindo uma vida mais independente (STEIN; MORITZ, 1999; IRWIN, 2001).



Fonte: OMS (2000).

Nascer com deficiência tem um impacto profundo na vida das famílias e na experiência do indivíduo. Segundo Sherril (1997), nascer com deficiência limita o acesso a determinadas oportunidades e afeta o desenvolvimento psicossocial e motor.

Estudar a interação entre a vida do indivíduo e as mudanças sociais a partir do seu contexto histórico e sócio-econômico, reflete na capacidade de fazer suas próprias escolhas e construir sua própria trajetória de vida em função das oportunidades e barreiras vivenciadas ao longo do caminho (BRITTAIN; GREEN, 2012).

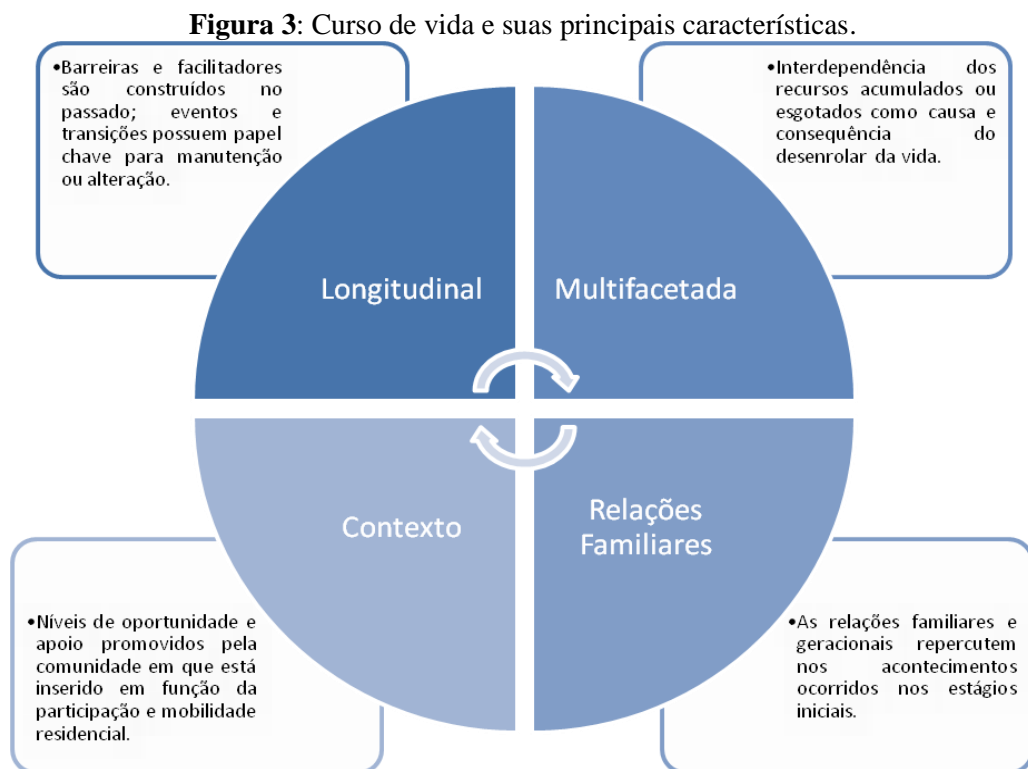
## APLICABILIDADE DA TEORIA DO CURSO DE VIDA PARA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS

A aplicação do curso de vida contribui para elaboração, acompanhamento e avaliação de vias inovadoras para: ação do poder público; construção de um sistema de conhecimento que forneça informações sobre como as vidas dos indivíduos e das suas famílias se desdobram; e aumentar a capacidade dos indivíduos de melhorar sua saúde, sua alfabetização, sua situação socioeconômica e a qualidade de suas vidas (BERNARD et al., 2006).

Sua aplicação enquanto teoria ocorre por permitir que o pesquisador considere os eventos significativos que tiveram lugar ao longo da sua trajetória de vida (SHANAHAN, 2000); suas adequações em relação ao progresso da sua vida, levando em conta sua

individualidade e suas múltiplas identidades sociais (KOHLI; MEYER, 1986); e o ambiente no qual o indivíduo está inserido, sendo possível identificar a oferta de oportunidades e a imposição de restrições ao longo do caminho (BERNARD; MCDANIEL, 2009).

Por possuir uma perspectiva de longo prazo, o curso de vida se estrutura a partir de quatro princípios básicos: a vida é longitudinal, a vida é multifacetada, as vidas são conectadas e a vida se desenrola nos contextos sociais (BERNARD *et al.*, 2006; BERNARD; MCDANIEL, 2009). A figura 3 apresenta as principais características do curso de vida.



**Fonte:** autor.

A vida é longitudinal, porque os indivíduos constroem seu futuro com base nos constrangimentos e nas oportunidades promovidas pelo seu passado. Em cada fase de suas vidas (infância, vida adulta e velhice) estas circunstâncias são examinadas e o curso das suas ações é mantido ou alterado. Este processo é interativo e sofre modificações em função das desigualdades encontradas pelos indivíduos e a qualidade de conhecimento disponível para tomar decisões. Diferenças iniciais em oportunidades, tendem a ser amplificadas com a passagem do tempo, da mesma forma que a sequência de eventos e as transições possuem um papel chave.



A vida é multifacetada em função da necessidade do indivíduo de obter recursos de diferentes instituições a qual está ligado (família, comunidade, mercado e estado). Estes recursos incluem renda (não exclusivamente derivada do trabalho), saúde (física e mental), educação e alfabetização (necessidade de aprendizagem ao longo da vida) e relações sociais (na família e em outras redes). Estes recursos apresentam uma complexa interdependência que é norteadada pela necessidade de uma boa saúde, um domínio do conhecimento e um certo nível de segurança econômica. A formação destes recursos básicos são vistos como causa e consequência do desenrolar da vida do indivíduo, já que os mesmos não são apenas usados, eles também são acumulados ou esgotados afetando assim as oportunidades e as condições sociais de modo cumulativo e interativo.

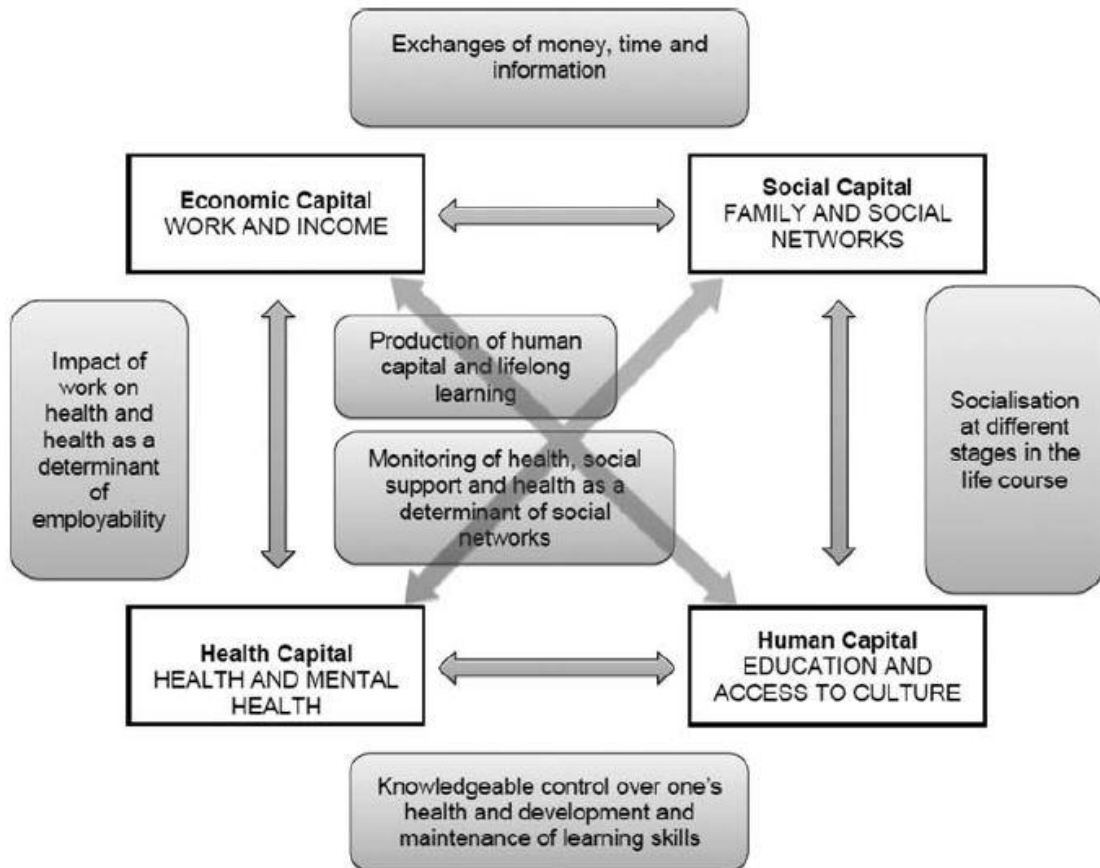
As vidas apresentam uma ligação profunda com as relações familiares e geracionais, de tal forma que os acontecimentos ocorridos nos estágios iniciais de um indivíduo repercutem também no curso de vida dos familiares e vice versa. Problemas com a estabilidade no trabalho geram estresse na família, com potenciais efeitos sobre a saúde dos pais, na educação e nas realizações dos filhos e na qualidade dos cuidados disponíveis para os idosos.

A vida se desdobra de forma local, regional, social e nos contextos históricos. Como o indivíduo é incorporado também nas comunidades, é possível que seja oferecido diferentes níveis de oportunidade (emprego, escolas de qualidade, segurança física, qualidade do ambiente e disponibilidade de serviços comerciais) e de apoio (sociabilidade, organizações comunitárias). Desta forma, a biografia do indivíduo está escrita na evolução de sua comunidade que, com o passar do tempo, evolui a partir da dependência, da autonomia e da responsabilidade obtida com o desenvolvimento dos seus membros. Sendo assim, as comunidades locais reproduzem ou atenuam as desigualdades, dependendo dos padrões de participação social e de mobilidade residencial dos indivíduos.

Para auxiliar na compreensão da perspectiva do curso de vida, a figura 4 apresenta a importância do equilíbrio e das relações entre os recursos necessário para o desenvolvimento humano, denominado de capital por Bernard *et al.* (2006). O capital de saúde (física e mental) possui um impacto direto no trabalho sendo determinante para empregabilidade. Já o capital econômico (trabalho e renda) apresenta trocas de dinheiro, tempo e informação com o capital social (família e relações sociais) que, em contrapartida, responde pela socialização nas diferentes fases da vida. O capital humano (educação e acesso a cultura) tem o papel de controlar o conhecimento sobre a saúde, o desenvolvimento e a manutenção das competências de aprendizagem.

As inter-relações entre a produção de capital humano e aprendizagens ao longo da vida e do monitoramento de saúde e apoio social como determinante das relações sociais evidenciam a complexa relação de interdependência entre os recursos obtidos ao longo do curso de vida dos indivíduos. Ao expor estas conexões, é possível conhecer melhor os eventos determinantes para o desenvolvimento humano dos indivíduos.

**Figura 4:** Representação da perspectiva do curso de vida.



**Fonte:** Brittain; Green (2012).

Tomar o controle da sua vida a partir das suas próprias decisões é o que as sociedades deveriam promover, mas não conseguem. Esse grau de liberdade para que indivíduos tenham seus direitos preservados ainda reflete na dificuldade de entender as diferenças. A luta pelo empoderamento e a reivindicação por uma melhor participação, integração e igualdade, esbarra nas barreiras impostas e na tentativa de elaboração de estratégias que mudem a atitude da sociedade em relação à deficiência. É neste cenário que a teoria do curso de vida surge como uma oportunidade de situar a experiência de vida do deficiente no contexto do tempo e do lugar (PRIESTLEY, 2001).

É a partir do conhecimento da auto-identidade do indivíduo e da identidade social dominante que o esporte contribui para transição e para valorização do seu curso de vida, ao promover um impacto nos papéis sociais e no seu *status* ao longo do tempo (BRITTAIN, 2004). O programa esportivo desenvolvido na Grã-Bretanha (*The Battle Back*) reconheceu a melhora nessa transição, uma vez que se concentra no que eles podem fazer, mais do que aquilo que eles não podem.

Ao considerar os eventos que ocorrem no caminho da sua vida e relacioná-los com a maneira em que vidas humanas progredem, levando em conta o entendimento das múltiplas identidades sociais vividas pelo indivíduo, o pesquisador se apropria de uma lente teórica adequada para compreender a representação do esporte para o atleta com deficiência (KOHLI; MEYER, 1986; SHANAHAN, 2000; HUANG; BRITTAIN, 2006).

Os fenômenos relacionados ao caminho social, as trajetórias de desenvolvimento e suas mudanças aprofundam o conhecimento sobre o desenvolvimento social dos indivíduos. A estrutura do curso de vida, bem como as suas origens e conseqüências, é importante para caracterizar a forma com que o progresso humano se desenrola. Estas complexas interações, analisadas a partir de uma perspectiva temporal, ampliam a compreensão das dimensões relacionais das pessoas com os recursos econômicos, educacionais, de saúde e sociais (ELDER JR et al., 2002; BERNARD et al., 2006; BERNARD; MCDANIEL, 2009).

O curso de vida enquanto processo de investigação é crucial para construção de políticas: por narrar a vida dos indivíduos e como ela toma forma; por identificar os mecanismos que ligam os eventos uns nos outros e por ser decisivo para criar oportunidades a partir do entendimento de como as coisas acontecem, sendo possível, através de ações e intervenções, melhorar as condições em que o indivíduo faz suas escolhas (IRWIN, 2001).

## RELAÇÃO DEFICIÊNCIA, ESPORTE E CURSO DE VIDA

Ao entender a deficiência e o esporte como eventos representativos no curso de vida do atleta com deficiência, abre-se espaço para uma mudança no olhar da sociedade em relação ao atleta, seu treinamento, sua carreira e sua vida fora do esporte. O esporte de alto rendimento, ambiente pouco explorado, carece de uma atenção maior da comunidade acadêmica no sentido de revelar sua realidade visando à construção de ferramentas que possam nortear os rumos a serem seguidos.

O curso de vida enquanto teoria ainda é pouco utilizado no esporte (RUDMAN, 1986; MULHOLLAND, 2008) e apresenta problemas de entendimento já que outros termos que

fazem parte do seu vocabulário (expectativa de vida, história de vida, ciclo de vida e trajetória de vida) proporciona certa confusão, mas não devem ser utilizados como sinônimos (ELDER JR *et al.*, 2002). Sua abordagem no Brasil tem raízes na psicologia tendo como foco os estudos sobre envelhecimento e autonomia de idosos (SILVA; GÜNTHER, 2000; TEIXEIRA; NERI, 2008). Apenas um estudo relaciona atleta com deficiência e curso de vida (BRITTAIN; GREEN, 2012) tendo como tema central programas de reabilitação de ex-combatentes, ação incentivada pelo governo britânico em função do país permanecer envolvido em conflitos armados.

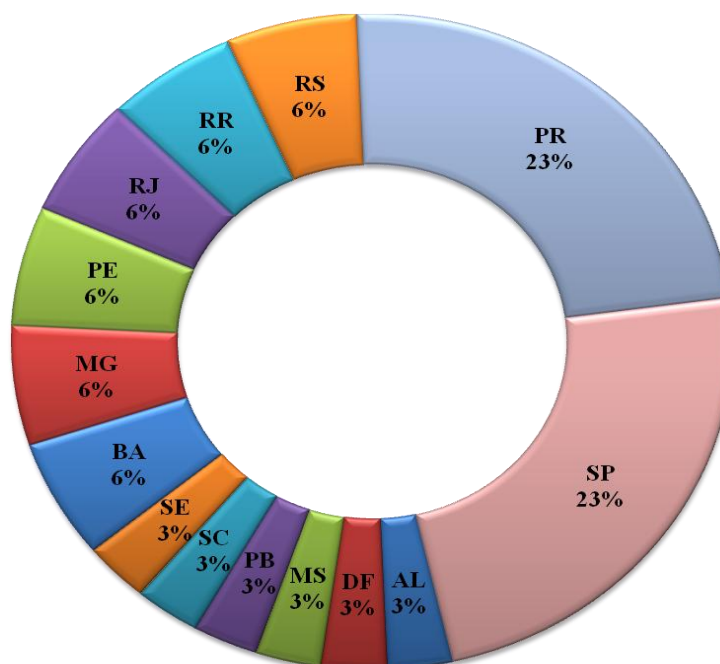
Segundo estudos de Martin *et al.* (1995) e Wheeler *et al.* (1996) a perspectiva de entender o deficiente enquanto atleta, assim como seu processo de retirada do esporte, denominado de transição, pouco avançou. No Brasil, o tema carreira esportiva segue o mesmo caminho, apenas o trabalho de revisão de literatura de Brazuna; Mauerberg-deCastro (2001) aborda a questão da trajetória esportiva do atleta com deficiência. Como já comentado anteriormente, a produção científica promovida nos programas de pós-graduação (PPG) também tem dificuldades para ampliar esta discussão. Somente o PPG da Universidade de Campinas possui uma área de concentração específica para pessoa com deficiência (Atividade Física Adaptada).

Ao aprofundar a investigação nos grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, foram localizados nove grupos distribuídos por instituições de ensino superior, públicas e privadas. Ao ampliar o número de termos (esporte adaptado, paraolímpico e para pessoas com deficiência) foram encontrados 25 grupos de pesquisa distribuídos pelos estados brasileiros, totalizando 34 grupos de pesquisa conforme figura 5<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Pesquisa feita em junho de 2017, no diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil hospedado no endereço eletrônico <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

**Figura 5:** Distribuição estadual dos grupos de pesquisa que atuam na área do esporte para pessoas com deficiência.



Fonte: Autor.

A aproximação com instituições de ensino superior como estrutura de base para o desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência traz vários benefícios e desafios para ambas às partes. A possibilidade de crescimento profissional é imensa a partir da utilização do tripé: ensino, pesquisa e extensão. Esta aproximação com a academia se iniciou em 1984, com a inclusão da educação física para deficientes como uma prioridade nas diretrizes de planejamento do Ministério da Educação e Cultura (MAUERBERG-DECASTRO, 2011). Esta necessidade emergente gerou discussões na comunidade acadêmica e culminou com a reestruturação da formação profissional em Educação Física no Brasil a partir do Parecer 215/87 do Conselho Federal de Educação. Entre as mudanças curriculares apontadas nesse parecer, está a inclusão da disciplina Educação Física e Esporte Especial, a ser inserida nos conhecimentos técnicos abordados na formação em Educação Física. O que foi indicado nesse parecer passou a vigorar com a publicação da Resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação (FERREIRA et al.; 2013).

Várias ações foram desenvolvidas em parceria com as universidades e a proximidade, especificamente com diferentes áreas, pôde proporcionar um salto de qualidade necessário para melhora do desempenho e do treinamento do atleta. Dessa forma, ao utilizar a pesquisa, a tecnologia e a inovação ratifica-se o caráter de alto rendimento, principalmente com a possibilidade de realização de um trabalho multidisciplinar (PENSGAARD; SORENSEN,

2002; BERGER, 2008; BURKETT; MELLIFONT, 2008; DIAPER; GOOSEY-TOLFREY, 2009; BURKETT, 2010).

Em virtude dos investimentos para realização dos JP Rio 2016, muitos atletas passaram a aproveitar o esporte como uma oportunidade de ascensão social e uma forma de construção de uma carreira. Esta atividade laboral beneficiou apenas um grupo (deficientes físicos e visuais) deixando de fora outras deficiências (intelectuais e surdos). De acordo com o último censo de 2010 (IBGE, 2012), 45,6 milhões de pessoas declararam ter algum tipo de deficiência. A deficiência visual aparece com 19% da população, seguida da deficiência física (7%), auditiva (5%) e intelectual (1,5%).

Em 2012, de acordo com Benfica (2012), existiam 3.996 atletas registrados no Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) o que retrata a dificuldade de se atingir a excelência esportiva. Em consulta ao CPB, este número, em 2015, subiu para 6.682 atletas registrados em todas as modalidades. O esporte de rendimento, além de não se estender para toda população, precisa ainda ser respeitado como uma atividade repleta de peculiaridades (aspectos positivos e negativos). Nem todas as pessoas com deficiência possuem as qualidades necessárias para se tornar um atleta de rendimento. O empenho necessário para a manutenção de resultados, em contrapartida, pode levar o atleta a conviver com lesões ao longo dos seus treinamentos o que possivelmente irá encurtar sua carreira, trazendo uma série de consequências. A longevidade esportiva vem sendo muito debatida entre atletas, treinadores e gestores no sentido de viabilizar orientação, acompanhamento e planejamento mais adequados na forma de encarar o esporte tanto na duração da sua carreira como também no processo de transição e pós-carreira (CPB, 2015; REAÇÃO, 2015).

A necessidade de ampliar o debate sobre o futuro do atleta com deficiência esbarra na visão equivocada de se pensar apenas no resultado esportivo a curto prazo. Mais que medalhas, a melhora do desenvolvimento humano deve ser o alicerce das discussões, já que a dificuldade de construir uma vida fora do esporte e a aceitação do momento certo de promover a sua transição esportiva gera um sentimento de insegurança e uma nova sensação de incapacidade.

Desta forma, identificar os eventos importantes ocorridos no curso de vida dos atletas com diferentes tipos de deficiência e detalhar com mais profundidade esta realidade deve ser um caminho a ser seguido.

## A EFICIÊNCIA POR TRÁS DA DEFICIÊNCIA

O movimento esportivo para pessoas com deficiência vem ganhando espaço no cenário internacional. A realização de eventos esportivos traz grande visibilidade e estimula a adesão de novos participantes. Sua organização, de forma geral, segue um amplo calendário, periodicidade e tipos de deficiência envolvendo competições específicas por esporte, campeonatos por regiões, eventos sulamericanos, continentais, mundiais e multiesportivos.

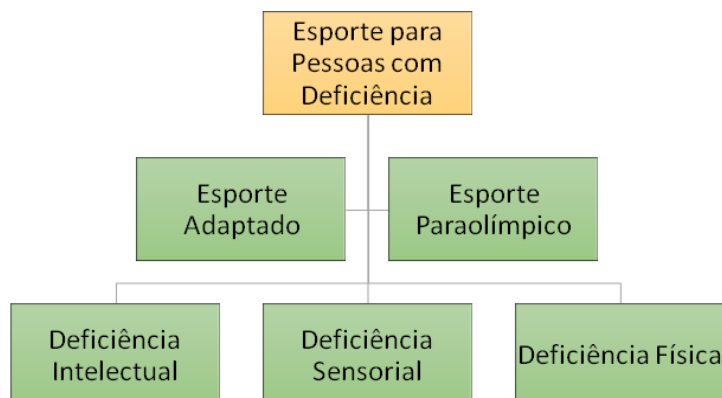
Esta crescente ascensão esportiva se personifica nos JP, considerado o segundo maior evento multiesportivo do mundo (BRITTAIN, 2010). É muito comum então associarmos qualquer competição esportiva a este evento paraolímpico. Só que este equívoco conceitual evidencia o desconhecimento e a falta de divulgação das questões relacionadas ao esporte para pessoas com deficiência.

O esporte adaptado e o esporte paraolímpico são manifestações distintas do esporte para atletas com deficiência, apesar de englobarem, às vezes, o mesmo tipo de deficiência, como retratado na figura 6. As duas manifestações trabalham a questão do rendimento esportivo, a adaptação às regras<sup>15</sup>, a utilização de equipamentos ou materiais adaptados e o desenvolvimento esportivo. A diferença crucial é que os esportes paraolímpicos fazem parte do programa oficial dos JP, enquanto os esportes adaptados, não. No entanto, a cada ciclo paraolímpico, é possível uma mudança no quadro de esportes (inclusão ou retirada), o que faz com que seja possível a troca constante de esportes que fazem parte deste grupo. Podemos citar como exemplo, a canoagem e o triathlon que, de esporte adaptado, se qualificaram para, em 2016, fazerem parte do programa oficial dos JP, no Rio de Janeiro. Neste mesmo movimento, o badminton e o taekwondo se qualificaram para 2020, mas o futebol de 7 e a vela deixaram o programa paraolímpico (ANDE, 2016).

---

<sup>15</sup> Exceção feita ao goalball, que é um esporte criado especificamente para atender o atleta com deficiência visual.

**Figura 6:** Manifestações do esporte para pessoas com deficiência.



**Fonte:** Autor.

### ***Diferentes manifestações do esporte para pessoas com deficiência***

A trajetória das competições esportivas inicia-se com os surdos, que foram os pioneiros na estruturação do esporte, o que possibilitou a realização, em 1924, da primeira competição multiesportiva internacional, os *International Silent Games*, atualmente chamado de *Deaflympics*. A competição reuniu nove países europeus, 148 atletas em sete esportes diferentes (atletismo, ciclismo de estrada, mergulho, futebol, tiro, natação e tênis), na cidade de Paris (França)(ICSD, 2015).

Em 1948, após ter estruturado um centro de reabilitação em *Aylesbury – Stoke Mandeville Hospital* (Reino Unido) e ter utilizado as atividades esportivas como complemento do processo de reabilitação, o neurocirurgião Ludwig Guttman aproveita a mobilização para os Jogos Olímpicos de Londres para realizar os primeiros *Stoke Mandeville Games*. Após 1964, este evento passa a ser chamado *Paralympic Games* (para atletas lesionados medulares), reunindo 16 atletas do Reino Unido e da Holanda para disputar provas de tiro, lançamento de dardo e arco e flecha em *Aylesbury* (BRITAIN, 2010).

Estas duas primeiras iniciativas tinham como espelho o movimento olímpico, que já se constituía como uma grande manifestação esportiva. Ambas ocorreram nas mesmas cidades sedes (Paris e Londres) e em períodos próximos da realização dos Jogos Olímpicos. Surge daí o conceito de paralelismo dos JP, pelos mesmos terem ocorrido de forma paralela aos Jogos Olímpicos (HAIACHI; KUMAKURA, 2013).

Em 1968, após os resultados positivos promovidos pelos acampamentos esportivos,



Eunice Kennedy Shriver realiza os primeiros *Special Olympic International Summer Games*, reunindo mil atletas de 26 estados americanos e do Canadá em provas de atletismo, hóquei sobre piso e natação. O evento ocorreu no *Soldiers Field*, em Chicago (Estados Unidos). O programa *Special Olympics* está presente em mais de 170 países, movimentando mais de 4,4 milhões de atletas com deficiência intelectual por todos os continentes. Esta manifestação também continua apresentando relação com o movimento olímpico, já que é a única entidade esportiva que tem permissão para utilizar o termo olímpico em suas competições e marcas (LEITÃO, 2002).

Por apresentar um modelo de competição diferente, priorizando mais o indivíduo que o resultado esportivo, foi criado em 1989, pela *International Federation for Intellectual Impairment Sport* (INAS), o *World Games for Athletes with an Intellectual Disability*, atualmente chamado de *INAS Global Games*. Este evento foi realizado na cidade de *Harnosand* (Suécia) (INAS, 2010).

Outra competição internacional pouco divulgada é o *World Dwarf Games* (WDG), específica para pessoas com nanismo ou baixa estatura, permitindo sua participação com atletas de outros países. Os jogos acontecem seguindo o ciclo de 4 anos, sendo sediado em diferentes cidades do mundo. Esta competição ocorreu pela primeira vez em 1993, na cidade de Chicago (Estados Unidos) e está na sua sétima edição (WDG, 2015).

Em 2002, foi criada a *Down Syndrome International Swimming Organisation* (DSISO) para oferecer aos nadadores com síndrome de down a oportunidade de nadar no nível de classe mundial, através de campeonatos mundiais realizados a cada dois anos, em diferentes cidades do mundo. Este evento já está na sua sétima edição. Em 2016, foi criado o *Trisome Games*, realizado na cidade de Florence (Itália), considerado as olimpíadas para pessoas com síndrome de down que contou com a presença de 39 nações de cinco continentes em nove esportes: atletismo, futsal, ginástica artística, ginástica rítmica, judô, natação, nado sincronizado, tênis e tênis de mesa. Todos estes esportes possuem seus campeonatos mundiais e suas respectivas entidades internacionais (DSISO, 2016).

Uma outra competição que vem ganhando espaço no cenário internacional é o *Commonwealth Games* que é uma competição multi-nacional e multi-esportiva realizada também em um ciclo de quatro anos, reunindo a elite de atletas com deficiência e sem deficiência. Popularmente denominados de Jogos da Amizade pelo uso da mesma língua para todos os membros que faziam parte do Império Britânico. Em 2002, em Manchester, pela primeira vez os atletas com deficiência (*elite athletes with disability*) foram incluídos no

programa esportivo, em provas de atletismo, natação, *lawn bowls*<sup>16</sup> (bocha), tênis de mesa e halterofilismo (BUTLER, 2014; CGF, 2014).

A participação de atletas com deficiência pode ser vista em diferentes competições esportivas ou eventos esportivos, sendo elas adaptas ou não, como é o caso do surf, de esportes radicais (*Extremity Games, Adaptive Motor X Race, Adaptive Skateboard Park Jam, Adaptive Snowboarder X*), das artes marciais (Jiu-Jitsu, MMA, *Wushu*), do futebol (amputados), do handebol (em cadeira de rodas), dentre outras.

### ***Potencial do esporte como fator de desenvolvimento***

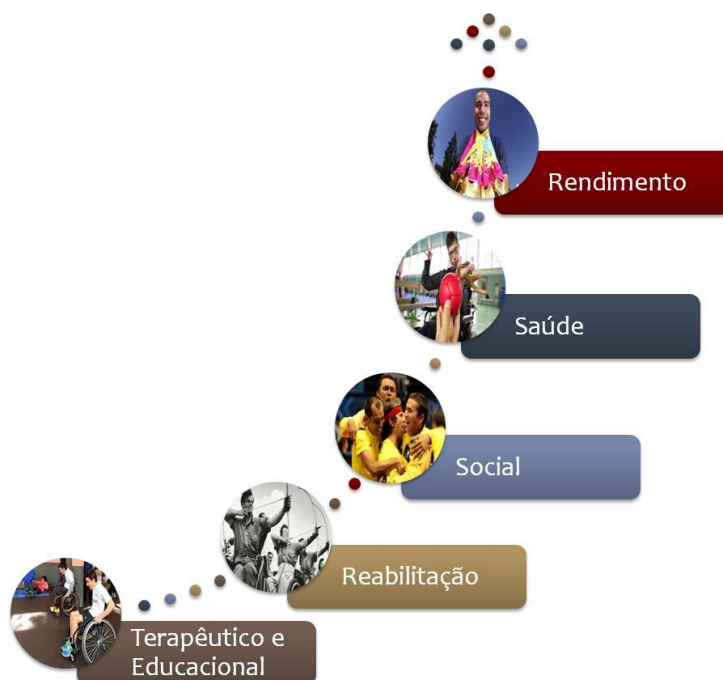
O esporte apresenta características importantes para o desenvolvimento nos aspectos físicos, psicológicos e sociais dos indivíduos (LABRONICI *et al.*, 2000; LEVERMORE, 2008). Seus benefícios são potencializados, no caso das pessoas com deficiência e representa uma oportunidade de mudança. O valor do esporte para atletas com deficiência está relacionado com seu potencial de facilitar a integração social, aumentar a aptidão e promover auto-eficácia, levando a um refinamento na autoestima e na autodeterminação aprimoradas. Segundo MARTIN (1999) ao se armar com um forte e duradouro senso de autoestima e autodeterminação, os atletas com deficiência podem então desfrutar de uma melhor expectativa da vida.

O movimento esportivo para pessoas com deficiência passou por transformações que trouxeram uma série de progressos para a vida destes atletas. O seu papel terapêutico transcendeu os aspectos sociais, se transformando em rendimento, reforçando as altas habilidades esportivas demonstradas pelos atletas. A figura 6 descreve esta mudança, a partir de cinco movimentos bem distintos.

---

<sup>16</sup> Modalidade precursora da bocha e com os mesmos princípios, contudo era jogado na grama e por atletas paraplégicos (MAUERBERG-DECASTRO, 2011).

**Figura 7:** O desenvolvimento do movimento esportivo para pessoas com deficiência.



**Fonte:** Autor.

O primeiro movimento, Terapêutico / Educacional, traz a preocupação com o movimento do corpo, fora dos padrões de normalidade da época e da necessidade, a partir das ideias humanistas, de transformar as pessoas, antes alijadas da sociedade, em membros produtivos e ativos na sociedade. Este fato pode ser ratificado com a criação das primeiras escolas para educar surdos e cegos, que culminou com a criação do Sistema Braille e da Linguagem de Sinais. Surgem os primeiros esportes a serem formalmente praticados, como o beisebol para surdos (1871), e a criação dos primeiros clubes esportivos para surdos (1888) (WINNICK, 2004; MARQUES *et al.*, 2009).

O segundo movimento traz a Reabilitação, na perspectiva de amenizar os traumas causados aos ex-combatentes do período entre guerras (1914-1918 e 1939-1945). A prática esportiva surge como complemento do processo de reabilitação, utilizando esportes como o golfe, o tiro, o arco e flecha e o basquete em cadeira de rodas. A implantação destes programas esportivos elevou a expectativa de vida dos pacientes recém-lesionados, que não conseguiam sobreviver por mais de três anos (LEGG *et al.*, 2011; BRITAIN, 2012b).

O terceiro movimento, Social, acompanha as manifestações sociais de luta pelos direitos das pessoas com deficiência, como a Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência (1975), o Ano Internacional da Pessoa com Deficiência (1981), a inclusão da

pessoa com deficiência na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1985) e a comemoração do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (1992) (DINIZ *et al.*, 2009). Toda esta mobilização serviu para colocar a deficiência na agenda de prioridades da Organização das Nações Unidas (ONU), resultando na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada em 2006 e colocada em prática em 2008 (no Brasil), sendo empregada por grande parte dos países membros da ONU. A exposição das necessidades e a luta pelos direitos colaboraram para a construção de ações mais efetivas e conscientes em relação à melhor participação do deficiente na sociedade. A participação em programas esportivos passou a ser uma estratégia adotada para proporcionar melhorias na funcionalidade e no reconhecimento das suas capacidades e potencialidades. A inclusão através do esporte abre caminho para que clubes, universidades e projetos esportivos tenham a possibilidade de fornecer uma oportunidade de convivência entre atletas com e sem deficiência (DINIZ *et al.*, 2009; CAMPEÃO, 2011a).

O quarto movimento traz a preocupação com os aspectos da saúde, sendo a prática esportiva um instrumento no combate ao sedentarismo, à obesidade e aos fatores de risco associados. O aspecto preventivo e o reconhecimento dos benefícios da atividade física e esportiva fazem com que a área médica reconheça o verdadeiro papel do esporte na melhora da vida das pessoas com deficiência (FILHO *et al.*, 2006; CAMPEÃO, 2011b). A deficiência, antes focada na lesão/limitação, abre espaço para a funcionalidade, centrando sua atenção no que o deficiente consegue fazer e nas suas potencialidades. A CIF da OMS ratifica este entendimento sobre a deficiência, sendo aplicada no esporte e em diversas áreas da sociedade (setores de seguro, previdência social, trabalho, educação, economia, política social, desenvolvimento geral da legislação) como um instrumento apropriado para o desenvolvimento da legislação, nacional e internacional, sobre os Direitos Humanos (AMIRALIAN *et al.*, 2000; CASTANEDA *et al.*, 2014).

O quinto movimento trata da quebra de paradigma do entendimento da prática esportiva apenas como ferramenta para melhora da saúde e da inclusão social. Hoje, seu foco é o rendimento esportivo, sendo necessário dedicação, treinamento, e a busca pela excelência para superar seus adversários e melhorar cada vez mais seus próprios limites. A dedicação exclusiva ao treinamento aliada à constante inovação tecnológica, principalmente em relação aos materiais, equipamentos e estratégias de treino, influencia diretamente no desempenho esportivo do atleta paraolímpico (HAIACHI, 2015). Ao aumentar as chances de obtenção de recursos financeiros (públicos e privados) através do desempenho esportivo, abre-se espaço para o profissionalismo no esporte paraolímpico (MARQUES, 2010). A carreira esportiva dos

atletas paraolímpicos passa a estar diretamente relacionada à obtenção e manutenção de resultados, o que eleva as exigências e o nível técnico das competições, ratificando excelência esportiva por trás do esporte paraolímpico.

Desta forma, as grandes áreas da deficiência estão representadas por manifestações esportivas que alavancam a participação de atletas, abrindo espaço para que clubes, escolas, associações e instituições especializadas vejam o esporte como ferramenta para transposição de barreiras, consolidando seu papel de veículo para transformação social. Ao inspirar, excitar e apresentar ao mundo suas possibilidades, abre-se espaço para uma participação mais ativa do deficiente na sociedade. O amadorismo dá espaço para o alto rendimento, o que faz com que a preocupação em relação ao atleta, ao treinamento e à longevidade da carreira esportiva estejam no centro das discussões (AZEVEDO; BARROS, 2004; HAIACHI, 2015).

Uma característica importante é que a idade cronológica do indivíduo não é determinante para sua inserção ou retirada do esporte. Pelo contrário, a grande longevidade dos atletas faz com que o esporte seja encarado como uma atividade laboral. A carreira de atleta passa a ser uma das primeiras opções, já que hoje ele recebe incentivos, recursos financeiros e suportes que facilitam a sua dedicação de forma integral ao esporte. A autonomia financeira tão desejada, hoje é uma realidade para alguns atletas com deficiência (AZEVEDO; BARROS, 2004).

Os investimentos, visando resultados e medalhas para os JP Rio 2016, fizeram com que a política esportiva brasileira investisse na preparação de atletas, oferecendo melhores condições para seu desenvolvimento esportivo. Este cenário de inúmeras possibilidades não atinge todas as deficiências, daí a importância de se compreender a amplitude do fenômeno esporte para toda uma população, não só para poucos. Obviamente que as exigências, características e predisposições necessárias para ser um atleta de rendimento não depende única e exclusivamente da vontade do indivíduo. Um ambiente favorável e que promova condições para que este objetivo seja alcançado ainda não é uma realidade em todo território nacional.

Os atletas deficientes físicos e visuais aproveitam este bom momento para consolidar uma carreira esportiva e garantir o seu empoderamento e autonomia através do esporte. Mas o que acontece com aqueles que não conseguem obter resultados? E os atletas com deficiência intelectual e surdos? Não se pode esquecer também daqueles atletas em fase de transição e pós-carreira. Este é um tema delicado que precisa ser analisado à luz de políticas públicas mais estruturantes e que não foquem apenas o resultado esportivo ou uma única deficiência. A falta de estrutura, incentivo e informação evidencia a necessidade de uma profunda mudança

de percepção e de pensamento dos governantes e gestores esportivos em relação ao esporte para pessoas com deficiência (SERON *et al.*, 2015).

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

### DELINEAMENTO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, que se justifica pela necessidade de compreender os significados, os comportamentos e as características situacionais de como as pessoas constroem o mundo a sua volta. Ao possibilitar o acesso às experiências, às interações e aos documentos em seu contexto natural, oferece espaço para as particularidades dos entrevistados em relação ao seu curso de vida (FLICK, 2009b; MARCONI; LAKATOS, 2009; THOMAS *et al.*, 2012).

### OS ATLETAS COMO SUJEITOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram entrevistados 23 atletas. Destes, quatro possuíam deficiência visual, dezesseis, deficiência motora e três, deficiência intelectual. Todos eles apresentaram mais de quatro anos de atividade competitiva, o que, de acordo com Trieschmann (1988), é um tempo necessário para adaptação, ajuste, aceite e assimilação da deficiência, que pode demorar pelo menos dois anos. Este período de tempo é suscetível à variações em função do tipo de deficiência, do processo de reabilitação / estimulação e do contexto sociocultural no qual o atleta está inserido.

A seleção dos atletas ocorreu de forma intencional para um melhor entendimento e compreensão do fenômeno central a ser observado (CRESWELL, 2013; LEEDY; ORMROD, 2014). De acordo com FLICK (2009a), é essencial que o processo de seleção dos sujeitos participantes da pesquisa seja orientado a encontrar as pessoas certas, aquelas que tornam a sua experiência relevante para o estudo. Para isso foram adotados critérios específicos (inclusão e exclusão) de participação no estudo.

Ao utilizar diferentes esportes, esportes coletivos (06) e esportes individuais (08), procurou-se maximizar a variedade de representações presentes no estudo, ampliando também o espectro em extratos como sexo, masculino (17) e feminino (6), e caráter da deficiência, congênito (09) ou adquirido (14) (BAUER; AARTS, 2014).

O contato inicial com os entrevistados foi feito via telefone, pelas redes sociais ou por endereço eletrônico, contando com o auxílio de técnicos, treinadores, professores, dirigentes esportivos e dos próprios atletas que aceitaram participar do estudo. De acordo com Gaskell (2014), há um número limitado de interpelações ou versões da realidade, além de toda uma questão do tamanho do *corpus* a ser analisado. Desta forma, o autor recomenda um limite

máximo de entrevistas necessárias e possíveis de serem analisadas. Este número está entre 15 e 25 entrevistas individuais, o que enquadra este estudo no limite aceitável para dar conta de interpretar todos os dados obtidos no período de dezembro de 2015 a fevereiro de 2017.

## CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão:

- Ter mais de quatro anos de atividade competitiva (período necessário para que o atleta tenha condições de obter resultados esportivos expressivos);
- Ter participado de competições esportivas de caráter estadual, nacional ou internacional (foco em atletas de alto rendimento esportivo);
- Ter domínio cognitivo para compreensão das questões a serem desenvolvidas e capacidade de comunicação para se expressar através da linguagem oral.

Em relação aos critérios de exclusão foram estabelecidos:

- A não lembrança, recordação ou omissão pelos entrevistados de momentos específicos do seu curso de vida (não existindo a possibilidade de identificar a trajetória esportiva ou o curso de vida do atleta, o mesmo será retirado do estudo);
- A retirada do consentimento, por qualquer motivo e em qualquer momento, da participação na pesquisa (fica reservado o direito de se retirar da pesquisa).

O estabelecimento destes critérios tem como objetivo dar mais credibilidade aos dados coletados, conseguindo encontrar a melhor representação do esporte no curso de vida dos atletas com deficiência (GAYA, 2016).

## ESTUDO PILOTO

Para verificar se os instrumentos, os procedimentos e a abordagem estavam de acordo com o previsto no projeto de pesquisa, foi realizado um estudo piloto. Esta validação ocorreu mediante entrevista com 03 atletas, dois homens e uma mulher.

Estes entrevistados eram de esportes diferentes (ciclismo, badminton, corridas de rua) e atendiam aos critérios de inclusão. A partir do prévio agendamento com o entrevistado e da realização da entrevista, foi possível identificar os problemas que poderiam surgir referente à condução da entrevista, como: local adequado, barulho nas proximidades, dificuldade de concentração do entrevistado por estar em um ambiente movimentado. Desta forma, foi possível corrigir a condução da entrevista e a simplificação de palavras e frases, para um



melhor entendimento do entrevistado. Estas melhorias feitas no processo de coleta de dados foram de extrema relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

## PROCEDIMENTOS

### *Éticos*

A tese segue as normas da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, referente à pesquisa com seres humanos. A concordância do entrevistado em participar da pesquisa ocorreu com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde o pesquisador apresentou e esclareceu os riscos e benefícios da sua participação na pesquisa (apêndice 1).

No sentido de possibilitar a reprodução fiel da fala do entrevistado, as entrevistas foram gravadas, sendo preservada a confiabilidade, o sigilo e a privacidade do entrevistado de acordo com TCLE.

Foi dada ao entrevistado a possibilidade de, a qualquer momento, ter acesso às informações obtidas na entrevista e poder, da mesma forma, retirar seu consentimento sem prejuízo algum ou constrangimento.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o parecer nº 1.373.128 e CAAE: 50739915.6.0000.5347 em 17 de dezembro de 2015 (anexo 1).

### *Instrumento de coleta de dados*

Foi utilizado como instrumento para coleta de dados, a entrevista semi-estruturada, escolhida por apresentar na sua essência a relevância, pois ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todo o alcance e liberdade necessários para que o entrevistado enriqueça a investigação (TRIVIÑOS, 1987). Pode ainda fornecer dados básicos necessários para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais, atletas, e a uma determinada situação, no caso deste estudo, seu curso de vida (GASKELL, 2014).

Para realização da coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: 1. Questionário de Identificação de Variáveis de Controle (QIVC); 2. Roteiro de entrevista.

O QIVC tem por objetivo trazer informações dos sujeitos participantes da pesquisa, como a data da entrevista, o horário da entrevista, data de nascimento, a naturalidade, sexo,

tipo de deficiência, congênita ou adquirida, idade e forma de aquisição, a cidade onde mora, o estado civil, o nível de escolaridade, o tempo de envolvimento com o esporte, principais resultados esportivos e os incentivos financeiros. O questionário está incluso no cabeçalho do roteiro de entrevista (apêndice 2).

O roteiro de entrevista surge como uma estratégia para controlar e padronizar a condução da entrevista, facilitando a posterior análise e comparação das informações obtidas (FLICK, 2009a). O cuidado na elaboração dos assuntos e questões presentes no roteiro seguiram o proposto por Merriam (2001), assim como a condução da entrevista seguiu as orientações de Oishi (2003). O roteiro está descrito no apêndice 02.

Visando ampliar a quantidade de informações referente aos atletas, adotou-se a estratégia de complementar as informações a partir da entrevista com um familiar, um treinador e a utilização de uma matéria jornalística exibida por um canal de televisão para ampliar as possibilidades de análise de alguns entrevistados.

### ***Coleta de dados***

Foram adotados os seguintes procedimentos para a coleta de dados (entrevistas):

1º momento – pesquisar nos endereços eletrônicos oficiais das entidades responsáveis pelas competições esportivas, a veracidade da participação esportiva dos sujeitos pré-selecionados, comprovando seu histórico esportivo em eventos estaduais, nacionais ou internacionais, resguardando o pesquisador quanto à veracidade da trajetória esportiva declarada durante a entrevista;

2º momento – elaborar um roteiro de entrevista e um termo de consentimento livre e esclarecido para efetivar a participação na pesquisa dos atletas com deficiência;

3º momento – contactar, via telefone ou redes sociais, os atletas que atenderam aos critérios de inclusão para participação da pesquisa e realizar o agendamento do dia, local e horário mais adequados para realização da entrevista;

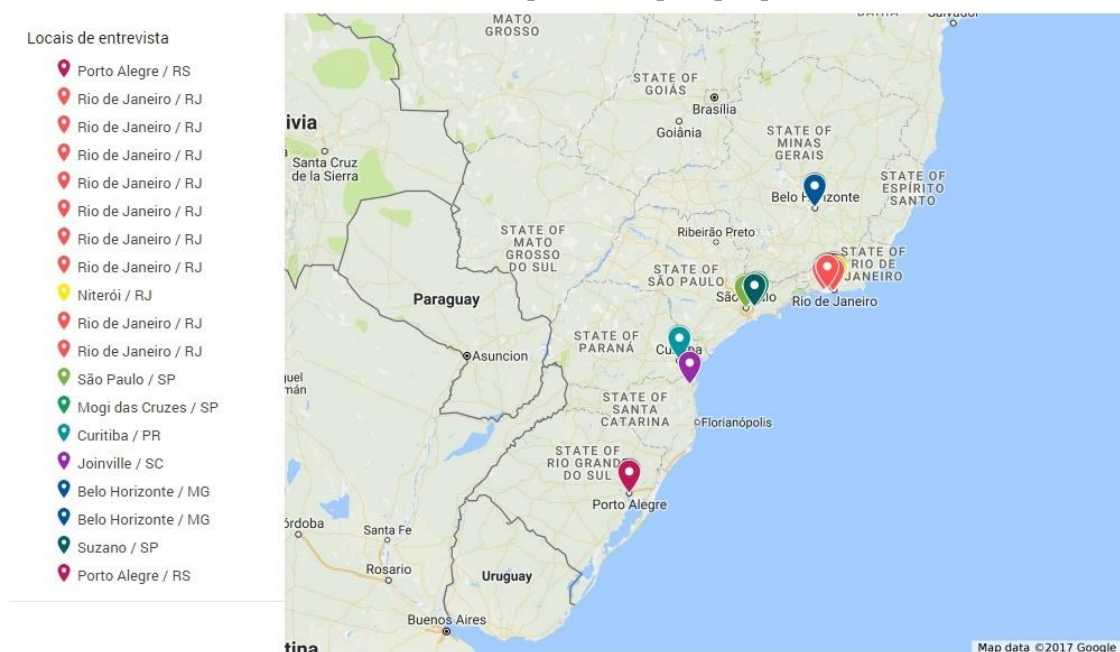
4º momento – utilizar, no momento da entrevista, um gravador de voz para preservar a fala do entrevistado, enriquecendo o trabalho posterior de transcrição. O aparelho utilizado foi um gravador de voz digital da Marca Sony modelo PX-240;

5º momento – verificar, após realizada a transcrição, se todas as categorias foram atendidas e estão presentes, para posterior encaminhamento ao entrevistado, para validação das informações presentes na transcrição;

6º momento – produzir informações, a partir da coleta de dados (entrevistas), referentes às temáticas a serem estudadas: esporte, deficiência e curso de vida do atleta com deficiência.

A coleta de dados foi realizada pelo pesquisador em diferentes estados brasileiros, uma vez que os entrevistados residiam em diferentes cidades. Abaixo segue um mapa do roteiro percorrido pelo pesquisador (figura 08).

**Figura 8:** Caminho percorrido pelo pesquisador.



Fonte: Autor.

### ***Análise de dados***

Para interpretação dos dados, foram reunidas 19 horas, 11 minutos e 42 segundos de depoimentos dos atletas e um material complementar de 1 hora e 48 minutos (entrevista com um professor, com um familiar - avó e uma matéria exibida por um canal de televisão) para ampliar as possibilidades de análise de alguns entrevistados.

A análise de conteúdo foi adotada e seguiu como procedimento três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação (MINAYO, 2010; BARDIN, 2011). A codificação e categorização foi auxiliada pela utilização do *software* NVIVO<sup>17</sup>, versão 11 pro, disponibilizado à comunidade UFRGS e que,

<sup>17</sup> NVivo é um software para Análise de Dados Qualitativos (QDA - Qualitative Data Analysis), desenvolvido pela QSR International, que permite avaliar, interpretar e explicar fenômenos sociais. No site da NVivo

segundo BARDIN (2011), pode fornecer “informações suplementares ao analista e é capaz de servir de base a sua interpretação ou ao desenvolvimento ulterior de um sistema de categorias” (p. 178). É importante salientar que “cada discurso é, para o programa, um ‘saco de palavras’” (Idem, p. 182) e, portanto, quem deverá efetuar o trabalho de análise, descobrir o sentido dos discursos, é o analista dos dados, isto é, o próprio pesquisador (FAVERO, 2016).

A utilização do *software*<sup>18</sup> teve como finalidade auxiliar na identificação de (in)consistências metodológicas na fase inicial da análise, assim como no processo de codificação, ao facilitar a análise de múltiplas fontes de evidências (MOZZATO *et al.*, 2016). O processo de análise foi potencializado ao realizar, de forma rápida, relações entre os dados, auxiliando o pesquisador a refletir sobre os mesmos, intensificando seu alcance e profundidade, além de reduzir o tempo (YIN, 2016). A possibilidade de realização de consultas para revelar tendências ou verificar as relações serviu também para obtenção de diferentes perspectivas para melhor exposição dos dados.

A partir do referencial teórico, foram estabelecidas categorias principais (Contexto sociocultural, Deficiência enquanto evento, Esporte enquanto evento, Trajetória esportiva e Transições marcantes) e subcategorias. Ao longo do caminho, outras subcategorias surgiram a *posteri*, como: tipo de esporte (Esporte enquanto evento); os momentos marcantes e o pós-carreira (Trajetória esportiva); a autonomia e o empoderamento (Transições marcantes). O quadro 1 apresenta as categorias e subcategorias estabelecidas no estudo.

---

encontram-se informações adicionais sobre as funcionalidades oferecidas, além de formas de aquisição do software. Fonte: <http://www.qsrinternational.com>.

<sup>18</sup> Lage detalha todo o processo de estruturação, codificação, análise e preparação de relatórios utilizando o software NVivo (LAGE, 2011).

**Quadro 1:** Categorias e subcategorias encontradas no estudo.

<i>PRIORI</i>		<i>POSTERIORI</i>
<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>
<b>Contexto sociocultural</b>	Perfil sócio-demográfico	
	Mobilidade residencial	
	Tipo de deficiência	
	Nível de escolaridade	
<b>Deficiência enquanto evento</b>	Profissão / Ocupação	
	Momento de aquisição	
	Reabilitação / Estimulação	
<b>Esporte enquanto evento</b>	Aceitação da Deficiência	
	Vida antes do esporte	Tipo de esporte
	Contato com o esporte	
	Identificação como atleta	
<b>Trajatória esportiva</b>	Tempo de envolvimento	
	Classificação funcional	Momentos marcantes
	Barreiras e facilitadores	Pós-carreira
	Principais resultados	
<b>Transições marcantes</b>	Incentivo financeiro	
	Educação	Autonomia
	Renda	Empoderamento
	Relações sociais	

**Fonte:** Autor.

## **CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA**

A partir dos dados coletados nas entrevistas, foi possível obter informações referentes ao curso de vida dos atletas com deficiência. Inicialmente serão analisados os constrangimentos (barreiras) e as oportunidades (facilitadores) ocorridos ao longo do curso de vida dos atletas. Neste sentido, eventos e transições ocupam um papel chave.

O contexto sociocultural no qual o indivíduo está inserido é determinante para identificação do seu papel na comunidade em que reside. O desdobramento da sua vida de forma local, regional, social e nos contextos históricos faz com que sua biografia seja escrita em função do envolvimento com a comunidade que o cerca, que evolui a partir da capacidade dos seus membros de tomar suas próprias decisões e pelo senso de responsabilidade desta comunidade em relação aos demais membros.

Serão analisados o perfil sócio-demográfico, o processo de mobilidade residencial, o tipo de deficiência, o nível de escolaridade e a profissão / ocupação para o estabelecimento das diferentes relações entre os atletas, dando ênfase às particularidades encontradas nos diferentes cursos de vida analisados.

Os atletas entrevistados serão representados pela sigla A, seguindo a ordem de acordo com a realização das entrevistas (A1 – primeiro entrevistado, A2 – segundo entrevistado, A3 – terceiro entrevistado e assim sucessivamente).

Na intenção de preservar a identidade dos atletas, respeitando o direito de confiabilidade, sigilo e privacidade, algumas palavras foram substituídas por outras em parênteses ao longo da fala dos atletas. Desta forma procuramos preservar a confidencialidade de atletas, entidades esportivas e instituições que gerenciam o esporte para pessoas com deficiência.

### **PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO**

O perfil sócio-demográfico dos atletas entrevistados é composto pelas seguintes informações: período de nascimento (em décadas), idade (em anos), sexo, estado civil, tipo de deficiência, forma de aquisição, nível de escolaridade, profissão / ocupação, tipo de esporte (individual, coletivo ou ambos) e tempo de envolvimento com o esporte de alto rendimento (em anos). Estabelecer o perfil destes atletas tem como objetivo posicioná-lo frente a outros estudos que tenham como foco o atleta com deficiência e também pessoas sem deficiência,

através da discussão de temas relevantes para o desenvolvimento do cenário esportivo brasileiro, como por exemplo, a carreira esportiva.

Os atletas foram agrupados de acordo com a década referente ao seu nascimento: década de 1930 (01 atleta), década de 1950 (02 atletas), década de 1960 (04 atletas), década de 1970 (07 atletas), década de 1980 (07 atletas) e década de 1990 (02 atletas). Este agrupamento procurou estabelecer tendências a partir de diferentes períodos geracionais (contextos históricos), visando relacionar as semelhanças e diferenças encontradas nos diferentes cursos de vida pesquisados (quadro 8, p.208).

A Figura 9 apresenta um mapa hierárquico a partir de informações referentes ao período do nascimento dos entrevistados, sexo, tipo de deficiência e tipo de esporte praticado.

**Figura 9:** Mapa hierárquico dos atletas entrevistados.



**Fonte:** Autor.

A tabela 1 apresenta o perfil dos 23 atletas entrevistados, dos quais 79% são deficientes físicos, 18% deficientes visuais e 3% deficientes intelectuais. As entrevistas aconteceram em diferentes locais a partir do contato feito com os atletas: local de treinamento (7), residência (7), local de trabalho (3), *shopping center* (2), eventos (2) e hotel (2). Estes locais foram selecionados para a realização das entrevistas com o intuito de aproveitar a disponibilidade de tempo dos atletas seja em alguma atividade longe da sua residência (eventos e hotel), seja por comodidade e segurança para os mesmos (residência e *shopping center*) ou utilizando intervalos em suas atividades (locais de treinamento e de trabalho). Em relação ao período do dia, 52% dos atletas preferiram o período da tarde, 31% o período da manhã e 17% o período da noite. O tempo de duração das entrevistas variou de 25 minutos a

89 minutos, totalizando 1.151 minutos de informações referentes ao curso de vida dos atletas com deficiência.

Os atletas apresentaram uma variação em relação à idade, de 20 a 81 anos, com uma concentração de nascimentos nas décadas de 1970 e 1980 (60%). Estas duas décadas concentram momentos importantes em relação à deficiência, como a evolução dos surtos de poliomielite no país (especificamente a década de 1970) e a luta pelos direitos das pessoas com deficiência, década de 1980, passando a chamar a atenção para a temática da deficiência no país.

O trabalho de CAMPOS *et al.* (2003), descreve as estratégias de controle e prevenção destes surtos de poliomielite. No caso específico do atleta A2, sua contaminação ocorreu pela impossibilidade de tomar a vacina que estava sendo disponibilizada para população, o que facilitou a contaminação do mesmo pelo poliovírus:

*teve um surto de poliomielite no Brasil, fui um dos afetados porque naquela época além do surto, o sistema de saúde era complicado porque era longe, ainda mais em uma região rural, não tinha praticamente nenhum tipo de estrutura, fiquei sem tomar uma das vacinas e ao não tomar uma das vacinas eu fui afetado pela poliomielite.*

Neste estudo, a quantidade de homens foi maior que a de mulheres (74%), sendo que o estado civil e as relações afetivas dos entrevistados refletem um lado positivo no estudo, já que 47% dos entrevistados encontram-se casados, 44% encontram-se solteiros, 5% são divorciados e 4% apresentam união estável. Esta relação de estabilidade familiar representa uma participação mais ativa na sociedade, através do desdobramento normal da vida, principalmente em relação à constituição de uma família e o estabelecimento de relações emocionais.



**Tabela 1:** Perfil dos atletas com deficiência entrevistados.

Atleta	Década	Idade (anos)	Deficiência	Forma	Sexo	Estado Civil	Nível de escolaridade	Profissão / Ocupação	Tipo de Esporte	Tempo* (anos)
1	1930	81	Física	Adquirida	F	Separado	Primário	Aposentado	Individual	13
4	1950	64	Física	Adquirida	M	Casado	Superior	Analista de sistema	Ambos <sup>iii</sup>	17
19	1950	60	Visual	Adquirida	M	Solteiro	Superior	Gerente de esporte	Ambos <sup>iii</sup>	21
12	1960	53	Física	Adquirida	M	Solteiro	Superior	Aposentado	Coletiva	6
8	1960	56	Física	Adquirida	M	Casado	Superior	Gerente de esporte	Individual	10
5	1960	54	Física	Adquirida	M	Casado	Superior	Gerente de esporte	Individual	25
20	1960	48	Física	Adquirida	M	Casado	Superior Incompleto	Gerente de empresa	Coletiva	27
14	1970	40	Física	Adquirida	F	Solteiro	Superior	Atleta	Coletiva	8
22	1970	40	Física	Adquirida	F	Casado	Ensino Médio	Atleta	Coletiva	9
2	1970	40	Física	Adquirida	M	Casado	Superior	Gerente de esporte	Individual	12
7	1970	40	Física	Adquirida	M	Casado	Superior	Professor Educação Física	Individual	13
13	1970	47	Física	Adquirida	M	Casado	Superior	Atleta <sup>i</sup>	Individual	22
17	1970	43	Física	Adquirida	M	Casado	Superior	Atleta <sup>i</sup>	Ambos <sup>iii</sup>	11
18	1970	43	Visual	Congênita	F	Solteiro	Ensino Médio	Agente motivacional	Individual	27
21	1980	30	Física	Adquirida	F	Solteiro	Superior Incompleto	Atleta	Individual	4
6	1980	30	Física	Congênita	M	Casado	Ensino Médio	Atleta	Coletiva	10
15	1980	37	Física	Congênita	M	Solteiro	Ensino Médio	Atleta <sup>i</sup>	Individual	14
16	1980	32	Física	Congênita	M	Casado	Ensino Médio	Atleta	Individual	20
9	1980	36	Intelectual	Congênita	M	Solteiro	Ensino Fundamental	Atleta	Individual	7
11	1980	37	Intelectual	Congênita	M	Solteiro	Ensino Fundamental	Atleta <sup>i</sup>	Individual	14
3	1980	35	Visual	Congênita	M	Casado	Superior	Desempregado <sup>ii</sup>	Individual	12
23	1990	20	Visual	Congênita	F	Solteiro	Ensino Médio	Atleta	Individual	8
10	1990	26	Intelectual	Congênita	M	Solteiro	Ensino Fundamental	Atleta	Individual	11

**Legenda:** M – masculino, F – feminino, \* o tempo se refere a quantidade de anos envolvido com o esporte de alto rendimento; <sup>i</sup> estes atletas possuem outra ocupação além da sua atividade principal, atleta; <sup>ii</sup> o atleta esta recebendo o benefício de prestação continuada do Governo Federal; <sup>iii</sup> os atletas tiveram importante participação tanto no esporte individual como coletivo.

**Fonte:** autor.

Estar solteiro não significa não ter tido nenhum relacionamento em outro momento da vida, como é o caso do atleta A1 “atualmente sou separada, me casei com 20 anos”. Da mesma forma, os atletas A12 e A19 tiveram um relacionamento estável, mas atualmente encontram-se solteiros. Já o atleta A11 “sou noivo, vou casar daqui a dois anos com a mulher mais linda do mundo, porque ela me completa como homem”, faz planos para o futuro.

## MOBILIDADE DE RESIDÊNCIA

Fazer parte de uma comunidade pode atenuar ou agravar as desigualdades encontradas ao longo da vida. Desta forma, o processo de mobilidade de residência não é um movimento novo na sociedade. O processo migratório vem sendo estudado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ao longo dos últimos 40 anos, na perspectiva de captar suas especificidades (JARDIM, 2011). No período de 1960 a 1980, ocorreu grande volume de deslocamento para os grandes centros urbanos, deslocamentos interestaduais, com uma modificação neste comportamento na década de 1990, passando a ocorrer deslocamentos intermunicipais (OLIVEIRA *et al.*, 2011).

A procura por locais que oferecessem oportunidades de tratamento em saúde, reabilitação, obtenção de renda, reinserção familiar, cuidados e outras facilidades foram as motivações que segundo Bertolucci Jr (2012), apresentam um caráter mais familiar, já que estão relacionadas à busca de apoio, cuidados (saúde), co-residência e um ambiente mais acessível e confortável, características estas presentes na mobilidade residencial de pessoas com deficiência. De acordo com Le Bras (2002), uma mobilidade residencial ou migração pode ser entendida como toda mudança de lugar realizada pelas pessoas durante um determinado tempo. Este tempo denomina-se movimento pendular e se refere a uma semana, um mês, vários meses ou uma mudança de lugar sem pensar em voltar para o lugar de origem.

Os motivos abordados pelos atletas se aproximam aos descritos por Bertolucci Jr (2012) e neste estudo, estão abaixo relacionados:

1) melhores condições de vida: A2 “morava em uma região rural, não tinha praticamente nenhum tipo de estrutura”; A4 “para chegar à minha casa tinha que andar uns seis quilômetros a pé, por dentro de um mato”; A16 “era uma dificuldade, a cidade que nasci é uma cidadezinha muito pequena, não tinha estrutura”;

2) processo educacional: A3 “quando começou a perda progressiva da visão, resolvemos nos mudar para estudar numa instituição especializada na educação da pessoa

com deficiência”; A23 “minha mãe sabia que tinha uma escola especial na capital e a família resolveu vir toda para capital”;

3) busca por uma melhor condição financeira: A2 “eu queria crescer, fazer coisas e comecei a trabalhar, um amigo abriu um restaurante e nos levou para trabalhar com ele”; A4 “morava na roça, vim procurar trabalho”; A20 “fui convidado para gerenciar (um esporte coletivo) a nível nacional [...] vim remunerado para trabalhar”;

4) melhor acompanhamento do seu estado de saúde: A16 “acho que consigo um melhor acompanhamento, uma melhor condição de vida”; e

5) independência através do esporte: A22 “quando decidi jogar, sai de casa muito cedo”.

Alguns atletas não precisaram passar por este processo migratório (48%) já que nasceram em grandes centros urbanos, tendo de certa forma, maiores oportunidades de usufruir de serviços essenciais para o seu desenvolvimento. Os 52% dos entrevistados que mudaram para os grandes centros urbanos do país, região sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo) e região sul (Santa Catarina) estão representados na figura 10. O estado de Minas Gerais foi o local de onde os atletas saíram para buscar novas oportunidades em outros centros: Rio de Janeiro (3 atletas); São Paulo (2 atletas) e Santa Catarina (1 atleta). Este movimento ocorrido no estudo seguiu a tendência nacional no período, quando o estado de Minas Gerais foi considerado uma área de expulsão ou emigração e os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, áreas de atração ou imigração (OLIVEIRA *et al.*, 2011).

**Figura 10:** Mobilidade de residência dos atletas entrevistados.



**Fonte:** Autor.

Este processo de mobilidade residencial ocorreu da seguinte forma: seis interestaduais, quatro intermunicipais e dois saíram de grandes centros urbanos para cidades médias. O esporte para pessoas com deficiência também pode causar migrações internas ou movimentos pendulares, como comentado pelo atleta A2, que necessitava dedicar mais tempo ao esporte e o deslocamento treino – casa – treino fez com que o mesmo tivesse que realizar este movimento pendular de forma temporária; pelos atletas A14 e A16, pela necessidade de se movimentar da sua residência para o local de treinamento; e pelos atletas A18 e A19, por aumentar seu tempo de permanência fora do estado de origem, para aprimorar suas condições de treinamento: “só saí para alguns momentos da minha vida profissional [...] São Paulo, Rio de Janeiro, quando em momentos de treinamento”. Já a atleta A22, por já ser atleta de rendimento no esporte convencional, sofreu mobilidade residencial, tendo o esporte como principal motivador.

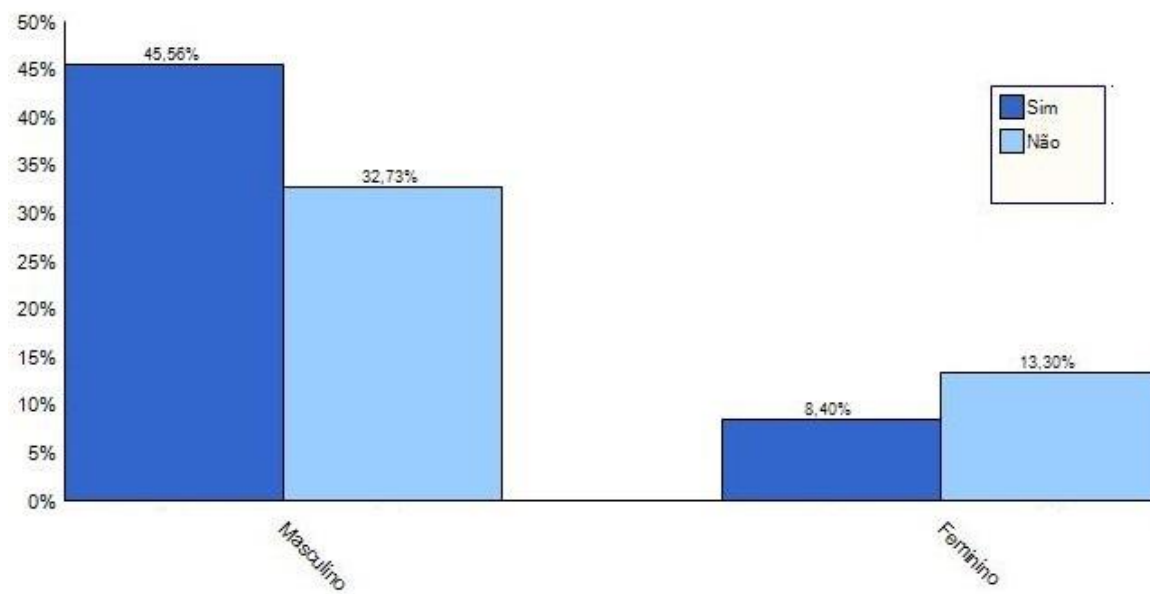
As cidades que acolhem estes atletas contribuem para o sentimento de pertencimento, fazendo com que o sentimento de gratidão fique marcado para sempre nas suas vidas:

A15 “vim para (esta cidade) bem novo, me criei aqui e é a minha cidade, eu digo para todo mundo que é a minha cidade natal [...] ultimamente eu tenho falado para todo mundo que eu sou natural (desta cidade), é a cidade que me abraçou, abraçou a minha família, mudou a minha vida, então eu sou (morador) de nascimento e de coração”;

A22 “no começo foi difícil para mim, vim com duas malas, então tinha que começar do zero. Sentia muita falta da minha mãe porque desde muito cedo moro fora de casa. Hoje amo (esta cidade), que foi uma cidade que me acolheu, tenho o que tenho graças a ela”.

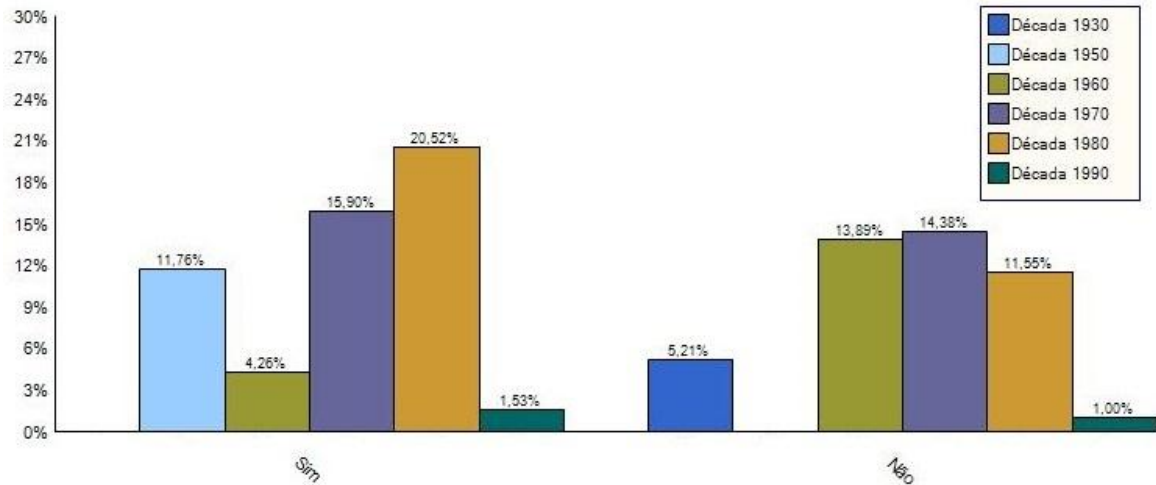
Os homens (46%) acabaram migrando mais do que as mulheres (8%) como pode ser visualizado na figura 11. Todos os atletas deficientes visuais passaram pelo processo de mobilidade de residência, sendo que dois migraram de forma interestadual (A3, A18) e os outros dois migraram de forma intermunicipal (A19, A23). Ao longo da carreira esportiva, os atletas se utilizaram destes movimentos pendulares, tema que será aprofundado mais à frente, onde será abordado o esporte como um evento importante para o curso de vida do atleta com deficiência.

**Figura 11:** Processo migratório dos atletas em função do sexo.



Fonte: Autor.

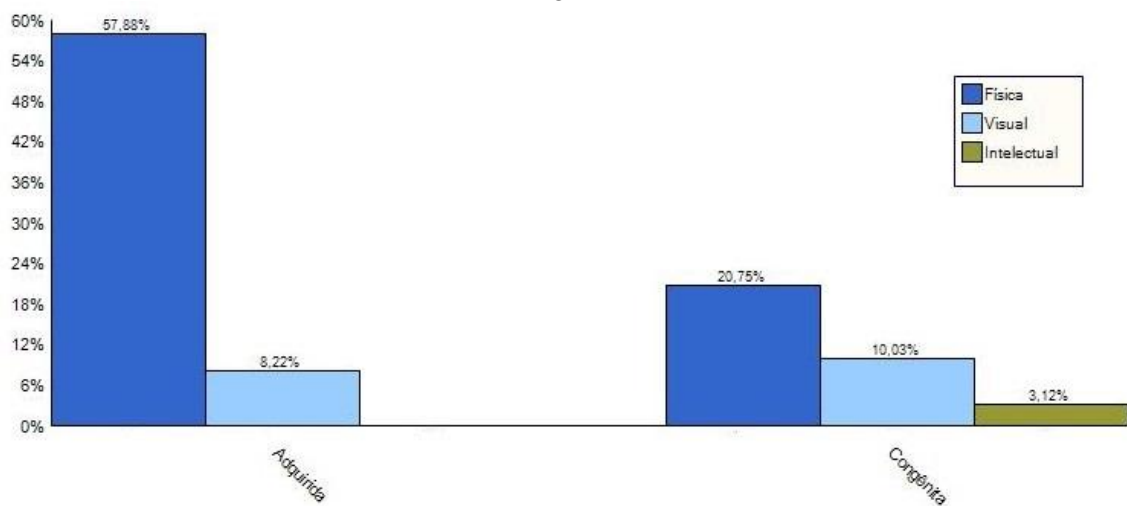
Os atletas nascidos na década de 1980 apresentaram uma maior migração interna (21%) seguida da década de 1970 (16%) e da década de 1950 (12%). Neste último período, a migração ocorreu de forma intermunicipal, na busca por melhores condições de desenvolvimento (ensino e renda), A4 e A19 (figura 12).

**Figura 12:** Processo migratório em função do período de nascimento.

Fonte: Autor.

## TIPO DE DEFICIÊNCIA

A figura 13 apresenta a distribuição dos atletas com deficiência a partir da sua forma, congênita ou adquirida. Esta informação é importante porque só existem estas duas formas para uma pessoa manifestar a deficiência, ou ela nasce - congênita, por questões hereditárias, anormalidades cromossômicas, problemas com o pré-natal ou na hora do parto, ou a adquire, em função de doenças infecciosas (rubéola, sarampo, poliomielite, varíola, varicela, caxumba, meningite, coqueluche, crupe, hidrofobia – raiva, aids), contaminações (chumbo, mercúrio, alumínio e outros metais e produtos químicos), traumas, lesões e acidentes (MAUERBERG-DECASTRO, 2011).

**Figura 13:** Distribuição dos atletas pelo tipo de deficiência a partir da sua forma, adquirida ou congênita.

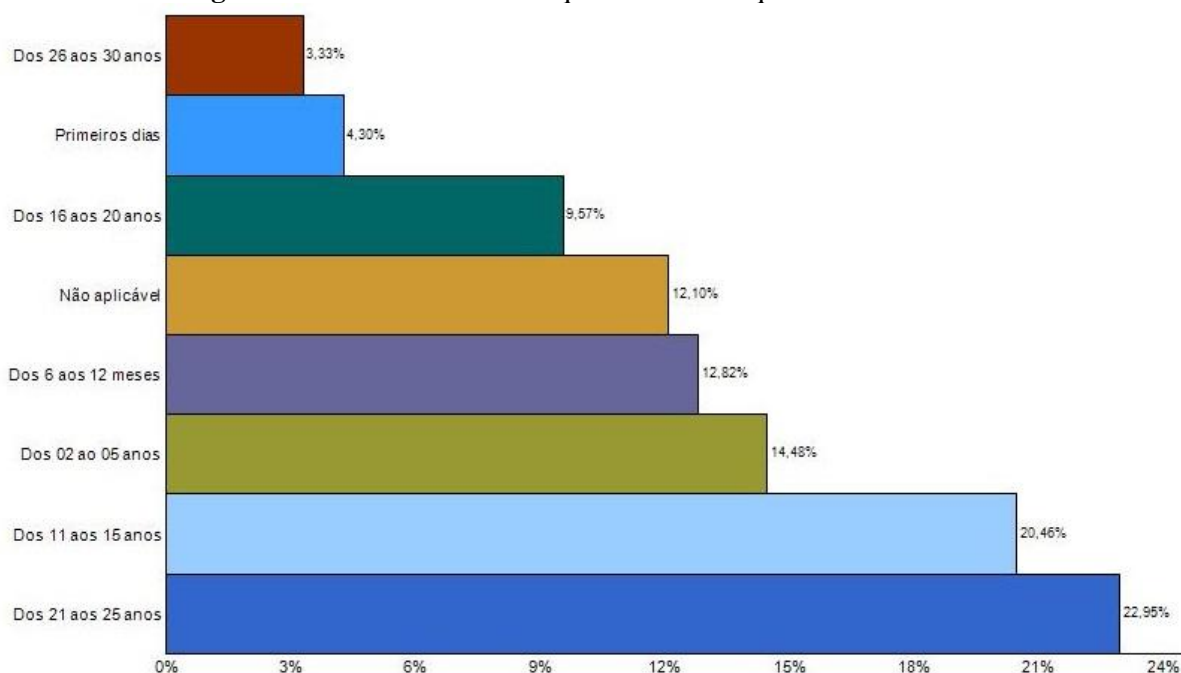
Fonte: Autor.

Fatores como o sexo, a idade em que adquiriu a deficiência e o tipo de deficiência são determinantes, de acordo com Pensgaard e Sorensen (2002), para identificar o nível de empoderamento dos indivíduos<sup>19</sup>. Ocorreu de forma não intencional, a predominância do sexo masculino (74%) e da deficiência física (79%) no grupo entrevistado, muito em função de estar enraizado na história do esporte para pessoas com deficiência o seu início com a reabilitação de vítimas de guerra, ou seja, principalmente homens, deficientes físicos. As mulheres com deficiência tendem a sentir mais preconceito e discriminação do que os homens, especialmente no contexto do esporte, onde elas são em grande parte sub-representadas (SHERRILL; WILLIAMS, 1996). O chamado azar duplo (*double whammies*) descrito por Henderson e Bedini (1997) representa um viés para a pesquisa e um tópico a ser aprofundado em futuros estudos.

A figura 14 apresenta o período da vida em que os atletas entrevistados adquiriram a deficiência (66%), dos quais 26% em idade adulta. Segundo Sherrill (1997) nascer com deficiência limita o acesso a determinadas oportunidades e afeta o desenvolvimento psicossocial e motor. Em contrapartida, a aquisição da deficiência em idade adulta faz com que o choque e a dificuldade de aceitação sejam melhor assimiladas em função do atleta com deficiência adquirida apresentar uma maior autoestima, um estado de humor geral mais positivo e um menor traço de ansiedade em relação ao atleta com deficiência congênita (CAMPBELL, 1995).

---

<sup>19</sup> Hutzler (1990) apresenta três níveis de empoderamento: o individual, o coletivo e o societal. O individual (psicológico), o controle preditivo da própria vida e o seu modo de viver são determinantes para a sua qualidade de vida, está relacionado à autoestima (afeto e sentimentos) elevada e altos níveis de autoeficácia (julgamentos cognitivos de aspectos específicos da capacidade pessoal). Já o coletivo (organizacional) é caracterizado por um alto grau de participação nos processos de tomada de decisão, identificação com os outros membros do grupo, apoio social e compartilhamento de informações, conhecimentos e recursos. Enquanto que o societal representa uma estrutura global e se concentra no avanço de um determinado grupo em posições de poder social ou político na sociedade (PENSGAARD; SORENSEN, 2002).

**Figura 14:** Período da vida em que os atletas adquiriram a deficiência.

Fonte: Autor.

No caso da deficiência visual, a perda da visão de forma progressiva, congênita (retinose pigmentar – 50% e retinopatia do pré-maturo – 25%) ou adquirida em função de um acidente – 25%, traz a necessidade de um processo de adaptação a essa nova condição:

A3 “a perda da visão veio de forma bem gradativa, foi um processo emocional muito forte [...] me adaptar ao processo, a orientação de mobilidade, utilizar uma bengala, as ferramentas de acessibilidade a informação, os leitores de tela”;

A18 “quando perdi minha visão, enxergava um pouco, andava devagar porque via um pouco e depois foi ficando mais difícil [...] tive que me adaptar, tinha pavor de bengala”;

A19 “ter enxergado até os três anos fez um grande, uma gigantesca diferença em toda a minha vida, com toda certeza, me fez muito diferente, hoje posso falar com muita tranquilidade”;

A23 “assim, enxergo claridades e vultos, mas até uns quatros anos enxergava cores, letras grandes, ainda tinha um pouco de visão [...] consigo me virar, tenho tudo na minha memória, as cores [...] para mim é mais fácil me orientar até porque enxergo claridade”.

Em relação à deficiência intelectual, 100% dos atletas possuem síndrome de down (A9, A10, A11), enquanto que a deficiência física, representada na figura 15, os acidentes (21%) e as perfurações por arma de fogo (PAF - 14%) são as principais causas. A motivação violenta na aquisição da deficiência marca o relato dos atletas:

A5 “presenciei uma briga de trânsito, passando no momento, tentei separar, mas acabei entrando na briga [...] vi toda cena, ele foi lá atrás da Kombi, levantou o banco, pegou a arma, se apoiou na porta e efetuou dois disparos.



*O segundo pegou nas costas e saiu no peito, já caído, ele efetuou um terceiro disparo. Isso aconteceu na esquina da minha casa e graças à Deus fui socorrido rápido”;*

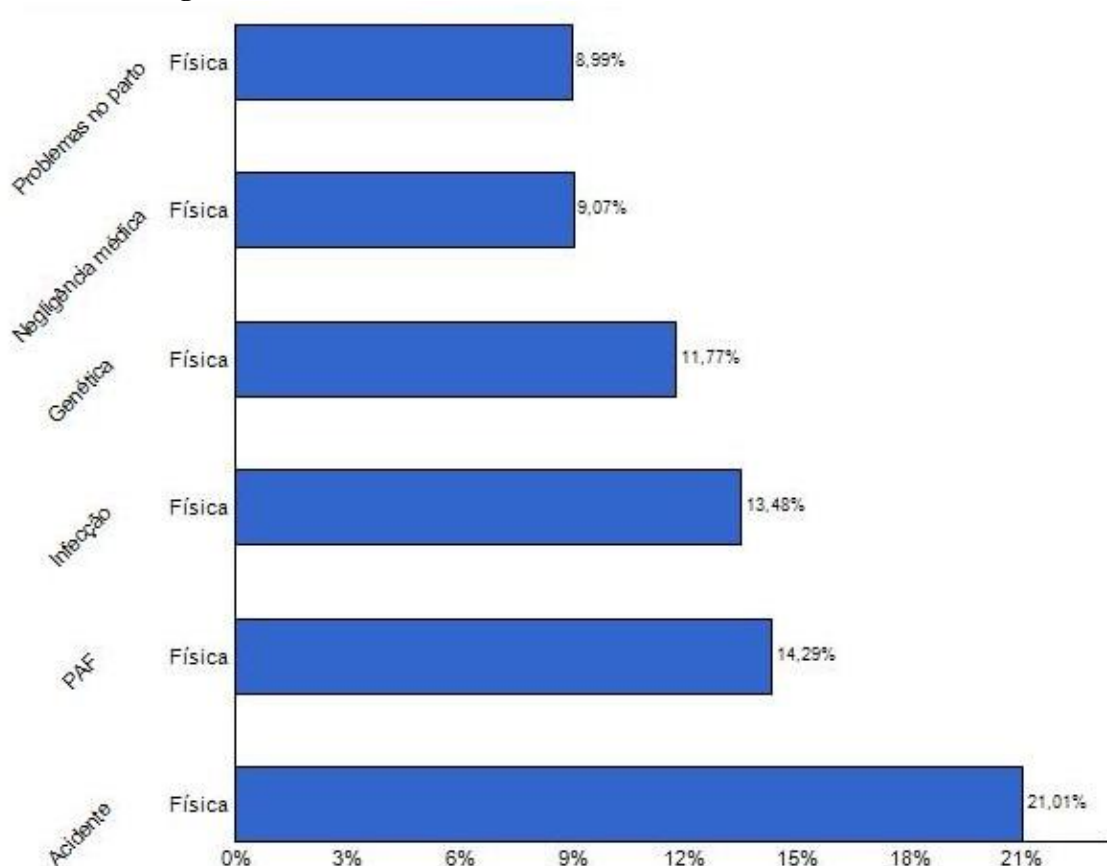
*A12 “fui baleado, reagi a um assalto, essa seqüela inicial foi agravada por um acidente automobilístico ainda no processo de reabilitação”;*

*A13 “fui assaltado, tomei dois tiros”;*

*A20 “fui atropelado em cima da calçada, no dia 25 de dezembro, o cara embriagado, subiu na calçada e acabou me imprensando na parede”;*

*A22 “um dia, indo treinar, fui atropelada por um ônibus”.*

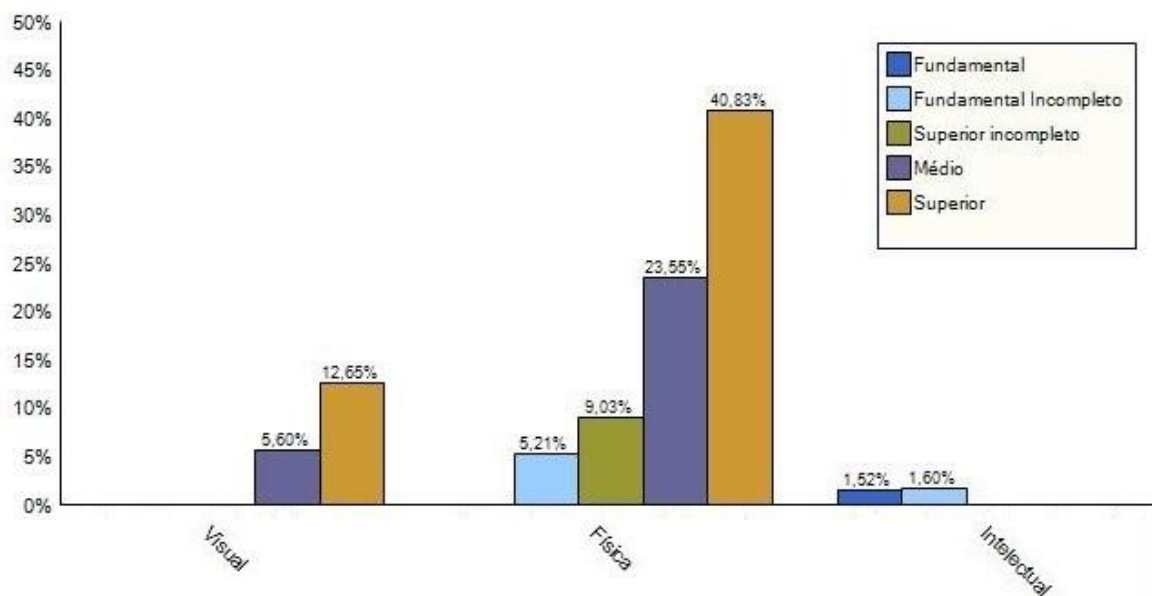
**Figura 15:** Causas da deficiência física entre os atletas entrevistados.



**Fonte:** Autor.

## NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Em relação ao ensino, a figura 16 apresenta o nível superior como situação positiva para este grupo de atletas (54%), sendo que 9% ainda estão em processo de conclusão. Apenas quatro atletas não completaram o ensino médio, dos quais, um relatou dificuldade de locomoção na época (A1); dois não se adaptaram ao ensino regular (A9, A10) e um não conseguiu conciliar a exigência do estudo com a sua rotina de atividades (A11).

**Figura 16:** Nível de escolaridade em função do tipo de deficiência.

**Fonte:** Autor.

O acesso ao ensino seja ele regular ou especial, independente do seu nível, fundamental, médio ou superior, é cercado por uma série de facilitadores com os quais os atletas se depararam ao longo do caminho: ensino à distância, bolsa de estudos, necessidade profissional, patrocínio esportivo, preparação para transição na carreira, paixão pelo esporte, já estar inserido no ensino superior antes da lesão e acesso à escola inclusiva. Estes facilitadores são evidenciados nos relatos abaixo:

*A2 “a vida de atleta é difícil, fiz ensino à distância”;*

*A3 “em 2005 iniciei o curso, ganhando uma bolsa de estudos integral em uma faculdade tradicional no Rio de Janeiro, no curso de Direito”;*

*A5 “assumi um cargo de importância, tinha no meu comando 50/60 profissionais de Educação Física, procurei me especializar para poder ter a mesma linguagem dos profissionais”;*

*A7 “fui fazer Educação Física só em 2003, tinha patrocínio de uma faculdade [...] eu ainda achava que como atleta eu ia ficar rico [...] tinha acabado o colegial, fiz supletivo para conseguir acabar o colegial [...] minha esposa, na época minha namorada, insistindo, insistindo, insistindo, comecei a fazer Educação Física, amei!”;*

*A8 “fui me preparar para esta transição. Fui fazer uma formação acadêmica, Psicologia, me formei na faculdade”;*

*A13 “eu me lesionei no último ano de faculdade, já estava no final. E era assim, para você ver como a lesão realmente foi um divisor de águas, depois da lesão, comecei a ver que tinha acabado a brincadeira, a coisa ia ficar séria, passei a estudar mais, focar, fui me adaptando”;*

A14 “sempre vivi no meio do esporte, sempre gostei do esporte, fiz a faculdade de Educação Física pensando na minha vida de atleta amadora que eu era. Entrei em 1997 e me formei em 2000, formei bem antes da lesão”;

A17 “me formei logo depois da lesão, em 2008. Comecei em 2004, dois anos antes de começar o esporte, em 2006 comecei o esporte, em 2008 me formei, poderia ter conciliado, mas sou daqueles que o que se começa, se termina”;

A23 “Estudei no Instituto que é uma escola especial, mas que tem ensino regular, as pessoas que enxergam ajudam os que não enxergam”.

Já em relação às barreiras, os atletas encontraram as seguintes dificuldades: na mobilidade; de se adaptar a outra realidade; em conciliar trabalho e estudo; na melhor administração do tempo que, em virtude da dedicação ao esporte, inviabilizava os estudos; de adaptação ao ensino regular; e no envolvimento com a gestão esportiva. Estas barreiras são demonstradas nos relatos abaixo:

A1 “naquela época era difícil, tinha que atravessar (uma importante via pública da cidade) meu pai [...] faleceu e eu não tive mais como, porque ele que me levava, tive poucas possibilidades de estudo”;

A3 “comecei a estudar em uma instituição especializada na educação da pessoa com deficiência, precisei aprender o braille que era outra realidade. Foi o caminho para eu acessar a informação, para eu ter acesso ao conteúdo, então essa foi uma barreira inicial que eu encontrei, mas que superei. Outro processo também foi me adaptar às ferramentas de acessibilidade à informação, aos leitores de tela para computadores, logicamente uma imagem ela, há algum tempo atrás era algo inacessível, hoje já existem leitores de tela que consegue descrever a imagem aproximando ao máximo aquela realidade [...] isso é maravilhoso, os textos que circulam por aí no meio digital alguns anos atrás era impensável. A gente dependeria de um terceiro para poder ler uma informação, hoje não. Até mesmo para ter esta informação em braille era inviável [...] esses leitores de tela foram assim ferramentas transformadoras para o acesso à informação, ao conhecimento e para o ganho de autonomia. Nesse sentido posso muito bem sentar ali na cadeira ligar meu computador e acessar qualquer informação de qualquer parte do mundo tranquilamente, com bastante autonomia. Então para mim foi uma barreira superada e que a tecnologia veio para transformar, para ajudar, para agregar na minha vida”;

A4 “fiz minha formação na Fundação Técnica Educacional e a pós-graduação, fiz uma na universidade estadual e outra na universidade particular. O ensino fundamental e médio fiz estudando em escolas públicas, no período da noite porque trabalhava de dia”;

A6 “depois que eu comecei a ver o que é ser atleta de verdade, teria que abrir mão de algumas coisas e a questão dos treinamentos estavam sendo de manhã. Tinha as viagens da seleção e isso estava atrapalhando a minha questão na escola, teria que abrir mão de algumas coisas para que eu me dedicasse somente ao esporte [...] outros atletas tentaram conciliar o esporte com o estudo e, realmente não deu muito certo [...] de uns três anos para cá tive mais tempo vago, eu acho que hoje daria, daria não, dá para conciliar o estudo com o esporte”;

A10 “nunca, vou te dizer. Estudar, nunca mais, eu só me dedico ao esporte. Nunca mais, eu estudo só em casa. (depoimento) ‘ele tem o primeiro grau completo. Quando ele acabou o primeiro grau os pais resolveram colocar no Kumon, mas acontece que para que ele fosse sozinho e se desenvolvesse melhor, o trocamos de unidade, só que a professora nova não se interessava tanto e passava atividades demais para ele que acabou se desinteressando pelos estudos’”;

A15 “eu fiz uma opção, com 19, 20 anos estava terminando meus estudos [...] em 2008, recebi uma bolsa aqui da universidade [...] quero cursar ainda, ou Educação Física ou Psicologia, optei por não fazer por causa da minha carreira de atleta. Hoje tenho consciência que sem estudo a pessoa não chega a lugar nenhum. Optei por não me qualificar, por não estudar por tudo que está acontecendo comigo”;

A18 “muito difícil conciliar estudos e esporte, foquei muito, muito no esporte, hoje depois que encerrei, vejo o lado bom e ruim ao mesmo tempo. Porque consegui conquistar tudo que um atleta sonha em conquistar, de resultados, mas deixei muito os estudos de lado”;

A19 “Comecei a Educação Física em 1986 e terminei em 1992, fiz em seis anos, mas não foi por dificuldade, foi porque estava em um momento de envolvimento direto com a (gestão esportiva), com as competições, então faltava muito. Fechava matrícula, fazia uma matéria e fechava outra. No último ano tinha uma disciplina acho, ou duas, que fiquei o ano inteiro fazendo porque viajava muito, a faculdade ficava sempre um pouco para lá, para cá, ia, mas foi um momento super gostoso, que de verdade, acho que a maior dificuldade pedagógica foi com a disciplina de dança, não conseguia fazer, era uma dificuldade total, total, total”;

A20 “entrei na faculdade em 2003, não completei o curso, envolvi-me em muitas outras coisas (gestão esportiva), tinha que estar viajando direto. Tem a questão familiar, porque tem que dar atenção em casa, então meu tempo acabou se tornando muito escasso. Como atleta tinha a fase de treinamento, ficava quinze dias fora, dez dias fora treinando, a faculdade ficou em segundo plano”;

A22 “treino a noite, sempre tive vontade de fazer Nutrição e quero ver se faço esse ano [...] não tem ninguém para ficar com meu filho. Então teria que estudar de manhã”.

O fato de os atletas terem tido a oportunidade, o acesso e a resiliência para se desenvolver, mostra que é possível pensar em uma sociedade mais justa e igualitária. Mesmo cercados de adversidades, foi possível avançar utilizando diferentes formas de ensino (ensino regular, ensino à distância, Kumon), tendo incentivos de instituições de ensino (bolsa de estudo e patrocínios), conciliando trabalho / estudo / gestão esportiva / esporte e principalmente pelo entendimento da importância da escolaridade para seu crescimento profissional no futuro. Certamente precisamos avançar em questões básicas de acessibilidade, mobilidade urbana e adaptação, tanto das instituições como dos alunos, visando um ensino mais próximo às necessidades dos alunos.

Todos os atletas deficientes visuais tiveram acesso às escolas ditas especiais, voltadas para o ensino da pessoa com deficiência visual. Estas escolas, localizadas em diferentes

estados brasileiros<sup>20</sup> (RJ, MG, RS, SP), foram ressaltadas pelas suas características de “preparar para enfrentar a realidade” (atleta A3). O mesmo atleta ainda ressalta:

*na convivência com os outros colegas foi que eu comecei a adaptar também a minha vida, foram eles que me convenceram que teria que me adaptar [...] com o auxílio de outros amigos que já viviam aquela realidade, deram-me as primeiras orientações [...] foi um grande diferencial para que eu pudesse gradativamente ganhar autonomia e segurança, poder caminhar pelas ruas, pegar uma condução e ir aonde eu quisesse ir.*

Sofrer o acidente e perder a visão não impediu o atleta A19 de seguir uma vida normal. Inicialmente estudou em uma escola especializada, depois entrou no ensino regular, finalizando sua formação no ensino superior, em um curso não muito usual na época para deficientes visuais, Educação Física. O atleta relata:

*vou te falar uma coisa, não posso nem dizer que foi difícil ou que foi diferente, apenas foi. Porque quando perdi a visão com três anos, aos quatro fui para (outra cidade), aos sete fui para escola. Não fiquei na escola no primeiro ano, não porque não quis, foi muito mais por choradeira da minha própria família, da minha mãe. Ficava provavelmente naquela, como é que vai ser, porque preciso de cuidado especial, mas ao mesmo tempo tive alguém, dentro da minha família ‘não, ele tem que ir para aula, para escola, tem que crescer’ [...] aprendi o braille na escola especial no Instituto para Cegos e no segundo ano do ensino fundamental, já fui para o ensino regular e pronto [...] como é que estudava? Sentava geralmente alguém do meu lado, antigamente tínhamos aquelas cadeiras duplas, tinha geralmente um amigo que sentava comigo, copiava do quadro para ele, que ditava eu copiava em Braille, confesso para você que se lembrar da minha fase escolar não tive dificuldade nenhuma, nem de aprendizado e nem de adaptação com outros colegas, porque brincava sempre, bolinha de gude nesta época da escola era a febre, jogava, brincava, ganhava, brigava na escola [...] tenho lembranças maravilhosas de como foi [...] fui cursar a Faculdade de Educação Física e foi também uma surpresa naquele momento, primeiro até para os professores, porque não se tinha nenhum caso de uma pessoa com deficiência visual que tivesse cursado Educação Física, foi um choque ‘e agora, os professores’. Brinco que naquela época nós tínhamos a prova prévia de habilidades específicas que você corre, andava na trave; fazia isso, fazia aquilo. E quando fui fazer inscrição, foi uma surpresa muito grande para o professor, que ele já me conhecia [...] era um professor bastante ligado ao esporte, ele quando me viu ‘você veio fazer prova? Vai se inscrever no vestibular para Educação Física, mas não tem prova especial?’ Não queria falar muito, para não dar chance de me negar, porque se corria esse risco. Um ano antes tinha um colega que tentou fazer Educação Física, também deficiente visual, mas foi barrado. Então, quando fui, também tinha aquela expectativa ‘será que vão permitir, será que não vão permitir’ [...] sempre fui muito desafiador, desde pequeno.*

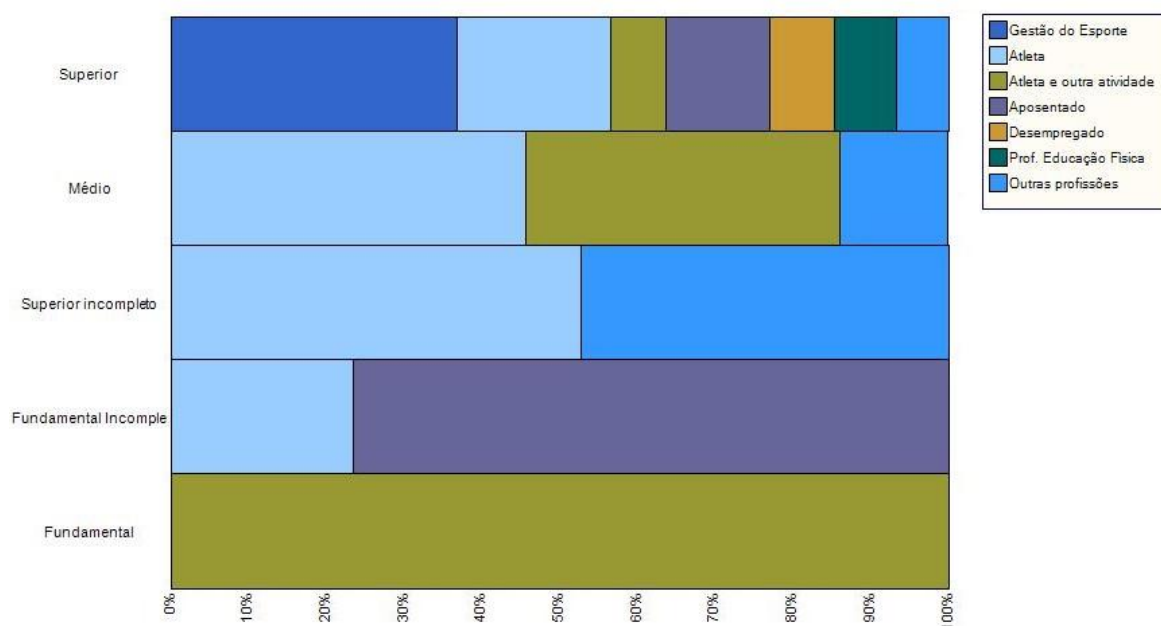
---

<sup>20</sup> Instituto Benjamin Constant – RJ; Colégio Vicentino Padre Chico – SP, antigamente chamado de Instituto de Cegos Padre Chico; Instituto de Cegos São Rafael – MG e Instituto Santa Luzia – RS. Estas instituições merecem destaque por possibilitarem aos seus alunos o aprendizado necessário sobre a deficiência e os desafios a serem vivenciados para sua melhor adequação à sociedade.

## PROFISSÃO / OCUPAÇÃO

Não se pode falar sobre profissão / ocupação sem levar em consideração o nível de escolaridade. Desta forma, a figura 17 ratifica as falas anteriores, onde a importância da formação acadêmica é ressaltada, visando uma ampliação no leque de oportunidades. Neste estudo, esta situação possibilitou seis diferentes campos de atuação.

**Figura 17:** Relação entre o nível de escolaridade e a profissão / ocupação



Fonte: Autor.

Atletas que tiveram a oportunidade de cursar o nível superior obtiveram proporcionalmente mais opções para trilhar seu caminho. A gestão esportiva aparece como uma alternativa de se manter no ambiente esportivo, seguida da formação em Educação Física. Outras formações acadêmicas, Psicologia, Nutrição, Pedagogia, Análise de Sistema e Direito, surgem como opção para inserção no mercado de trabalho.

Alguns atletas reforçam a vontade de ingressar no ensino superior e retomar os estudos:

A16 “penso em fazer uma faculdade, hoje como atleta, nosso futuro passa mais para parte do esporte, na preparação de atleta [...] mas tendo conhecimento, fazendo faculdade [...] fica mais fácil para formar atletas e passar um pouco do meu conhecimento”;

A18 “deixei muito os estudos de lado e agora quero retomar, fazer uma faculdade, porque já é difícil para quem tem, para quem não tem, é mais difícil ainda”;

A20 “*quero retomar esta questão da faculdade, porque acho que para mim vai abrir um leque de alternativas muito importantes vou associar a teoria à prática, a vivência que tenho com um pouco mais de propriedade, faltam dois períodos, sétimo e oitavo, faltava um ano, pouquinho*”.

A área do esporte é um mercado de trabalho que desperta muito interesse nos atletas, sendo que 22% são professores ou estão terminando a formação:

A6 “*eu tenho um interesse na Educação Física até para me manter envolvido no esporte paralímpico*”;

A16 “*não sei se me vejo trabalhando em uma empresa, quando dei uma parada, mandei vários currículos para empresas [...] de 1999 até 2000 dei uma parada para tentar alguma coisa. Lembro que entreguei meu currículo [...] fui chamado para entrevista, na sala tinha umas doze pessoas mais ou menos. Lembro que quem estava na entrevista eram pessoas que tinham formação, experiência, com um currículo que eu quase que entrei debaixo da mesa. O que você tem? ‘ensino médio completo’, tem experiência? ‘não’, já trabalhou? ‘não’, tá bom, a gente vai entrar em contato com você. O mercado de trabalho hoje é muito exigente. Se tiver um cadeirante e uma pessoa com uma perna mais curta que a outra, eles vão escolher o que tem uma perna mais curta que a outra, porque com o cadeirante eles vão ter que alterar toda estrutura da empresa, fazer rampa, mudar a rotina, contratar uma pessoa para ajudar o cadeirante [...] hoje com a lei de cotas eles são obrigados a ter acessibilidade mesmo sem ter o cadeirante*”;

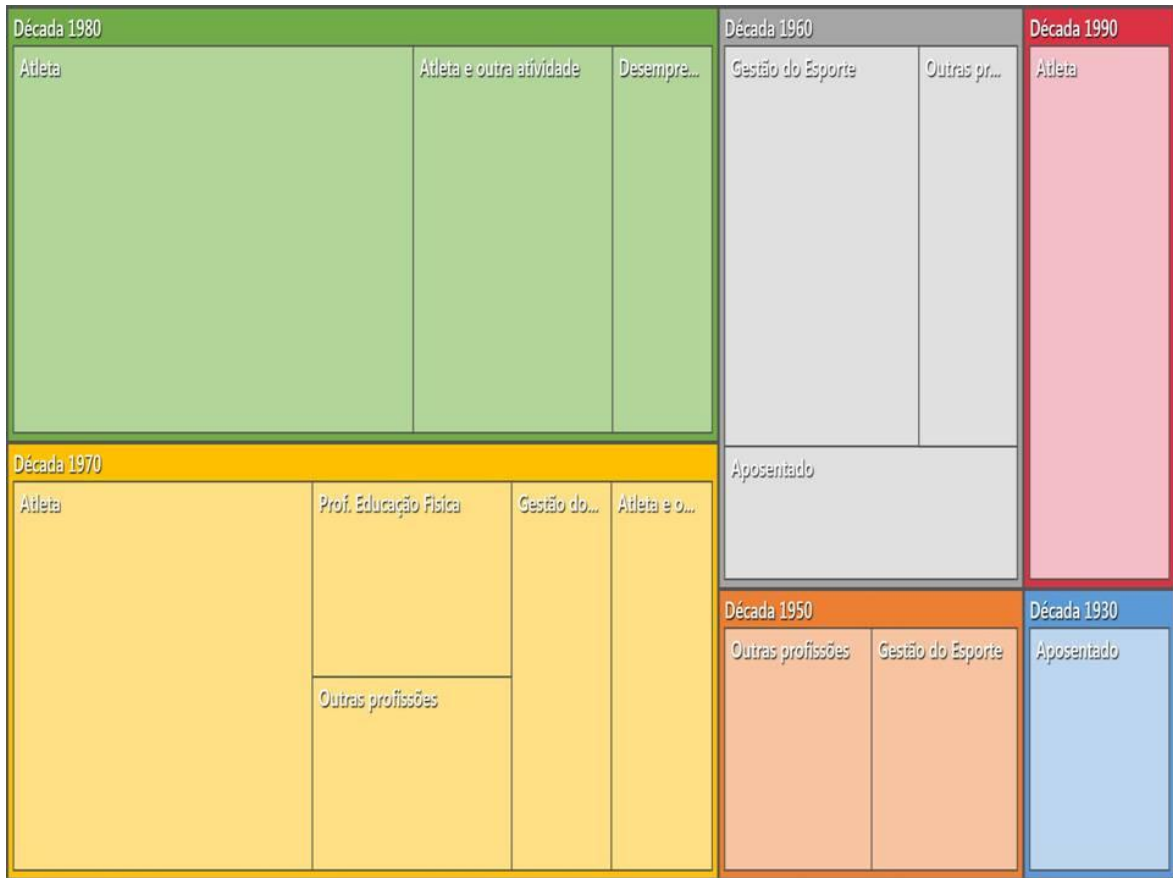
A18 “*quero ver se continuo assim nessa área do esporte, tinha vontade de fazer Educação Física ou Fisioterapia [...] de repente me especializar mais na área esportiva mesmo. Não consigo me ver em outra área e não tenho vontade de ficar dentro de uma sala, presa, isso é terrível*”.

A necessidade de trabalhar e ter uma ocupação forçou a atleta A1 a adotar outra estratégia para conseguir manter seu sustento:

*eu nunca pensei em retomar os estudos, achava que só com a minha disposição de trabalhar, teria um emprego bom. Então a minha vontade de fazer, trabalhar, superava a falta de instrução [...] fui aprendendo, aprendendo [...] um amigo meu dizia assim: ‘o deficiente tem que ser melhor que o andante’, quando ele vai procurar o emprego tem que ser melhor do que aquele que está do lado dele pedindo emprego, eu sempre me lembrava disso [...] a minha vontade de trabalhar, fazer um trabalho limpo, certo, suplantava a necessidade de ter estudo. Logo eu me conscientizava do que tinha que fazer, então superava aquela falta de estudo.*

A carreira de atleta como atividade laboral aparece em 50% dos entrevistados, sendo reconhecida definitivamente pelos atletas nascidos após a década de 1970 (figura 18) como profissão. Infelizmente a dedicação exclusiva ao esporte é uma condição para poucos, sendo necessário dividir seu tempo com outras atividades (17%).

**Figura 18:** Mapa hierárquico referente à distribuição das profissões / ocupações pelo período de nascimento.



Fonte: Autor.

A possibilidade de ter o esporte como atividade laboral é recente e esbarra em questões legais, principalmente em relação ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). A mobilização de diversos setores da chamada Seguridade Social, regulamentada pela Constituição Brasileira, envolve o Ministério do Trabalho, a Previdência Social, o Ministério da Saúde, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que são responsáveis por ações que amenizem as desigualdades impostas pela deficiência. O Benefício de Prestação Continuada (BPC), a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), a aposentadoria por invalidez e o auxílio doença asseguram recursos financeiros para pessoas com deficiência que não tem outra fonte de renda nem outra forma de se prover financeiramente.

Alguns atletas se beneficiam destas ações:

*A3 “acabei recorrendo ao benefício de prestação continuada do Governo Federal, que assegura um salário mínimo para a pessoa com deficiência que não tem outra fonte de renda e que não tem outra forma de se prover financeiramente”;*



*A17 “a renda da aposentadoria é o que me dá segurança, meu porto seguro. Sou aposentado por invalidez, se não tivesse aposentadoria, nem esporte estaria praticando porque não tem como [...] na época quando sofri o acidente até quando iniciei o esporte não tinha essa capacidade laborativa, não tenho como hoje dizer para você que abriria mão disso, porque é meu porto seguro, porque a gente não tem segurança no esporte. Acho que é só a nomenclatura que eles usam porque se você for ver, convivo com deficiências que vamos pensar, o pessoal da Bocha, vai jogar com eles para você ver, não tem invalidez nenhuma, tem uma condição física bastante grave”.*

Existem problemas graves que ainda precisam ser esclarecidos, como aborda o atleta

A8:

*a proposta que o governo teve para poder amenizar a culpa, se é que tem alguma culpa nisso, foi criar os benefícios da prestação continuada, que o cara ele não é mais cidadão, ele não tem direito de voltar, não tem mais trabalho, aposenta por invalidez. E que hoje, eles nos acusam de ter arrombado a previdência colocando um número muito grande de pessoas que poderiam ter sido reabilitados, mas não foram reabilitados porque eles não reabilitaram e agora eles estão dizendo que estão revendo as aposentadorias por auxílio doença, que justamente são aqueles casos que eles não quiseram reabilitar. E aí o pior que agora o cara já está com uma seqüela, uma deficiência acentuada, não teve reabilitação, mas vão mandar o cara para fora, aí ele perde a aposentadoria. Nós estamos aqui apontando para o caos, o cara não vai ser atleta, o cara não vai ser cidadão e o cara não vai ter o dinheiro da previdência.*

Com a criação do Programa Bolsa Atleta em 2006, muitos atletas se beneficiaram e passaram a se dedicar ao esporte e a representar o país em competições nacionais e internacionais. Em virtude da aprovação pelo Congresso Nacional, em agosto de 2015, do artigo nº 41 da Lei nº 13.155, que determina que os beneficiários do Programa Bolsa Atleta que recebem acima de um salário mínimo sejam segurados pela Previdência Social como contribuintes individuais, tornou-se compulsório o recolhimento da alíquota de 20%. Se por um lado beneficiou alguns, por outro lado gerou uma série de críticas e impactos sobre o futuro da carreira esportiva de alguns atletas. De acordo com a Previdência, ao efetuar esta contribuição, quaisquer outros benefícios são suspensos. Em alguns casos, o valor recebido pelo programa Bolsa Atleta é maior que o benefício, só que a insegurança por conta dos atrasos causa medo e dúvidas em relação ao futuro (REBELLO; GOZZER, 2017).

Os autores ainda ressaltam que existe um impasse entre os atletas, a Receita Federal, o INSS e o Ministério do Esporte. O orgulho de se considerar atleta passou a ser um problema trabalhista, já que ao considerar a carreira de atleta como uma atividade laboral, fica subentendido o retorno ao mercado de trabalho. A falta de uma política pública de longo prazo que consiga dar condições para que o atleta se desenvolva, ainda precisa ser debatida. O fato é que muitos atletas, ao abrirem mão do direito de receber o incentivo financeiro para o

seu desenvolvimento no esporte, provavelmente não terão mais condições de continuar no alto rendimento esportivo. Esta questão das políticas públicas de incentivo ao esporte e os incentivos financeiros recebidos serão aprofundadas na seção mais a frente, quando será abordada a trajetória esportiva dos atletas com deficiência.

## **A DEFICIÊNCIA NO CURSO DE VIDA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA**

A deficiência envolve um conjunto de emoções tanto para a pessoa que a adquire ou nasce com algum tipo de limitação, como também para família, que não sabe de que forma agir perante esta situação, sendo considerado um marco na vida dos mesmos. Uma das soluções para este impasse esbarra em políticas públicas de atendimento para os envolvidos. Conhecer as barreiras e os facilitadores para o desenvolvimento não só da pessoa, mas também da sua família, é o grande desafio para as próximas décadas. De acordo com o censo de 2010 do IBGE, estima-se que 23,9% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, (IBGE, 2012).

Esforços internacionais em relação à luta pelos direitos das pessoas com deficiência, sob uma perspectiva inclusiva e dos direitos humanos, tem como princípio a igualdade de oportunidades. Desde o final da década de 1940, este tema figura na pauta de discussões nas assembleias das Nações Unidas: Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); Declaração sobre os Direitos das Pessoas com Retardo Mental (1971); Declaração dos Deficientes (1975); Ano Internacional das Pessoas com Deficiência (1981); Programa Mundial de Ação para os Deficientes (1982); Década das Pessoas com Deficiência (1983-1992); Regras Padronizadas para Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiência (1993) e Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006)<sup>21</sup>.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD em inglês *Convention on the Rights of Persons with Disabilities*), adotada em 2006, tem como propósito:

*[...] promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade, além de enfatizar o conceito social de longo prazo para a deficiência, ou seja, pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em*

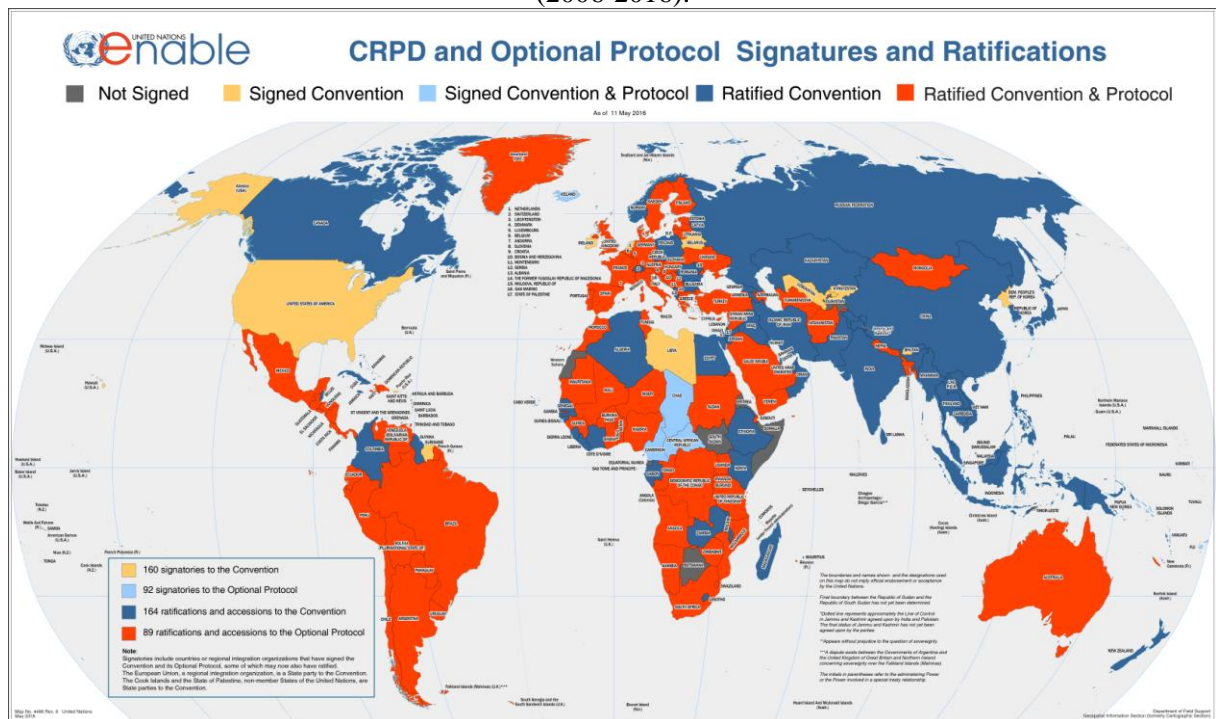
---

<sup>21</sup> Para maiores informações sobre as ações promovidas pelas Nações Unidas em relação à pessoa com deficiência acesse: <https://www.un.org/development/desa/disabilities/>.

*igualdade de condições com as demais pessoas[...]. (BERTOLUCCI JR, 2012, p.03)*

A figura 19 demonstra o efeito da CRPD e seu protocolo facultativo após dez anos, ressaltando os países que o assinaram: a) a Convenção; b) a Convenção e seus protocolos; c) ratificaram a Convenção; e d) ratificaram a Convenção e seus protocolos. Alguns países do continente Africano (Eritreia, Somália, Sudão do Sul, Guiné Equatorial, Botsuana e Saara Ocidental) e da Ásia (Tajiquistão e Timor Leste) ainda têm dificuldade de promover os direitos humanos e as liberdades fundamentais para pessoas com deficiência, não respeitando sua dignidade, obstruindo sua participação plena e efetiva na sociedade.

**Figura 19:** O efeito da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) após dez anos (2006-2016).



**Fonte:** Division for Social Policy and Development Disability (www.un.org).

Caminhando neste sentido, a Agenda para o Desenvolvimento Sustentável para 2030 reconhece as pessoas com deficiência como um grupo vulnerável e estabelece 17 objetivos (figura 20) com a perspectiva de colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente. É um plano de ação para pessoas e para o planeta, visando a prosperidade, “não deixando ninguém para trás” (ONUBR, 2016).

**Figura 20:** 17 objetivos de desenvolvimento sustentável proposto pela Agenda 2030.

Fonte: ONUBR, disponível em: <http://www.agenda2030.com.br>.

Neste sentido, a necessidade de atos normativos na esfera municipal, estadual e federal que incentivem ações em prol das pessoas com deficiência é determinante para que este grupo deixe de ser visto como vulnerável. O quadro 2 apresenta a evolução do aparato legal no Brasil e no Mundo no período de 1948 a 2006, em relação à pessoa com deficiência.

**Quadro 2:** Aparato legal voltado às pessoas com deficiência.

ANO	ÂMBITO	DECLARAÇÕES, LEIS, POLÍTICAS E NORMAS	PERSPECTIVAS PARA A DEFICIÊNCIA OU PARA A PcD
Até 1948 - Fase da <b>reculso ou segregação social</b> - visão MÉDICA da deficiência			
1948 a 1981 - Fase da <b>reabilitação e integração social</b> - predomínio do conceito MÉDICO da deficiência			
1948	ONU	Declaração Universal dos Direitos Humanos	Direito à segurança no caso de invalidez
1971	ONU	Declaração dos Direitos do Deficiente Mental	A limitação na faculdade mental promove diferentes graus de responsabilidade e não impede o desenvolvimento ao máximo de aptidões e possibilidades
1975	ONU	Declaração sobre o Desenvolvimento e Progresso Social	Integração no mercado de trabalho e nos sistemas educacionais e de saúde
1975	ONU	Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes	Deficiência física ou mental gera a incapacidade se a pessoa não consegue assegurar por si mesmas suas necessidades individuais
1981 a 1999 - Fase da inclusão social - o conceito social contribuindo na visão médica da deficiência			
1981	ONU	Ano Internacional das Pessoas Deficientes	Inclusão social: a deficiência não deve resultar de barreiras sociais ou do meio ambiente
1982	ONU	Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência	Há desvantagem na relação da PcD e o meio ambiente, se ocorrerem barreiras físicas, culturais e sociais que comprometam o acesso aos sistemas sociais
1983	OIT	Convenção 159 / Conferência Internacional do Trabalho	Integração no mercado de trabalho / reabilitação
1988	Brasil	Constituição Federal Brasileira	Criar ambiente social acessível, superando barreiras físicas (obstáculos arquitetônicos, espaços públicos); econômicos (BPC, equiparação de salários, cotas de empregos); sociais (proteção com acesso à saúde, assistência pública e promoção social); atitudinais (eliminação de preconceitos)
1989	Brasil	Lei 7.853/89, regulamentada pelo Decreto 3.298/99	Implementa a Constituição via Política Nacional para a integração da pessoa com deficiência
1991	Brasil	Lei 8.213/91	Inclusão mercado de trabalho
1993	ONU	Normas para equiparação de oportunidades para PcD	Deficiência, Incapacidade e Desvantagem não apresentam relação direta
1993	Brasil	Lei Orgânica de Assistências Social (LOAS)	Garantia dos mínimos sociais, promover habilitação e reabilitação
1994	ONU	Declaração de Salamanca e Conferência Mundial sobre a Educação Especial	Definição dos planos nacionais de educação especial - inclusão do sistema educacional
1999	Brasil	Decreto 3.298/99 atualizado pelo Decreto 5.296/04	Implementação da Política Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência
1999	ONU	Convenção Interamericana para eliminação de todas as formas de discriminação contra as PcD	Eliminar discriminação e outras barreiras geradas pelo ambiente econômico e social
2000 em diante - Continua a Fase da <b>inclusão</b> - o CONCEITO BIOPSISSOCIAL da deficiência			
2004	Brasil	Norma Técnica sobre Acessibilidade NBR 9050	Acessibilidade nas edificações e outros espaços públicos e privados
2006	ONU	Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência	Consolidação do Modelo Biopsicossocial, destacando a deficiência como resultante de impedimentos de longo prazo e de barreiras diversas, impeditivas de plena participação

Fonte: Bertolucci Jr (2012).

Dez anos se passaram e a CRPD trouxe grandes avanços em relação à garantia dos direitos da pessoa com deficiência no país, como: a aprovação do texto e do protocolo facultativo da CRPD, passando a ter valor constitucional (decreto nº 186/2008); a elevação da

Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE)<sup>22</sup>; a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, órgão da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (decreto nº 7.256/2010); a instituição do Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência - Viver sem Limites (decreto nº 7612/2011); a aprovação do Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei Brasileira de Inclusão (lei nº 13.146/2015); e o papel de liderança exercido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE)<sup>23</sup> na luta dos direitos das pessoas com deficiência. Estes atos normativos, estabelecidos a partir de leis, decretos e resoluções, carecem de uma aplicação prática mais efetiva. Um maior esclarecimento para as pessoas com deficiência sobre os seus direitos associados a uma conscientização dos deveres das pessoas sem deficiência poderá contribuir para a construção de uma sociedade que necessita acolher não só o deficiente, mas todos os grupos em condição de vulnerabilidade social.

O atleta A8 ressalta a dificuldade, em pleno século XXI, das pessoas entenderem a deficiência como uma condição normal do indivíduo frente a uma adversidade e que precisa, pelo menos em um primeiro momento, de um olhar mais protetor, acolhedor:

*somos excluídos, onde a ignorância, o olhar, não é um olhar protetor, não é um olhar integrador, tanto é que hoje você tem a Constituição Brasileira e para as pessoas com deficiência você tem a Lei Brasileira da Inclusão, que na verdade é um estatuto disfarçado, então para todo mundo, cidadão brasileiro tem a constituição, mas o cidadão brasileiro com deficiência tem um estatuto, uma lei a parte? Porque não nos consideram como um cidadão completo ou considera que a gente precisa de uma legislação com um pouco mais de explicação. Então eu acho que quando diz para todos é para todos, mas ainda na prática não é assim. É para todos, mas também para pessoa com deficiência por isso é necessário. Eu acho que ainda somos cidadãos diferenciados e a nossa briga é para ter o direito da igualdade.*

O Brasil avançou na construção de atos normativos em relação aos Direitos Humanos ao concentrar suas ações na promoção de uma maior liberdade, igualdade e solidariedade em relação às pessoas com deficiência. Esta liberdade está associada com a eliminação de barreiras físicas, atitudinais e financeiras, além do preconceito que impede a igualdade nas oportunidades de emprego. É importante destacar ainda a Lei da Acessibilidade (nº10.198/2000), o decreto de Libras (nº 5.626/2005), o decreto do Cão Guia (nº 5.904/2006), os investimentos na Educação Inclusiva, as ações de Reabilitação e o respeito ao Desenho

---

<sup>22</sup> A criação da CORDE através do decreto nº 93.418, de 29 de outubro de 1986, significou um passo importante na ação governamental voltada para os direitos das pessoas com deficiência (LANNA JÚNIOR, 2010).

<sup>23</sup> A criação do CONADE, através do decreto nº 3.076, de 1º de junho de 1999, como órgão superior de deliberação coletiva com a atribuição principal de garantir a implementação da Política Nacional de Integração da Pessoa com Deficiência, tendo sido responsável por duas Conferências Nacionais dos Direitos da Pessoa com Deficiência e quatro Encontros Nacionais de Conselhos de Direitos das Pessoas com Deficiência, além de capitanear a campanha “Acessibilidade – Siga esta ideia” (LANNA JÚNIOR, 2010).

Universal de Acessibilidade na construção das casas dos projetos Minha Casa, Minha Vida (LANNA JÚNIOR, 2010).

## MOMENTO DE AQUISIÇÃO DA DEFICIÊNCIA

Nascer com a deficiência (07 atletas) ou adquiri-la antes dos primeiros doze meses de vida (03 atletas) tem um impacto profundo na vida das famílias e na experiência do indivíduo. Segundo Sherrill (1997), nascer com deficiência limita o acesso a determinadas oportunidades e afeta o desenvolvimento psicossocial e motor. Atletas com deficiência adquirida geralmente tem maior autoestima do que atletas com deficiência congênita.

A deficiência física representa 45% dos atletas que nasceram com algum tipo de deficiência, seguida da deficiência intelectual (33%) e da deficiência visual (22%). Nos atletas A3 e A15, sua deficiência, por ser degenerativa e progressiva, só se manifestou de maneira definitiva na adolescência, aos 13 e 12 anos, respectivamente, causando impactos semelhantes ao de atletas que adquiriram a deficiência neste período (21%), em função dos mesmos já possuírem certo nível de socialização. O relato do atleta A3 destaca esta situação:

*[...] quando o processo começou em si, foi com 13 anos de idade, que começou a agravar. Aí eu senti realmente a diferença, o distanciamento entre a teoria e a prática porque eu já estava começando a sentir na pele os efeitos da atuação da doença em si e os reflexos sociais que aquilo estava me trazendo, porque também comecei a sentir um pouco abandonado pelos colegas até porque por ser adolescente, aquele ritmo de certa convivência social com aqueles que me cercavam começou a se modificar. Alterou tanto que eu passei a conviver e aproximar de pessoas que tinham a mesma situação que a minha, então aquela experiência de vida daqueles colegas, ela foi fundamental para que eu pudesse de fato entender aquela minha realidade e encará-la de frente e que eu não deveria fugir daquilo, eu tinha que enfrentar. Enfrentar significaria no futuro, aceitar de certa forma aquela realidade e procurar me adaptar às situações, àquele mundo novo, a minha nova maneira de ter que viver, de ter que enfrentar a vida.*

A família aparece como a “base de tudo, defende você com unhas e dentes”, sem esse apoio, principalmente nos momentos iniciais da vida, como relatado pelo atleta A11, não seria possível. A estrutura familiar e as diferentes estratégias utilizadas pelos seus membros na perspectiva de minimizar os efeitos da deficiência fizeram toda diferença:

*A3 “o processo está muito próximo da família, ajudou ter a minha família ao meu lado desde pequeno, os meus pais não me enganaram, não me ocultaram essa informação de que aquela (deficiência) que eu tinha na infância, em determinado momento da minha vida passaria a alterar todo o meu curso de vida. Até os meus 7/8 anos meus pais eles trataram muito diretamente, muito claramente isso comigo, então para mim, foi muito importante”;*

A6 “o apoio da família acho muito importante, minha mãe foi uma pessoa muito importante na minha caminhada. Minha mãe, minha irmã que tomava conta de mim quando minha mãe ia trabalhar [...] eu vi a importância da família, de te ajudar naquele momento que você mais precisa, minha mãe quando ela não tinha, arrumava dinheiro emprestado para que eu fosse pegar o ônibus para treinar, muitas das vezes foi assim. Outras vezes ela tirava da passagem dela para me dar, foram momentos assim difíceis, mas que depois eu vi que realmente o apoio da família é muito importante. Eu agradeço muito a minha família por ter chegado até onde eu cheguei hoje”;

A7 “a insistência da minha mãe em mim, sabe, eu até me emociono com isso! O tanto de trabalho que eu dei para ela, o tanto que tentei me desvirtuar e ela nunca desistiu, até hoje, ela sempre está comigo [...] porque o que ela fez comigo, o que ela e o meu pai fizeram por mim, me ensinou mais que tudo [...] acho que foi a insistência dela querer me mostrar, sempre o caminho certo, junto com ela, a minha esposa, eu sou abençoado nesse sentido, que realmente sempre foi muito sincera e me apoiou com tudo”;

A15 “minha mãe sentou com meus irmãos e escondeu a (deficiência) de mim, foi acertado, se eu ficasse sabendo entraria meio que em depressão, não ia querer brincar com meus irmãos porque saberia que tinha um problema, não ia querer fazer tudo como as outras pessoas porque iria conscientemente saber que tinha um problema e que não seria ninguém no futuro [...] minha mãe escondeu algo de mim e eu vivi como qualquer outra pessoa, normalmente”.

Ter nascido em um período marcante no cenário nacional e internacional de luta pelos direitos das pessoas com deficiência (década de 1980) fez com que 67% destes atletas tivessem assegurado, de forma legal, as condições necessárias para seu desenvolvimento. Mesmo tendo seus direitos assegurados por lei, estes atletas tiveram que mudar para municípios maiores ou que oferecessem melhores condições de desenvolvimento (22%) ou para grandes centros urbanos (33%). O fato de buscar novas oportunidades e quebrar a dependência familiar levou o atleta A18 a ter maior maturidade e assumir suas próprias responsabilidades: “tinha que me adaptar a tudo, com o tempo as coisas foram ficando cada vez mais normais, mas é um processo difícil”. Para o atleta A4 esta mudança foi fundamental:

*na minha família, eu era (filhinho). Quando eu cheguei ao clube passei a ser (filhão), então na minha família era (filhinho) para lá, (filhinho) para cá. (Filhinho) não pode isso, pega aquilo lá para o (filhinho), ajuda o (filhinho) ali, faz aquilo lá e aqui não, aqui era se vira, se vira, aqui você vai ter que fazer. Eu fui morar no clube só tinha cozinheira e uma mulher que arrumava as camas e você tinha que se virar, era como se você morasse em um quartel e aprendi a me virar mesmo.*

Os atletas A1, A3, A4, A6, A7 e A16 conseguiram constituir sua própria família, sendo que o atleta A1 encontra-se atualmente divorciado. O atleta A11 faz planos para o futuro, mas ainda precisa quebrar alguns preconceitos para viver uma vida independente, já que sua deficiência intelectual ainda está associada à dependência. A maternidade e a paternidade são destacadas pelos atletas:

A1 “o nascimento da minha filha foi muito marcante para mim [...] tenho duas filhas, depois vieram os netos, os bisnetos. Eu tenho sete netos por conta da idade e cinco bisnetinhos. Fora do mundo esportivo foram as coisas mais importantes que aconteceram na minha vida”;

A6 “Meu filho é meu maior troféu, minha melhor medalha. Foi um momento assim, maravilhoso que aconteceu em nossas vidas”.

A dificuldade de constituir uma família, em virtude de certa “dependência” faz com que metade dos atletas com deficiência congênita (05) resida com os pais. O atleta A3 descreve esta “experiência única” de constituir uma família:

*[...] foi uma etapa muito significativa, porque também eu sempre sonhei muito com isso, de poder constituir minha família, poder ter meus filhos, passar essa experiência que a vida me proporcionou. Agradeço muito a Deus por ter me permitido conhecer uma pessoa que me entende, me compreende que veio justamente para somar neste processo. Ela também, coincidentemente, passou por esse mesmo processo de perda gradativa da visão e sabe o que é essa realidade que a gente enfrenta no dia-a-dia. Então, encontrar alguém que me compreende, que entende tudo isso, que está do lado para somar, enfrentar essa questão diariamente, para mim foi a coroação de todo esse processo que a vida me permitiu passar. Hoje eu posso dizer para você que, se Deus chegasse assim e dissesse: ‘é o fim do caminho’, eu confesso sem medo de ser feliz, que eu partiria muito feliz, muito contente assim porque é sensacional, maravilhoso a vida de casado poder constituir família é sensacional. Lógico, acredito que ainda tem mais uma etapa que tenho certeza que Deus vai me permitir concretizar que ainda é poder ter meus filhos que a gente ainda não tem. Mas se Deus quiser, em breve isso vai acontecer aí sim a gente vai poder dizer que fechou o ciclo, fechou círculo no sentido de que, maravilha, tudo se concretizou, tudo se realizou, todos os projetos, todas as vontades, todos os sonhos foram materializados, valeu a pena.*

Adquirir uma deficiência, em contrapartida (11 atletas), dependendo do momento da vida em que ocorre (dos 21 aos 25 anos - 23%), o que o atleta A13 chama de “acidente”, traz impactos marcantes no curso de vida destes indivíduos e da sua família.

Este período de adaptação a esta nova fase da vida está diretamente ligado ao suporte recebido pela família e ao contexto social no qual os mesmos estavam inseridos. Como comentado pelo atleta A14 “há males que vem para o bem”:

A2 “meus pais eram do Nordeste, eles se encontraram e vieram para o Sul do país. Foram fazendo filhos: dois na Bahia, dois em Goiás e dois em Minas e aí começou a família. Meus pais trabalhavam na lavoura, meu pai era gerente de roça e minha mãe também trabalhava na roça e cuidava da família [...] eu era meio que superprotegido, ficava naquela redoma, ninguém mexe com o menino, todo mundo faz tudo, uma superproteção. Imagina um filho normal hoje em dia já tem proteção, ainda mais filho especial, fiquei praticamente dos dois até os cinco anos sem poder andar. Não tinha estabilidade ainda nesta época para ficar em pé. Eu ficava na cadeira de rodas para cima e para baixo o dia todo. Depois com uns cinco para seis anos eu já comecei ficar um pouco de pé, mas caía muito e com sete anos, quando eu ia entrar para escola, eu já estava até andando um



*pouco melhor, mas sempre caía [...] era dois passos, caía, dois passos, caía [...] tive que mudar um pouco o conceito de como ia viver a vida [...] você tem 24 milhões de deficientes físicos no Brasil, uma minoria consegue não ser excluído [...] é limite ali, não tem mais ou menos, ou você é ou não é”;*

*A12 “a gente tem duas vidas, antes da lesão e depois [...] antes da lesão a gente tem uma vida totalmente diferente, é como se fosse um novo nascimento [...] quando fui baleado, foi todo um histórico de retorno à vida. A lesão séria, a parte de imobilidade total praticamente, a dependência praticamente total e cada vez mais os pequenos ganhos, mas independente disso, a vida são tristeza e felicidades. Eu costumo sempre tentar perceber, as pequenas coisas, os pequenos prazeres”;*

*A13 “meus pais nunca tiveram uma condição financeira muito boa. Eles me davam condições de estudar, acabar os estudos, para depois pensar em trabalhar. Então, de repente eu me vi totalmente dependente financeiramente deles. Não tinha dinheiro para tomar um refrigerante, tinha que pedir isso para os meus pais, a família sofre muito com você. Meus pais eram separados, eles voltaram a morar junto para diminuir gastos, você fica muito suscetível aos espertalhões. Vai fazer isso que você vai voltar a andar. Tem até uma coisa muito engraçada, tudo que era centro de macumba minha mãe me levou. Eu virei para ela uma hora e falei: ‘chega, não vou mais voltar a andar, me deixa em paz’. Aí comecei a trabalhar e resolvi morar sozinho, isso aí também, meu pai e minha mãe piraram, morar sozinho?. Isso para você ver, a lesão medular está fazendo 23 anos, então naquela época eu estava fora dos padrões, como é que você vai viver sozinho? [...] eu vou viver, vou tentar, fui dando as caras e deu certo”;*

*A17 “a deficiência física é algo que você não tem como esconder, é visível. Não tem como, alguém estar me olhando eu esconder minha cadeira e tocar minha vida. É algo que faz parte de mim [...] o tipo de educação que tive, a formação familiar que tive, foi fundamental. Vim de uma família bastante pobre, que tinha que lutar para sobreviver, isso me deu essa competitividade essa necessidade de fazer diferente, não aceitar como ela é, buscar isso. Sou o único filho, no caso fui filho adotivo, de oito irmãos a ter uma formação acadêmica, os outros nem o ensino médio conseguiram concluir, infelizmente, minha mãe que me deu toda essa ajuda não pode vivenciar esses momentos, até agradeço pelo fato dela morrer antes do acidente porque não sei se ela suportaria me ver numa cadeira de rodas, ou passar pelo momento que passei, de dois anos terríveis de pós-trauma”;*

*A19 “a minha família encarou toda a minha deficiência, em um momento que ninguém conhecia isso, numa cidade pequena, ficou cego, acabou. Então isso foi importantíssimo, o meu momento de infância, adolescência quem sabe possa dizer que foi o mais importante. Porque primeiro me ensinou que eu era cego, segundo ensinou também que teria barreiras a vencer, não só arquitetônicas, não só limitações, mas tinha uma barreira social que teria que enfrentar para o resto da vida, como é até hoje. Então sempre fui um cara muito briguento, então isso me fez alguém, briguei, chutei, voltei, por característica sou mesmo contestador [...] volta e meia estou com projetos novos e vamos em frente”;*

*A21 “qualquer tipo de trauma que a pessoa passe, ela tem que ter uma estrutura para se manter, porque senão ela não aguenta, meus pais sempre me deram independência [...] esta questão me ajudou muito a lidar com a deficiência”.*

O envolvimento com a militância política referente ao movimento de luta pelos direitos da pessoa com deficiência marca o grupo de atletas que adquiriram a deficiência. Seu papel na construção e manutenção de ações que beneficiem as pessoas com deficiência está muito presente:

*A5 “comecei a brigar pelo direito das pessoas com deficiência, percebi que havia necessidade de ter mais gente falando a respeito da pessoa com deficiência, isso me levou a uma militância política partidária”;*

*A8 “cuidar dos 45 milhões de brasileiros, embora eu não cuide de cada um deles, é meu compromisso. Então eu estou lá no (conselho nacional de luta pelos direitos das pessoas com deficiência)”.*

Outros atletas se envolveram com a fundação ou com o trabalho efetivo em associações destinadas à pessoa com deficiência:

*A1 “eu comecei na causa com um grupo de pessoas com mentes bem diferentes. Então tinha dia que chegava toda alegre e eles me barravam. Eu era muito expansiva, sai da associação para fazer a minha entidade. Criei asas, voei, fundei uma associação, aquela minha vontade que eu tinha de fazer as coisas e o pessoal lá da outra entidade me podava, acabou [...] nós ajudamos através de indicações, fazemos trabalhos sociais”;*

*A17 “as pessoas chegam aqui realmente desacreditadas, sem perspectivas, desiludidas ou até mesmo sem noção realmente do que aconteceu e é o papel da Associação fazer a pessoa se tornar independente, transformar a cadeira rodas em um recurso para ela ter uma vida independente ou uma muleta ou o andador, sejam quais forem às necessidades que a pessoa chega até nós. Transformar ela em uma pessoa cidadã de novo, porque até então o trauma, o acidente, faz com que você se ache fora do padrão da sociedade, então ela te auxilia e o principal é você conviver com outras pessoas com deficiência. Porque assim, você sempre acha que o teu problema é maior, aí você vem para dentro de associação com vários tipos de deficiência, de baixa a alta gravidade, você observa que o seu problema às vezes é mínimo, até brinco ‘coitado do último da fila, porque ele não tem para quem olhar para trás’ [...] percebi que mesmo tendo um grande problema, tendo grandes dificuldades, poderia ajudar os outros. Sou voluntário da associação, se ela me ajudou nada mais justo de poder retribuir, seja com a minha imagem por ser um atleta de alto rendimento ou até mesmo trabalhando aqui, fazendo palestra ou ajudando aqueles que chegam aqui desacreditados como eu cheguei”.*

Esta característica de multiplicar a informação e atingir o maior número de pessoas, também está presente no atleta A11, considerado auto-defensor da luta pelos direitos da pessoa com deficiência e no atleta A12, que se intitula veiculador de informação:

*A11 “eu trabalhava no site de um (movimento de luta das pessoas com deficiência) [...] contava história para criança, mudando narrativa e este trabalho vai para adaptar para eles, para desenvolver mais rápido. Eu faço narração de história infantil”;*

*A12 “era um veiculador de informação, o trabalho deste (movimento de luta das pessoas com deficiência) basicamente era esse [...] isso me motiva muito [...] participo de um projeto de palestras que é de uma empresa de Rh. São*

*palestras motivacionais em empresas, isso até dá um retorno financeiro também, não é ainda aquilo que a gente espera, mas um dia será”.*

Todo este engajamento também se fez presente no esporte com a fundação de entidades esportivas nacionais, implantação de novos esportes, envolvimento direto com o desenvolvimento de ações e políticas para o esporte para pessoas com deficiência:

*A5 “assumi alguns cargos de importância nos governos municipais e estaduais, um desses cargos foi o de Superintendente de Esportes do Estado [...] agregava valores, pessoas de bastante importância, uma vitrine para as pessoas com deficiência de todo Brasil [...] hoje, a Associação consome boa parte do meu tempo, já estou aqui há sete anos, dentro da diretoria, com o cargo de vice-presidente financeiro, eu me apaixonei [...] você não mede muita a consequência pela paixão você não mede muita a consequência, vai ganhar o quê? vai deixar de ganhar, então você vem pela paixão, vem porque você gostou daquilo e se dedica àquilo, e nesses sete anos, logicamente eu tenho uma atividade paralela para poder me sustentar”;*

*A8 “trouxe do Canadá uma modalidade paraolímpica, já são treze clubes e 150 atletas, fiz parte da (da entidade que rege o esporte paraolímpico), era uma política para todos os atletas de diferentes modalidades”;*

*A15 “trabalho como coordenador de um projeto na prefeitura que é a reintegração da pessoa com deficiência através da prática do esporte adaptado, nós temos vários centros de treinamento e outros pólos onde os atletas ficam”;*

*A19 “fui convidado para trabalhar na então Secretaria de Esportes e Cultura do estado para trabalhar com este segmento. Com absoluta certeza demos os primeiros passos do paradesporto no estado [...] foi também um momento de organização nacional com a fundação de uma (entidade esportiva nacional), fui candidato à presidência, ganhei é bom que se frise, risos [...] trouxe uma modalidade para o Brasil, fui coordenador da seleção brasileira, fiquei até 2008, sou conselheiro fiscal (da entidade que rege o esporte paraolímpico). Participei também da criação e da execução (de projetos para jovens), hoje, faço parte do subcomitê (de um esporte paraolímpico) de uma (entidade esportiva internacional)”;*

*A20 “fui convidado para participar de uma comissão nacional em Brasília, ficava de 1 a 3 dias [...] fui convidado para gerenciar uma (entidade esportiva nacional) e tinha que estar viajando direto”.*

O atleta A12 também enfatiza que através das artes, do esporte, do trabalho e da informação é possível viver uma vida, dita normal:

*faço oficinas com a arte [...] a gente consegue propiciar pessoas que são o peso da família a ser o provedor pela Associação [...] a gente tem um plano de carreira, recebe um salário, que não é astronômico, mas também não é merreca, dá para ter certo conforto e segurança [...] pelo esporte a gente consegue sim agregar, mas às vezes também pelo trabalho [...] montei o time (de um esporte paraolímpico), então se não informar [...] tenho um blog que divulgo tudo lá, então a gente é um multiplicador.*

Este engajamento, militância política, pioneirismo na fundação de associações, característica multiplicadora de informação, seja no esporte, nas artes ou no trabalho

evidenciam os diferentes tipos de empoderamento (individual, coletivo e societal), tema este que será abordado mais a frente.

Migrar em alguns casos passa a ser uma necessidade, como relatado pelo atleta A2 “foi importante ter saído de uma cidade de 15.000 habitantes, sem nenhuma perspectiva”. Da mesma forma que constituir uma família (ser casado e ter filhos), foi o caminho trilhado por 82% deste grupo, atletas que adquiriram a deficiência, sendo que o atleta A12 e A19 atualmente encontram-se solteiros. Os atletas A14 e A21, não abordaram esta questão, mas como possuem uma independência e atualmente estão dedicados ao esporte, talvez deixem este momento para um futuro próximo.

O poder da paternidade é destacado pelo atleta A17 como mais uma motivação na sua vida, pelo fato de ter sido desacreditado pelos médicos sobre a possibilidade de ser pai:

*os médicos te orientam que você não tem a probabilidade de ter filhos, a probabilidade é bem remota [...] então minha esposa parou de tomar medicamento. O que aconteceu, minha vida começou a voltar ao normal, ela engravidou e veio o meu maior presente pós-reabilitação, que é a minha filha, hoje ela tem 15 anos. Com um ano começando a andar, segurando nas coisas. Eu tenho 1,81 de altura e tinha o hábito de parar a cadeira na porta, me segurar nos caixilhos e ficar em pé, mas com as forças dos braços para poder me segurar, porque se meu joelho dobrar eu caio. Ela nunca tinha me visto em pé [...] ela passando em frente me olhou, entendeu que era o pai, o que ele está fazendo em pé? Sou alto, não sou tão alto, mas sou alto para o padrão de uma criança de meio metro, e ela me deu os braços, queria que eu a pegasse no colo. Eu não pude pegar a minha filha no colo naquele momento, aquilo me marcou muito, e não sosseguei enquanto não a peguei no colo, demorou mais de um ano, fazendo muita fisioterapia [...] meus carros sempre são perua, por causa da cadeira de rodas, me segurei no rack, e pedi para ela vir, ela veio, segurando no rack, a peguei com o braço e consegui pegar minha filha no colo, claro até então ela sentava no meu colo com a cadeira e tudo, mas queria pegar ela, em pé. Enquanto não consegui fazer essa cena, não sosseguei.*

Infelizmente nos deparamos com profissionais que deveriam salvar vidas, mas por equívocos, vaidade ou negligência, acabam impactando de forma negativa a vida das pessoas, como ocorrido com a atleta A21 e A7:

*A21 “fui para o hospital com uma cólica renal. Estava com pedra no rim, fui para o hospital, tive uma negligência no atendimento que fez meu quadro piorar, fiquei mais ou menos 24 horas no pronto socorro, resumindo, fui para o pronto socorro era uma terça-feira de manhã com pedra no rim, não tem muito que se fazer, até então é comum ter uma pedra no rim, o médico me deu um analgésico para dor e fui para casa, esperar a pedra sair sozinha. Neste dia passei mal, muito mal durante o dia todo, no final do dia voltei para o hospital falei ‘olha, piorei’, uma coisa quase que insuportável, vomitava. Os médicos pediram exames de laboratório, sangue e urina, pediram um ultrassom para ver como a pedra estava lá dentro. Fiz o de urina e de sangue naquela noite sai os resultados falando que tinha uma infecção bem alta, faltou fazer o exame de ultrassom. Na noite tinha dois*

médicos, um médico receitou antibiótico para amenizar a infecção e o outro médico tirou o antibiótico, falou que não era necessário ainda, que tinha que esperar o exame do ultrassom que só iria fazer no outro dia de manhã. Quer dizer, fiquei a noite inteira com uma infecção já comprovada só tomando remédio para dor, tomando muito soro para hidratar. No outro dia fiz o ultrassom e no exame falou que estava com a pedra entupindo o canal da urina, então quer dizer, tinha tomado soro à noite inteira e não fazia uma gota de xixi, uma coisa já que ninguém percebeu. A infecção estava ali já, acumulada sem sair do corpo, na verdade aquilo fez a infecção se espalhar. Naquele dia fui levada para uma sala do setor renal para tirar a pedra do rim, desobstruir a pedra até então sem antibiótico, com a infecção ali se alastrando. Na tarde do segundo dia, uma enfermeira do leito, estava num leito normal, ela viu que já estava com infecção generalizada, só dela olhar para mim deduziu ‘ela está com sépsia’ ela chamou a UTI, nem mexeu em mim, correu chamou a equipe da UTI. Fui para UTI, os médicos questionaram porque tinha ido para lá, eles viram meu histórico, eles desacreditaram porque fui tomar o antibiótico só na UTI eles falaram ‘se ela tivesse tomado o antibiótico, no dia anterior ela não estaria aqui’. Quando você tem uma infecção generalizada é comum você ficar com as extremidades sem circulação no sangue, devido tudo o que acontece então aquele dia que fui para UTI era uma quarta-feira na quinta-feira meu pé já estava necrosado, então meu pé já estava sem circulação. Fui amputar ele só 20 dias depois, foi quando ocorreu a cirurgia, mas ainda assim fiquei com uma infecção muito alta, foi tudo muito rápido, foi uma bactéria muito difícil de combater, eles demoraram muito para encontrar o foco, a bactéria correta, para dar o remédio correto”;

A7 “precisei fazer uma transfusão de sangue logo que nasci, em uma das aplicações, a enfermeira atingiu a articulação que gerou toda a infecção (osteomielite no fêmur esquerdo), necrosou todo o osso e a musculatura [...] fiquei engessado da cintura até o tornozelo durante três anos, nestes três anos foram nove cirurgias [...] depois que tirei o gesso, cheguei a fazer outras três cirurgias, deve ter sido pedreira para minha mãe [...] graças a Deus não me lembro de nada”.

A violência urbana (assaltos, brigas, acidentes de trânsito) também aparece como um dos principais motivos para aquisição da deficiência. As estatísticas apontam estes motivos como uma tendência mundial, sendo que no Brasil, 56% das deficiências são adquiridas apresentando os acidentes automobilísticos e os ferimentos por projétil de arma de fogo como as causas mais comuns (WHO, 2011; BRASIL, 2012; VASCO; FRANCO, 2017). As falas dos atletas reforçam esta tendência:

A5 “presenciei uma briga de trânsito, passando no momento, tentei separar [...] tomei dois tiros, o segundo tiro pegou nas costas e saiu no peito”;

A12 “fui baleado, reagi a um assalto essa sequela foi agravada por um acidente automobilístico ainda no processo de reabilitação”;

A13 “fui assaltado, tomei dois tiros”;

A20 “fui atropelado em cima da calçada, o cara embriagado subiu na calçada e acabou me imprensando na parede”;

A22 “um dia estava indo treinar e fui atropelada por um ônibus”.

A falta de estrutura médico-hospitalar em algumas cidades, principalmente no interior do país, faz com que não exista um acompanhamento para gestantes (pré-natal), nem condições adequadas para realização do parto. Este foi o problema vivido pelo atleta A16:

*quando nasci, nasci ao contrário, normalmente uma criança quando nasce ela encaixa a cabeça, faz todo o processo. Comigo foi ao contrário eu nasci em pé e aí a minha mãe não tinha convênio, minha mãe não tinha uma estrutura para fazer um acompanhamento, pré-natal, fazer um ultrassom para saber como eu estava. Quando eu nasci, nasci na mão de enfermeira, na verdade nasci de parto normal. Falo que a minha mãe é uma guerreira, porque ter uma criança, sem um acompanhamento médico, sem ter uma estrutura, já é muito complicado, você nascer ao contrário, sem saber o que está saindo, ela não tinha noção de como eu estava dentro da barriga dela, tipo assim, vai ter que sair, ou você sai ou você sai. Realmente foi um sofrimento muito grande que ela passou. Porque não tinha médico, na hora que a bolsa estourou, ela conta que estava em um hospital e eles tentaram mandar ela para outro, porque lá tinha médico, em outra cidade, uma cidade maior. E na hora que a enfermeira viu, 'vai ter que ser nós mesmos, não tem médico, mas vai ter que ser nós'. Até então, minha mãe conta que aquele sofrimento de que vai ter que sair todo mundo empurrando, quando saí, faltou um milímetro para me degolar, tanto que eles me puxavam para tentar me tirar, faltou oxigênio no meu cérebro, porque saiu os pés e eu fique lá enganchado, eu não tinha como sair. Foi um sofrimento para poder sair.*

## PROCESSO DE REABILITAÇÃO / ESTIMULAÇÃO

A informação ainda é o principal viés quando nos referimos ao processo de estimulação (para quem nasce) ou reabilitação (para quem adquire) de pessoas com algum tipo de deficiência. Este processo está muito ligado às redes de atendimento, aos centros de reabilitação e às associações, que tem como principal objetivo disponibilizar para população serviços e orientações relacionadas a melhor perspectiva de vida.

Muitos municípios ainda não são capazes de garantir o direito universal e integral à saúde. Da mesma forma, as ações de reabilitação são desconectadas de uma política que promova serviços adequados, equidade de acesso e a integralidade no atendimento (RIBEIRO *et al.*, 2010). O Ministério da Saúde através do Sistema Único de Saúde (SUS) passa a ter como papel importante a ampliação da cobertura de atendimento por todo país e ações que se sustentem ao longo do tempo.

Grandes centros de referência como a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação – ABBR (1954), o Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek (1960) e a Associação de Assistência à Criança Deficiente – AACD (1961) se consolidaram como

importantes locais de atendimento e reabilitação, principalmente entre o grupo de atletas deste estudo:

*A5 “na realidade a ABBR<sup>24</sup> era referência nacional, depois vieram os institutos Sarah que tem um trabalho bom também de reabilitação, fiquei um ano internado, tive que pedir para sair porque eu já me achava capaz de superar desafios lá fora e aí já saí direto da ABBR, do sistema de reabilitação, para o esporte, o que completou o trabalho de reabilitação”;*

*A8 “para mim foi bom, embora hoje não exista mais (como centro de reabilitação de referência), hoje você não fica nem internado. Você sai do hospital de emergência vai para casa. Então você não reabilita, pega uma escara, morre de assepssemia, de infecção urinária. Na minha época você ficava internado até 10 anos. Eu fiquei internado dois anos, foi suficiente para eu adquirir a minha reabilitação. Hoje, você tem uma fase quando sofre o acidente chamado choque raquimedular, demora mais ou menos um ano para você entender o que aconteceu, o corpo se acostumar com aquela lesão. Hoje os atletas, as pessoas não tem isso. Você sofre um acidente e vai para casa”;*

*A12 “ABBR foi a minha primeira busca quando eu passei aquela parte médica da lesão, a parte inicial, eu fui para ABBR e na época tinha internação. Fiquei internado quase um ano, só saía final de semana para ir para casa [...] quando saí da ABBR, eu tive um segundo processo terapêutico que foi no Hospital do Fundão<sup>25</sup>. O Hospital do Fundão estava começando na época um tratamento com eletroestimulador. Então fiz por alguns anos essa eletroestimulação [...] deu um resultado legal, na época até para surpresa da própria equipe médica, eu já ficava de pé só com estimulação do quadríceps, ficava de pé na paralela, conseguia dar uns dois ou três passos. Me levaram inclusive para congressos médicos para fazer demonstração [...] acabei me tornando um veiculador de informação, bebi dessa fonte”.*

A situação descrita pelo atleta A8 foi vivenciada pelo atleta A13:

*foram três meses internado depois do tiro, porque na verdade eu tenho os projéteis no corpo, mas acabei pegando uma assepssemia no hospital, então foi só controlando isso, só controlando isso no hospital o tempo inteiro, quando conseguiram controlar um pouquinho falaram: ‘nós vamos te mandar para casa, para você fazer sua reabilitação em casa, porque nós achamos que o maior problema é a gente estar tentando acertar isso dentro do hospital, porque o foco de infecção é muito grande’. Então eu tive que fazer isso dentro de casa.*

Na década de 1970, segundo Ribeiro *et al.* (2010), existiam 14 centros de reabilitação, mas que não assistiam de forma adequada pela instabilidade na prestação dos serviços, muitas vezes estabelecidos na forma de convênios com hospitais, escolas especiais e instituições privadas. Na década de 1980, com a criação do SUS os programas de reabilitação passaram a

<sup>24</sup> Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação criada em 1954, localizada no bairro da Lagoa no Rio de Janeiro, por muitos anos foi o centro de referência no país no processo de reabilitação de pessoas com sequelas de poliomielite ou lesões motoras através de um atendimento especializado e de reintegração à sociedade e ao trabalho. Maiores informações, acesse: <https://www.abbr.org.br/abbr/historico/historico.html>.

<sup>25</sup> O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho criado em 1978, localizado na Ilha do Governador – Cidade Universitária no Rio de Janeiro, conhecido como Fundão. Maiores informações acesse: <http://www.hucff.uff.br/>.

ter administração federal, o que possibilitou os atendimentos de reabilitação na rede pública de saúde. Esta organização no processo de reabilitação ampliou as possibilidades para as pessoas com deficiência, mas privilegiaram apenas os grandes centros urbanos.

O papel do centro de reabilitação é destacado pelo atleta A17, reafirmando o exposto pelo atleta A8:

*fiz minha reabilitação em casa, passei 20 dias no hospital, hoje (na minha cidade) você dispõe do CHR<sup>26</sup>, da referência no Brasil que é o Sarah Kubitschek, o pessoal vai para Brasília para fazer reabilitação e a Associação. A única diferença que na Associação nós não temos como no Sarah esse tipo de coisa, fica um mês hospedado, fazendo todo tratamento. A única coisa que nós não temos é isso, mas a pessoa vem aqui e tem todo tratamento e iniciação no esporte. O foco da associação é a reabilitação, após a reabilitação, a pessoa é direcionada: eu quero voltar a trabalhar, ok, mercado de trabalho a gente faz encaminhamento para o mercado de trabalho; preciso terminar meus estudos, temos convênio com o EJA que é a educação para jovens e adultos, professores que vem aqui para uma sala adaptada para atender pessoas com deficiência. Tem pessoas que chegam de manhã aqui vão embora ao final da tarde, tem o refeitório nosso aqui que eles almoçam. Fazem fisioterapia de manhã, tem acompanhamento psicológico, faz terapia ocupacional, fica batendo bolinha com o tênis de mesa, mas o tênis de mesa não é o que eu gosto, então vai para bocha, vai na esgrima, vai no basquete, tem o tênis de quadra. A pessoa abre um monte de leque, quero fazer curso de especialização, quero ficar aqui batendo papo, tudo bem. Só não temos hospedagem. Hoje, o nome dado aqui é centro dia de reabilitação, porque é durante o dia que as coisas acontecem [...] não deixa de ser um sonho para nós ter uma infraestrutura que um Sarah, tem. A pessoa vai como se fosse para um hotel, onde lá ele vai participar de palestras, seminários, tratamentos e depois de um período ele acaba voltando com outra perspectiva, obviamente que a pessoa fica mais independente. Mas mesmo assim hoje o Sarah não consegue absorver a demanda, impossível. Lá no Sarah não é assim, aconteceu o acidente você já vai, como tudo no governo demanda fila de espera, o que acontece, muitos atletas ou usuários nossos, que a gente chama aqui de usuários do nosso atendimento, quando aparece a oportunidade de ele ir para o Sarah, ao invés deles ficarem um mês eles ficam 10, 15 dias, porque? Porque ele já está reabilitado, ele vai para fazer algum outro tratamento ou aproveitar a oportunidade, mas vão lá e acabam tendo os mesmos tratamentos que já ocorrem aqui.*

Estes centros de reabilitação são importantes para vida dos seus pacientes como relata os atletas A8 e A17, principalmente em relação a sua vida pós-reabilitação:

*A8 “eu moro em uma comunidade que desconhece a pessoa com deficiência e você volta para uma comunidade que você é um estranho, você é um ET. Eu não tive isso, quando eu voltei para casa eu estava conscientizado, adaptado e preparado. Então para mim, a minha reabilitação foi boa por conta disso”;*

---

<sup>26</sup> Centro Hospitalar de Reabilitação fundado em 2008 visando promover um serviço de saúde pública qualificada às pessoas com deficiência física. Não foi comunicado o estado para não identificar o atleta.



*A17 “a associação trabalha a questão de te adaptar à nova realidade e daí esta realidade nova se torna um pouco dura com você porque até então ‘assim que tirasse os ferros da minha perna ia voltar a trabalhar’. Todo mundo que ia me visitar ‘não, não, daqui a seis meses tiros esses ferros e volto a trabalhar’. Eu nem me mexia na cama direito, bairra de uma artrodese nas costas, fixação de quatro vértebras, aí a ficha vai caindo, mas ao mesmo tempo você não quer aceitar, acho que pelo fato assim de você entender e não aceitar e querer fazer diferente, como sempre fui assim, é o que me tornou a pessoa que sou hoje. Sou um cadeirante, uso uma cadeira de rodas, consigo ficar em pé, uso muletas, sou híbrido, porque a cadeira é funcional a muleta não é funcional. No mercado, não consigo carregar as coisas, como de muleta? Na cadeira boto uma cesta, sou mais ágil, mas a fase de reabilitação os dois primeiros anos, foi terrível. Dores constantes, infecção, visita constante no médico, você acaba desacreditando em tudo e em qualquer profissional”.*

A estimulação precoce multiprofissional é o melhor caminho para fazer com que crianças desde cedo tenham suas capacidades funcionais estimuladas, como comentado pelo atleta A11:

*tive vários tratamentos, psicóloga, fonoaudióloga. Minha mãe era professora, formada em psicologia e algumas dificuldades que eu tive de infância me ajudou muito a desenvolver, principalmente a fala [...] fiz tudo, fisioterapia, desde pequeno posso dizer.*

A dificuldade de conseguir uma estimulação no período inicial da vida faz com que algumas pessoas tenham que buscar melhores condições de atendimento para ter acesso a condições mais adequadas para o desenvolvimento. Este foi o caso do atleta A16:

*os médicos quando eu comecei, não sentava, não falava. Eles falavam que era fraqueza, então empurravam vitamina, ‘coloca ele para andar, coloca ele no sol’. Não conseguia andar porque no máximo uma criança está andando com um ano, tive filho agora eu sei que entre nove meses e um ano as crianças já estão dando os passinhos, já estão andando. Me colocavam no chão, caía e não conseguia sentar e os médicos falando que era fraqueza. Não se preocupa, ele vai andar, uma hora ele vai andar, uma hora ele vai andar, não se preocupa [...] não tinha firmeza nas pernas, minhas pernas não esticavam, travava tudo [...] já tinha uns dois anos e meio, tivemos que (fazer uma migração estadual) para conseguir um melhor acompanhamento, porque onde a gente morava não tinha uma estrutura.*

Como citado anteriormente, o acesso à informação é fundamental para buscar as melhores condições de desenvolvimento. O atleta A12 e A16 comentam da dificuldade encontrada na época:

*A12 “uma colega que era da Sade<sup>27</sup> levou uma fita, ainda na época em VHS, com vários esportes, aquela coisa de veicular informação, aí foi dali que eu soube que tinha natação, existia mergulho [...] era uma época que a gente não tinha muita informação sobre as facilidades e contornos da lesão*

---

<sup>27</sup> Sociedade Amigos dos Deficientes criada na década de 1960, localizada no Rio de Janeiro, foi responsável da promoção do esporte e da cultura pró deficiência em todo estado e também no Brasil. José Carlos Blanco foi o responsável por toda esta transformação.

*[...] as grandes dificuldades e a própria repercussão do esporte. Hoje, quem entra para o esporte, graças a Deus, tem já uma televisão para ver ‘caraca esse Daniel Dias consegue nadar’ Então isso já encurta o caminho, a história da fita, se não fosse isso talvez eu ainda passasse um bom tempo sem ter acesso, naquele período, me incomodava muito, porque sempre gostei de atividade física e de repente eu ficava naquela [...] via no jornal alguma coisinha que só falava de basquete que era o que tinha, mas tetra não faz nada? Então assim a minha frustração com a vida e esta aspiração esportiva era muito grande. Eu achava que o tetra não podia fazer nada, não tinha nada para ser feito, tanto que eu via na prática quando eu comecei era só eu, era o time do eu sozinho, porque não tinha outros tetras fazendo”;*

*A16 “quando minha mãe chegou a São Paulo, não tínhamos muito conhecimento apesar de a cidade ter todos os recursos que a gente precisava, mas a gente não sabia para onde ir. Minha mãe não sabia para onde ir. Ela batia na porta dos hospitais fazia um período e eles mandavam a gente para casa ‘fisioterapia você faz em casa mesmo’ até que surgiu a Santa Casa de São Paulo”.*

Em relação à reabilitação, o sistema de internato muito utilizado nas décadas de 1980 e 1990, beneficiou muitas pessoas ao possibilitar através da orientação, compreensão e troca entre os pares, os ajustes necessários para este novo momento da vida:

*A12 “na época eu, tetrão, para ficar na cadeira eu ficava amarrado, tinha que colocar uma faixa no peito porque senão eu caía. Tocou a cadeira, nem pensar. Teve todo o processo terapêutico sim, tábua ortoestática, terapia ocupacional, a parte de cinesio, mas o grande ganho que eu tive ainda na ABBR, a ficha só veio a cair depois, eram as interações, as trocas com pessoas como eu ‘você sente diferente, você faz diferente’ e a gente vai aprendendo um com outro. Depois disso, acelerado pela chuva de informações por ter trabalhado no CVI<sup>28</sup>, mas ainda mais do que isso, foi o esporte. Porque foi com o esporte que aprendi uma nova vida, comecei a aprender uma nova vida. E passei a ser um instrutor dessa nova vida [...] essa troca é muito rica, mas eu acho que aí todo esse mérito é maior para o esporte. O esporte nos leva a conhecimentos do próprio corpo e na parte das inter-relações para o próprio corpo”.*

A necessidade de intervenções cirúrgicas, orientações e adaptações fazem com que este período seja determinante para o sucesso destas pessoas enquanto indivíduos. As intervenções cirúrgicas melhoraram o processo de continuidade das atividades diárias, como pode ser observado na fala da atleta A1, A4, A7 e A16:

*A1 “um dia minha mãe descobriu um médico que disseram que era muito bom, mas eu não tinha dinheiro para me operar, trabalhava no escritório. Cheguei para o meu chefe: ‘olha, é o seguinte, tem uma chance de eu me operar, mas eu não tenho dinheiro’, eu tinha 17 anos. Ele respondeu: ‘então você está falando com a pessoa certa porque eu vou te indicar quem tu vai*

---

<sup>28</sup> O Centro de Vida Independente foi criado em 1988 sendo a primeira organização representante do Movimento de Vida Independente no Brasil, localizado no bairro da Gávea com o compromisso de empoderar as pessoas com deficiência, acreditando que TODOS tem capacidade para gerir sua própria vida, assumir responsabilidades, tomar decisões e realizar seus desejos, mesmo que tenham deficiência severa. Maiores informações acesse: <http://www.cvi-rio.org.br/site/>.

*procurar'. Ele indicou o dono de uma (empresa) [...] ele deu dinheiro e o médico disse: 'eu não vou te cobrar minha mão de obra, vou te cobrar só o hospital, você só vai pagar o hospital'. Minha mãe toda semana ia lá e eles davam o dinheiro e eu me operei. Foi aí que eu comecei minha reabilitação, o médico disse que eu nunca mais ia usar o aparelho. Eu estou em uma cadeira faz 15 anos, por causa da mama que eu operei porque senão eu estaria caminhando com a bengala, mas é que a operação veio até debaixo do braço, então a minha reabilitação foi assim um espetáculo porque eu tive apoio depois, o médico abriu todas as portas. Aí eu consegui”;*

*A4 “a minha mãe era casada, estava com 11 meses, ela conseguia me trazer para o Hospital Jesus para fazer meus primeiros tratamentos, mas ela se separou do meu pai, eu tinha cinco anos aí gente foi para roça e não tive mais tratamento. Só voltei a tratar com 10 anos de idade, fiz umas 12 cirurgias e comecei a andar sem muleta, sem nada. Eu só vim voltar a andar de muleta novamente em 1992 (39 anos), porque houve um desgaste muito grande no meu joelho. Tive que fazer uma artroplastia total do joelho e peguei uma infecção hospitalar. Fiquei oito meses, quase que eu morri e com isso tive que desmanchar tudo, toda firmeza de joelho perdeu-se tudo. Eu precisei andar de muleta de apoio porque não tinha mais a força na perna, perdi as forças na perna”;*

*A7 “eu graças a Deus não me lembro de nada, porque nestes três anos que eu tive este problema, fiquei engessado da cintura até o tornozelo. Neste período foram nove cirurgias, deve ter sido punk, quem se ferrou mesmo foi minha mãe, deve ter sido pedreira. Depois que tirei o gesso, que estagnou que estava tudo resolvido não tinha mais problema nenhum de infecção, nada, eu cheguei a fazer outras três cirurgias [...] não me lembro desta minha reabilitação, me recordo apenas de ter uma vida ativa, já tinha passado pela reabilitação”;*

*A16 “consegui fazer seis cirurgias, fiz três cirurgias nas pernas e três na boca porque tenho uma fenda palatina na boca. A médica falou que esta minha deficiência na boca, a voz e tudo, eu teria mesmo que não fosse deficiente [...] fiz três cirurgias, mas não teve jeito, veio médico até dos Estados Unidos para fazer a cirurgia, mas falaram que foi pelo tempo, porque esta cirurgia geralmente é feita em crianças até um ano de idade no máximo, e vim para São Paulo com três anos de idade. Fiz estas cirurgias porque todo o líquido que tomava escorria pela boca, caía pela boca e não conseguia tomar líquido. Na última cirurgia que fiz em 1998, diminuí a fenda palatina na boca, o que me permitiu me alimentar melhor. Fiz todo esse processo na Santa Casa e uma vez por ano faço um acompanhamento, mas no começo foi difícil. Todo processo até os 12 anos foi na Santa Casa de São Paulo”.*

As orientações adequadas às particularidades de cada indivíduo são fundamentais como apontado pelo atleta A20, assim como passar a conhecer melhor seu corpo, como aborda o atleta A5:

*A20 “nos primeiros dias depois que saí do hospital, me deram uma cadeira de rodas, fiquei meio assim, a cadeira de rodas me deixou meio estressado, mas quando ganhei meu primeiro par de muletas foi como se me dessem asas, a partir desse momento, a vida continuou no ritmo normal de trabalho, de estudo”;*

*A5 “depois que comecei a conhecer meu corpo melhor isso me deu uma vantagem muito grande, porque aí eu sabia o que eu podia e o que eu não*

*podia, a partir daí comecei a mapear meu corpo. O corpo passa a te dar outras referências, às vezes um arrepiozinho você sabe que tem que ir ao banheiro, então o corpo ele é muito inteligente, o corpo humano ele se adequa à situação, então isso, eu comecei a mapear, comecei a entender o meu corpo de novo e isso foi uma vantagem muito grande”.*

A fisioterapia fez e ainda faz parte da vida da maioria destes atletas:

*A6 “a fisioterapia me ajudou muito. Assim, minha mãe, desde o início ela me levava para fisioterapia. Muitas das vezes os padrões da minha mãe é que pagava as sessões de fisioterapia, porque meu braço era muito encurtado e a fisioterapia ajudou, melhorou muito e agradeço aos profissionais de fisioterapia que até hoje fazem um trabalho para melhorar de alguma maneira”;*

*A14 “nossa a fisioterapia estava na minha vida, parecia que eu já era sócia daquela clínica [...] tive que passar por psicólogos também, foram dois anos intensos de fisioterapia todos os dias [...] eu não via resultado na minha vida no esporte. Eu não conseguia mais saltar, isso para mim foi torturante demais”;*

*A16 “foi lá que conheci o esporte paraolímpico, na fisioterapia [...] toda a reabilitação que faço hoje é pelo paradesporto com a fisioterapeuta do clube”;*

*A17 “uma vez em uma clínica, devido à falta de acessibilidade cáí, daí as pessoas entram em desespero, te pegam pelo braço, outro pega pelas pernas, eu falei ‘não, esta vida eu não mereço, eu quero voltar a andar’ chegava à fisioterapeuta ‘quero voltar a andar’ ela falava ‘não, mas para você andar você têm que ficar em pé, dar os passos’. Eu ‘não, eu quero, eu quero’. E aí vai, você fica em pé, você consegue soltar mais peso nas pernas, a reabilitação é um processo interessante, a gente acaba desacreditando um pouco na fisioterapia porque ela é demorada, ela é lenta, seja em um processo grave como esse ou até uma lesão de esportes. Você tem que seguir todo o procedimento certinho, às vezes dura um mês, no meu caso até hoje faço fisioterapia para me ajudar, se paro, encolhe musculatura, atrofia isso, atrofia tudo. A reabilitação foi um processo duro, mas com muitas experiências que até então me ajudaram a pessoa ou capacidade que tenho hoje [...] atualmente, me preocupo mais com a minha vida esportiva do que com a própria reabilitação, então, por exemplo, não faço mais fisioterapia neurológica, faço fisioterapia esportiva, porque não tenho mais aquela preocupação com a marcha no andar, não preciso melhorar a condição dos meus braços para tocar a cadeira ou porque preciso fazer um movimento mais amplo [...] em casa não uso cadeira de rodas, brinco que em casa sou Spider Man, se olhar aqui na associação você vai ver um monte de marca de mão na parede, porque fico em pé, segurando nas paredes vou andando, mas não tenho mais aquela neura, ‘não eu tenho que sair da cadeira, quero ficar em pé’ não tem isso, mas ao mesmo tempo tenho aquela preocupação que não posso me desleixar porque tenho 42 anos, hoje tenho uma vida saudável porque o esporte me gera isso, e com 70 anos? uns 80 anos ou 90 anos? Aí é um complicador a mais”;*

*A22 “quando saí do hospital, fiquei com encurtamento porque meu tendão de Aquiles enrijeceu todo, fiz bastante fisioterapia, porque o (clube) me deu muito apoio, pagou todo meu tratamento no hospital, fiz fisioterapia no clube. Depois fiz uma cirurgia no tendão de Aquiles e em menos de um ano voltei a jogar em pé. Mas como tive estas lesões [...] a perda muscular do quadríceps e da panturrilha, comecei a ter muitas lesões de ligamento, acho*

*que operei cinco vezes, três do joelho esquerdo e duas no direito [...] o corpo não aguentava mais, muita lesão, muito sofrimento, a recuperação é muito sofrida”.*

O esporte continua tendo um papel importante neste processo de reabilitação:

*A2 “o esporte foi a mola mestra nesse processo, foi tentando, tentando, caindo, tentando, caindo, até ser reabilitado. Assim as pessoas às vezes não conseguem imaginar quão forte é, porque o que acontece, o esporte te ensina exatamente isso, ou seja, uma dificuldade está aqui você tem que superar e quando você tem uma deficiência você tem que superar duas vezes. Isso vai te fortalecer, vai te fortalecendo, vai te fortalecendo e chega uma hora que você vai competir com alguém, você já tá ganhando de um a zero em qualquer coisa que seja. Se você falar: ‘vou fazer isso aqui, tá bom vou fazer. Vou me dedicar, vou chegar lá e isso vai fazer a diferença, ser diferente faz a diferença’”;*

*A15 “eu tive um processo de reabilitação através (do esporte paraolímpico). Quando eu comecei, eu andava, então foi fácil para mim, chegava andando, segurando no braço de alguém e sentava numa cadeira de rodas. Depois de jogar, levantava da cadeira, segurava no braço da minha irmã e ia andando até em casa. Quando comecei a perder a força das pernas já estava consciente de que a lordose da minha coluna era muito grande, então mesmo segurando no braço de alguém, sentia uma dor insuportável na coluna. Tinha dia que eu não conseguia caminhar por causa das dores na coluna, dores na perna então eu comecei a ver que na cadeira de rodas não iria sentir as dores nas pernas, na coluna e a cadeira de rodas seria um auxílio para mim para que eu não sofresse tanto, então essa transição do andar para cadeira de rodas foi bem tranquila, fazia natação, hidro e fisioterapia, eu tomava uns suplementos, comia de tudo, desregradamente, não era gordo, eu era magro, magrinho, gastava muita energia fazendo os exercícios, quando eu optei por passar para cadeira de rodas eu passei a viver uma nova vida. Parei de fazer natação, fisio, hidro e tomar os medicamentos que eu tomava, continuei me alimentando normalmente, em menos de seis meses eu ganhei trinta quilos e pela minha (deficiência) não teria como fazer exercício para perder peso. Fiz um trabalho para controlar o meu ganho de peso, mas cheguei a 121 kg, assustador [...] tive consciência que isso estava atingindo a minha carreira de atleta, comecei a fazer um trabalho para desfazer tudo isso. Já emagreci uma quantidade muito boa, até a minha nutricionista fica às vezes espantada comigo, ficava o dia inteiro ali treinando, era como se fosse um trabalho de musculação, então isso acelera o metabolismo, é um exercício que estou ali fazendo e que dá uma quantidade de perda de caloria durante o dia muito grande. Nos três primeiros meses emagreci seis quilos, quando voltei, ela estava assustada porque estava perdendo peso rápido demais, poderia perder massa junto e quando perco massa muscular, a massa ela não volta por causa da minha (deficiência), então ela teve que refazer todo um trabalho e aí hoje estou nessa luta, para fazer essa adequação. É a única coisa que me arrependo quando eu volto lá para trás, de ter metido o pé na jaca, porque hoje eu não estaria tendo esse trabalho todo de fazer essa reeducação alimentar [...] usar a cadeira de rodas não é ser um inválido, não é ser um imprestável, vai ser um auxílio, um alívio nas dores”;*

*A17 “o esporte foi fundamental nesse processo, porque o esporte te quebra os limites sem você perceber. Fui jogar (um esporte paraolímpico), fui proibido pela minha fisioterapeuta, porque para um cadeirante, paraplégico, você ter equilíbrio sentado [...] cai, levanta, cai, levanta,*

*começa te dar estrutura de abdômen, começa a melhorar teu equilíbrio. No começo você não conseguia abaixar para pegar a bola, aí daqui a pouco quando você menos percebia você já estava abaixando e pegando a bola em movimento [...] tuas pernas você não mexia ela, era um peso morto, daqui a pouco quando você percebia sua perna estava te ajudando a fazer a alavanca [...] o braço esquerdo você quase não usa, mas daqui a pouco esse seu braço esquerdo está mais forte do que o direito, então o esporte é um fator de reabilitação muito importante, que somado à fisioterapia e a preparação física transforma a gente em atletas perfeitos”.*

De certa forma, precisamos ainda refletir sobre este importante e decisivo momento na vida das pessoas com deficiência. Não podemos contar com a sorte como comentado pelo atleta A21:

*tive a sorte, nem sei dizer se as oportunidades certas, estava nos lugares certos, com os profissionais certos, então são poucas pessoas que tem esse caminho que tive, falo que sou a sortuda [...] infelizmente não é assim, não é a maioria das pessoas, a pessoa não tem uma reabilitação, não tem informação de nada, demora mais de dois anos para fazer uma reabilitação, na verdade nem precisa mais, então assim tive muita sorte de ter dado tudo certo no meu caminho, mas infelizmente não é com todos que acontece isso.*

Acreditar sempre que é possível, faz diferença: “a gente imagina sempre o pior, imaginava desequilibrar, cair muitas vezes [...] nunca cai, a gente acha que vai ser de uma forma sem antes presenciar [...] foi diferente do que imaginava” (atleta A21). Mas não podemos achar que as coisas estão resolvidas ou melhores que nas décadas passadas. O momento é de incerteza e insegurança, como relatado pelo atleta A8:

*hoje você não tem nenhuma política de reabilitação. Aí você tem lá a rede Sarah. Tenta conseguir uma vaga lá? É muito difícil, ainda é uma referência [...] você tem 50% do recurso SUS, vai para rede Sarah, aí você não consegue atingir o número de pessoas para ser feita a reabilitação. Aqueles que ele reabilita, reabilita bem, mas o grande número fica sem nenhuma referência, não tem nenhuma reabilitação. E alguns centros de reabilitação acabaram. Hoje você tem a AACD em São Paulo, que já ampliou em alguns estados e a rede Sarah, os dois ficam brigando pelo dinheiro. Um consegue a verba pública e o outro consegue doações através do Teletom. A ABBR ela não é mais o centro de referência em reabilitação [...] os grandes centros de reabilitação viraram trauma ortopédicos porque a reabilitação de uma cirurgia de joelho é muito mais rápida do que uma cirurgia de coluna, então os grandes fisiatras e ortopedistas estão no centro de trauma ortopedia e não da fisiologia.*

## ACEITAÇÃO DA DEFICIÊNCIA

O transcurso de aceitação da deficiência leva o indivíduo ao autoconhecimento, processo necessário para superar este momento importante no curso de vida dos atletas. De acordo com o atleta A12 “a gente tem duas vidas, antes da lesão e depois [...] é como se fosse

um novo nascimento”. Muitas vezes a fé, a religião e a filosofia são formas de compreender e assimilar este momento traumático:

*A2 “acho que foi mesmo nessa época que comecei a estudar Filosofia, a entender as coisas, me aceitar mais como gente, quebrar um pouco desta questão de estar em uma redoma de vidro, foi bem importante”;*

*A3 “costumava tranquilizar minha mãe dizendo que a gente deveria deixar acontecer da forma que Deus permitisse que fosse o que era para ser”;*

*A5 “Deus sabe o que faz na vida da gente, então ele não dá o cobertor para quem não aguenta o frio, ele só dá o cobertor na medida daquela pessoa que aguenta aquele frio e na realidade a deficiência ela me ensinou muito, de superar desafios, de ter objetivos na vida”;*

*A7 “eu acho que Deus sabe o que faz”;*

*A8 “foi imediato, foi imediato [...] fui preparado para ser deficiente. Foi no instante que eu recebi a deficiência o cara disse: ‘acabou tua vida como atleta’ eu disse: ‘topei, tá fechado, o que eu tenho que fazer?’ [...] então não tem essa, só pensa na deficiência quem não é deficiente, porque quem é, não pensa, você tem que pensar na vida. Você é um cidadão que esta com a vida”;*

*A17 “cada coisa, as oportunidades de trabalho, o crescimento profissional, a formação acadêmica, aí veio claro o momento trágico que é um acidente, que claro vamos dizer assim, seria utópico dizer assim ‘se tivesse que passar passaria por isso de novo’ não, não quero para ninguém porque até chegar ao exato momento que estou hoje, de realização, passei coisas terríveis que até então você não interpreta direito. Você questiona a Deus, questiona todo mundo. Sou uma pessoa religiosa, acho que Deus sabe muito bem as coisas e dosa até o máximo que você possa aguentar”;*

*A20 “vou para igreja, porque sou evangélico [...] existe uma roda motriz que move o homem que é o querer. Se você quer, você atinge seus objetivos, faz aquilo que deseja aquilo que se tem traçado, alinhavado para sua vida, você vai conquistar, mas agora se você não quiser, porque tudo depende de quem? Depende só de você”.*

A forma como a notícia é passada, seca, dura, direta e sem muita perspectiva, assusta tanto a pessoa que está tentando superar este trauma como para família que se vê sem saber a quem recorrer e aonde procurar ajuda:

*A12 “ainda no hospital o médico falou ‘vai viver na cama, não vai mexer mais nada’. Doutor, meu filho, o senhor vai operar ele, vai cuidar?”;*

*A13 “você fica muito suscetível aos espertalhões [...] tudo que era centro de macumba minha mãe me levou [...] você ficar três meses dentro do hospital, cara é uma coisa muito louca, os caras falavam para minha mãe o seguinte: ‘ele vai ficar vegetando em uma cama, ele não consegue nem sentar’”.*

A dificuldade em aceitar esta nova realidade se reflete, muitas vezes, em comportamentos negativos como revolta, perda da vontade de viver, sentimento de estar sendo um peso para família. Contudo, apesar de não aceitar esta situação, ao pensar na dificuldade que a família também estava vivendo, ou ao refletir sobre o que seria a sua vida a

partir daquele momento, há uma tentativa de administrar ou mesmo reprimir aqueles maus pensamentos, buscando aceitar e superar essas adversidades:

*A12 “este sentimento foi meio que sendo diluído aos poucos, porque eu não tive uma grande revolta, tive pequenas desmotivações, por ter que ficar na cama. Quando sai da ABBR, pedi minha alta na época, ‘eu já estou um ano aqui, não tenho mais nada para fazer na minha vida, não tenho mais nada para recuperar, minha vida vai ser assim mesmo’, porque embora eu tivesse pequenas doses de informação, não era aquela informação [...] me via como doente, ‘deixa só um pijama, que eu só vou sair de casa para ir para o hospital, minha vida vai ser aqui, vendo televisão’ [...] era desmotivação mesmo. Um grande trauma com a aceitação da deficiência, eu não me lembro. Eu lembro que tive altos e baixos, cheguei a pensar, como acredito que a maioria, senão todas as pessoas com trauma pensam, como vai ser a minha vida, eu acho que é melhor morrer, pensei nisso, mas como é que eu vou me matar? Não sei, ao mesmo tempo que eu pensava, eu voltava atrás e ia vivendo, deixando rolar. E a coisa também de dar o retorno à família, sempre tive muito isso [...] muito ligado à família, meu pai na época, minha mãe. Então. se está sendo difícil para mim, imagina para eles, então eu tenho que tentar atenuar esse meu sofrimento para que o sofrimento deles seja menor também, eu acho que é por aí”;*

*A13 “eu não tinha controle de nada mais, não tinha controle de esfíncter, não tinha controle de nada, então pô, vivia cagado na cama do hospital, vivia mijado, falei: ‘ferrou, não vou viver desse jeito nunca, prefiro não viver, desse jeito’ [...] foi pesado, mas isso me fez mais forte. Eu resolvi que ia ter que superar isso, era muito novo para ficar chorando”;*

*A17 “Para ser exato, acho que não é aceitar, a deficiência é algo que você não tem como esconder, é visível, faz parte de mim, sempre, a partir do momento que comecei a me expor mais para sociedade. Obviamente que os dois primeiros anos você se reclusa, quer se esconder, tem vergonha de sair, de passar por uma situação, de ter que pedir ajuda ou necessitar dos outros. A partir do momento que encarei a sociedade, foi o momento que aceitei a minha deficiência, mas vou te dizer assim, 100% não. Não, por quê? Porque a sociedade é egoísta, é hipócrita, vamos dizer assim, não na sua totalidade. Vivemos hoje um meio de comunicação que trabalhos como o seu, ajudam, as suas informações, os dados que você vai gerar, passar mais informações e conhecimento para quem tem interesse de saber [...] nas minhas palestras, nas minhas apresentações, é isso que demonstro para as pessoas, nós somos pessoas normais. Na totalidade, nunca aceitei, porque sempre busquei melhorar, algo melhor. Você pode pensar assim e me questionar ‘você ainda tem esperança de voltar a andar?’ Não penso isso, penso em viver cada dia melhor. Seja numa cadeira ou não”.*

Encarar a vida com normalidade foi um comportamento adotado por muitos entrevistados, para não focar na deficiência e sim em uma participação ativa, dentro das suas possibilidades. Momentos ruins fazem parte do crescimento e amadurecimento das pessoas, como relatado pelo atleta A20 “depende só de você”:

*A16 “Eu tinha muita vontade, não lembro muito bem, minha mãe é que conta [...] eu queria correr, mas eu não tinha firmeza nas pernas, não tinha como andar, não tinha como correr [...] nunca me privei de nada, joguei bola com meus primos, eles iam jogar e me colocavam sentado no chão, fiz*



*tudo que uma criança normal faz. Sempre aceitei, nunca tive preconceito. Sempre fiz o que todo adolescente, adulto e criança faz”;*

*A19 “nunca neguei a deficiência, nunca. No começo da fase da adolescência você começa ‘e agora como é que faz para ganhar as meninas, cego, como é que faz?’ mas mesmo assim posso dizer para você que frustração por ser cego, quem sabe tenha tido uma ou duas na vida, só, coisas rápidas, coisas de um dia de chateação, assim, e só. Jamais posso dizer que sofri grandes pressões ou grandes frustrações, nada disso, nada, nada”;*

*A20 “desde o primeiro dia, para você ter ideia, minha mãe estava grávida na época de nove meses, minha preocupação não era comigo em si, era perder minha irmã mais nova, pela situação que a minha mãe por hora se encontrava, grávida de nove meses. No dia que ela foi me visitar, a acalmei ‘não mãe, isso aqui é tranquilo, a gente resolve, não tem problema, a gente resolve’ nunca tive problema quanto a minha deficiência. Porque penso o seguinte, a deficiência está na cabeça, se você colocar que você não pode, você pode ter seus membros perfeitos, mas se coloca na sua cabeça que você não consegue, você não faz, você já automatizou”;*

*A21 “desde sempre, não tive esse momento [...] os 20 primeiros dias do hospital fiquei em coma, em função do agravante eles me colocaram em coma induzido. No quinto dia que estava internada meu pé já tinha necrosado, no vigésimo dia, eles me acordaram para falar que ia amputar os pés. Como estava em coma, não sabia se estava acordada ou estava dormindo, mas teve um momento que me lembro de ter visto meus pés escuros, então sabia que ele estava necrosado [...] uma necrose tem que tirar, não sabia o porquê [...] estava ali, só sabia que estava muito doente. Naquele dia o médico me levou para cirurgia [...] naquele período do hospital não me preocupei em momento algum, porque não tinha com o que me preocupar. Na verdade, estava preocupada em ficar viva. Fiquei muito tempo com uma infecção muito alta, assim, o pé era o de menos, não me preocupei. Sabia que ia me preocupar depois da alta do hospital, ia começar a me preocupar, porque é tudo muito novo, a pessoa fica muito perdida. Comecei a cair mais na realidade, como é que ia ser daqui para frente, mas assim, também não teve um momento de não aceitação, pelo contrário tomei para mim. Sabia que quanto mais rápido aceitasse isso para mim, melhor. Quanto mais rápido aceitasse, mais rápido ia conseguir uma ajuda, me reabilitar, enfrentar tudo aquilo que a gente tem para enfrentar. Em nenhum momento lembro-me de ter uma rejeição”;*

*A23 “sempre aceitei, sempre foi uma coisa normal para mim. Normal, uma coisa bem normal. Normal, normal, nunca sofri preconceito, nada, nunca nada assim. Sempre convivi bem assim, brinquei normal com todo mundo, com as pessoas, com as crianças, sempre foi tudo normal, convivi, sempre, até no colégio”.*

O preconceito ainda é muito presente na sociedade. A11 e A6 relatam suas atitudes para lidar com esta situação e encontrar uma forma de aproveitar este momento adverso para se tornar uma pessoa melhor: A11 “às vezes o preconceito, bullying, dificulta muito a gente, mas isso me fortaleceu, cada vez mais eu querendo buscar mais, querendo mais, me deu mais força de vontade”; A6 “o preconceito falou mais alto, mas eu sempre lidei bem com essa questão, até mesmo na escola, das pessoas me aceitarem do jeito que eu sou, consegui me tornar uma pessoa mais tranquila, com relação a minha deficiência”.

A convivência com pessoas na mesma situação foi a chave para o atleta A3, como reforçado anteriormente pelo atleta A17 e atleta A12:

*no colégio especializado para pessoas com pessoa com deficiência me deparei diante de dezenas de outras pessoas que tinham a mesma situação que a minha, então eu não era único no mundo. Eu entrei em um universo que as pessoas eram iguais a mim e que levavam uma vida da maneira mais natural possível. Então, a partir daquele momento, eu comecei a criar esta aceitação. Esse convívio, esse contato com aqueles, vamos dizer assim, iguais a mim, foi a chave. Foi a descoberta que eu precisava para poder me aceitar naquela condição que eu estava a partir daquele momento.*

A família continua exercendo um papel importante neste processo de aceitação, mas infelizmente nem todas as famílias encontram-se estruturadas e esbarram na renda como fator determinante para minimizar a dependência:

*A1 “o nosso mundo é um mundo cão, então às vezes eu esqueço, aí é só olhar para o lado [...] eu acho que minha vidinha, graças a Deus, está muito boa, mas quantos que não tem para onde ir ou tem, mas a família não quer? Aí é que é brabo [...] olhando para trás, sou uma pessoa feliz, graças a Deus, tenho família. O deficiente tem que se cuidar muito porque sempre tem um dedinho de alguém para mostrar que não é por aí. Mesmo dentro da família existe o preconceito, mas o que cobre é o dinheiro. Se tu tens dinheiro, em qualquer lugar do mundo você se dá bem, pode ser com a esposa, com a noiva, com a namorada, com o filho, mas tu tendo como te manter, isso é muito importante. E agora, graças a Deus, o governo está dando esta pensão para quem não tinha nada, tinha que andar mendigando”.*

A política assistencialista é mal interpretada pelos próprios envolvidos no processo, as pessoas com deficiência, que veem nestes subsídios do governo uma oportunidade de acumular renda e não avançar enquanto membro ativo da sociedade, preferindo ficar à margem do processo de desenvolvimento, utilizando ainda sua condição de deficiência para obter vantagem:

*A1 “no centro (da cidade) estavam vendendo com a caixinha do lado, ‘ajude o meu Natal’. Ah, pera aí meu, tu te desclassifica. Tu está trabalhando de um lado e do outro lado você está pedindo. Eu achei horrível aquilo [...] teve uma época que, quando eu comecei com a causa com uns amigos meus, o que mais a gente combatia era a esmola, porque o cara já estava todo ruim e ainda fica pedindo? Aí tem que ir para o brejo mesmo. Mas se você vê o cara trabalhando, pelo menos ele está trabalhando. Agora, do lado ali a caixinha ‘ajude meu Natal’, achei muito triste, sabe”.*

O contato com um novo mundo abre caminhos e apresenta uma realidade diferente. A ampliação do entendimento sobre a vida e a nova percepção a respeito das coisas faz deste momento um divisor entre a deficiência e a eficiência esportiva obtida por estes atletas. O esporte adaptado surge como um fator determinante neste processo de superação pessoal das limitações promovidas pela deficiência e da aceitação deste novo momento:

A4 “a partir do momento que eu passei a ser aplaudido na quadra, comecei a ganhar de outro colega, comecei a superar, foi a partir daí que ganhei a força. Foi daí que tudo mudou, aprendi a me virar mesmo. Vendi bala na rua junto com pessoal porque estava numa crise tremenda, não tinha trabalho, não tinha emprego, não tinha nada, então o jeito que tem é ir para rua. Então eu fui para rua, vendi bala, durante cinco anos na rua, no sinal. Naquela época, não tinha concorrência, só quem vendia bala era cego e aleijado, risos, hoje em dia, tem um monte de gente aí que não tem nada, nenhuma deficiência, vendendo bala no sinal, desvirtuou um pouco”;

A5 “não sou parâmetro para nenhuma pessoa, parâmetro de mobilidade, porque eu tenho uma lesão que é T5/T6 [...] a minha lesão afetou os meus membros inferiores e dois terços do tronco, mas meus braços sempre foram muito fortes, muito ágeis, então assim que eu tomei consciência de que tinha essa deficiência, comecei no (esporte adaptado), não tive muito tempo para choramingar não, já caí mesmo na vida fazendo tudo aquilo que era possível fazer com a minha limitação”;

A6 “desde o início, sempre aceitei, nunca tive problema. Quando descobri a minha deficiência eu falei: ‘não, eu vou ser uma pessoa normal, vou fazer tudo que as pessoas fazem’. Claro que alguma limitação de poder fazer algumas coisas, porque eu não consigo levantar meu braço, mas eu botei na cabeça que aquilo não iria trazer problema para mim”;

A7 “quando conheci o esporte, essa minha época obscura vamos falar assim, é porque eu não me aceitava, eu queria usar o tênis que meu amigo usava, mas eu tinha que usar um sapato ortopédico horrível. Eu comecei a matar aula, não ia mais para os lugares, comecei a me esconder e foi onde eu achava amigo, que também queriam se esconder. Então eu tive muito problema com isso, a hora que eu conheci o esporte, minha vida mudou. Hoje, eu dou palestra falando que eu sou o cara mais feliz do mundo, graças à enfermeira bendita que errou a injeção há quase 40 anos atrás, então acho que o esporte foi fundamental”;

A14 “eu não tinha preconceito com o deficiente, mas até eu chegar lá naquela quadra, fiquei com certo receio. ‘Nossa eu nunca vi’, desculpa minha ignorância, mas eu nunca tinha visto um amputado sem a prótese, então aquilo para mim, não é que foi chocante, eu fiquei pensando um pouco. ‘Nossa como é que pode’ [...] encontrei duas pessoas sem as duas pernas [...] um garoto sem a parte de todos os dedos das duas mão. Falei ‘nossa, como é que eles conseguem fazer tudo aquilo’, sem reclamar, sem esmorecer, sem tristeza, sempre sorrindo para vida, felizes da vida e a gente aqui com todo corpo perfeito, reclamando de um tudo, uma gripinha que deu, já está ali reclamando. Então foi mais uma lição de vida para mim do que um choque pela deficiência que eu encontrei mesmo. Meu pai também tinha esse receio [...] falei ‘pai, me reencontrei no esporte de novo, você vai me ver jogando novamente’ ele falou ‘nossa, eu vou chorar muito quando eu te ver lá’ eu falei ‘o senhor vai chorar sim, sabe porque você vai chorar, porque o senhor vai ver pessoas lá felizes da vida, sem partes do corpo, sem reclamar da vida, sem nada sabe, vida normal e a gente aqui reclamando de um tudo, então o senhor vai chorar mesmo, vai chorar de orgulho de me ver lá’. Então para mim, encontrar aquelas pessoas foi motivo de felicidade, de verdade”;

A15 “dos 19 aos 20 anos foi complicado porque era aquela época da adolescência, você olhando as meninas, todo mundo namorando, todo mundo paquerando, saindo. A gente ia para as baladas e os meus amigos

*todos dançando com as meninas e eu tinha que ficar sentado numa mesa. Então foi a parte mais difícil, mas aí você olha e é aquela vaidade da adolescência, você quer fazer coisas que você acha que são importantíssimas, mas que não tem importância nenhuma. A partir dos meus 21 anos, passei a aceitar a deficiência, comecei a descobrir o que eu tinha e quando o esporte adaptado entrou na minha vida, esqueci a deficiência. Hoje não lembro que tenho deficiência, até brinco com o pessoal que as vezes me vejo como cadeirante, que tenho uma deficiência quando estou passando por algum lugar que tem um espelho, aí olho, vejo um cara na cadeira de rodas ‘nossa tem um cara na cadeira de rodas, sou eu’;*

*A18 “o esporte me ajudou muito a aceitar, o esporte me deixou mais confiante e quando fui para outro estado, com a minha filha, fomos só nós duas. Como era outra cidade, tinha que me adaptar a tudo de novo, a partir daí as coisas foram ficando cada vez mais normais. Depois você vai vendo ‘nossa que bobagem, risos’, mas foi difícil”;*

*A22 “Passei a aceitar depois que comecei a conviver com o (esporte adaptado), porque ele é excludente [...] quando fui participar de uma Paralimpíada, que foi em Londres, comecei a ver um monte de deficiência bem grave [...] a partir do momento que comecei a jogar já me considerei deficiente [...] no início tinha vergonha, falava assim ‘minhas amigas vão me ver jogando, como será que é? E depois, porque não me considerava uma deficiente, porque achava que o (esporte adaptado) era parar aqueles deficientes mais comprometidos, mas minha resistência maior foi essa mesmo, ter vergonha e não me considerar uma deficiente”.*

Infelizmente como abordado pelo atleta A8, ainda tem pessoas que não conseguiram aceitar a deficiência:

*o cara que ele fica meio cá, meio lá, ele não vai para lugar nenhum, ele fica no limbo. Tem gente que até hoje, há 30 anos, quer voltar a andar. Esse cara nem vai ser bem uma pessoa com deficiência, mas também não vai ser uma pessoa dita normal, ele não vai ser nada. Então você assume que você é um ou outro [...] assume que você não é deficiente e volta mesmo a não ter a deficiência, ou se tem a deficiência, você tem que viver com ela, porque se você não quiser viver, você não é nada.*

Problemas de acessibilidade, mobilidade urbana e infraestrutura nas cidades para atender especificamente este público, esbarra também nas próprias pessoas com deficiência, como relata o atleta A15:

*mas é culpa nossa! Sempre falo para todas as pessoas com deficiência, quando eu estou dando palestra, a culpa de não ter um Brasil acessível, grande parte é nossa, de nós pessoas com deficiência, que não saímos de casa, na época em que tudo estava sendo construído, tudo estava sendo montado, porque o poder público está lá. O cara vai fazer um projeto, vou construir um ginásio, tem algum cadeirante para usar lá? Não. Ele não tem consciência de que uma hora pode ter, ele vai construir sem acessibilidade. Se tem cadeirante, se tem pessoa com deficiência para usar, vai ter acessibilidade que foi um dos legados, para mim, o mais importante, do Rio 2016. Não foi nem as construções que estão ficando, tudo que foi mudado no Rio, é a mudança de mentalidade do poder público que faz projetos e as melhorias na cidade. Todo projeto que for fazer agora, vai ser feito acessível, se tem pessoa com deficiência para usar ou não, porque a mentalidade das pessoas foi mudada, porque tudo que foi feito para o*

*olímpico seja para usar o paraolímpico ou não, foi feito acessível e o poder público, municipal, estadual e federal teve que fazer isso. Eles tiveram que fazer as obras, então aí você pode ter se perguntado ‘mas porque vou fazer isso aqui acessível se o cadeirante não vai usar?’ Vai estar lá, todos os locais tem que ser acessíveis, para todas as pessoas. Então esse foi o legado mais importante que ficou, porque o poder público faz as mudanças na sociedade para que as pessoas no geral fiquem usando.*

O trabalho de reestruturação da autoimagem e autoestima, principalmente das pessoas com deficiência física, seja ela congênita ou adquirida, está relacionado diretamente com a valorização das suas potencialidades residuais e não das suas limitações provenientes da deficiência. Este impacto, na maioria dos casos, derivado de causas traumáticas produz um choque que dificulta a adaptação às mudanças e está centrado nas características de personalidade, na história de vida, na dinâmica familiar entre outros fatores ambientais e comportamentais do indivíduo (BRASIL, 2012).

Estas chamadas fases comportamentais se desenrolam da seguinte forma:

- a) **Choque:** o paciente fica confuso e não tem noção da magnitude do fato ocorrido, ele interrompe o vínculo com o mundo externo como forma de preservar-se. A família tem um papel fundamental, já que o mesmo não tem condições nem físicas nem emocionais de agir frente à amplitude do problema;
- b) **Negação:** o paciente começa a fazer contato com a realidade, mas de forma distorcida, devido a sua fragilidade emocional. Esta fase é marcada pela frase “eu voltarei a andar, estou paralisado apenas temporariamente”. Seu comportamento é passivo ou agressivo, projetando no externo sua revolta ou inconformismo com a situação. A família deve estar bem integrada sobre a lesão e o prognóstico para auxiliá-lo nesta nova realidade. A negação da família também se faz presente ao ver um dos seus membros, ativo e produtivo, paralisado;
- c) **Reconhecimento:** o paciente visualiza a deficiência/paralisia como definitiva gerando um sentimento de desamparo e ansiedade, podendo levar a um quadro de depressão e ideias suicidas. A família deve estimular a superação e tem na equipe profissional de saúde seu porto seguro, sendo necessário ser claro e transparente com as informações passadas;
- d) **Adaptação:** o paciente sente-se recompensado, põe seus esforços na utilização do máximo da sua capacidade, visualizando o processo de reabilitação como um facilitador para sua reintegração biopsicossocial.

Cada paciente vivencia estas fases de uma maneira distinta e particular, como pode ser percebido ao longo das falas dos atletas, que ratificaram estes diferentes comportamentos

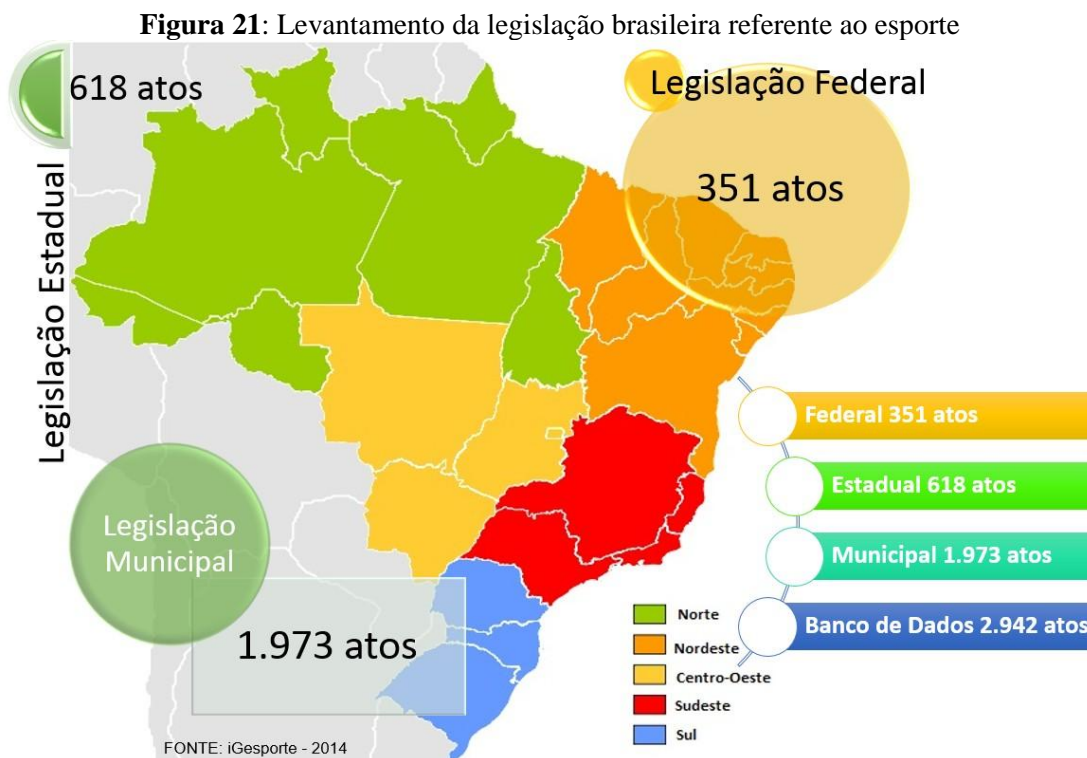
ao longo do texto. O acompanhamento psicológico durante este processo de aceitação da deficiência, o contexto social e histórico no qual o indivíduo está inserido e as suas características de personalidade contribuem para reinserção do indivíduo a sua nova rotina de vida.

## O ESPORTE NO CURSO DE VIDA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA

O esporte apresenta características importantes para o desenvolvimento nos aspectos físicos, psicológicos e sociais dos indivíduos (melhora da autoestima, independência para desenvolver tarefas cotidianas, possibilidade de estabelecer novas relações, conhecer pessoas, desenvolver potencialidades e estimular novas habilidades) (LEVERMORE, 2008). Crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência e demais membros da sociedade têm marcado na Constituição da República Federativa do Brasil, o direito “à educação, à saúde, ao trabalho, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à habitação, à cultura, ao amparo à infância e à maternidade” (BRASIL, 2013, p.234).

A necessidade de atos normativos também se faz presente no esporte. Em relação à pessoa com deficiência esbarramos em questões de terminologia, já que não existe ainda um consenso em relação ao termo utilizado para esta prática. Alguns chamam de desporto ou paradesporto, outros de esporte paraolímpico ou esporte adaptado, mas neste estudo adotaremos esporte para pessoas com deficiência.

Os atos normativos relacionados ao esporte, presente na legislação brasileira, foram levantados pelo Ministério do Esporte em 2013, através do Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE). A Figura 21 apresenta este levantamento.



Ao acompanhar a evolução em âmbito federal, nos deparamos ainda com uma carência de ações referente à questão do esporte para pessoas com deficiência (BEGOSSEI; MAZO, 2016). Somente em 1993, a prática esportiva para este grupo passa a ser mencionada, sendo efetivamente inserida com a Lei Pelé, em 1998 (Lei nº 9.615), e regulamentada em 1999, pelo decreto nº 3.298, com a criação de uma Política Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência. A instituição do dia nacional do atleta paraolímpico e o estatuto da pessoa com deficiência reforçam a distinção da prática esportiva para pessoas com deficiência (quadro 3).

**Quadro 3:** Principais atos normativos relacionados ao esporte.

ANO	ÂMBITO	DECRETOS, LEIS, NORMAS	PERSPECTIVAS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
1941	Federal	Lei nº3.199, 14 de abril	Estabelece as bases de organização dos desportos em todo país através da criação do Conselho Nacional de Desportos - CND
1945	Federal	Lei nº7.674, 25 de junho	Primeira legislação que tratou do incentivo ao esporte ao autorizar as caixas econômicas federais a emprestar dinheiro em favor de entidades desportivas
1975	Federal	Lei nº 6.251, 08 de outubro	Trouxe medidas de proteção à atividade desportiva através de deduções no Imposto de Renda e isenção de impostos de importação de equipamentos esportivos
1988	Federal	Constituição Federal Brasileira	A prática do desporto é um dever do estado e um direito individual
1993	Federal	Lei nº8.672, 6 de julho	Institui normas gerais sobre o desporto, conhecida como Lei Zico. Estabelece a Secretaria de Desportos do Ministério da Educação e do Desporto o desenvolvimento de ações e projetos de prática desportiva para pessoas com deficiência
1998	Federal	Lei nº 9.615, 24 de março	Institui normas gerais sobre o desporto, conhecida como Lei Pelé, aparecendo pela primeira vez o apoio ao desporto para pessoas com deficiência
1999	Federal	Decreto nº3.298, 20 de dezembro	Regulamenta a Lei nº9.615 e dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência, consolidando as normas de proteção sendo o desporto uma das ações integradoras dos órgãos e das entidades públicos e privados
2001	Federal	Lei nº10.264, 16 de julho	Conhecida como Lei Agnelo Piva foi um marco ao proporcionar que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassados para o COB (85%) e para o
2003	Federal	Lei nº10.672, 15 de maio	Lei da moralização do esporte, a partir da estruturação do Ministério do Esporte
2004	Federal	Lei nº10.891, 9 de julho	Institui o Bolsa-Atleta destinado aos atletas praticantes do esporte de alto rendimento em modalidades olímpicas e paraolímpicas
2006	Federal	Lei nº11.438, 29 de dezembro	Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo, chamada de Lei do Incentivo ao Esporte
2007	Federal	Decreto nº6.180, 11 de agosto	Regulamenta a Lei nº11.438 referente às atividades desportivas e paradesportivas que aparece pela primeira vez na Constituição brasileira
2011	Federal	Lei nº12.395, 16 de março	Cria o programa Bolsa Pódio, estabelece seus critérios e valores base mensal.
2012	Federal	Lei nº12.622, 08 de maio	Institui o Dia Nacional do Atleta Paraolímpico
2013	Federal	Lei complementar nº142, 08 de maio	Regulamenta a aposentadoria da pessoa com deficiência, segurada do Regime Geral de Previdência Social - RGPS
2015	Federal	Lei nº13.146, 06 de julho	Institui a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) estabelecendo o direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades para as pessoas com deficiência. Esta lei também alterou o percentual de arrecadação para 2,7% a ser repassado para o COB (62,96%) e para o CPB (37,04%)

Fonte: Reppodl Filho *et al.* (2016).

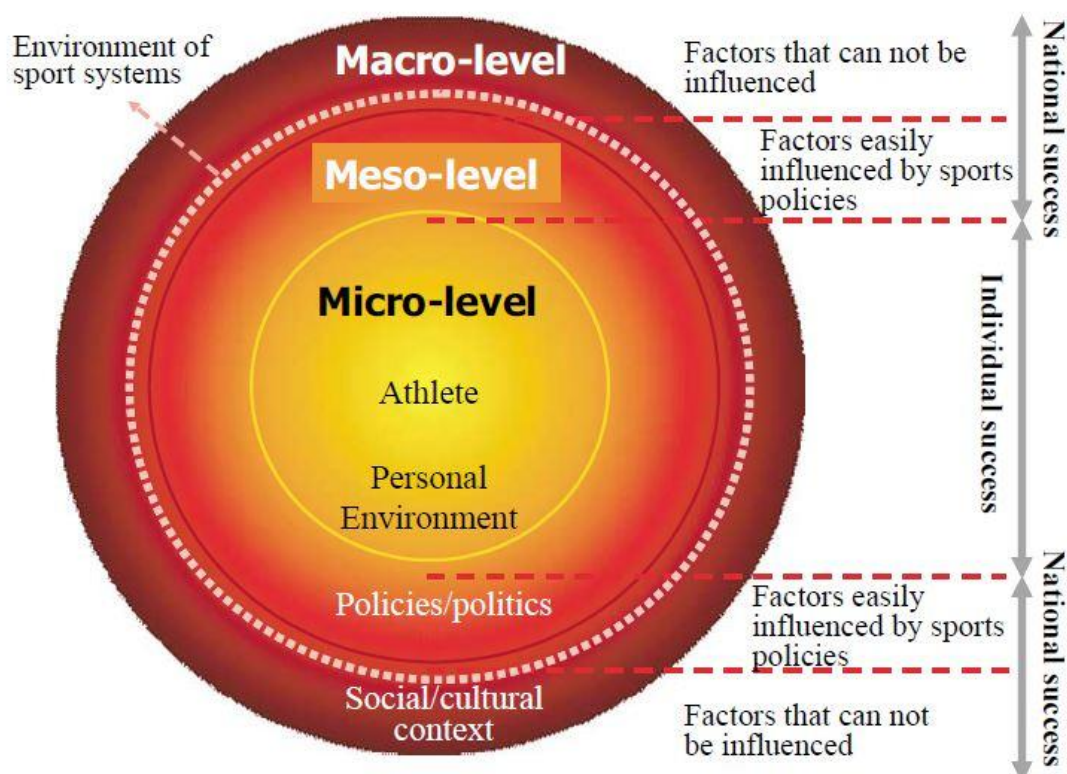
Ao fazer uma associação direta do termo paradesporto com o termo paraolímpico, se comete um equívoco ao desconsiderar outros grupos de atletas com diferentes deficiências: com surdez, com síndrome de down, com nanismo, com espectro autista e outras síndromes. O programa dos JP limita a participação apenas para atletas deficientes físicos, visuais e intelectuais. Os atletas com deficiência intelectual participam apenas em algumas provas de natação, atletismo e tênis de mesa. Desta forma, ao retirar o esporte para pessoas com deficiência dos atos normativos corre-se o risco de beneficiar apenas uma parte dos atletas



com deficiência motora e visual. A deficiência intelectual continua sendo difícil de ser incorporada por outros esportes paraolímpicos, em função da dificuldade de se estabelecer critérios fidedignos de avaliação da funcionalidade destes atletas.

Nesse sentido, é preciso que a garantia legal conquistada em nível federal, estadual e municipal seja confrontada com o ambiente esportivo que cerca o atleta com deficiência. Este ambiente esportivo tem sido utilizado para identificar o sucesso esportivo de países e atletas ao longo dos ciclos olímpicos, mais especificamente de atletas olímpicos. Sua distribuição ocorre de forma macro (contexto social e cultural em que vive), meso (política esportiva de incentivo) e micro (através das qualidades individuais e da proximidade com as oportunidades). Esta porção micro age diretamente sobre o atleta (DE BOSSCHER *et al.*, 2008). A figura 22 apresenta o modelo que relaciona os fatores que influenciam o sucesso de atletas de alto rendimento.

**Figura 22:** Modelo conceitual do ambiente esportivo do atleta de alto rendimento e seus fatores de influência.



**Fonte:** De Bosscher *et al.* (2006).

Este ambiente não é muito diferente para o atleta com deficiência, já que o país ainda não possui uma Política Nacional de Esporte que consiga em longo prazo, minimizar os fatores que limitam o sucesso esportivo dos seus atletas, nos aspectos: estruturais (local de

treinamento, acessibilidade, mobilidade urbana), financeiros (política de incentivo, segurança financeira), científicos (inovações tecnológicas - treinamento e equipamentos, ciência do esporte), psicológicos (emocionais, autoestima, autoconfiança), físicos (potencial genético e aptidão física), sociais (relação com treinador, dirigentes, atletas e apoio familiar) e competitivos (experiência competitiva em nível nacional e internacional) (SANTOS NETO *et al.*, 2015; HAIACHI *et al.*, 2016).

Segundo Bragaru *et al.* (2013) estes fatores estão relacionados a barreiras técnicas (transporte, infraestrutura – instalações esportivas, informações e equipamentos), sociais (grupos sociais, parceiros esportivos e falta de apoio) e pessoais (saúde física, psicológica, experiências anteriores, gerenciamento do tempo e idade). Aspectos como a idade avançada e altos custos para se manter também ocupam papel de destaque.

Estes aspectos esbarram em problemas globais apontados por Mauerberg-deCastro *et al.* (2016) de vulnerabilidade social referente à acessibilidade (desfazer o estigma da deficiência), vulnerabilidade política (organizações representativas não oferecem oportunidades para todos) e a vulnerabilidade econômica (escassez de oportunidades de treinamento, tecnologia e patrocínios).

Nesse sentido, o contato do atleta com o esporte, sua vida antes de iniciar efetivamente no esporte e sua identificação enquanto atleta será aprofundada, na perspectiva de compreender o ambiente que cerca o atleta com deficiência.

## VIDA ANTES DO ESPORTE

Alguns atletas tiveram o esporte sempre presente em suas vidas “tenho o esporte muito próximo, antes e depois da lesão, estive sempre envolvido” (atleta A12), “praticamente nasci no esporte, está tão enraizado na minha vida que agora eu passei para os meus netos [...] comecei brincando, mas depois eu levei tão a sério aquilo que eu tinha até patrocínio” (atleta A1). Esse envolvimento profundo gerou um sentimento tão grande de pertencimento que passa a ser considerado um problema pensar a vida longe do esporte “não sei como seria, tudo na minha vida girou em torno do esporte” (atleta A14).

O brincar antes da competição é um caminho interessante para o desenvolvimento de qualquer indivíduo, o que pode amenizar sentimentos de tristeza ou insegurança, já que neste momento importante da vida, a infância, as boas lembranças e as relações familiares impedem o desenvolvimento de sentimentos negativos:

*A11 “desde que meu pai me colocou no mundo, porque eu não sabia que o (esporte) era tão importante na minha vida e ele mexe comigo de tal modo que hoje eu posso ver os frutos colhidos, como estas crianças que estão aqui se arrumando para o treino”;*

*A15 “minha mãe fez assim algo espetacular, não me contou sobre a minha (deficiência), contaram para os meus irmãos. Então, o que eles faziam? A gente ia jogar bola, meus irmãos me colocavam no gol, a gente ia brincar de rebatida, podia pegar a bola na mão, todo mundo colocava a bola no chão para chutar eu podia pegar a bola na mão porque conseguia chutar a bola com um pouco mais de força. Os meus irmãos me inseriam lá no meio das brincadeiras, todas. Ia brincar de esconde-esconde, eles conversavam com o povo escondido de mim e, de uma forma ou outra, eles me deixavam inserido no meio da brincadeira. Nadar no rio, os meus irmãos nadavam no rio o tempo todo perto de mim, então os meus irmãos me inseriram no meio de todas as brincadeiras da minha juventude, eu não ficava fora de nada, era uma bagunça muito grande. Eu passei minha infância toda com meus irmãos, bagunçando, fazendo tudo o que eles faziam, eles que não tinham a deficiência e eu já com a deficiência, mas não sabia que o meu cansaço, minhas dores era por causa da deficiência. Minha infância foi muito bonita, tenho boas lembranças da minha infância junto com meus irmãos”;*

*A19 “vim do interior, era uma criança que brincava, corria, gostava de correr, tenho cicatrizes, risos. Brincava normal com meus irmãos, sempre gostei de correr e depois, quando a gente se mudou [...] conheci o instituto, ficava lá o dia todo [...] convivia com as minhas duas irmãs que eram mais velhas que eu dois anos, brincava junto, acho que era mais elétrica que elas. Dava mais trabalho”.*

Estas boas lembranças também podem ser expressas pelo atleta A16, que mesmo tendo que se deslocar por uma longa distância para estudar e ter que atrasar seu processo educacional, pela dificuldade de ser assistido pelas escolas da região, guarda a lembrança da alegria que era se deslocar até a escola e da interação feita com os alunos, seus pais e demais familiares, este momento foi realmente marcante:

*comecei a estudar um pouco tarde, de 7 para 8 anos, porque até então, quando a minha mãe foi procurar escola para mim, tinha uma escola perto da minha casa, mas essa escola não estava me aceitando, porque ela falava que não tinha estrutura para poder atender o deficiente. A sala não estava preparada para poder atender as minhas necessidades. Teria que contratar mais um professor para cuidar só de mim. Minha mãe conseguiu arrumar uma escola, mas que era um pouco longe de casa, uns três quilômetros de casa, era bem legal, ia de bicicleta. Ia pedalando de casa até a escola. Minha mãe colocava a mochila nas costas e ia me empurrando e eu ia pedalando com o pé amarrado. No alto tinha que fazer mais força, era subida, muito morro para subir, tinha que fazer mais força para subir. Uma prima, junto com meus primos, me ajudavam carregando a mochila, me acompanhando, fazendo farra. Os próprios alunos também, as mães, os pais dos alunos ajudavam a empurrar, mas nunca me privei. Antes do esporte surgir na minha vida, a minha mãe, meu pai, eles nunca me deixaram trancados nem me privavam de nada [...] minha mãe também me levava para fazer fisioterapia, pegando trem, ônibus, me levava no colo, muitas aventuras na minha vida. Até que, aos 12 anos, consegui ir para outra escola. Ia de bicicleta também. Chegava lá, os alunos me carregavam para*

*todo lugar, me levavam na carteira e andavam comigo por todo lugar, me levando no colo, tudo isso sem cadeira de rodas. Em 2004 (19 anos), conclui o curso do ensino médio.*

Antes do envolvimento direto com o esporte, alguns atletas tinham “perspectivas e sonhos” que foram interrompidos:

*A17 “trabalhava numa multinacional com grandes expectativas, concretas, de ser bem-sucedido profissionalmente e infelizmente o acidente mudou minha perspectiva de vida profissional para uma vida de atleta, que ao mesmo tempo não deixa de ser profissional, mas alinha com algo que gera prazer que é praticar esporte e gerar saúde, as duas coisas estão ligadas. Eu sou um pouco ainda workaholic, sou viciado em trabalho, fazer as coisas, então ir trabalhar na área privada, o trabalho não está relacionado à saúde não, não tem essa relação. Chegava à empresa às cinco da manhã e tinha dia que era meia noite, uma hora da manhã estava lá ainda, mas porque entrei em uma empresa que recém tinha sido inaugurada no Brasil, então estava toda numa cadência de implantação, foi bem puxado. Hoje o mercado é um pouco ingrato, a gente fala que nas empresas você é apenas uma peça de xadrez, o dono mexe a peça, mas ele não se preocupa se vai perder a peça. Ele se preocupa em ganhar o jogo, só que às vezes você é a peça da vez [...] em relação ao esporte, era só o famoso peladeiro de final de semana”;*

*A21 “Então antes de ser amputada, trabalhava, trabalhei em uma empresa por 11 anos. Estava super estável, cursava engenharia de produção que era em função do meu trabalho. Estava bem, ganhava bem, não tinha porque sair da empresa. Estava com 25 anos, encaminhada para vida, construindo alguns planos, estava com uma carreira construída, porque deixar tudo para trás e começar tudo do zero? É diferente de um atleta com 15, 18 anos já está no esporte, porque aquela vai ser a carreira dele. Ele não se preocupou ali com emprego, se sustentar, ele já tem através do esporte. Alguém que já adquire a deficiência, já mais velho é difícil a pessoa tomar a decisão ‘vou para o esporte, quem vai me sustentar?’ Esta parte pegou muito para mim, porque no início fiquei afastada da empresa, recebi os benefícios pelo afastamento, já estava bastante integrada. No ano de 2015, não dava mais, pedi a conta da empresa, sai porque quis mesmo, já não era a minha realidade também, por tudo que aconteceu já tinha sido uma decisão. No início de 2015 já não tinha mais dinheiro, falei ‘não agora tenho que voltar a trabalhar’ e também o esporte até então não tinha me proporcionado financeiramente algo, falei ‘tudo bem, volto a trabalhar, fazer o que’. Voltei a trabalhar em duas empresas em 2015 aí o esporte já estava em segunda opção porque não dava para dar conta de trabalhar dez horas por dia, quase que impossível treinar. Ia treinar para me manter, mas a questão de buscar um alto rendimento já estava ficando para trás. Foi quando surgiu o patrocínio, fui fazer um trabalho, uma mídia para eles, acabaram gostando e eles tinham esta intenção de patrocinar alguns atletas paralímpicos, deu certo. Foi onde pude retornar, sai do emprego que estava, para ficar só no esporte e a partir daí pude me dedicar 100% ao esporte”.*

Outros atletas, como o caso do atleta A11, tiveram outras oportunidades antes de se tornarem atletas: “virei ator antes do esporte [...] fiz filme, fiz outras coisas na televisão, novela”. Como reforça o atleta A14 “há males que vem para o bem”. Este momento de adaptação a uma nova realidade, fora dos padrões de normalidade tanto para os atletas como

para suas famílias, é comprovadamente uma barreira a ser rompida pelos atletas. Todos afirmam categoricamente que tinham duas vidas: “antes da lesão e depois da lesão”.

O esporte tem como característica construir ídolos, promovidos principalmente pela televisão, mais relacionados ao futebol ou a momentos específicos, como no período de realização dos Jogos Olímpicos. O atleta A15 viveu profundamente este sentimento de se espelhar nestes ídolos esportivos:

*queria ser jogador de futebol. Eu queria ser goleiro na época, eu lembro que era a época do Sérgio do Palmeiras, tinha o Veloso e tinha o goleiro no Palmeiras em 1993 e 1994, Gato Fernández, gostava de ver o cara defendendo que era a época que o Palmeiras estava no auge [...] quando conheci o esporte, no início o olímpico, era época do Gustavo Borges, do Xuxa e eu queria ser atleta da nataçã, para representar o Brasil na Olimpíada como eles, então eu lembro que começava a nadar na piscina e eu imaginava lá, às vezes na piscina, nadando igualzinho àqueles caras.*

A importância da formação de ídolos, seja ele olímpico ou paraolímpico, é uma questão determinante para as futuras gerações. A renovação esportiva está diretamente relacionada à exposição e ao sucesso obtido por outros atletas, como relatado pelo atleta A5, que ao tomar ciência da possibilidade de sucesso no esporte por pessoas com deficiência, resolveu se dedicar ao esporte. Benfica (2012) e Cardoso (2016) reforçam, através do depoimento dos atletas, que foi a cobertura da mídia a principal responsável pelo ingresso no esporte de alguns atletas, ao verem o sucesso do atleta Clodoaldo Silva nas Paraolimpíadas de Atenas, em 2004 (06 medalhas de ouro e 01 medalha de prata). Foi a partir desta cobertura que o principal medalhista brasileiro, Daniel Dias, conheceu o esporte e já no ciclo paraolímpico seguinte, em 2008, superou o ídolo, conquistando nove medalhas paraolímpicas (04 ouros, 04 pratas e 01 prata).

O atleta A12 reforça a importância dos veículos de comunicação para o esporte para pessoas com deficiência:

*hoje quem entra para o esporte, graças a Deus, tem já uma televisão para ver ‘como esse Daniel Dias consegue nadar’ Então isso já encurta o caminho, sem essa informação talvez eu e as outras pessoas com deficiência ainda passasse um bom tempo sem ter acesso ao esporte.*

## PRIMEIROS CONTATOS COM O ESPORTE

O esporte cruzou a vida destes atletas de diferentes formas. A consciência de que “o esporte na vida de qualquer pessoa, mesmo que não tenha problema físico, é muito importante” (atleta A1), de que “pode mudar vidas” (atletas A11, A15) e ser um caminho importante para o seu desenvolvimento, “enxerguei um ponto positivo, poderia conseguir

coisas e também levar coisas, acabou dando tudo certo e estou nele” (atleta A21) está presente nos depoimentos dos atletas.

De maneira informal, e sem nenhuma pressão pela busca por resultados. Esta foi a forma como o esporte entrou na vida da atleta A1:

*esporte para mim começou como uma brincadeira, uma brincadeira de tirar dúvida [...] o primeiro contato foi quando era pequena. Eu brincava em casa, tive uma infância pobre, meus pais eram pobres, então eu tinha uma raquete e uma bolinha, aí ficava brincando. Adorava ficar jogando, quando houve a possibilidade de começar a jogar (no clube), que ficava na esquina da minha rua [...] comecei a jogar, comecei a gostar. Então quando eu comecei a trabalhar [...] anunciaram que ia ter os campeonatos, eu disse: ‘quero participar’. Aí eu comecei a participar.*

Este primeiro contato com o esporte é muito rico, graças à presença de professores, seja na escola ou em clubes, que procuraram ampliar a experiência motora a partir da prática de diferentes esportes, fato este determinante para escolha ou encantamento com um esporte específico. Esta orientação nas idades iniciais da vida, com certeza foi um grande diferencial na trajetória esportiva destes atletas:

*A2 “O esporte entrou na minha vida aos sete anos quando passei a frequentar a escola, porque o professor de Educação Física falava: ‘vamos lá, vamos jogar bola’ e eu era muito relutante em jogar porque eu não conseguia nem ficar em pé. Com muita insistência do professor eu fui um dia jogar, depois no outro dia e passei a começar a jogar, virei goleiro, melhor goleiro da escola e depois com passar do tempo comecei a jogar outros esportes na escola também: vôlei, handebol, basquete [...] aos poucos eu comecei a praticar esporte com certa regularidade, comecei a cair menos até eu parar de cair praticamente ou já ter uma estabilidade muito boa. Então, na verdade, o esporte naquele momento ali, mesmo sem eu entender ou ter algum tipo de objetivo, fortaleceu a minha perna e foi me dando mais capacidade de andar e aquilo lá vai virando um vício. Você começa a participar daqui, participar de lá e passou um período, eu estava já com 10, 12 anos, bem integrado e praticando todos os esportes”;*

*A15 “caminhava muito para ir para escola, morava numa zona rural, às vezes ficava para trás no caminho, porque eu começava a sentir dores nas pernas e eu achava que era porque eu estava caminhando rápido demais, corria, brincando, bagunçando. Chegava atrasado à escola, os professores começaram a desconfiar, meus pais começaram a me levar ao médico e aí os médicos detectaram que eu tinha uma (deficiência), mas não sabiam qual era. Estava indo aos médicos para buscar um tratamento para aquela tal dor que eu sentia nas pernas, depois de um tempo, aos quatorze anos os médicos detectaram a (deficiência) e eles me indicaram a natação, a hidroterapia e a fisioterapia como tratamento [...] ali eu conheci o esporte, passei a treinar, comecei a competir, mas eu não tinha resultado porque a fraqueza no meu corpo era muito grande, então eu conseguia nadar, mas eu não tinha velocidade para nadar rápido e aí a professora me apresentou a natação paralímpica, dos 14 aos 16 anos eu tentei a natação olímpica não deu certo, dos 16 aos 19 anos eu tentei a natação paralímpica, mas a fraqueza foi aumentando e eu não conseguia ter resultados, foi aonde eu desanimei. Então o meu início no esporte paraolímpico foi na natação, não*

*tive resultados [...] dos 19 até os 22 anos foi a pior fase da minha vida. Foi a fase que eu estava entrando em depressão, passando do andar para a cadeira de rodas, aquela dificuldade toda, não tinha amigos, não saía [...] foi a pior fase da minha vida, eu já estava dentro de casa, em depressão, sem perspectiva nenhuma de vida, quando aos 22 anos eu conheci o esporte, que mudou a minha vida”;*

*A23 “teve uma apresentação no meu colégio, porque o professor passava nas escolas para incentivar as crianças a fazer o esporte [...] me interessei, tinha uns seis anos (2003), cheguei em casa pedi para meu pai, minha mãe verem eles achavam alguma aula, algum lugar para fazer. Por coincidência, os vizinhos do meu prédio também (praticavam). Meu pai falou com eles e disseram para ir lá onde os filhos deles faziam, para ver se eu iria gostar ou não. Fui lá, os professores me ajudaram, fiz aula e gostei muito, muito, muito, muito [...] comecei a fazer, depois comecei a participar de competições, só com pessoas que enxergavam [...] quando participava dessas competições que as pessoas enxergavam, algumas vezes ganhava, bastante vezes [...] Em 2011, conheci o (esporte paraolímpico), comecei a participar de competições paraolímpicas e continuei participando no regular. Os técnicos da seleção brasileira gostaram, começaram a me convocar para seleção brasileira e começou a andar a minha vida”.*

A presença da família continua sendo determinante seja para inspirar, acompanhar ou lutar por melhores oportunidades:

*A7 “sempre tive uma vida ativa esportiva, mesmo antes de conhecer esporte paraolímpico minha mãe sempre me deu plenas condições. Lá atrás, quando ela ficou sabendo que a infecção tinha sido resolvida, mas que por eu não ter articulação não iria conseguir andar, ela pegou e já me jogou na água. Ela que me ensinou a nadar com três anos e meio, ela sempre foi alertada que eu precisaria fazer alguma coisa, ter alguma atividade esportiva e sempre me deu condição de tudo. Joguei basquete, vôlei, futebol, tênis, judô, sempre fiz de tudo um pouco, sempre de tudo um pouco”;*

*A10 “Eu fazia judô também, mas parei. Fazia capoeira na minha antiga escola e futebol no (clube1). Eu queria fazer parte da equipe da professora, meus pais falaram com ela e me levaram para o (clube2). (Depoimento): ‘insistimos para que a professora pelo menos o visse praticando, porque ela tinha alegado que não tinha vaga. Quando ele ia começar ela disse: ‘não se joga não, você pode se machucar’. Como ele não conhece o limite, ele se jogou. Antes dele chegar, ela chamou a diretora e disse: ‘eu não posso perder este menino’. Isso foi no final de 2007 (16 anos), duas semanas depois, ela organizou um campeonato no (clube3). Já neste campeonato ele se saiu muito bem, voltou para casa cheio de medalhas. Nesta competição ele conseguiu o índice para participar de uma competição em Portugal. Lá ele conquistou três medalhas de ouro”;*

*A11 “Porque meu pai e meu irmão quando eles vieram para o (clube) praticar esporte, junto com minha mãe e minha irmã a gente era de família de atleta, eu tinha três anos. Meu irmão praticava esporte e eu aos seis anos entrei para o esporte [...] comecei a levar a sério e hoje pratico o amor ao esporte e que as pessoas também vejam que o esporte também pode mudar vidas”;*

*A14 “meu pai sempre foi muito do esporte, então desde que eu me conheço por gente que eu consigo entender alguma coisa, eu sempre tive nesse meio,*

*de estar jogando bola com a molecada na rua. No colégio, descobri o esporte, me apaixonei [...] e até hoje estou aí. Não me vejo de fora”;*

*A22 “comecei a jogar muito cedo porque minha mãe era jogadora, chegou a pegar seleção (estadual) e meu pai era jogador (de uma grande equipe nacional). Então desde muito cedo convivia no meio do esporte, depois disso meu pai virou professor de natação. Fiz natação muitos anos, competia na escola também, ganhava bolsa de estudo para jogar os jogos estudantis, sempre estudei em escola particular, mas com bolsa. E lá jogava tudo, desde tênis de mesa, handebol, basquete, tudo. Porque a gente que joga, acaba sempre jogando um pouquinho de cada coisa [...] comecei a gostar de (esporte), fui para escolinha do (clube) depois disso não parei mais”.*

A divulgação de locais que ofereçam atividades esportivas para pessoas com deficiência é um grande desafio. Alguns atletas tiveram a oportunidade de ter um círculo de relações que possibilitasse o acesso a esta informação, o que facilitou a sua inserção e envolvimento com o esporte. O convite feito por professores, amigos, dirigentes ou pelos próprios atletas continua sendo importante para que cada vez mais pessoas sejam mobilizadas para conhecer o esporte para pessoas com deficiência, marcando de vez sua vida através do esporte:

*A15 “quando eu conheci (o esporte adaptado), foi muito interessante assim, foi até meio engraçado, cômico. Eu ia fazer fisioterapia no clube, ficava olhando vários cadeirantes em uma quadra jogando várias bolinhas e era um frio de manhã e eu ia para fisioterapia e pensava ‘esse fisioterapeuta, ao invés de passar o tratamento para esse pessoal na sala de fisioterapia, fica fazendo eles vir de manhã e brincar de bolinha’. Eu fiquei umas três semanas observando aquilo. Peguei raiva daquele profissional que estava lá em cima. Eu estava deitado no tablado quando o fisioterapeuta falou ‘tem um rapaz ali que quer te conhecer’ eu só mexi a cabeça e coloquei de lado e vi aquele, tal profissional que fazia os caras perder tempo jogando bolinha, aí eu pensei bom ‘aquele cara vai querer passar aquele tratamento lá para mim, eu vou lá nada, perder tempo’. E aí pensei comigo ‘bom eu não vou tratar ele mal, vou lá faço um teste e nunca mais eu volto’ E aí saí do tablado de fisioterapia, minha irmã estava me esperando, já pegou no meu braço ‘olha vamos ali que tem um rapaz que quer conversar com você’ Eu já falei para ela ‘não, não, vamos embora, vamos embora, vamos embora rapidinho porque eu não quero conversar com ele não’. Ela falou ‘não vamos lá, ele quer apresentar para você, um esporte novo’ eu falei ‘não, não quero saber daquele cara não, que fazia um monte de cadeirante jogar bolinha’. Mal sabia eu que minha irmã já tinha conversado com ele há umas três semanas, todo dia ela ia lá, conhecia, já sabia o que era. Me agarrou e falou ‘você vai, você vai’ eu falei ‘não, não quero não’ ela falou ‘você vai sim’ e aí eu falei ‘tá bom, vamos lá’. Fui lá, desconfiado, cheguei, aquele monte de cadeirante, paralisado cerebral, lesado medular, tudo torto, aquele negócio tudo jogando bolinha. Eu olhei aquilo tudo e pensei ‘o que eu estou fazendo aqui?’ E aí o professor, descobri que era um professor de educação física, muito esperto. Por isso que para trabalhar com a pessoa com deficiência, o profissional, eu costumo dizer que tem o dom, ele é nascido para isso e tem que ter uma capacitação, ele tem que ser preparado. Eu lembro que ele chegou, se apresentou e falou que era uma modalidade nova que ele estava implantando, para tirar as pessoas com deficiência de*



*dentro de casa, tudo que eu estava precisando, claro. E aí eu lembro que ele pegou uma cadeira de plástico, olha, 'senta aqui, vou colocar umas bolinhas aqui e você vai jogando ali' eu peguei sentei naquela cadeira de plástico, comecei a jogar umas bolinhas e era como se fosse paixão a primeira vista. Pensando assim, o meu preconceito gigante com cadeira de rodas, se ele tivesse pego uma cadeira de rodas e falasse 'senta numa cadeira de rodas que você vai jogar' nunca mais eu teria voltado ali, para você ver assim o feeling que ele teve ali, vamos dizer assim, para não me fazer sentar em uma cadeira de roda, para me colocar, adequar aquele ambiente todo, a tudo que estava acontecendo. Então tudo foi acontecendo, as peças foram se encaixando no seu devido lugar na minha vida para que eu entrasse no (esporte adaptado) e aí sim foi paixão à primeira vista. Já no primeiro dia eu fiquei mais ou menos uma hora jogando a bolinha e nem vi o tempo passar, ficava dentro de casa sem fazer nada, e já queria levar o kit para casa no primeiro dia porque agora eu tinha algo para fazer e o tempo passava. Ele falou não 'terça e quinta das nove às onze e meia é o treinamento se você quiser você pode vir participar' todo dia eu tinha um objetivo agora, que era fazer fisioterapia, sair da fisioterapia e já ir fazer (o esporte adaptado) então eu passei a ter algo para fazer. Eu não era mais aquela pessoa que ficava dentro de casa vendo o tempo passar. Mal sabia eu que era a modalidade que iria transformar minha vida e foi aí o meu primeiro contato que transformou minha vida.*

Estas relações sociais, construídas a partir da prática esportiva, fazem com que novos caminhos se abram, tanto para os atletas como para as pessoas que cruzam seu caminho, já que uma característica deste movimento esportivo é incentivar cada vez mais a participação e a presença de pessoas com e sem deficiência em atividades físicas, esportivas, culturais ou laborais:

*A3 “nasci com uma doença degenerativa da retina [...] sempre gostei de praticar futebol, sempre joguei futebol então quando eu me mudei, começou a perda progressiva da visão. Tive a necessidade de canalizar toda aquela vontade de prática esportiva para alguma outra modalidade aí eu consegui me achar no (esporte) e isso aconteceu quando eu comecei a estudar numa instituição especializada na educação da pessoa com deficiência visual, perceberam que eu tinha uma facilidade em percorrer curtas distâncias numa velocidade relativamente boa. Isso aconteceu em 1998 (aos 16 anos) [...] de 1998 até 2001/2002 foi de forma amadora. A profissionalização veio em outro momento, mas até 2001/2002 eu participava de uma forma muito amadora”;*

*A4 “vim procurar trabalho, bati na casa do (professor), eu era fotógrafo [...] ele me olhou e falou: ‘rapaz você é muito grande, você já participou em algum esporte?’ Eu disse ‘não, nunca, só nadava lá na roça’. Nadava no rio, atravessava o rio 10-20 vezes no dia. Quer dizer, eu jogava futebol no gol, com meus irmãos [...] conheci o (clube) naquela época, em 1971 (18 anos), o Brasil tinha chegado da Jamaica do Pan-Americano, comecei a jogar [...] internamente o clube tinha oito equipes, foi ali que comecei basquete, natação, atletismo, handebol [...] quando eu me mudei é que realmente eu tive contato com o esporte”;*

*A7 “fui saber do esporte paralímpico em 1996, final de 1996 (aos 19 anos), eu lembro muito bem, estava na fila do banco, encontrei meu primeiro professor de natação que é um deficiente, teve poliomielite na perna*

*esquerda. Ele tinha participado dos jogos brasileiros, na época que o comitê organizava, que serviu de seletiva para quem iria para Atlanta. Aí ele me falou: ‘vamos’, mas eu falei: ‘mas eu não sou aleijado, não, não’. Fui relutando, relutando. Ele falou: ‘você vai ganhar medalha, eu lembro que você ganhava de todo mundo, você vai ter condições’. Chegou em 1997, ele insistindo, fui para uma competição em Natal, porque essa empresa que eu trabalhava, através da minha mãe, sem eu saber, me deu a passagem para ir para Natal. E aí, fui para conhecer. Fui ver mesmo que têm as categorias, tudo certinho, que tinha um cara que era menos deficiente que eu [...] aí eu comecei a treinar sério mesmo, em 1996 já estava voltando a frequentar a academia duas vezes por semana, quando eu voltei desta competição em Natal falei ‘eu vou treinar’. Comecei a treinar, teve uma competição no interior do estado que era como se fosse um brasileiro, ganhei as cinco provas e fiz a melhor marca das cinco, indiscutível e aí que eu comecei a falar: ‘não, agora eu vou pegar para valer’ e aí foi embora”;*

*A13 “Na verdade desde os seis anos de idade, eu sempre tive contato com o esporte, meus pais queriam que eu praticasse esporte, eu era uma criança obesa [...] com 23 anos sofri o acidente, comecei a fazer a reabilitação na água como a grande maioria das deficiências adquiridas começa [...] comentava com todos na época, que uma das minhas frustrações era que queria voltar a competir. Eu sou um cara muito competitivo, queria voltar a competir. E quando me falaram que tinha natação para deficiente físico, fui participar. Comecei participando, só que assim, nadava, mas nadava para não morrer afogado, queria sobreviver. Eu queria ser competitivo novamente. Quando me apresentaram o esporte, ‘olha você tem um porte para este esporte individual, vamos tentar?’ Tentei, naquela época em 1994 (24 anos), realmente foi sorte, tinham poucos atletas, eu peguei segundo lugar no campeonato e resolvi [...] ‘vamos desenvolver isso’ e foi indo. E de lá para cá, veio estes títulos todos, uma coisa que eu percebi, você vai abrindo caminhos”;*

*A14 “conheci o esporte paraolímpico por intermédio de um atleta, ‘você não quer conhecer o esporte paralímpico? Vai lá conhecer, para ver se você gosta’ tinha dúvidas ‘mas será que eu me encaixo?’. Resolvi ir, fui em um dia de trabalho de deslocamento [...] é muito agressivo, para não dizer que o (corpo) fica doendo de verdade, tudo dói. O treinador ‘é melhor você ir embora, é melhor você ir embora, é melhor você ir embora, porque senão amanhã você não vai levantar da cama’. Eu falei ‘não, deixa eu suar, porque eu estou adorando isso, me encontrei de novo’ porque realmente eu estava entrando em depressão, foi o que me levantou para a vida de novo, que me renasceu. Nossa eu não sei te explicar o prazer que eu tive, o esporte adaptado me fez muito bem”;*

*A16 “então eu conheci através de um amigo, que me falou do esporte, em 1996. Eu sou um dos primeiros atletas no Brasil, tinha 11 anos de idade, até então não praticava nada [...] vim (de uma migração estadual) e até os 11 anos de idade não praticava nada, ficava só em casa mesmo, fazendo fisioterapia [...] esse amigo, falou que tinha um esporte novo no Brasil que estava começando, que era para deficiente, ele perguntou se eu não tinha interesse de conhecer, falei ‘posso ver, final de semana’ [...] comecei no (clube) e fui me encantando com esporte. Na época eu não tinha cadeira de rodas, meu pai me levava no braço, no colo. Até então, achava legal porque a gente jogava em uma sala, a gente não tinha material para jogar e era bem legal, todo mundo ficava perfilado assim na parede e a gente ia jogando, dentro do cesto de lixo, dentro de um cesto grande e a gente ia*

*jogando, aquele trabalho era mais uma recreação, não é como é hoje, era mais uma recreação. Eu fazia natação, fiz até dança nessa época”;*

*A17 “uma pessoa foi morar próximo de casa e sofreu um acidente de moto e acabou se tornando meu amigo. Soube que eu era uma pessoa em cadeira de roda, sabia que tinha uma vida mais sociável, sabia que tinha uma independência, formado e tudo mais, e a gente acabou se aproximando. E uma maneira que tentei ajudá-lo foi levá-lo para conhecer o esporte, até então eu não fazia. Foi a única maneira que podia tirar ele de casa para fazer uma atividade. Coincidiu que ajudou a ele e a mim, porque fui levar ele e acabei também ficando, na época, no esporte [...] sou uma pessoa que até então sou muito dedicada, determinada e competitiva. A princípio comecei a fazer algo por lazer para ajudá-lo e depois para me ajudar também como lazer. Só que aos poucos aquilo não foi suficiente, então comecei a me dedicar e aquilo se tornou alto rendimento para mim”;*

*A18 “foi o presidente de uma associação, ele pediu para a professora de Educação Física para indicar uns atletas e indicaram meu nome, porque sempre participava, sempre fui elétrica, gostava de correr desde criança. Fui uma das indicadas para começar a praticar. No primeiro ano já competi (em outro estado), tinha 13 anos, competi, já bati o recorde brasileiro dos 200 metros, ganhei os 100m e fiz salto em altura, fiquei em terceiro”;*

*A20 “comecei no movimento das pessoas com deficiência, lá em 1983 (48 anos), teve um congresso para discutir os direitos do ir e vir, todos os direitos que hoje a gente tem adquirido, foi lá que tive o primeiro contato com o pessoal envolvido em nível nacional. Eles passaram a me conhecer, começamos a jogar futebol, brincar e aí foram se formando equipes, antigamente eram misturadas todas as deficiências, não havia uma separação. Quando surgiu a oportunidade de o Brasil participar do primeiro campeonato mundial, em 1989, fui convidado para participar de uma seletiva de 60 atletas, onde se escolheriam vinte. Fui incluído nestes vinte atletas e de lá não saí mais”.*

A reabilitação permanece muito próxima do esporte sendo considerada pelos atletas como uma continuidade no processo de adaptação à nova realidade:

*A5 “através da deficiência, adquirida em 1983, fui internado em um centro de reabilitação, lá tive contato com alguns informes de que passaram algumas pessoas por ali e que já estavam fazendo sucesso no paradesporto [...] a partir desse momento, quando saí (aos 21 anos), fui procurar e tive contato com esporte pela primeira vez, comecei inicialmente com o atletismo, passei por todas as modalidades natação, tênis de mesa, mas efetivamente quando tomei consciência de que deveria focar, foi uns três anos após, em 1986 mais ou menos”;*

*A21 “em outubro de 2012, fiquei doente, tive uma infecção generalizada, tiveram vários agravantes, fiquei dois meses internada e uma das consequências foi a amputação dos pés, devido à falta de circulação que a infecção trouxe. Então minhas extremidades ficaram sem a circulação de sangue e meus pés necrosaram, amputei e saí do hospital no início de 2013 (aos 26 anos) e logo um mês depois da minha alta, fui procurar o esporte como forma de reabilitação. Na minha cidade tem um programa de esporte adaptado, fui procurá-los, a princípio queria a natação. No hospital tive insuficiência pulmonar, a natação iria me ajudar em tudo, depois eles me apresentaram o atletismo [...] fui ficando, ficando, o esporte entrou nessa*

*forma de reabilitação, fui conhecendo mais, porque não era tão próxima e vi no esporte, muitas oportunidades”.*

O fato de ter sido atleta amador ou de alto rendimento antes da aquisição da deficiência teve influência na adaptação ao esporte adaptado. Apesar de ainda possuir uma estrutura amadora, esta manifestação esportiva, aos poucos, procura se profissionalizar, principalmente em relação à rotina de treinamento:

*A6 “foi assistindo na televisão, me apaixonei, sempre fui para rua, o contato foi sempre jogando amador, mas buscando o profissionalismo, foi uma caminhada longa e difícil [...] onde morava, a violência tomava conta da comunidade, então era difícil assim de ver aqueles seus amigos escolhendo um caminho errado devido à falta de oportunidade ou à falta de vontade de querer uma vida melhor. Eu escolhi o caminho do esporte porque acreditei que poderia mudar minha vida e foi através dele que eu botei isso na cabeça, de que um dia eu conseguiria mudar de vida e melhorar a vida da minha família, desde os oito anos de idade estou nessa caminhada. No esporte paralímpico, tudo aconteceu em 2007 (aos 20 anos), eu conhecia um amigo, que era um atleta paraolímpico, mas que há muito tempo eu não o encontrava, uns três anos. Coincidentemente encontrei com ele, que me perguntou se eu estava jogando em algum lugar. Eu falei que não, que já estava quase desistindo pela questão do preconceito [...] ele falou que estava no esporte paraolímpico, me explicou como era e assim na mesma hora eu aceitei, na mesma hora eu quis saber como é que era o esporte paraolímpico. Eu conheço muita gente que possui deficiência, procurei indicar, mas, que tem vergonha [...] isso foi numa quarta-feira e numa sexta-feira ele marcou comigo para a gente ir treinar. Na sexta-feira eu já estava lá [...] o professor me avaliou porque não é toda pessoa com deficiência que pode fazer parte, naquele mesmo dia eu treinei. Aquele dia, mudou minha vida, ele viu um talento em mim, apostou e graças a Deus deu certo [...] tive bastante realizações na minha vida profissional, que era uma coisa que eu queria e de 2007 para cá, eu venho representando nossa seleção, não fiquei fora de nenhuma etapa, de nenhuma competição, só não joguei o Pan de 2007 porque a equipe já estava fechada, mas nessa época eu nem sabia muito da seleção”;*

*A8 “eu era atleta olímpico até os 16 anos, sofri um acidente, uma fratura no pescoço. Fiquei internado por dois anos e lá no centro de reabilitação eu vi os ex-atletas treinarem, tinha uma quadra, lá eu tive o contato com o pessoal, experimentei algumas modalidades até que eu tive o contato com a (professora) que era uma atleta olímpica, estava deixando de ser atleta olímpica, estava entrando para carreira de aposentada e aí ela resolveu ser técnica de uma equipe paraolímpica, mas ou menos quatorze pessoas e eu fui um destes”;*

*A22 “primeiro, quando você pega uma seleção brasileira, porque é outra coisa, você já começa a treinar dois períodos, fica longe de casa e depois que fui para (um grande clube) [...] era juvenil, mas treinava no adulto, começa a ver todo profissionalismo e você já começa a se considerar uma atleta mesma. No paraolímpico, para mim foi muito difícil, agora deu uma melhorada, porque no começo era muito amador, a gente que chega e já tem aquele sangue de atleta na veia e a maioria começou a jogar depois que tiveram a deficiência. Eu não aceitava certos erros ‘nossa, mas como, dez anos que já joga’ desde quando entrei no esporte paraolímpico já me considere uma atleta”.*

## CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO ATLETA

O processo de aquisição de uma deficiência interrompe a rotina de algumas pessoas e faz com que aflore um conjunto de sentimentos, muitas vezes desconhecidos, que influenciam principalmente sua noção de pertencimento. O esporte passa a ser visto como uma forma retomar o rumo da vida e fazer com que estes sentimentos sejam melhor administrados. Ao se identificar com o esporte e assumir a identidade de atleta, novas portas se abrem e o sentimento de incapacidade cede espaço para o de pertencimento. A possibilidade de realização proporcionada pelo esporte traz um novo sentido para a limitação presente na deficiência (HAIACHI *et al.*, 2016).

A construção da identidade de atleta está relacionada ao contato com o esporte, às conquistas esportivas, ao ingresso em uma equipe, às horas dedicadas ao treinamento, a ser visto de forma diferente (atleta de rendimento), ao fato de possuir um suporte (equipe multidisciplinar) e poder representar o país em competições internacionais. Estes momentos desempenharam um papel fundamental para o crescimento destes atletas no cenário esportivo nacional e internacional. A palavra oportunidade começa a aparecer como um fator determinante para a constituição desta nova identidade:

*A1 “foi quando eu ganhei a medalha de ouro! me senti poderosa. Aquela medalha para mim foi tudo, porque ali eu levantei minha moral, elas agarraram um medo de mim porque elas já tinham um medo de mim por eu ser sempre a mais velha de todas. Então elas achavam que eu tinha mais capacidade do que elas, mas só que elas iam treinando, treinavam com um técnico e eu para treinar era uma dificuldade”;*

*A2 “a partir do Pan de 2003 que aí eu realmente já estava bem, treinando seis horas, já tinha uma agenda praticamente para o ano todo de competições e treinamento, foi aí que decidi que era isso que eu queria exatamente”;*

*A3 “eu passei a me considerar atleta justamente pela insistência, eu pedi para que fosse encaminhado para algum treinador e foi quando me apresentaram o professor que na ocasião treinava (grandes atletas do esporte paraolímpico) ele tinha essa experiência com atletas com deficiência [...] quando lá cheguei que eu me apresentei e pedi para que ele pudesse me dar essa oportunidade para que eu fosse treinado por ele, foi quando eu comecei a me sentir iniciando a carreira de forma profissional porque já iria passar a ter uma rotina de treinamento, de segunda a sábado, em torno de 3,4 horas por dia de treinamento”;*

*A4 “a partir da minha primeira competição, foi um campeonato interno do clube, a gente tinha muitos atletas lá dentro. Tínhamos campeonato de atletismo, natação, basquete e a gente inventava. Fazia até handebol, mas nada oficial. Fazíamos do nosso modo mesmo. Então a partir daí a gente saía, ia fazer exibições em colégios, faculdades, em prefeituras, em clubes.*

*As pessoas batiam palmas e ninguém queria perder. Todo mundo jogava uma partida, dava o sangue, era uma exibição, mas para gente era uma encarnação quando voltava lá para o clube. A torcida não sabia, mas nós estávamos jogando apostado”;*

*A5 “à medida que os resultados foram aparecendo, a gente começou a ver aquela questão, do lado bom que o esporte traz o reconhecimento das pessoas, de familiares, de ver que as pessoas se miravam no nosso exemplo, muitas vezes pessoas que tinham o mínimo de deficiência ou que não tinham deficiência nenhuma, se mirava nos nossos resultados para poder prosseguir com uma vida mais saudável e foi a partir daí que eu tomei consciência de que o paradesporto fez um efeito muito grande da minha vida enquanto pessoa com deficiência [...] da minha lesão até tomar uma consciência mesmo de que eu deveria focar nisso vamos colocar aí uns 6/7 anos mais ou menos”;*

*A6 “o professor falou: ‘nós vamos disputar o Pan’, foi em Deodoro, aí ele: ‘se você quiser ir lá acompanhar nossos jogos’. Fui a todos e quando vi a seleção jogando, ‘é isso que eu quero para minha vida’, porque era muito legal ver aqueles atletas representando Brasil, naquele momento eu escolhi o que queria fazer”;*

*A9 “quando eu participei da minha primeira competição”;*

*A10 “vou te falar a verdade, antes não tinha uma equipe, eu era simples aluno, agora faço parte da equipe da (professora)”;*

*A11 “não sabia que o (esporte) era tão importante na minha vida e que ele mexe comigo de tal modo que hoje eu posso ver os frutos colhidos”;*

*A12 “na natação, embora eu tivesse esse rótulo de atleta, eu não tinha introjetado isso. Podia ganhar medalha, eu não via um suporte, embora eu tivesse resultado [...] se no campeonato a delegação não vai me levar porque eu sou tetra então eu não sou nada, então eu sou café com leite como a gente diz aí na brincadeira. Mas no (esporte coletivo) sim, passei a me considerar atleta e tive esse suporte. Fui convidado pela prefeitura para fazer algumas palestras educacionais e motivacionais para atrair o público para os Jogos Parapan-Americanos 2007, fui um dos que fez este trabalho, lembro que a gente foi em uma escola [...] aquele monte de criança, depois da apresentação, vieram tirar foto comigo, me deram cartas ‘nossa, eu posso ficar perto do senhor tio, eu nunca fiquei perto de nenhum atleta, um atleta da seleção’ isso nossa dá uma valorização na gente danada. Estes pequenos resultados e estas pequenas emanções de sensações introjetaram e me considerei atleta, ali o alto rendimento instaurou mesmo em mim”;*

*A13 “acho que depois da minha primeira paraolimpíada, quando estive em Sidney, foi um marco para mim, eu era atleta, mas um atleta mediano (esporte amador), não ia ter esta expressão que eu tive. E depois de uma paraolimpíada [...] ainda tive a honra, a felicidade, de ter os amigos ao meu lado, então para quem gosta de esporte e você vivenciar aquilo [...] vou pôr dinheiro, dane-se, vamos indo, vamos indo. Então Sidney foi o divisor de águas”;*

*A14 “sempre me considerei atleta, cheguei ao esporte adaptado em 2010 fevereiro, em outubro já estava sendo convocada para seleção brasileira, então nesse período eu já estava me sentindo uma das top, feras do mundo, me sentia assim de verdade, estar perto (do melhor jogador do mundo) para mim é demais, porque eu sou fã dela, conviver com essas pessoas que tiveram alguma dificuldade na vida e são felizes da vida hoje, para mim isso*

*é o máximo. Poder jogar, ganhando por isso, fazendo o que você ama, é o máximo. Eu me considero atleta desde que o professor me deu uma oportunidade, agora só penso em ser atleta”;*

*A16 “passei a ser atleta mesmo a partir de 2002 quando ganhei o primeiro título nacional que falei assim ‘agora, vamos para as cabeças’ [...] participei a Copa América, foi o primeiro Campeonato Internacional, nos Estados Unidos, fui convocado, foi uma surpresa porque até então tinha sido meu primeiro Campeonato Nacional e logo em seguida já fui convocado para Portugal, Campeonato Mundial, apanhei mais do que saco de batata, só peguei o campeão paralímpico na época, campeão mundial e o campeão pan-americano, eu falei ‘nossa’ era paulada de todo lado, 17 a zero, 12 a zero, 15 a zero falei ‘nossa mãe’, mesmo assim eu falei ‘não, não vou desistir, vou continuar’. Vim ganhando os títulos nacionais. O momento que mudou minha vida foi na Irlanda do Norte em 2011 quando fui terceiro colocado na Copa do Mundo. Fui terceiro colocado e a partir daquele momento falei ‘agora eu vou construir minha carreira internacional, agora com essa medalha de bronze eu vou para as cabeças, vou conquistar algo na minha vida’”;*

*A17 “pelo meu perfil, desde o momento que fui para uma competição, minha primeira competição lá em 2008 que fui para um brasileiro de acesso, já me considerei um atleta, porque daí você sai da brincadeira para algo competitivo literalmente. Você começa a avaliar o nível de competitividade, o nível técnico dos demais e como sou um pouco competitivo, para não dizer que sou muito competitivo, hoje perco, amanhã começo a treinar porque quero ganhar da pessoa, então a partir do momento que comecei ‘agora eu quero chegar ao topo’ comecei a me tornar atleta”;*

*A20 “desde o primeiro dia, a minha vocação é ser atleta”;*

*A23 “no momento que entrei para seleção paraolímpica em 2012 (aos 15 anos)”.*

O professor continua exercendo um papel crucial na identificação, seleção e prospecção de atletas de rendimento. São eles que abrem as portas, orientam e incentivam os atletas a trilharem por este universo esportivo, complexo, cheio de barreiras e facilitadores que precisam ser administrados para obtenção do sucesso em suas carreiras esportivas:

*A6 “em 2007, uma palavra que eu não esqueço até hoje que o professor falou para todos os atletas, que ele não queria o melhor jogador, ele queria verdadeiros atletas então aquilo ficou na minha cabeça, mas fiquei pensando o que é ser um atleta porque antes eu não sabia, só corria atrás de clubes, não tinha muita noção quando comecei a treinar, por isso o agradeço até hoje, foi por causa dele que eu me tornei um atleta de verdade, com a experiência dele que eu comecei a ver o que é ser atleta de verdade, o que a gente tem que fazer para se tornar um atleta e que a gente tem que abrir mão de muita coisa. Foi a partir dali que eu me tornei um atleta”;*

*A7 “quando quis participar do brasileiro, não deixaram porque eu não tinha participado do Regional [...] mas a TV local quis fazer uma filmagem e aí eles autorizaram que participasse de uma prova de demonstração. Eu lembro até hoje [...] ganhei dos caras, cheguei e eles ainda estavam na bandeirinha dos 50 metros. Ai eu falei: ‘pô, eu acho que vai dar’, o pessoal falou ‘porque você não apareceu?’, eu falei: ‘não deixaram porque eu não participei do regional’ o professor falou: ‘não, então ano que vem o*

*regional vai servir para selecionar quem vai para Nova Zelândia, 1998' [...] sempre tive aquele sonho de viajar, de conhecer o mundo, foi aí que me deu aquele 'se eu me dedicar eu acho que consigo' aí ele falou 'nós vamos levar mais de 30 atletas'. Cheguei no regional, fui o melhor atleta, um dos melhores índices técnicos nesse regional e o professor falou: 'você está dentro, vai arrumar passaporte essas coisas, que você vai para Nova Zelândia' e a partir daí eu passei me considerar atleta”;*

*A8 “a partir do momento que a professora me convidou, porque ela convidou apenas quatorze atletas, isso foi de 1980 para 1981. Já em 1982 nós fomos para Halifax numa cidade que fica no Canadá e lá, com estas quatorze pessoas, nós conseguimos trazer 28 medalhas, uma média de duas medalhas para cada um, então todos nós começamos a figurar no cenário internacional. De 1982 até 1992, dez anos de competição, eu não perdi mais nenhuma competição”;*

*A15 “o professor me levou para participar de um regional no Rio de Janeiro em 2002, nosso ônibus era terrível, a polícia parou o ônibus no caminho, eu lembro até hoje, o policial falou que ‘o ônibus ia ser apreendido porque a situação era complicada’ e a gente estava descendo a serra [...] lembro que o motorista entrou em desespero e começou a conversar com o policial. Ele veio e falou com a gente, pediu para o policial subir, mostrou todo mundo dentro do ônibus, desceu, abriu o bagageiro aquele monte de cadeira, ele falou ‘tá vendo, tudo cadeirante, o senhor faz o seguinte, vai recolher o ônibus, o senhor recolhe eles também e leva cada um para sua casa’. O policial coçou a cabeça e deve ter falado ‘que bando de louco, um monte de cadeirante dentro desse ônibus, nessa situação’ E aí falou ‘E agora?’ Ele falou ‘não então tá liberado, não vou pegar este BO para mim não’, e aí liberou e chegamos no Rio. Participei do regional, ganhei duas medalhas de ouro na minha primeira competição. Eu usava cadeira de rodas só para jogar, já comecei ali a quebrar aquele preconceito que eu tinha com a cadeira de rodas. Voltei com duas medalhas de ouro. Conheci vários cadeirantes, felizes, vivendo sua vida, que estudava, que trabalhava, que saía de casa, que era casado, tinha esposa, filho, aquilo tudo mexeu comigo e eu falei ‘bom, esse é o mundo que eu estou, é o mundo que eu quero para mim, vou viver igual a esses caras estão vivendo’. Aí voltei de lá e o professor falou comigo no ônibus ‘esta modalidade é paraolímpica a gente viu que você tem potencial, se você treinar, você pode chegar na seleção brasileira’ e eu falei ‘tem seleção brasileira?’ ele falou ‘tem, e é uma modalidade paraolímpica e o Brasil nunca foi e eles estão fazendo um trabalho para levar’. Na época, estavam fazendo um trabalho, para preparar a seleção para conquistar os pontos para o ranking mundial para o Brasil ter essas condições. Eu lembro que começou a reviver dentro de mim aquele sonho de representar o Brasil, na época era na Olimpíada, agora na Paraolimpíada. A partir deste momento, passei a treinar para ser atleta de alto rendimento”.*

O processo de treinamento é importante para o desenvolvimento técnico dos atletas. Ter condições estruturais de treinamento talvez tenha sido um fator limitante para o desenvolvimento esportivo da atleta A1: “eu treinava, mas na real mesmo, se eu sempre tivesse treinado como deveria, eu estaria em outra posição”. Essa condição também cruzou o caminho do atleta A17:



*na época, nós começamos, para você ter uma ideia, eram umas cadeiras emprestadas, que nem anti-tip<sup>29</sup> tinha, então jogava em uma cadeira extremamente baixa e qualquer movimento para trás eu caía, caía toda hora. O que fiz, em 2007, comprei um mp3 que era uma febre na época, fiz uma rifa e comprei a primeira cadeira da equipe, nova, para você ter uma ideia, nós ficamos em último, na época era quarta divisão. Era a divisão de acesso para terceira divisão, hoje a realidade dela é terceira divisão, no mesmo ano a gente foi campeão estadual, que já foi uma coisa expressiva [...] mas investimento, infelizmente no nosso país, ainda no paradesporto é muito irrisório, muito irrisório. Porque a sociedade ainda nos vê como algo só social e não alto rendimento. Os Jogos ajudaram, mas faço muita palestra, muitas entrevistas, deixo bem claro, não se trata de um esporte social ou de superação. Esta palavra de superação é muito falada, mas todo mundo tem superação, indiferente de ser deficiente ou não. Todo mundo tem que se superar no dia a dia, seja um problema físico, uma indisposição, ou o financeiro que não está legal, o relacionamento, todo mundo passa por dificuldades. O nosso é uma limitação física, mas nós não somos doentes, nós somos atletas e até uso uma frase que meu mestre da seleção brasileira fala 'a única diferença é que jogamos sentados e os outros jogam em pé' é a única diferença dos atletas.*

Outros atletas tiveram a oportunidade de conviver com a elite do esporte de alto rendimento no país, durante o período de treinamento para grandes competições:

*A18 “sempre fui muito sonhadora, nunca pensava assim ‘não vou conseguir’, sempre acreditava que conseguiria mais, competia comigo mesmo. Um dia, fui vendo que tinha condições de alcançar, de chegar ao meu sonho que era um recorde mundial, foi quando me mudei e comecei a ter toda estrutura de um atleta. Até, na época, treinava com o pessoal olímpico. Fui vendo que poderia realizar, que poderia ser uma referência para outras pessoas com deficiência. Acredito que foi nesta época, em 1996, antes de Atlanta”;*

*A19 “em 1983 (aos 26 anos), decidi que começaria uma nova vida esportiva. Iria para outro estado para treinar na maior equipe do Brasil, fui naquela perspectiva ‘será que eles vão me deixar treinar lá?’ Porque em 1983, já estava começando a treinar, já competia, fazia provas, mas nem sabia muito bem o que era o treinamento ainda. Quem me treinava, não que não soubesse, mas é aquela coisa, geralmente duas vezes por semana, três vezes por semana, não era algo contínuo. Fui convocado para as Paraolimpíadas de 1984, nós tínhamos ainda uma seletiva a passar, tinham vários atletas que queriam disputar estas seis vagas e esta disputa deveria ser por abril, não lembro exatamente, mas deveria ser por aí, e fui em busca do meu treinamento. Cheguei nesta equipe porque fui convidado por dois colegas de trabalho, naquela ocasião estavam fazendo um curso de pós-graduação, conheceram a equipe e perguntaram lá para o técnico ‘será que um amigo nosso cego, poderia treinar com vocês?’ ele falou ‘poxa, nunca fiz isso, mas manda ele vir aqui’ eles me passaram essa informação. Fui para lá, passei um mês treinando todos os dias, na época com os maiores atletas, medalhistas olímpicos, uma das maiores equipes da época e fui para lá. Aí sim, fui treinar com o professor que foi técnico da seleção brasileira, conheci o que era treinar, treinar em dois períodos, fazer um trabalho*

---

<sup>29</sup> Componente utilizado nas cadeiras de rodas esportivas com a função de estabilizar a cadeira, impedindo a queda da cadeira para trás, oferecendo mais segurança aos atletas.

*programado com macro ciclo, foi ali que também me apaixonei e fiquei com muita vontade de fazer educação física e dali para frente, passei a ser atleta [...] meus treinamentos a partir daquele momento passaram a ser de segunda a sábado, nunca mais tive baladas, fora os finais de semana. Antes disso, tinha uma história extremamente boêmia, adorava. Gosto hoje, mas naquele momento parei de gostar e durante o período de 1984 até pelo menos 1990, que foi minha última competição nacional [...] neste período me tornei um atleta profissional sem receber um tostão obviamente, mas com todas as atitudes de um atleta profissional [...] fiz muitos treinamentos sozinho, quando não tinha com quem treinar, criava meus trabalhos, a partir do que aprendi, passei a criar muitas coisas do meu trabalho e depois fui fazer Educação Física, então facilitou”.*

As primeiras competições esportivas exerceram um papel determinante na vida destes atletas se tornando um divisor de águas para escolha do caminho a ser seguido:

*A1 “o primeiro campeonato que eu fiz na minha vida foi pelo Sesi, eu tinha 17 anos (1953) usava aparelho ortopédico e quando entrei no salão, naquele tempo a gente dizia salão, todo mundo me olhou, essa aí não vai ganhar nada e eu fui e ganhei a medalha individual”;*

*A2 “quando estava de 18 para 20 anos, um rapaz, convidou a gente para brincar, ‘você joga ping-pong? Jogo, jogo’. Eu achava que jogava [...] um mês depois teve uma competição, um campeonato estadual, a gente foi lá jogar. Eu achava que sabia alguma coisa, só que não tinha nada a ver, mas foi bom porque aquela etapa do campeonato tinha uma pessoa que tinha o contato de um clube para deficiente físico. Ele me viu jogando e falou ‘você não quer treinar? Tem o clube que cuida de atletas com deficiência, você não queria ir para lá?’ Aí me deu o telefone e falei: ‘eu vou’. Liguei paro o professor e falei ‘eu queria ir aí aprender, sei que o senhor tem um clube aí’, ele falou: ‘pode vir, pode vir’ [...] o cara me adotou como um filho: pegou na rodoviária, me levou para casa e fomos treinar. Fui treinando ali uma vez por mês, às vezes duas, porque eu ainda continuava trabalhando, até que no final de 1999 (aos 32 anos) teve um campeonato em outro estado. Naquela época quem fazia as competições era a associação e nesse campeonato eu já fui campeão. Isso foi no início de outubro”;*

*A16 “em 1996 (aos 11 anos), eu participei do primeiro campeonato nacional, em União da Vitória, no Espírito Santo. Lá que eu tive o meu primeiro contato com o material de jogo mesmo, que eu tenho até hoje, assim um material oficial mesmo que era disputado já nos campeonatos internacionais. Foi uma aventura para mim, até então eu nunca tinha saído de casa sem minha mãe, sem meu pai, deu mais ou menos umas quinze horas de ônibus. Fui sem minha mãe, sem meu pai, só com o pessoal que nunca tinha visto, tinha pouco tempo. Tinha uns três meses que estava jogando e nunca tinha saído de casa com ninguém. Nesse campeonato eu consegui uma medalha de prata, mas assim, mais por honra ao mérito porque até então o esporte não tinha aquela disputa toda, já era paraolímpico, mas não tinha aquela disputa toda, estava começando, só tinha paralisado cerebral e não tinha o profissionalismo que tem hoje, era mais uma recreação. Quando eu cheguei em casa eu falei ‘é isso aí que eu quero fazer, é essa modalidade que eu quero disputar’ falei com a minha mãe ‘então está bom, já que você quer, vamos continuar então’ Foi amor à primeira vista, gostei muito”;*

*A19 “em 1980 (aos 23 anos) realmente foi a primeira vez que tive contato com uma competição organizada por alguém, pela associação, uma competição formal. A partir dali, verifiquei que nós podíamos fazer, saí*

*daquela competição, que foi em novembro de 1980, tinham outros cegos participando, conheci gente de Santa Catarina, Pernambuco [...] naquele momento percebi que nós cegos poderíamos nos organizar”.*

*A21 “Em 2014 (aos 27 anos) comecei as provas, não tinha o equipamento correto, tinha a prótese do dia a dia, corri com ela, totalmente inadequado vamos dizer, mas razoável para um iniciante, alguém que só queria estar ali, nem tinha nível para competir era para integração que eu estava ali. A partir daquilo, pessoas foram me conhecendo, ganhei as próteses de corrida para fazer as provas. Conheci uma pessoa, que era um atleta também, ele me forneceu duas lâminas, só que as lâminas que ele me forneceu a princípio, eram parecidas com a cheetah, são dois modelos, a cheetah é para provas de velocidade e a que tenho é uma lâmina chamada Flex C que é para longa distância, então a princípio ganhei para longa distância, mas também poderia fazer as de pistas, porque até então não estava procurando alto rendimento. A partir daquele momento que ganhei as lâminas consegui fazer as provas de pista, aí que fui para os 200 e 400 metros. Nesse tempo, no ano de 2014, fiz vários esportes para conhecer para ver qual queria e já estava aprendendo a nadar e correndo. Nesse ano fiz bastante provas de rua, de corrida de rua de 5km. Gostava muito de bike e fui apresentada a um novo esporte. Achei uma grande oportunidade porque tem pouquíssimas atletas, por um lado foi bom para o momento, mas por outro lado não é tão bom. Enfim, decidi ir, as primeiras próteses que ganhei de corrida, foram usadas, eram de um atleta americano, que repassou para este meu amigo e ele me doou. Elas não eram corretas para mim, porque não eram da minha categoria, eram de um peso a mais, então aquilo também poderia me prejudicar. Conheci, através do intermédio do meu amigo, uma universidade nos EUA, ela me doou as próteses, até então não pensava, admirava o esporte, mas não tinha os equipamentos adequados que são muito caros. Estava pensando para o próximo ano, 2015, sei lá, fazer rifa, procurar mais recursos, para conseguir, não estava exatamente no planejamento ainda, então fui para os EUA, ganhei os equipamentos de uma universidade, lá a gente apresentou o meu desejo de fazer o esporte e eles me doaram. Então, assim, tudo pronto para iniciar os treinos, voltei era final de 2014, foi quando decidi mesmo fazer o esporte. Então, a partir daí comecei os treinos, em 2015 comecei as competições”.*

Uma forte identidade atlética está relacionada a uma saúde melhor saúde, com melhores hábitos de sono e nutricionais, além de melhor aptidão física, autoestima global, relações sociais aprimoradas, maior confiança e maior participação na atividade física e exercício (BREWER *et al.*, 1993; TASIEMSKI *et al.*, 2004). As interações sociais complexas exigidas no esporte permite a exploração de vários papéis em uma equipe, o que pode proporcionar aos indivíduos com deficiência a oportunidade de se verem operando com sucesso em um contexto que possa influenciar suas próprias percepções em outros domínios sociais (MARTIN *et al.*, 1995; GROFF; KLEIBER, 2001). Em contrapartida, a não identificação com o esporte pode desenvolver percepções reduzidas de competência e autoestima. Esses resultados podem reduzir sua confiança para explorar ou se comprometer com várias alternativas de identidade em outros domínios (SHAPIRO; MARTIN, 2010).

O esporte definitivamente causa um impacto positivo no curso de vida das pessoas com deficiência, ao abrir novas perspectivas e mudar o foco da deficiência para capacidade funcional exigida a partir do envolvimento com o treinamento e com as competições. O apoio da família se torna um diferencial tanto para o primeiro contato com o esporte como para sua permanência. As relações sociais são construídas a partir do envolvimento com o ambiente competitivo, sendo o professor um elemento decisivo ao apresentar as possibilidades e os limites estabelecidos por esta nova condição funcional. A identificação com o esporte transcende a reabilitação e contribuiu para sua nova identidade, a de atleta de alto rendimento o que possibilita um redirecionamento do seu curso de vida.

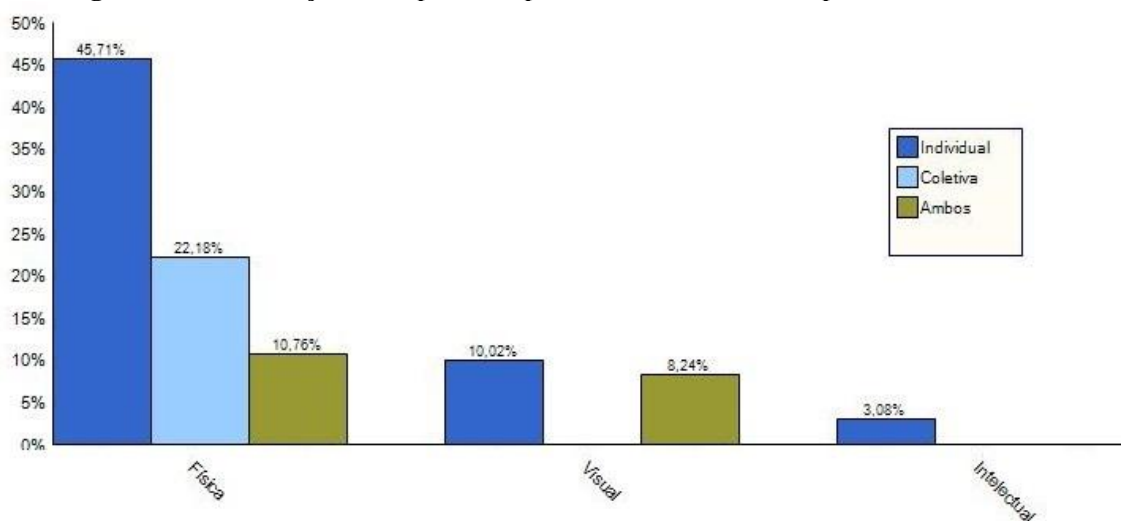
## TIPO DE ESPORTE

Em relação ao tipo de esporte, 59% dos atletas atuam ou atuaram em esportes individuais, 22% em esportes coletivos e 19% desenvolveram suas atividades em alto rendimento nas duas vertentes, esporte individual e coletivo (figura 23). Os esportes individuais presentes foram atletismo (03), natação (03), tênis de mesa (02), halterofilismo (02), judô (02), bocha (02), esgrima em cadeira de rodas (01) e triathlon (01), sendo que atletismo e natação apresentaram uma maior concentração de atletas, 13% cada. Esta concentração se justifica pela representatividade que ambas possuem no total de medalhas conquistadas (84%) em JP, 132 medalhas (atletismo) e 120 medalhas (natação)<sup>30</sup>. Esportes coletivos de mesma natureza, caso do futebol, foram agrupados de acordo com suas três manifestações, futebol de 5 (01), futebol de 7 (01) e futebol de amputado (01). Estes, juntos, representam 13% do grupo de esportes praticados pelos atletas, restando ainda basquete em cadeira de rodas (01), rúgbi em cadeira de rodas (01) e voleibol sentado (02). Esta diversidade de esportes foi intencional, na perspectiva de expressar as particularidades dos cursos de vida de atletas de acordo com o tipo de esporte praticado.

O esporte paraolímpico é a manifestação esportiva de maior visibilidade no esporte para pessoas com deficiência. Dos 22 esportes presentes nos JP Rio 2016, 61% foram abordados no estudo, em contrapartida, o esporte adaptado se fez presente com 18% de participação. Independente da distribuição, o estudo se propôs a analisar o atleta com deficiência, independente da sua manifestação ou deficiência.

---

<sup>30</sup> Esta contagem já leva em consideração as medalhas conquistadas nos JP Rio 2016: 13 medalhas no atletismo e 12 medalhas na natação. A informação foi coletada no site do IPC ([paralympic.org](http://paralympic.org)) no dia 22 março de 2017.

**Figura 23:** Distribuição dos tipos de esportes de acordo com o tipo de deficiência.

**Fonte:** Autor.

Os esportes individuais sobressaem em função de facilitadores como a necessidade de poucos equipamentos para sua prática, como é o caso do atletismo, natação, judô e tênis de mesa, quando comparados aos esportes coletivos em cadeira de rodas como o caso do basquete, do rúgbi e da esgrima. A dificuldade de reunir um grupo, conciliar horários, objetivos e lidar com as vaidades ainda estão presentes no esporte coletivo, mas não se pode negar seu papel de construir relações, criar um sentimento de pertencimento e dependência em relação aos membros da equipe (atleta A22).

## A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA

A trajetória esportiva apresentada pelos atletas variou de quatro a vinte e sete anos, preenchida por conquistas pessoais, vitórias esportivas, momentos marcantes e alguns inesquecíveis, mas também algumas frustrações, dificuldades e incertezas se fizeram presente ao longo do caminho. Com o intuito de preservar os diversos momentos vivenciados no esporte, esta trajetória esportiva foi organizada destacando: 1) o tempo de envolvimento no esporte de alto rendimento; 2) os principais resultados esportivos; 3) o resultado esportivo mais significativo e 4) os momentos marcantes vivenciado no esporte de alto rendimento.

As trajetórias esportivas serão apresentadas em quatro grupos de acordo com o seu tempo de envolvimento no esporte de alto rendimento: A) de 04 a 09 anos; B) 10 a 15 anos; C) 16 a 21 anos e D) 22 a 27 anos.

Os quadros abaixo apresentam as trajetórias esportivas cujas características são bem peculiares em relação ao pioneirismo no esporte; ao envolvimento com a gestão, tanto do esporte como de entidades representativas da pessoa com deficiência; ao envolvimento político, visando ampliar as oportunidades e a participação esportiva das pessoas com deficiência e a característica multiplicadora de ampliar o número de pessoas com deficiência impactadas pelo esporte.

**Quadro 4:** Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo A.

<b>TRAJETÓRIA ESPORTIVA – A</b> <b>De 04 a 09 anos de atividade</b>	
<b>A21</b> <b>(04 anos)</b>	<i>saí do hospital no início de 2013 (aos 26 anos) e logo um mês depois da minha alta, fui procurar o esporte como forma de reabilitação. Em 2014, comecei a competir. Não tinha o equipamento correto, tinha a prótese do dia a dia, totalmente inadequado, mas razoável para um iniciante [...] consegui um equipamento melhor, consegui competir melhor. Neste mesmo ano fiz vários esportes para conhecer, para ver qual queria, nesse ano fiz provas de rua de 5km, a partir daí aperfeiçoei os treinos, em 2015 encarei as competições [...] minha maior conquista foi o vice-campeonato no Pan-Americano. Foi a primeira competição internacional, assim estava ao lado das melhores atletas do mundo, foi bem especial esta competição [...] outro momento marcante foi poder assistir as Paralimpíadas, até então Olimpíadas e Paralimpíadas só pela televisão, tive a oportunidade de assistir pessoalmente, fez bastante diferença para mim.</i>
<b>A12</b> <b>(06 anos)</b>	<i>minha história, ficou marcada neste período entre 2005 (aos 41 anos) até 2010, antes não tinha muito apoio [...] em 2005, teve o primeiro evento de um novo esporte coletivo no Brasil através dos Jogos Mundiais para Paz, foi um start. Muito difícil naquela época, conseguir um grupo para poder formar um time [...] em 2007, eu montei um time, o pessoal formou um outro time, depois veio o terceiro time. Daí a gente conseguiu fazer o primeiro selecionado [...] cheguei a fazer parte da primeira seleção como atleta. A gente foi para o campeonato na Colômbia e foi ali que o alto rendimento começou. Acho que neste período curto tive um grande resultado, fui o primeiro campeão brasileiro e troféu de melhor atleta de defesa do campeonato brasileiro de 2009, ficamos em terceiro</i>

<p><b>A23</b> <b>(07 anos)</b></p>	<p><i>enquanto time, mas não foi só isso, troféu, medalha, foi a construção desta história [...] a grande emoção foi ter sido condutor da tocha olímpica. As duas tochas, a tocha do Parapan quando eu fui convidado para ser condutor, em 2007 e a tocha dos jogos do Rio em 2016, foram as grandes emoções que eu tive com o esporte [...] no Parapan de 2007 fui convidado pela prefeitura para fazer algumas palestras educacionais e motivacionais, os atletas eram convidados para ir às escolas [...] vieram tirar foto comigo, me deram cartas 'nossa, eu posso ficar perto do senhor tio, eu nunca fiquei perto de nenhum atleta, um atleta da seleção' isso, nossa, dá uma valorização na gente danada, mas o que mais me marcou foi meu primeiro campeonato internacional, na Colômbia. A gente não era uma seleção de ponta na época, jogamos com a equipe da casa com fair play, eles ficaram gratos, a gente via no olhar. E na hora dos cumprimentos, as seleções foram se cumprimentar, nossa, ali eu chorei, porque eu vi neles aquilo que a gente tinha sido em 2005, ter visto neles aquilo que a gente foi, mas ao mesmo tempo ter sido um dos participantes de todo este processo. Foi um mix de sensações.</i></p> <p><i>pratico esporte desde os 6 anos de idade, mas de alto rendimento desde 2011 (aos 14 anos), os técnicos da seleção brasileira começaram a me convocar e começou a andar a minha vida [...] fui campeã nas Paralimpíadas escolares em 2012, 2013, 2014; ganhei o Grand Prix em 2015 e 2016; ganhei o Pan de jovens na Argentina em 2013; o mundial nos Estados Unidos em 2013 no Colorado, foi o momento mais importante para mim, minha primeira competição internacional, ganhei reconhecimento no esporte, por mérito. Fiquei em 5º lugar no Colorado, em 2014. Em 2015, fiquei em 3º lugar na Coréia e no Canadá, vários campeonatos estaduais [...] faço parte da seleção brasileira desde 2012.</i></p>
<p><b>A9</b> <b>(08 anos)</b></p>	<p><i>comecei em 2010 (aos 29 anos), quando conheci minha professora junto com a equipe toda, foi o momento mais marcante para mim, fazer parte da equipe e começar a viajar com a equipe toda. Fui a sete países, foi o momento mais importante, a minha professora, ela é a minha medalha mais importante.</i></p>
<p><b>A14</b> <b>(08 anos)</b></p>	<p><i>comecei mesmo a partir de 2010 (aos 33 anos), nós conseguimos, eu falo nós, eu coloco todo mundo, porque eu não fiz nada sozinha. Em 2011, conseguimos a prata no Pan que foi realizado no Brasil, um orgulho para mim, enquanto todos foram para Guadalajara nós tivemos nossa competição, no Brasil. Conseguimos a prata também em Toronto, no Pan, em março de 2016 participamos de um intercontinental na China, que para mim valeu ouro de verdade, conseguimos um bronze, conseguimos vencer a equipe da China que era imbatível até então e agora, no Rio, o bronze com muito orgulho, que também tem um saborzinho de ouro para gente, essas são as nossas principais conquistas, eu digo com a minha participação. Eu estive presente em todas essas conquistas só não fui a Londres por conta de classificação, o classificador não quis me observar lá, então o treinador achou por bem eu ficar. O mais significativo foi o bronze no Rio de Janeiro, minha primeira competição, top das top, o sonho, o ápice do atleta, sonho do atleta de verdade eu realizei lindamente e ainda sai como a melhor do mundo, mas eu não tenho status nenhum não, continuo pegando meu ônibus, não sou reconhecida, vida que segue.</i></p>
<p><b>A22</b> <b>(09 anos)</b></p>	<p><i>em 2009 (aos 32 anos), o professor me convidou para conhecer o esporte, fui no treino, eles começaram a dar apoio [...] somos 10 vezes campeões brasileiro, o estadual, desde que comecei a gente ganha, deve ter uns oito, desde que comecei. Pela seleção brasileira, ficamos em segundo no pan no Brasil, conseguimos a vaga para Londres, ficamos em quinto, nossa primeira participação em paraolimpíada. Fomos segundo no pan de Toronto em 2015, terceiro no intercontinental da China em 2016 e agora terceiro na paraolimpíada do Rio [...] a medalha de bronze nos Jogos do Rio, com certeza foi o momento mais marcante, fizemos uma boa campanha.</i></p>

**Fonte:** autor.

O grupo A iniciou suas atividades competitivas de alto rendimento entre a década de 2000 e 2010. Por ser tratar de um momento histórico de desenvolvimento esportivo, período

de conquista de espaço e oportunidades para pessoas com deficiência, estes atletas conseguiram obter resultados importantes em nível internacional, ampliando a possibilidade de continuar em atividade de alto rendimento.

Apesar de conquistar resultados importantes, tanto para o esporte como individualmente, estes atletas ainda não são reconhecidos nacionalmente, como aponta o atleta A14. Dos seis atletas situados neste grupo, até o momento apenas um encerrou sua carreira esportiva (A12). Este atleta iniciou suas atividades em outra modalidade, mas somente no esporte coletivo, já aos 41 anos de idade, conseguiu se identificar enquanto atleta de alto rendimento, mesmo tendo conquistado inúmeras medalhas anteriormente.

**Quadro 5:** Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo B.

<b>TRAJETÓRIA ESPORTIVA - B</b> <b>De 10 a 15 anos de atividade</b>	
<b>A8</b> <b>(10 anos)</b>	<p><i>uma professora resolveu montar uma equipe paraolímpica, mais ou menos quatorze pessoas e eu fui um destes selecionados, isso foi em 1981 (aos 20 anos). Em 1982, nós fomos para Halifax numa cidade que fica no Canadá e lá nós conseguimos trazer 28 medalhas, uma média de duas medalhas para cada um, então todos nós começamos a figurar no cenário internacional [...] a paraolimpíada de 1988 em Seul foi marcante porque eu tinha vindo da de 1984, mas por conta da questão do atentado que tinha ocorrido em Los Angeles, o país foi dividido, uma parte ficou na Inglaterra e a outra parte foi para os Estados Unidos (Nova Iorque). Então não caracterizou muito, o que caracterizou foi a de 1988, que era uma paraolimpíada de fato, foi bem significativo, ganhei disco, dardo, peso, pentatlo, slalon, ali foi que me projetou no mundo [...] tenho nove medalhas paraolímpicas, seis de ouro e 3 de prata. Tenho quase todos os campeonatos mundiais da categoria que eu participei por dez anos e tenho todos os Pan-Americanos também na minha categoria, de 1982 até 1992, dez anos de competição, eu não perdi mais nenhuma competição.</i></p>
<b>A6</b> <b>(11 anos)</b>	<p><i>de 2007 (aos 20 anos) para cá, eu venho representando a seleção. Minha primeira convocação para seleção foi um momento muito especial, consequência dos treinamentos, mas você poder representar o seu país foi um momento que marcou, assim como meu primeiro brasileiro em 2008, conquistei mais cinco brasileiros e minha primeira convocação para as paraolimpíadas, porque um atleta, ele treina para chegar ao seu alto nível, disputar uma paraolimpíada, então foi em 2008, teve o seu lado negativo, que a gente não obteve o melhor resultado, ficamos em quarto lugar. Conquistei também o torneio pré-paraolímpico de 2008. Internacionalmente teve minha primeira Copa América, fomos campeões. Em 2013, no mundial, fizemos um campeonato perfeito, perdemos na final, mas nós jogamos de uma maneira que há muito tempo as pessoas não tinham visto, saímos de cabeça erguida. O Parapan realizado em 2015, porque já tinha participado de todas as competições internacionais, mas ficou faltando o Pan, porque em 2007 eu não fui e em 2011 o esporte não tinha sido inscrito. Fui campeão do torneio pré-paraolímpico em 2012 conquistando a vaga para Londres, foi um momento assim, muito especial porque as paralimpíadas é o melhor, é o topo assim do paradesporto, para quem pratica, então chegar ali não é fácil, todas as dificuldades, todas as coisas que eu passei e chegar a participar da paraolimpíada [...] ganhei também alguns títulos individuais, fui eleito o melhor jogador no pré-paraolímpico em 2008, em 2009, fui eleito o melhor jogador do mundo, 2010 fui o artilheiro e destaque do campeonato brasileiro, 2011 fui eleito o melhor atleta brasileiro no meu esporte, um prêmio realizado pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), 2012 fui campeão brasileiro e 2013 voltei a ser novamente eleito o</i></p>



<p><b>A10</b> <b>(11 anos)</b></p>	<p><i>melhor do mundo e o atleta do ano.</i></p> <p><i>Eu queria fazer parte da equipe da professora, no final de 2007 (aos 16 anos), já estava participando de campeonatos, voltava para casa cheio de medalhas. Em uma competição, consegui o índice para participar de uma competição em Portugal, conquistei três medalhas de ouro [...] conhecer a equipe da professora, foi o momento mais marcante para mim, assim como importante para mim foram todos os países e cidades em que competi, Portugal, China, Itália, Argentina, México, Equador, Venezuela, Londres, Dinamarca, Fortaleza [...] sou recordista mundial em duas provas e tenho vários recordes americanos, devo ter uns trezes. Campeão e Vice-Campeão em competições mundiais.</i></p>
<p><b>A17</b> <b>(12 anos)</b></p>	<p><i>Em 2006 (aos 32 anos) comecei a me dedicar e se tornou alto rendimento para mim [...] iniciei no esporte coletivo em que o volume de pessoas é muito grande, então para você adentrar para uma seleção brasileira é um pouco mais complexo, você tem que iniciar bem antes, com uma idade bem baixa e tem que estar em uma equipe top para ter visibilidade, nossa equipe era mais regional, mais estado [...] era um dos melhores atletas, All Star do estado [...] acabei mudando de esporte, me destaquei já nas primeiras competições, cheguei à seleção brasileira em 2009 só que uma lesão na véspera da competição me cortou da seleção, pelo fato de ter chegado à seleção brasileira me deu o gostinho de querer mais [...] mudei em 2010 para o esporte individual. Em 2011 fui convocado para fazer parte da seleção brasileira como coadjuvante no regional das Américas, fiquei com a prata. O ouro garantia a vaga para Londres, nem imaginava, fiquei em 23º do ranking mundial [...] meu foco passou a ser 2016, muito investimento, muita dedicação, foram quatro anos de dedicação. Nos últimos dois anos percorri todo o circuito internacional, que dava, pelo ranking, a vaga para os jogos. Participei das quinze competições [...] fui campeão regional das Américas em 2016 e 2015, bronze no Grand Prix no Canadá, desde 2012 faço parte da seleção brasileira, mas como todo atleta o principal objetivo é estar participando dos jogos, foi meu principal momento, a convocação para os Jogos Rio 2016, meu sonho máximo, realizado [...] provar que tinha capacidade de estar representando o Brasil no maior evento esportivo do mundo e o sentimento exato, foi na entrada do Maracanã, realmente estou nos jogos, na abertura, o mais significativo [...] você está no teu país, realizando teu sonho, ver a tua família na plateia gritando teu nome, ouvindo a voz da sua filha, berrando lá da arquibancada, tua esposa, aquilo me soava assim como um hino, uma música gostosa no meu ouvido, sabe, está todo mundo no mesmo sincronismo, na mesma vibração.</i></p>
<p><b>A3</b> <b>(12 anos)</b></p>	<p><i>Meu envolvimento no esporte foi de 1998 (aos 16 anos) até 2010, contando o tempo de amador e profissional [...] de uma maneira geral o momento que me marcou mesmo foi quando eu obtive o índice para participar dos Jogos Paraolímpicos de Atenas em 2004, foi a coroação de todo um esforço e dedicação. Quando meu nome foi divulgado como parte da delegação brasileira, foi até um momento muito curioso porque eles começaram a divulgar os nomes, interessante que eles iam por ordem alfabética, mas quando passou pela minha letra que meu nome não estava, bateu uma tristeza, mas parece que fizeram assim para testar ainda mais as minhas fibras e a minha emoção, porque o meu nome foi o 17º. Passou um filme na minha cabeça, valeu muito a pena ter chegado ali, de ter feito aquilo tudo, passar por tudo que passei e enfrentei [...] tenho um carinho muito especial também pelo terceiro lugar nos Jogos Parapan-Americano, em 2007 (nas provas de 100 e 400 metros). Ele tem um sabor muito especial, em primeiro lugar por ter sido aqui no Rio de Janeiro, uma oportunidade para amigos, família, todos aqueles que acompanharam a minha carreira poderem participar, estar ali presente [...] destaco o circuito europeu em 2005, em Helsinque e o Parapan em 2007 como as duas conquistas assim bem relevantes na minha carreira.</i></p>
<p><b>A7</b> <b>(13 anos)</b></p>	<p><i>em 1997 (aos 20 anos) fui para uma competição em Natal, fui para conhecer, comecei a treinar sério [...] teve uma competição estadual, ganhei as cinco provas e fiz a melhor marca das cinco, indiscutível. Em 1998, fui para o mundial na Nova Zelândia, em 2000 fui para Sydney [...] sou apaixonado por Sidney, tanto é que estive lá outras vezes depois, levei meu filho para conhecer porque tem o meu nome lá na calçada da fama [...] tudo que</i></p>

*aconteceu lá foi fantástico. A cidade maravilhosa foi minha primeira paraolimpíada, do jeito que foi organizado, lembro até hoje, de tudo. Ganhei o bronze, lembro perfeitamente daquele dia, era aniversário do meu pai, assim, foi fantástico, emblemático, fantástico para mim, o ponto alto foi ali, ganhei duas medalhas de bronze [...] bati o recorde mundial depois em 2001, fui eleito o melhor atleta paraolímpico neste ano. Em 2002, fui para o mundial na Argentina, ganhei um ouro e um bronze, bati novamente o recorde mundial, cheguei em 2004 como número um do mundo, mas aquele mês de outubro de 2000 foi fantástico para mim [...] ainda conquistei três medalhas em mundiais e 12 medalhas em Parapan-Americanos.*

**A2**  
**(13 anos)**

*em 1999 (aos 22 anos), teve um campeonato, fui campeão. Isso foi no início de outubro, em novembro 1999 já veio uma convocação para jogar os jogos Parapan-Americanos no México. Foi a primeira competição, a primeira viagem internacional, ganhei minha primeira medalha na competição de equipes. Em 2000, teve o aberto dos EUA, em Fort Lauderdale, mas não ganhei nenhuma partida, não ganhei nenhum set. Era a última competição antes de Sidney, foi um dos torneios mais fortes tecnicamente. Em 2001, Pan-Americano na Argentina, Bueno Aires, joguei e ganhei a vaga para jogar o Mundial em 2002 na China, em Taipei. Em 2003, outro Pan-Americano, seletiva para Atenas, só que tecnicamente eu ainda não estava no melhor nível e eu não consegui me classificar [...] joguei o Parapan-Americano em Mar Del Plata, classifiquei para o mundial de equipes na Holanda, ganhamos uma medalha, ficamos em sexto. Particpei do Mundial individual que foi na Suíça onde ganhei umas partidas, já estava com um nível bem melhor, cheguei em um dos melhores níveis em 2007, tecnicamente estava na minha melhor fase. Foi marcante, a torcida em casa, foi bom ter participado, ganhei a medalha de ouro em equipe, prata no individual e bronze em duplas, fui para 11º do ranking mundial, perdi apenas uma partida que foi a final individual [...] mudaram a regra para diminuir o número de atletas, juntaram as classes, com isso de 11º do ranking fui para 27ª posição [...] foi difícil ter que aceitar que alguém lá em cima muda a regra e passa quatro anos depois eles voltarem com a regra antiga, que são as classes separadas, fiquei a duas vagas da classificação, ainda viajei na tentativa de fazer pontos, Croácia, EUA, Itália e Argentina, mas não consegui, cheguei a ficar na reserva, na trave de novo [...] passei a investir menos tempo no esporte e tentar trabalhar na área de gerenciamento esportivo. Em 2008, eu praticamente fiquei quase seis, sete meses sem jogar, recebi um convite para trabalhar na Confederação. Fiquei na dúvida, tomei a decisão de continuar jogando, em 2011, no Parapan de Guadalajara, fui medalha de ouro.*

**A1**  
**(13 anos)**

*meu primeiro campeonato foi em 1953 (aos 17 anos) jogando pelo Sesi, ganhei minha primeira medalha individual, mas comecei para valer em 1976 (aos 40 anos), em São Paulo, em um campeonato realizado na sede campestre do Sesc. Em 1978, foi muito forte o campeonato na Urca (Rio de Janeiro), o Nacional. Naquela época, a gente podia fazer várias modalidades, depois da competição recebi pelo correio a convocação para o Pan-Americano que iria acontecer em novembro, no Rio de Janeiro, fiquei com o vice-campeonato [...] depois disso dei uma parada, voltei ao esporte em 1997 (aos 61 anos) quando fui para Curitiba participar de um campeonato. Em 1998, continuei participando dos campeonatos regionais, foi quando em 1999 eu fui ao México, ficamos 15 dias, depois em 2000 nós tivemos um regional em São Paulo, mesmo com problemas de saúde, participei em duplas e fui campeã. Em 2001 (aos 65 anos), já não estava treinando, estava meio parada só que recebi uma convocação para ir para Espanha. Eram dois campeonatos lá na Espanha, em Madri e La Coruña, ganhei a medalha de atleta com mais idade em atividade. Em 2002, teve um regional, tinha me preparado muito bem, ganhei a medalha de ouro 'agora vocês vão ter que me engolir', foi uma quebra de preconceito. Em 2003, não fui convocada para o primeiro Parapan-Americano [...] em 2005, teve o brasileiro em julho e o mundial em setembro, depois parei (69 anos) de jogar porque não teve mais campeonatos, agora estou sem jogar.*

**A11**  
**(14 anos)**

*Em 2004 (aos 24 anos), comecei sendo campeão na Inglaterra, em Clacton. Em 2005, fiquei em terceiro. Em 2006 e 2007, na Itália, em Ravena, fui campeão aberto europeu. Em*

**A15**  
**(14 anos)**

*2008, eu não fui por falta de patrocínio. Em 2009, fui terceiro colocado no País de Gales. Em 2010, campeão brasileiro. Em 2011, na Grécia, fiquei em quarto. Em 2015, fui quinto em Los Angeles. Em 2016, fui vice-campeão em Ravena. Em 2019, vou representar o Brasil de novo, estou treinando para isso [...] os momentos marcantes para mim no esporte tem vários, a do meu irmão, que foi terceiro do mundo, eu me emociono e em 2016 representei meu estado em uma competição nacional, fiquei com o terceiro lugar.*

*Comecei no esporte adaptado em 1994, com 14 anos, no meu esporte atual, foi em 2002, aos 22 anos. Participei de um regional, ganhei duas medalhas de ouro na minha primeira competição, mas a competição que marcou minha carreira foi o Parapan em 2003, em Mar del Plata, na Argentina, junto com vários atletas da seleção brasileira, representando meu país e voltei de lá com a medalha de prata, marcou a minha vida, a partir daquele momento eu queria somente treinar para representar o meu país. Foi o divisor de águas, porque eu conheci vários atletas internacionais com o mesmo problema ou com outras deficiências e que estavam jogando, vivendo do esporte e socialmente também saindo de casa, conhecendo outras pessoas e era aquilo que eu queria para minha vida. Então ali mudou toda a minha vida, sabe quando planta aquela sementinha. Neste mesmo ano, fui campeão brasileiro de duplas e vice-campeão individual. Em 2004 e 2005, eu ganhei todas as competições, estaduais, regional, brasileiro individual, brasileiro de duplas, ganhei tudo, tudo, medalha de ouro, assim jogando bem. Em 2005, fui para uma Copa América na Argentina com grande chance de ficar entre os três, eu era um dos favoritos, fui inegável nessa competição, voltei numa situação super difícil, fiquei 2005 e 2006 sem jogar. Em 2007 fui elegível, comecei a treinar igual um maluco, treinava de manhã, de tarde, de noite, fiz tudo isso para chegar à Paraolimpíada de 2008. Cheguei à paraolimpíada como 25º do ranking mundial, saí com duas medalhas de ouro, na individual e na dupla, eu nunca imaginava [...] veio o mundial 2010 conquista de novo, copa do mundo 2011 [...] os dois ouros na Paraolimpíada de Londres em 2012 e a medalha de prata agora na Paralimpíada do Rio de Janeiro foram as mais importantes.*

**Fonte:** o autor

O grupo B apresenta uma característica pioneira, ao desbravar um campo ainda desconhecido e obter resultados expressivos tanto em nível nacional como internacional. Estes resultados marcaram o nome do país no cenário esportivo internacional apresentando ao mundo o potencial esportivo dos atletas brasileiros. Estes atletas se tornaram referência em seus esportes conquistando recordes, campeonatos e medalhas paraolímpicas, servindo de exemplo para o surgimento de novos atletas, a partir destes resultados.

Todos os atletas deste grupo representaram o país em competições internacionais e, através do esporte, conheceram outros países e diferentes culturas: Europa (Portugal, Itália, Dinamarca, Holanda, Suíça, Inglaterra, Ucrânia, Croácia), América (Canadá, Estados Unidos, México, Argentina), Ásia (China, Coreia) e Oceania (Nova Zelândia, Austrália). Estas trocas de experiência com atletas de diferentes nacionalidades trouxeram mais confiança para trilhar seu caminho.

Destaque para a longevidade esportiva do atleta A1, que conquistou um título nacional aos 66 anos de idade; para hegemonia internacional do atleta A8 que durante uma década conquistou medalhas e recordes para o país e para a excelência esportiva obtida pelos atletas

A6, A7 e A10 que bateram recordes, foram considerados os melhores atletas em seus esportes e reconhecidos internacionalmente pelos seus resultados.

**Quadro 6:** Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo C.

<b>TRAJETÓRIA ESPORTIVA - C</b> <b>De 16 a 21 anos de atividade</b>	
<b>A4</b> <b>(17 anos)</b>	<p><i>Em 1972 (aos 19 anos), fui para seleção brasileira e fomos para Heidelberg, na Alemanha. Em 1973, nós fomos para o Peru, em 1974, fomos para Stoke Mandeville, em 1975, para o México [...] participei de um campeonato brasileiro, disputei 16 provas e ganhei 16 medalhas de ouro, fui o atleta mais eficiente da competição, naquela época não tinha limite, podia participar de tudo, fiz vários esportes [...] em 1976, Canadá, em 1977, campeão mundial em Stoke Mandeville, recebi a medalha do príncipe Charles. Ele quem me entregou medalha. Em 1979, foi o Pan-Americano aqui, no Rio de Janeiro, fui medalha de prata [...] Em 1981/1982 foi novamente em Stoke Mandeville, na Inglaterra e depois em 1988, em Seul, nos Jogos Paraolímpicos [...] fui pentacampeão brasileiro, campeão mundial da segunda divisão passando o Brasil para primeira divisão. O Brasil deixou de ir para outras competições o que fez com a equipe voltasse para segunda divisão. Em 1981 e 1982 conseguimos novamente a medalha de prata e a medalha de ouro de novo, em Stoke Mandeville.</i></p>
<b>A16</b> <b>(20 anos)</b>	<p><i>em 1996 (aos 11 anos), participei do primeiro campeonato nacional, lá tive o meu primeiro contato com o material de jogo, foi amor à primeira vista, gostei muito [...] surgiu uma possibilidade, fui para outro clube, fiquei dez anos nesse clube, disputei vários campeonatos. Aí surgiu, em 2010, uma possibilidade de mudar de equipe, até então ganhava vários títulos nacionais, regionais, estaduais, todos os títulos, mas internacionalmente não estava conseguindo deslanchar, não estava conseguindo despontar para o mundo [...] sou 12 vezes campeão brasileiro, 12 vezes campeão regional e campeão no Parapan-Americano de 2015 (Toronto), mas a Paraolimpíada de Londres foi a coroação de tudo, destes 20 anos. Foi o ápice da minha carreira, onde me confirmei no cenário internacional. Consegui um título que nem acreditava, estava tão preparado que nem acreditava, só acreditei no momento que subi no pódio que fui pegar a medalha, passou um filme na cabeça com tudo aquilo que tinha passado, toda história que eu tinha, dos meus pais me carregando, minha esposa grávida, da minha história, foi uma emoção muito grande na minha carreira.</i></p>
<b>A19</b> <b>(21 anos)</b>	<p><i>em 1980 (aos 23 anos), foi a primeira vez que tive contato com uma competição organizada, uma competição formal. Perdemos a semifinal para equipe de Pernambuco, foi minha primeira derrota, mas devo salientar que esta mesma derrota ocorrida em 1980, por três gols a um, foi devolvida exatamente no ano seguinte, por cinco a um [...] em março de 1981 realizamos o primeiro Sul Brasileiro, em Porto Alegre [...] tive vários momentos marcantes, como uma medalha de ouro que conquistei em Paris, em um meeting [...] ter desfilado, carregado a bandeira na primeira paraolimpíada que os deficientes visuais participaram, mas tem um que é mais recente, que me move, ainda me traz uma emoção muito forte, que foi ter carregado a tocha paraolímpica e ter ascendido a pira paraolímpica na cidade de São Paulo. Não posso negar que hoje tenho essa tocha paraolímpica como um grande troféu conquistado ao longo da minha carreira esportiva [...] fui o primeiro campeão como coordenador técnico de um esporte coletivo em Atenas, a primeira medalha de ouro da seleção brasileira [...] conquistei uma medalha como atleta na Copa América, quem sabe um dos maiores momentos, o primeiro gol que fiz contra a Argentina, nos Jogos Latino Americanos, em 1993 [...] fui campeão brasileiro durante muito tempo em diversas modalidades, cheguei a ser recordista brasileiro e até brinco, que o recorde ainda é meu, porque na época que nós competíamos, nós corríamos diferente, era corrida com o estímulo auditivo. Você saía do bloco sozinho e o cara ficava na sua frente, vem, vem, vem. Alguns usavam megafones, outros batiam palmas, outros batiam um pedaço de pau, então eram estímulos auditivos. Cheguei a ser recordista</i></p>



*brasileiro, como a prova acabou, nunca mais vamos ter, ainda sou recordista brasileiro, tem fundamento, risos. Tive participação em campeonatos internacionais, primeiro Latino Americano que nós fomos, em 1985, éramos seis atletas; a primeira paraolimpíada com a primeira participação de deficientes visuais em 1984 [...] nós treinávamos no Brasil ainda sem noção de resultados, o que era, o que não era, e por acaso estava no auge da minha carreira, era o campeão brasileiro.*

**Fonte:** autor

O grupo C apresenta três trajetórias distintas: uma com a excelência nos resultados, onde o desempenho acima da média se destaca; o pioneirismo de ser um dos primeiros atletas no país a praticar um novo esporte, sendo coroado com uma medalha de ouro paraolímpica e o envolvimento total com o esporte e com a causa da pessoa com deficiência. Este atleta conseguiu um bom rendimento no campo esportivo, mas teve também uma atuação destacada na gestão do esporte para pessoas com deficiência no Brasil e no mundo, e ainda foi capaz de unir politicamente as entidades “de” e “para” deficientes através do esporte.

**Quadro 7:** Trajetória esportiva dos atletas com deficiência referente ao grupo D.

<b>TRAJETÓRIA ESPORTIVA - D</b>	
<b>De 22 a 27 anos de atividade</b>	
<b>A13</b> (22 anos)	<i>Estou envolvido com o esporte desde os meus seis anos de idade, mas no meu esporte estou desde 1994 (aos 24 anos). Sou bicampeão mundial, em 2003, na Nova Zelândia e em 2005, no Rio de Janeiro. Fui campeão Parapan-Americano no Rio em 2007, medalhista em Toronto (bronze) em 2015, sou há 20 anos consecutivos campeão brasileiro e fui quarto colocado nas paralimpíadas de Atenas. Mas você não escuta falar nisso, porque o Comitê Paraolímpico não reconhece estes meus títulos [...] o campeonato mundial em 2003, me abriu vaga para ir para os jogos de Atenas. Na Nova Zelândia, eu estava sem técnico, sem a minha equipe e lá eu acabei sendo campeão mundial numa situação hoje que ninguém comenta, que foi uma das primeiras vezes que se você olhar a foto do pódio tinha um chinês que estava em segundo lugar, quer dizer eu estava lá em primeiro [...] o Parapan-Americano aqui também pelo fato de, em 2007, ser em casa e você conquistar isso. Senti um assédio que foi muito legal. Esse foi um momento bacana. E Atenas 2004, que bateu na porta, peguei o quarto lugar, mas o quarto lugar, eu estava lesionado, fiz um trabalho de Sidney para Atenas onde, só para você ter uma ideia, eu perdi 20 kg para ser competitivo em Atenas e nessa perda de peso, por mais que a gente tenha conhecimento, acabei me lesionando com a perda de peso [...] por conta da lesão medular, eu não tenho sensibilidade da cintura para baixo, eu acabei emagrecendo tanto, tanto, que o ísquio furou meu glúteo, tive que fazer uma cirurgia reparatória a 40 dias da paraolimpíada e mesmo assim bateu na trave, foi um quarto lugar.</i>
<b>A5</b> (25 anos)	<i>passei por vários esportes adaptados, quando eu tomei consciência de que deveria focar em apenas um, foi em 1986 (aos 23 anos) [...] posso citar momentos importantes como a própria condução da tocha no Parapan de 2007, onde eu fiz a transição com o Flavio Canto, a conquista do campeonato mundial, em Stoke Mandeville, berço do paradesporto mundial, em 1997 e os campeonatos regionais e brasileiros, hexacampeão, isso foi um marco na minha vida [...] o campeonato mundial em Stoke Mandeville, era um campeonato de novos. A delegação de 1997 trouxe resultados positivos, na época, Stoke Mandeville tinha tradição [...] estar ali no berço onde surgiu o esporte adaptado mundial, isso me dá uma satisfação muito grande.</i>
<b>A18</b>	<i>fui um dos indicados para começar a praticar esporte em 1986, com 13 anos comecei a</i>

<b>(27 anos)</b>	<i>competir, bati o recorde brasileiro, ganhei duas provas e fiquei em terceiro em outra [...] tive vários momentos importantes, mas sem dúvida a paraolimpíada de Sydney foi marcante, foi o momento assim top [...] comecei a treinar com um professor do esporte convencional e ele não tinha nenhuma experiência com atleta com deficiência. Foi uma experiência muita bacana, porque ele me ensinou muito, me ensinou principalmente a técnica, tinha toda estrutura para treinar, foi o momento, a melhor fase, onde tive tudo. Tive um trabalho psicológico, fui para Sydney, estava muito bem. O lado psicológico, físico, então tudo deu certo por isso [...] o recorde mundial também foi marcante porque foi além da minha expectativa e do meu treinador, foi uma festa para todos que estavam ali, que assistiram, foi um momento muito lindo quando conquistei estas duas medalhas de Sydney [...], tenho 13 medalhas paraolímpicas: oito de prata, quatro de ouro e uma de bronze; o recorde mundial que ficou de 2000 até 2011 [...] foram 27 anos competindo encerrei em 2013.</i>
<b>A20 (27 anos)</b>	<i>Com 15 anos (1984) tive meu primeiro encontro com o paradesporto assim, todo mundo misturado. Depois comecei a praticar esporte, participei de algumas competições, quando surgiu a oportunidade de o Brasil participar do primeiro campeonato mundial. Em 1989, fui convidado para participar de uma seletiva de 60 atletas, onde se escolheriam vinte. Fui selecionado e de lá não saí mais [...] para mim tiveram muitos momentos marcantes, mas as conquistas dos nossos mundiais, levamos dez anos para poder chegar a ser campeão, foi em 1999 [...] o esporte coletivo, não é muito fácil. Fui campeão brasileiro em 1994, campeão nos primeiros Jogos Paradesportivos que aconteceram em Brasília. A nível internacional tenho quatro títulos mundiais, três Copa América e uma copa das confederações.</i>

**Fonte:** autor

E o grupo D se destaca pela sua longevidade no esporte, sendo que 50% dos atletas deste grupo ainda estão em atividade de alto rendimento. Toda esta experiência acumulada através dos anos permite conhecer os atalhos do esporte e principalmente entender como seu corpo responde às exigências do alto rendimento. Hoje, estima-se que esta longevidade esportiva não dure mais que dois ciclos paraolímpicos (oito anos), devido ao elevado nível de desempenho dos atletas e dos avanços tecnológicos no esporte para pessoas com deficiência, como reforça o atleta A8: “a vida dele dura no máximo dez anos [...] a cada duas Paraolimpíadas o atleta já está começando a entrar na linha final [...] em oito anos o atleta já está praticamente se preparando para terminar o ciclo dele”.

Participar de seis edições de Jogos Paraolímpicos e trazer, pelo menos, uma medalha em cada uma destas edições, com certeza pode ser considerado um grande feito do atleta A18. Internacionalmente, o atleta sueco Jonas Jakobson é o recordista de participações, com dez edições de Jogos Paraolímpicos (1980-2016), impressionantes 32 anos consecutivos no pódio (1980-2012) e 28 medalhas paraolímpicas - 17 ouros, 02 pratas e 08 bronzes (WERLANG, 2016). No Brasil, o maior medalhista, o atleta Daniel Dias, participou de três edições de Jogos Paraolímpicos (2008-2016) e conquistou 24 medalhas paraolímpicas – 14 ouros, 07 pratas e 03 bronzes (LOURENÇO, 2016).

## O RENDIMENTO ESPORTIVO DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA

A necessidade de atos normativos que orientem o rendimento esportivo dos atletas faz com que sua definição necessite ser clarificada, seja por leis ou decretos, que deixem claro seu verdadeiro teor, que é a busca pelo resultado esportivo. O programa Bolsa Atleta ratifica este conceito ao trabalhar com a questão da meritocracia como forma de definir quem está apto ou não a receber este benefício. Este sistema traz desdobramentos não só para a carreira esportiva, mas também para sua vida fora do esporte (SILVA, RUBIO, 2003). Problemas com lesões, pressão psicológica e valores, baseados apenas na obtenção dos resultados a qualquer preço, leva muitas vezes o atleta a buscar formas ilícitas (proibidas) para melhorar seu rendimento esportivo, recorrendo ao doping (SILVA, RIBEIRO, DACOSTA, 2013).

Para o Ministério do Esporte, órgão responsável pelo gerenciamento de programas de incentivo aos atletas - Bolsa Atleta (estudantil, nacional, internacional, olímpico e paraolímpico), Bolsa Base (categoria de base dos 14 aos 19 anos) e Bolsa Pódio (plano Brasil Medalhas visando à conquista de medalhas nos Jogos Rio 2016), o rendimento esportivo é definido como:

*a máxima performance do atleta, visando recordes nas modalidades em que é praticado. A maximização do rendimento é alcançada a partir da prática sistemática, própria do processo de formação esportiva, treinamento e aperfeiçoamento técnico de atletas e paraatletas. Esse esporte é regido por normas dos altos organismos esportivos, nacionais e internacionais e pelas regras de cada modalidade, respeitadas e utilizadas pelas respectivas Entidades Nacionais de Administração e de Prática do Esporte (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2005, p.15).*

A alta competitividade associada a resultados expressivos são determinantes para a escolha de quem avança ou não como beneficiário de programas de incentivos financeiros e melhores condições de treinamento. Estas condições são decisivas para o avanço da carreira esportiva do atleta. No caso do esporte paraolímpico, Haiachi *et al.* (2016) reforçam a necessidade de apresentar resultados de forma expressiva, como apontado por Cafruni *et al.* (2006) e Teodoro (2006), até a décima posição, dependendo da modalidade, em competições nacionais e internacionais, para ampliar os recursos que irão dar suporte ao desenvolvimento da sua carreira esportiva.

A busca por resultados expressivos parece ser a preocupação inicial de atletas e treinadores, aliados a isso, nesse momento inicial, surgem as principais barreiras para o ingresso e manutenção no esporte paraolímpico. Teodoro (2006) destaca os recursos

financeiros e a estrutura de treinamento como as principais barreiras enfrentadas no início da carreira e que podem atrapalhar a obtenção de bons resultados nessa fase inicial. Martin e Mushett (1996), Florence (2009) e Cardoso (2016) corroboram a importância do incentivo financeiro para o desenvolvimento da carreira do atleta.

A dificuldade em retratar o esporte enquanto carreira faz com que as temáticas sociais, de inclusão e de superação através do esporte ganhem mais destaque. Brazuna e Mauerberg-DeCastro (2001) retratam a trajetória esportiva de atletas paraolímpicos destacando seus benefícios para sua melhor qualidade de vida, o envolvimento dos aspectos pessoais e as limitações ocorridas neste processo, sem deixar de lado temas polêmicos como as lesões, o doping, o stress e os aspectos motivacionais negativos.

Conforme Wheeler *et al.* (1996), a carreira esportiva é estruturada em três fases, denominadas: 1) pré-transição; 2) transição; e 3) pós-transição. A pré-transição se relaciona com a iniciação esportiva formal e informal, também com o desenvolvimento da sua experiência competitiva. É nesse primeiro momento da carreira que o atleta começa a ter o comprometimento com as práticas competitivas e começa a colher os benefícios em competências pessoais, como: identificação com o esporte, autoestima, imagem corporal e na ampliação das suas relações sociais. Esse processo apresenta barreiras que necessitam de suportes para que o atleta se desenvolva.

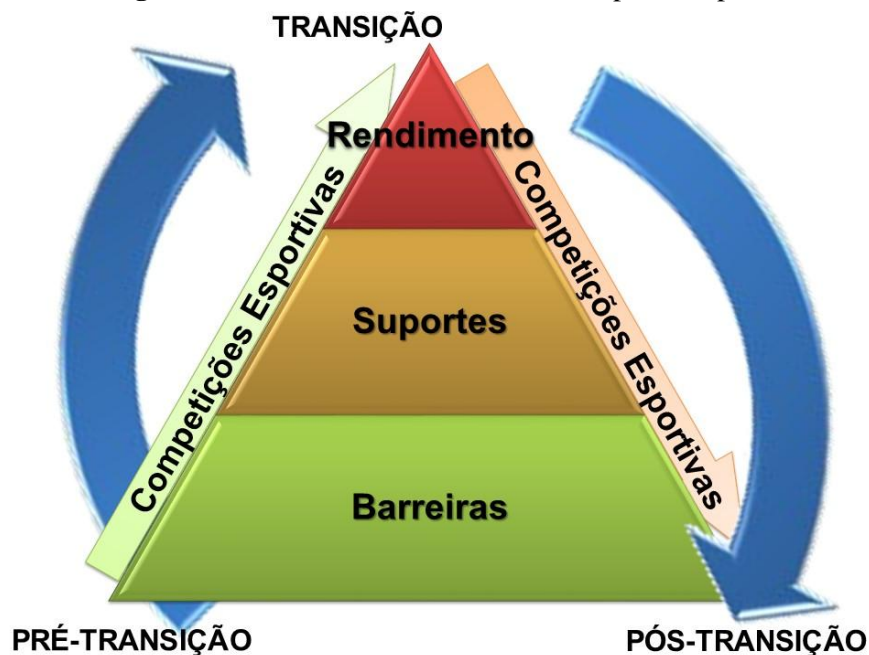
A transição tem como ponto central o processo de retirada do ambiente competitivo e suas consequências para os aspectos emocionais. É nesse momento que o atleta precisa lidar com perdas em sua carreira. A dificuldade em manter seus resultados e a interferência das lesões crônicas é considerada preocupações que causam impactos emocionais marcantes, associadas a um sentimento de insegurança e incerteza sobre a continuidade da sua carreira esportiva.

Em relação à pós-transição, a preocupação centra-se no novo papel exercido fora do ambiente esportivo, associado a novos desafios no seu curso de vida (nova atividade, família, etc.). É nesse momento que o atleta precisa lidar com uma nova situação, a de buscar uma nova ocupação. Muitos atletas tendem a ocupar posições de gestão dentro de instituições que trabalham com o esporte para pessoas com deficiência, a fim de manter sua ligação com o esporte.

Conforme a Figura 24, a carreira do atleta paraolímpico passa a ser vista como o caminho percorrido, cercado de barreiras, sustentado pelos diferentes suportes obtidos ao longo da sua experiência competitiva de modo a facilitar a manutenção e a longevidade da trajetória esportiva (HAIACHI *et al.*, 2016).



**Figura 24:** A estrutura da carreira do atleta paraolímpico.



Fonte: Haiachi *et al.* (2016).

Uma alternativa para a ampliação da temática, de acordo com Marques *et al.* (2013), é uma maior divulgação do esporte paraolímpico. Esta se coloca como uma estratégia necessária para apresentar os valores paraolímpicos: coragem, determinação, inspiração e igualdade (IPC, 2017). A maior exposição da imagem dos atletas aliada ao aumento da cobertura pela mídia são ações trabalhadas pelo CPB como parte do seu planejamento estratégico 2010-2016 (CPB, 2010). Desde os JP de 2000, a entidade investe na comunicação como uma ferramenta para divulgar o movimento paraolímpico no país e proporcionar a consolidação da carreira de seus atletas.

A carreira do atleta paraolímpico sofre constantes oscilações, desde seu ingresso até a preparação para retirada do esporte. A figura 25 retrata os momentos vivenciados pelo atleta paraolímpico a partir da sua entrada no universo competitivo. Os diferentes momentos da carreira estão assim enumerados: 1. processo inicial para obtenção de resultados; 2. resultados expressivos e suportes recebidos; 3. perda de rendimento. Todos estes momentos têm como ponto central a busca pelos resultados.

**Figura 25:** Momentos da carreira do atleta paraolímpico.



**Fonte:** Haiachi *et al.* (2016).

A longevidade esportiva e o impacto na sua vida fora do ambiente esportivo ainda é um grande desafio. A carência de um programa que oriente o atleta no sentido de prepará-lo para percorrer todas as fases da carreira, reflete a insegurança sobre o futuro tanto no esporte como na sua vida pessoal. Visando preencher esta lacuna, o CPB lança um programa de transição de carreira, em 2015, com a intenção de oferecer capacitação e treinamento profissional, em função do perfil do atleta, visando seu posicionamento no mercado de trabalho assim que optar por encerrar sua carreira esportiva. O programa contempla, em princípio, os atletas que representaram o país no período de 1996 a 2012 (CPB, 2015; REAÇÃO, 2015).

A descontinuidade de projetos e programas de formação de atletas força a constante migração para os grandes centros esportivos, localizados na região Sudeste (eixo Rio de Janeiro e São Paulo). Este fato pode ser ratificado pela elevada concentração de atletas medalhistas nos JP de Londres (2012), em que 64% dos atletas treinavam na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro (MATARUNA *et al.*, 2014).

A vida pós-atividade competitiva traz de volta o sentimento de limitação, presente no momento da aquisição da deficiência, que faz com que alguns pós-atletas busquem uma proximidade com atividades e funções relacionadas ao esporte, como uma forma de se manter ativo (SILVA; RUBIO, 2003). No entanto, estas funções (gestão, administração, treinamento)

requerem uma formação mínima para seu exercício e podem ser positivas para sua subsistência no longo prazo.

Portanto, planejar este momento da carreira esportiva (pós-transição) é decisivo para sua inserção em uma nova atividade profissional. A oportunidade de capacitação e treinamento profissional de acordo com as exigências do mercado de trabalho, aliada à experiência esportiva acumulada (resiliência e foco) podem ser determinantes para uma melhor adaptação a esta nova fase da vida.

## CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL ESPORTIVA

A classificação esportiva funcional surgiu pela necessidade de “eliminar as possibilidades de injustiças entre participantes de classes semelhantes e dar prioridade às deficiências mais graves” (GUTTMANN, 1976). Na prática, só estão aptos aqueles que tenham confirmada sua condição de elegibilidade, através da análise do seu potencial de ação e das suas habilidades em situação de jogo (VANLANDEWIJCK *et al.*, 1995). Este sistema permitiu um melhor enquadramento dos atletas e suas deficiências ao aumentar sua participação e valorizar seu potencial residual, ou seja, sua capacidade de realizar movimentos a partir da potencialidade motora obtida pelos resíduos musculares procedentes de uma seqüela relacionadas a algum tipo de deficiência (CARDOSO; GAYA, 2014).

Este momento é destacado pelos atletas como um divisor de águas para a entrada no esporte para pessoas com deficiência, mais especificamente, no esporte paraolímpico. Os atletas relatam muito medo, angústia, estresse e decepção por apontar falhas neste sistema, já que, por ter um foco observacional, acaba dando margem para subjetividade de acordo com a experiência do classificador e do interesse político em relação ao país ou ao atleta.

*A1 “Eu já tinha classificação [...] era ponto cinco, mas [...] olhei para guria, esta guria não tem condições de caminhar, porque o ponto cinco consegue andar, aí a guria pega, se levanta joga as mãos para frente do pé e sai andando, para mim isso não é andar, isso aí, vai me desculpar, isso aí é se arrastar. Aí ela ficou com o título e me quebrou [...] se ela fosse ponto quatro, eu não jogaria nunca com ela. Mas aí a colocaram ponto cinco, tá vendo como é. Eu nunca que podia mudar, não era permitido. Quatro nunca. Eu presenciei várias coisas, essa foi uma delas. E ela se tornou uma campeã, tinha um braço forte, porque para andar ela fazia muita força”;*

*A6 “foi difícil, foi complicado, porque quando entrou esta questão, ‘você vai ter que passar por uma classificação, pode ser que seja inegável’, fiquei mais preocupado pelo fato da minha deficiência ser mínima. Pedi muito a Deus para ser classificado e pegar uma classe S8. Eu falei: ‘qualquer classe, eu quero é fazer parte’. Em 2007, começou esse processo de classificação. A minha primeira foi complicada, porque ficou muito tempo.*

*Eles me levavam para sala, faziam uma avaliação clínica e depois me levavam para o campo. Eu vendo, antes de mim, aqueles outros atletas, era uma coisa rápida e a minha estava sendo demorada porque eles não estavam encontrando o Sinal de Babinski<sup>31</sup>. O professor falou: ‘não, é, tá meio complicado, porque eles não estão achando, mas a classificação não acabou não, fica tranquilo’. Nós voltávamos para sala eles mexiam comigo e depois voltava para o campo e eles falavam que eu não ia obter uma classe. O professor: ‘olha, tá ficando meio complicado’. No último momento, me reavaliaram e aí encontraram o que eles estavam procurando [...] eles saíram e naquele momento eles me deram a classe sete: ‘classe sete!’ porque classe sete geralmente é biplégico, apresenta uma deficiência na perna. Achei estranho, mas eles ainda teriam que ter uma avaliação de meia hora eu jogando oficialmente e aí foi naquele momento que eu subi para classe oito porque avaliando, assim eles acharam que eu era um classe sete, eles encontraram um centímetro mais fino na perna esquerda, mas aí eu jogando, porque o meu forte é velocidade, eles viram, foram anotando e ali no mesmo momento, eles me deram aquela classe oito [...] no final da competição que eles dão um veredito final e aí acabei ficando com sete. A gente achou estranho, mas deixou porque seria bom para o Brasil ter jogadores com classe baixa e aí terminou o mundial eu como classe sete, mas aí teve uma reclassificação no ano seguinte, na Ucrânia, onde foram reavaliados todos atletas. Foi ali que quase fui cortado novamente. Foi um momento muito difícil porque tiveram uns três atletas que já estavam ditos como inelegíveis e eu estava entre eles, foi outro momento desesperador. Eles iriam dar somente a resposta no dia seguinte. Eu saí da concentração, fiquei andando, pensando na vida, foi um momento difícil. Falei: ‘meu Deus, e agora? Será que eu vou ser inelegível?’ Foi o momento que eu tinha conseguido, assim de alguma maneira, realizar meu sonho, ‘até aqui no paralímpico, será que eu não vou ser aceito?’, mas aí, no dia seguinte, eu consegui manter a classe oito. Desta vez, de forma definitiva, até teve outra, em 2009, na Holanda, mas ali já foi mais tranquilo, porque o atleta tem que passar por duas classificações para ter uma definitiva, então eu já tinha passado, foi mais tranquilo”;*

*A12 “a classificação funcional, ao mesmo tempo em que ela é avaliativa, sempre observei que ela tem suas subjetividades, até por conta das lesões. Falava para minha treinadora, na época: ‘essa profissão de vocês, têm que avaliar, investigar o cara e está sujeito a muitos erros’, porque você vê um Clodoaldo. Tinha um resultado de medalhas enquanto a classificação dele não estava encaixada, depois que encaixou ele em uma classe mais alta, o rendimento dele já passou a não ser tanto. Na minha, tinha um camarada, que era a mesma classe que eu. Dois anos depois que conseguiram me descer para S2, porque como é que era possível eu competir com aquele sujeito que até andava de muleta fora dos campeonatos? Mas aí ele já tinha tido uma classificação internacional, na época de Seul, então ninguém podia mais mexer na classificação dele por aqui. Aí, sempre que competia já era meio que frustração porque eu sabia que o cara ia ganhar. Essa minha*

---

<sup>31</sup> O reflexo de Babinski, também chamado de Sinal de Babinski, é um reflexo no qual os dedos do pé se estendem e, em seguida, se abrem em um movimento parecido com o de um leque. Este problema é geralmente provocado por um estímulo que vai, em arco, da lateral do pé até a base do primeiro dedo. É comum em recém nascidos e crianças pequenas, em que o sistema neurológico ainda não está maduro, mas em adultos e crianças mais velhas indica um problema no cérebro ou na medula espinhal. Se está presente em apenas um dos pés, também pode indicar qual lado do cérebro está envolvido. Maiores informações acesse: <http://www.minhavidacom.br/saude/temas/reflexo-de-babinski>

*primeira experiência com a classificação funcional foi isso, esse meio que questionamento com essa subjetividade e erros. Mas aí, com a prática mais direta, em outro esporte, e acompanhando como gestor eu também tinha que estar ali intermediando [...] fui vendo quanto ela é matemática no sentido, propriamente dito, é matemático como (outros esportes coletivos), pode ter pontos na quadra, mas eu vejo como uma grande dificuldade porque não é fácil botar no mesmo padrão um sujeito que às vezes tem uma fibra muscular que responde diferente e pode fazer a diferença no resultado. Muita gente me pergunta, ‘mas como você pode ser um jogador tão baixo?’, minha pontuação é 0,5. Na época da classificação, iam me colocar para 1,0 ou 1,5, mas perceberam que o meu braço esquerdo eu não tenho tríceps nenhum, aquilo me levou para baixo. E muitos dos colegas que na rua, na cadeira, tem uma desenvoltura pior que a minha, na quadra ele tem uma classificação mais alta. Às vezes por conta dessas pequenas capilaridades”;*

A14 “quando eu sentei na quadra, o treinador, naquela época, em 2010, falou ‘vamos atrás da sua classificação, para isso você vai ter que fazer alguns exames’. Fiz o bendito exame da eletroneuromiografia que constatou que eu tenho uma lesão no nervo fibular da perna esquerda, que já me encaixa para o esporte adaptado, falei ‘nossa que beleza’. Só que no decorrer de 2010 até 2012, eu passei por várias classificações e sempre como mínima deficiência, aí eu tinha que disputar uma vaga com atletas que são os melhores do mundo. Talvez eu não tivesse tanta chance para estar disputando uma vaga com eles. Fui para Ucrânia, fui considerado deficiente, porém no review, passei por outra classificação no Egito, no ano seguinte, mínima deficiência. Aí já estava eu concorrendo uma vaga, mas assim, para gente resumir um pouco, é sempre uma angústia que a gente passa, de é, não é ‘você vai para mais uma classificação funcional, você vai pegar outro classificador, você vai ter que fazer exames tudo de novo’. Porque os exames eles não são simples, são exames que você tem que tomar choque, tem que fazer comparação em duas pernas para ver diferença entre uma e outra e é tipo uma tortura que a gente passa de verdade, mas como eu já estou acostumada com isso, a dificuldade não era tanta, mas a angústia de lá na hora, de passar na banca dos classificadores, o que eles vão dizer, é, não é, não vai jogar, nós vamos te observar na quadra, sabe, então é sempre angustiante. Eu passei por cinco, seis. No mundial na Polônia foram três classificações em uma competição então é desgastante, estressante. Eu falo por mim, porque eu vivo dizendo isso, eu sou uma apaixonada pelo esporte, respiro e transpiro então eu quero muito, a diferença de alguns atletas é essa, ‘vou passar por mais uma classificação, vamos lá’ para mim, era um sonho estar ali jogando. É sempre muito estressante, mas agora isso acabou, graças a Deus. Se nada mudar no manual da classificação, eu estou lá”;

A15 “em 2005, sem medo de errar nenhum, não vou falar que os classificadores fizeram de má fé, eu não acredito nisso, mas eu tenho certeza absoluta que eles erraram. Porque eu fui classificado em 2003 no ParaPan-Americano por vários classificadores internacionais e ali eu tinha [uma deficiência], dois anos antes, fui classificado, os caras me classificaram sem nenhuma ressalva, os quatro classificadores me classificaram para jogar. Em 2005, dois anos depois eu já estava um pouco mais fraco do que eu estava em 2003. Então, era para ter sido inelegível se tivesse algum problema em 2003, não em 2005. Eles me colocaram inelegível e eu não entendi nada, porque em 2003, eu fui elegível, então houve um erro ali, mas em parte isso foi bom para mim. Porque naquele momento que eu estava inelegível era o momento de eu parar, de parar tudo, se eu não parei em

2005, eu não pararia mais. Então ali passei a bolar as minhas estratégias, eu passei um ano e meio parado, eu assisti muitos jogos de adversários, eu conheci meus adversários, eu tive tempo para pensar no que eu queria, no que eu ia fazer. Hoje, às vezes eu fico revoltado de ver alguns atletas, que os caras tem uma força de uma pessoa fisicamente normal, aí eu olho, lá atrás eu não tinha metade dessa força e eu fui inelegível, porque não colocam os caras inelegíveis aqui? Então, tem sim essas disparidades, esses erros aí, mas não adianta, se você der uma volta na vida, a vida dá uma volta em você. Em 2003, eu era inelegível e os caras me colocaram elegível, mas e se eu ficasse inelegível em 2003 e parasse de jogar. Tudo isso eu pego como aprendizado, porque aconteceu isso comigo e claro, olho muito para atletas hoje em dia, eu vejo atletas que estão jogando, que na minha concepção são inelegíveis, mas eu não torço para que eles sejam inelegíveis, já que colocaram o atleta lá e ele tá jogando, deixa jogar, a gente que treine para ganhar dele”;

A16 “sempre tive esta classificação desde a minha primeira competição, pelo fato de ter uma mobilidade maior. Como consigo tocar a cadeira, como consigo me movimentar, talvez eles tenham me enquadrado nesta classe. Em 2002, quando fui para os Estados Unidos, fiquei tão nervoso, tão ansioso, minha primeira classificação, primeira competição internacional, nunca tinha ido para fora do país, que fiquei sob observação, travei tanto de uma forma que mal consegui jogar. Fiquei com tanto medo de ser inelegível, que fiquei travado ‘o que eu faço, não sei o que eu faço’. Os professores que estavam comigo falaram quando acabou a classificação ‘relaxa, se não você vai mudar de classe e não é isso que a gente quer, a gente quer você na classe que a gente colocou você’ Comecei a me soltar mais e desde 2002 tenho a minha classificação definitiva [...] até então ninguém muda, só se você ficar muito forte ou muito fraco ou mude realmente sua característica”;

A17 “minha classificação funcional, no meu esporte, considero um pouco ingrata porque por ter controle de tronco, consigo fazer o movimento frontal e lateral, sem apoio das mãos, só que, por exemplo, a nível internacional nós só temos dois na minha categoria, cadeirantes, o resto são amputados ou, o atual campeão paralímpico ele tem a perna um pouco mais curta, deficiência na perna, mínima, então não tenho como jogar com uma pessoa que tem um tronco perfeito, a agilidade, velocidade dele é muito melhor, então tenho que, além de fazer movimentos de braço, tenho que controlar todo o equilíbrio do meu tronco nos meus movimentos, mas isso ainda por não ter um volume significativo de atletas no mundo. Então, por esse fato, as divisões são menores, diferente de outros esportes que tem diversas categorias [...] hoje sofro muito na classificação funcional”.

O atleta quando ingressa no esporte paraolímpico já tem que, de certa forma, identificar o cenário esportivo que o cerca, sendo minucioso na escolha do tipo de esporte que melhor se enquadra no seu perfil funcional, como levanta a atleta A21:

[...] sou biamputada. No Brasil, só tem dois atletas que fazem as provas de pistas. Assim, do meu ponto de vista, seria justo a gente só competir com pessoas iguais à gente, só que no Brasil só tem eu. Nas competições disputo com meninas de outras classes e não sei até que ponto é justa a forma de classificação, mas fico descontente por ter só eu. Até a questão da bolsa atleta porque aqui não tem outras, para que vou continuar se nunca vou receber uma bolsa atleta, daqui anos e anos vai ter uma biamputada, sinceramente, não vejo outra menina tendo lâminas e correndo daqui a

*quatro anos, acho que não vai ter uma menina em tão pouco tempo. Quando você entra para o esporte paralímpico, tem muito isso, você tem que avaliar muito o que aquela modalidade vai trazer para você, foi um dos motivos também de ter migrado, não adianta você só gostar, mas e daí? Que futuro vou ter, será que vou ter futuro, tenho que pensar. Daqui a dez anos, vou ter 35 anos e aí já acabou. São muitas coisas que tive que pensar, (este novo esporte) é uma forma muito mais injusta, não sei nem explicar, sinceramente. A gente só tem uma classificação se for para uma competição internacional, então foi até um dos motivos de ir para o Pan-Americano para ter a classificação oficial. Até então tinha feito um campeonato brasileiro em 2015 e a minha classificação não era oficial porque aqui no Brasil não tem técnicos, médicos, habilitados para fazer a classificação funcional por isso que tem que ser internacional, então assim o pessoal deduziu que a minha categoria fosse uma e teoricamente seria, porque no mundo tem mais duas biamputadas, que é o grau físico de maior comprometimento, então no brasileiro de 2015 competi e no início de 2016 fui para o Pan-Americano, fiz a classificação oficial, lá os médicos me avaliaram e me colocaram em outra, que é um grau médio, foi uma surpresa para mim e para o pessoal do Brasil, subi a categoria, porque iria competir com atletas com grau de dificuldade totalmente mais leve que o meu, com paralisia cerebral, bem leve que você mal percebe, com amputação de braço, então preciso trocar duas próteses na competição, tenho dificuldade em dois terços da prova que são as pernas, enfim fui para (esta classe) e estou nela até hoje, até que mudem os critérios. Estes critérios usados, uns dois anos antes das parolimpíadas, se não me engano, eram sete ou oito categorias, as divisões eram mais precisas, mais justas. Em função das parolimpíadas, (o esporte) estive pela primeira vez nos jogos, em função de tudo isso, eles enxugaram as categorias, indo para cinco, ficou muita mistura, ficou muito injusto, não só para mim, para todas as categorias, ficou injusto [...] uma foi de cadeirantes outra foi a minha, em função de que tem poucos atletas no mundo, nos países participantes, se estivesse na categoria certa, teria grandes chances de participação, acabaram minhas chances, então assim, a partir do ano que vem ouve-se falar, não sei dizer se é verdade ou não, muitas pessoas falam, que os critérios de avaliação vão mudar, vão aumentar as divisões para ficar mais justo. Então, os atletas estão aguardando este retorno, para saber até onde vai, porque como falei, você precisa de uma perspectiva do esporte. De 2015 para cá, muitos atletas deixaram, de lado, de várias classes diferentes. Muitos atletas estavam com perspectivas altas para as parolimpíadas e um ano antes as categorias deles mudaram, tudo que eles fizeram há três anos foi por água abaixo. A gente fica aguardando pelo futuro.*

Em relação à decepção, o fato ocorrido com o atleta brasileiro Clodoaldo Silva, foi o mais marcante. Na edição de 2004 dos Jogos Paralímpicos (Atenas), o atleta voltou com seis medalhas de ouro e uma de prata competindo na classe S4. Já na edição de 2008 (Pequim), o atleta sofreu uma reclassificação passando a competir na classe S5, o que reduziu suas chances de medalhas significativamente, retornando apenas com duas medalhas (uma de prata e uma de bronze). Este novo enquadramento funcional modificou a carreira esportiva do atleta que se viu competindo com atletas mais fortes, o que inviabilizou a conquista de bons resultados em provas individuais. O atleta continuou competindo até os Jogos do Rio 2016,

encerrando a carreira e conquistando uma medalha de prata na prova de revezamento. Esta mesma situação ocorreu com os atletas A2 e A7, que explicam melhor a questão dos atletas “borderlines”:

*A2 “a classificação funcional também teve um impacto na minha carreira porque quando eu fui classificado em 1999 na classe nove e ao longo desse período eu não tive nenhuma reclassificação. Só que você começar a jogar campeonatos mundiais e você vê pessoas que realmente não tem e não estão nas classes corretas por causa de um painel de classificadores que pensam de outra maneira. Acha que é uma classe, mas é outra, é justamente aquele que fica no borderline [...] hoje, para você ter uma noção, depois de todo esse tempo se eu fosse fazer uma classificação eu seria classe oito e sendo classe oito, estaria realmente num patamar melhor por ser classe oito mesmo jogando como borderline. Eu estou muito entre um classe nove fraco e um classe oito forte só que nesse sentido eu fui muito prejudicada ao longo do período porque realmente chega uma hora que não dá para competir porque aí já é limitação física e você não está na classe que deveria estar”;*

*A7 “minha classificação foi horrível [...] porque foi assim, nessa questão de eu ir em 1998 sozinho, eu fui quatro dias antes da delegação e a hora que eu cheguei lá já me pegaram para classificar e eu não entendia nada. O cara pegou e fez assim, traçou o perfil de classe: tem uma deficiência; consegue mexer a perna? Mexo; colocaram para nadar, mas nem colocaram a mão em mim, você é S10, assina aqui. Em 2009, depois o mundial aqui no Rio de Janeiro [...], você pega as filmagens, final em Sidney o único cara deficiente ali era eu, final em Atenas 2004, o único que está entrando como deficiente ali era eu e sempre com aquilo na cabeça [...]. Tem muito movimento que não faço, só que naquela época a gente não tinha classificadores internacionais, então não tinha como questionar, várias coisas. Em 2009, apareceram outros atletas e foi aí que começou aquela pulga atrás da orelha, não porque eles ganhavam de mim, mas porque eles eram menos deficientes do que eu, assim, eu não sou S10 nunca [...] a primeira vez, para eu ir nessa competição em 1997, em Natal, antes de eu ir, uma classificadora me avaliou na USP, sem ser oficial, só para saber se eu me enquadrava, porque eu não me achava deficiente, eu quis fazer. Ela falou: ‘olha, você é um borderline, eu acho que você é um S9. A gente tem quatro protocolos a seguir, nesses três você é S9 e em um, você é discutível porque tem muito movimento que você não faz. Alguns você sente dor, então não tem como mensurar, mas assim, talvez você seja S10’. Eu falei: ‘beleza’. Só que aí eu fui e acabei aceitando tudo, não fiz classificação em 1998 no regional porque como a classificadora tinha feito essa avaliação para mim, beleza me levaram para Nova Zelândia, e aí lá eu cheguei e fiz. O cara traçou um perfil de classe S10. Competi nesse mundial como S10 fiquei em quinto, competi várias provas, fui para Sidney ganhei medalha, outra classificadora falou assim: ‘olha, vou solicitar sua ficha para o IPC’. Na hora que ela pega a minha ficha de classificação, não tem nada, tem um X no quadril esquerdo e não tem nada no outro, por exemplo, abdução de zero a cinco ele tem três, flexão não tinha nada. Ela falou assim: ‘vamos fazer o seguinte, vamos ao meu quarto’, isso no Rio de Janeiro, ‘eu vou chamar outro classificador e a gente faz’. Eu falei: ‘vamos fazer o seguinte, vamos esperar acabar os jogos. Vou poder mudar de classe? Não, não pode. Então deixa para depois dos jogos’. Cara, sou super tranquilo, eu sei que eu sou S9, só que se você me confirmar isso, eu não sei, eu não vou garantir que eu vou manter o foco’. Mesmo sabendo que não vou ter chance nenhuma nesse*



*mundial e não tive porque a minha melhor colocação foi 10º colocado e fomos quarto no revezamento, 'deixa eu competir, deixa eu buscar minhas melhores marcas e depois gente faz', aí fizemos assim, 'você é S9, vamos fazer o protocolo? Vamos, você é S9'. Como S9 eu teria ganhado três ouros em Sidney, três ouros em Atenas, teria ido para Pequim, teria ganhado uma de ouro e ganharia outra medalha, fora as outras coisas que iriam acontecer, entendeu, recordes mundiais, muitas outras coisas, mas passou. Então assim, eu sou completamente frustrado com a classificação. Para você ter uma ideia, o CPB não tinha as fichas de classificação de nenhum nadador, de um cara que nadou em Barcelona ele não tinha, entendeu? Então, após eles se gabarem para isso que o IPC liberou”.*

O agravamento da lesão faz com que os atletas tenham que se adaptar às novas características, como aborda a atleta A18 “quando tive que mudar de classe foi muito difícil aceitar, era complicado, depois fui convivendo com aquilo e foi se tornando uma coisa natural”. Para o atleta A3, este processo foi mais rico, no sentido de ter vivenciado todas as fases da classificação:

*Foi interessante porque eu experimentei as três fases da classificação para participação nos Jogos, como a perda da visão veio de forma bem gradativa então quando eu comecei, competia sem a necessidade do atleta guia e então assim foi uma experiência muito bacana e eu até brinco porque eu fui atleta guia ao menos uma vez numa competição estudantil que aconteceu paralela a uma competição adulta, havia colegas meus lá participando como juvenis e eles eram cegos. Ali eu tive a oportunidade de poder guiá-lo em uma prova longa, aí você imagina para quem corria distâncias médias, no máximo, foi uma experiência sensacional que acabou levando o atleta à conquista da medalha de ouro. Posteriormente, com a perda da visão, acabei passando por reclassificações, até chegar à classe limite e essa transição logicamente além da questão técnica pura e simplesmente, também tem um processo emocional muito forte que eu tive que trabalhar assim de forma muito segura, muito madura, porque você correr com autonomia no sentido de não precisar de um terceiro ali ao seu lado e mudar essa realidade para passar a correr com um atleta guia é totalmente diferente, uma nova configuração.*

Já a atleta A22 se adaptou bem a sua deficiência, na verdade ela não achava que era elegível para o esporte paraolímpico por não se considerar deficiente:

*Então quando eles me ligaram, expliquei minha deficiência, porque na verdade me adaptei bem com a minha deficiência. Expliquei para eles, 'como? Sou deficiente' porque não sabia, a única coisa que conhecia do esporte paraolímpico era o basquete em cadeira de rodas. A primeira experiência que tive foi nos EUA que a gente foi disputar um pré-mundial, fui considerada elegível, porque no manual tinha uma questão que estava relacionada à circulação, porque como rompi todas as artérias, tenho enxertos na perna inteira direita e a minha circulação é bem comprometida. Fui considerada elegível e já logo três meses depois, no mundial, passei de novo, porque tirando os amputados, o resto das deficiências tem que passar duas vezes pela banca. Passei de novo e fui considerada mínima deficiência, mas é sempre uma expectativa, porque para mim esta classificação funcional é uma piada, não para mim, porque sei que a minha deficiência é mínima, mas tem pessoas que não tem mão e é mínima também.*

Em alguns esportes, a classificação funcional esportiva não se aplica porque as categorias são definidas por peso corporal, por exemplo, o judô e o halterofilismo. Em alguns esportes individuais também, outros critérios são estabelecidos, como o relatado pelo atleta A11 “além do peso, tem as divisões no treinamento para saber em que nível o atleta está, de acordo com a técnica e a coordenação motora”. O atleta A13 também comenta esta questão referente ao peso corporal como forma de classificar os atletas:

*[...] você podendo mexer da cintura para cima é todo mundo igual, não tem essa de mexeu a orelha esquerda vai competir com quem mexe a orelha direita, não, é todo mundo igual. Ele é amputado, ele é seqüela de poliomielite, independente da deficiência dele é todo mundo igual. Não existe um ícone porque a deficiência dele é exclusiva, é só peso corporal, tem que ter todo mundo o mesmo peso corporal, as categorias são divididas por peso corporal. Isso é uma vantagem ou desvantagem, porque eu acabo competindo com amputados, ou seja, eu não tenho mobilidade de tronco nenhuma, o amputado tem o tronco dele todo preservado, mas é a regra do jogo e eu não discuto isso. Eu tive todos os meus títulos até agora, nesta regra, talvez eu fosse beneficiado se chegasse e falasse assim, agora vai ter uma categoria só de lesado medular. Olhando no ranking, eu até preciso ver, são poucos lesados medulares que tem os títulos que eu tenho, então talvez fosse beneficiado se existisse isso.*

Alguns esportes coletivos também têm suas especificidades, tanto em relação à regra como em relação à classificação funcional, como relatado pelo atleta A20:

*[...] neste esporte os atletas de linha têm que ser amputados de perna ou les outros. Mas os les outros, que é a má formação congênita, você só pode ter dois em quadra para não descaracterizar a modalidade. Dentro da Federação Nacional e Internacional se concedeu utilizar dois atletas les outros. O goleiro ele tem que ser amputado de membro superior, não importa a altura da amputação, não pode sair da área de jogo, só pode atuar dentro da área e a amputação dele, hoje, no último campeonato mundial que teve em 2014, se alterou a regra, antes ele poderia jogar com a mão solta, fora da camisa. Agora é obrigatório jogar por dentro da camisa o braço amputado. Por que isso? Porque tem goleiro que é amputado na articulação do ombro, tem outro que só não tem o punho então ele levaria vantagem em cima do outro goleiro, até em um momento de reação, porque você não pode utilizar o membro afetado no ato da defesa, tem que ser só com a mão boa. Da mesma forma é o atleta de linha, ele é amputado de membro inferior, mas acima do joelho. Tem outros que é só o pé / tornozelo então ele levaria vantagem em uma disputa de bola, então não se pode utilizar de maneira nenhuma o membro afetado na hora do jogo, você utilizar como um fator de vantagem. Nós estamos discutindo isso, até vai ter uma reunião agora no final do ano, em dezembro, que a agente vai utilizar a classificação da pista do atletismo, para quem é amputado de membro superior vai ter uma classificação e para membro inferior também, igual ao do atletismo, só para ter uma classificação. Para nós é o seguinte, você olhou visualmente o cara é amputado e a regra diz assim, depende da altura da amputação, porque ele não pode utilizar daquilo. Então olhou para ele, é amputado, utiliza das muletas canadenses já é classificado.*

Na deficiência visual, a classificação é médica e não funcional/esportiva, sendo sua

avaliação realizada em consultório oftalmológico. Burlar o sistema de classificação também é uma ação que ocorria e ainda ocorre com certa frequência em alguns esportes, mesmo com as inúmeras estratégias de controle, como relata o atleta A19:

*[...] lá atrás, não sabíamos nem o que era, só sabíamos que não podia jogar enxergando e nós tínhamos esse problema demais, até que em um momento, nós tínhamos que jogar vendados. Passamos a jogar com vendas, porém aquela venda continuava não dando certo, nós tivemos um episódio, em 1993, no campeonato brasileiro, onde uma equipe tinha um jogador que o cara fazia o diabo na quadra e a minha equipe era a melhor equipe que disputava o campeonato. Nós fomos, jogamos a classificação com eles, nós reclamávamos dele, esse cara está enxergando, tá, não tá. Ganhamos na classificação, fomos para final com eles de novo, ficamos no empate e perdemos de 1 a 0, com gol do Joãozinho, maldito, risos, e todo mundo reclamava. Logo em seguida houve a convocação para seleção brasileira, claro que tem que chamar o Joãozinho. Quando ele veio para a seleção, mais um adendo, além da venda nós pedimos que fosse colocado o tampão oftálmico que fechava o olho aqui em baixo, acabou o Joãozinho, nunca mais ele jogou, acabou, não jogou mais na seleção, não jogou mais no seu clube, acabou o Joãozinho, nunca mais jogou. Nós sempre tivemos problemas com a classificação funcional na área da deficiência visual, no que se refere à deficiência visual parcial é muito pior, infelizmente nós temos problemas até hoje, as discussões continuam, porque mesmo hoje, com todos os cuidados, com tampão oftálmico, com venda que tampa aqui que pega lá, fecha em tudo quanto é lado, ainda assim tem desconfiança de atletas que burlam ou que tentam burlar, que no meio do jogo passam a mão por baixo, está suado, vai coçar a venda, o juiz tem que estar de olho, acontece até hoje”.*

De acordo com o atleta A8, o sistema ainda é muito ruim, apesar de mostrar avanços. Além das questões políticas faz-se necessário uma preocupação maior com o futuro esportivo dos atletas, não visando o paternalismo ou assistencialismo, mas sim estabelecendo critérios e parâmetros justos, retirando a total subjetividade imposta pelo sistema:

*[...] o sistema de classificação é muito ruim. Porque nós estávamos sobre a classificação que era médica, que é uma classificação que é injusta, porém é a mais justa. É injusta porque você trabalha com dados clínicos e ninguém é igual ao outro, mas se você tem ali que o cara tem uma lesão naquele nível, então todo mundo vai ter igual, então ela é justa. Mas a funcional que diz que trabalha a funcionalidade, ela acaba sendo mais justa, porém ela também é injusta porque você trabalha com a observação, então se quem está te avaliando não observar você não consegue perceber. Então eu acho que ao invés de ficarem os médicos brigando com os fisioterapeutas e os fisioterapeutas com os médicos, deveria fazer uma união e a classificação ser funcional, mas ter parâmetros médicos. Eu observo e olho, tem musculatura, não está funcional, aí depois eu pego os aparelhos que só os médicos usam, para medir a densidade desta musculatura, eu não vou ter dúvida e vou ter uma avaliação melhor. Mas aí fica naquela briga, porque só o médico pode usar o aparelho o fisioterapeuta não, o professor de educação física não. E aí eles ficavam nesta briga, quando eles assumiram o poder, os fisioterapeutas e os professores de educação física tiraram os médicos e até hoje nós vivemos sob uma classificação funcional, mas a gente viu que houve já questionamento desde o Clodoaldo e até hoje se questiona*

*a funcionalidade, a aplicação da questão da rigidez na aplicação da classificação. Todos os jogos a gente tem este problema, então se você tem hoje um parâmetro e mete no laboratório, não tem dúvida.*

Uma questão importante em relação à classificação funcional é o seu desconhecimento por parte de atletas, treinadores e dirigentes esportivos. Faz-se necessário um melhor esclarecimento visando à compreensão de todo seu processo. Em alguns esportes e deficiências são utilizadas diferentes formas de equilibrar a disputa a partir de avaliações médicas ou funcional / esportiva. Há um consenso junto ao IPC da necessidade de se rever a avaliação dos atletas tendo em mente sua funcionalidade, sua habilidade esportiva e sua condição clínica.

## BARREIRAS E FACILITADORES

O esporte para pessoas com deficiência tem seu histórico marcado por barreiras e facilitadores, que ao longo do tempo, fizeram com que sua prática fosse reconhecida por uma sociedade ainda pouco acostumada a lidar com o diferente. O atleta A12 retrata muito bem este momento de pioneirismo esportivo:

*[...] este meu histórico esportivo, acho vem muito disso também, de ter sido um dos pioneiros, uma época de muita dificuldade, é aquela história da parábola que diz: 'não me falaram que não podia, então eu fui lá e fiz' [...] para mim mesmo com a lesão, mesmo com as dificuldades sempre teve um pouco disso. Eu quero me pôr à prova, eu quero fazer, eu quero buscar, acho que a minha história esportiva foi meio que por aí.*

Este pioneirismo no esporte também se materializou pela chegada de alguns esportes que, até aquele momento, eram desconhecidos no país. O atleta A8 “trouxe do Canadá uma modalidade paraolímpica, já são treze clubes e 150 atletas”. O atleta A19 participou ativamente deste processo:

*[...] trouxe essa modalidade paraolímpica para o Brasil em 1986, fui ao exterior, na verdade em 1985 um professor de outro estado, trouxe para nós essa notícia, que existia uma modalidade. Fizemos até uma tentativa de um jogo, da maneira que ele nos colocou, em 1985, entre (dois clubes, um do PR e outro de SP), fizemos essa partida e em 1986 [...] fui ao campeonato mundial, exercia um cargo de gestão do esporte paraolímpico, para conhecer e trouxemos para o Brasil, então tenho uma ligação, uma participação, sempre que tenho a possibilidade de assistir um campeonato, estou presente.*

Este envolvimento com o lado gerencial do esporte foi uma característica marcante do atleta A19 que sempre esteve envolvido seja na fundação ou gerenciamento do esporte adaptado:

*[...] dia 13 de dezembro de 1980, fomos fazer uma partida amistosa, uma apresentação com o time de Santa Catarina, em Florianópolis. Dali para*

*frente comecei a mobilizar. Em março de 1981, realizamos o primeiro Sul Brasileiro de um esporte paraolímpico coletivo em Porto Alegre, até hoje tem gente por lá que jogou este primeiro campeonato e a partir desta mobilização é que nós começamos a fazer com que as entidades de deficientes, pelo Brasil, começassem a se mobilizar para a prática do esporte. Tínhamos uma competição que ia ser realizada na Urca na ESEFEX, em julho de 1983, decidimos que no próximo ano, no mais tardar até o final daquele ano, nós íamos fundar uma associação representativa. Qual foi minha surpresa, que em novembro quando da competição nacional lá na Urca, recebi a notícia 'você sabe que no ano que vem tem os Jogos Paraolímpicos, em 1984' o então presidente do Conselho Nacional do Desporto – CND, estava negociando já com o Instituto, para ele ser o representante nacional do desporto no Brasil. Aquilo caiu como uma bomba nas minhas mãos, imediatamente me mobilizei, conversei com as outras entidades, que nós já sabíamos que estavam praticando esportes, esses primeiros anos, nós já tínhamos aglutinado umas dez entidades, aliás foram oito entidades que fundaram esta associação representativa, essas oito entidades vieram para o Rio de Janeiro para uma reunião no dia 14 dezembro de 1983 onde a briga foi muito grande porque o general de todas as maneiras queria passar a direção do esporte, queria criar essa associação, essa confederação, para dirigir o esporte, mas queria deixar este destino para o Instituto e nós entidades, sentamos e falamos 'em hipótese alguma', brigamos, brigamos, brigamos. Ele nos deu, não acreditou provavelmente 'então tá bom, vocês tem um mês para realizar toda essa tramitação, de criar estatuto' isso aconteceu no dia 14 de dezembro, no dia 19 de dezembro nos reunimos em Florianópolis, fundamos, criamos e montamos o estatuto e em janeiro, 19 de janeiro de 1984, fundamos a associação e colocamos no estatuto a proibição de nenhuma entidade que não fosse de deficiente poderia participar, nós queríamos realmente nos resguardar, fechar as portas, ficar no corporativismo e não permitir que os institutos ou entidades que não fossem dirigidas por deficientes, porque tínhamos entidades de deficientes e para deficientes, as nossas eram entidades de deficientes, nós fechamos o estatuto e não permitimos que nenhuma dessas se filiasse. No Rio de Janeiro, o Instituto era fortíssimo no esporte, tinha um trabalho da educação física maravilhoso, pelo que sei tem até hoje, mas não poderia se filiar como Instituto. Daí os ex-alunos tiveram que criar uma associação para poderem participar como alunos do Instituto. Tinha uma equipe fortíssima, mas naquele momento a organização do esporte de deficientes no Brasil não permitiu e aí ficou até bem pouco tempo, obviamente a gente abriu as portas porque hoje já é outra situação, outra visão de tudo, mas naquele momento nós achamos e continuo afirmando que foi muito importante, porque fortaleceu o movimento e fez com que as pessoas deficientes escrevessem seu caminho e fossem respeitadas.*

Os problemas relacionados ao amadorismo no gerenciamento de entidades e do esporte foi uma característica observada, já que algumas entidades, apesar de serem muito representativas, tiveram problemas em sua administração e encerraram suas atividades. Uma destas associações fazia um trabalho importante no fomento esportivo e deixou uma lacuna, o que dificultou o desenvolvimento de alguns atletas que sofreram com a falta de competições e organização esportiva:

Aí “em 2003 eu sofri as amarguras do esporte. Não fui convocada para o primeiro Parapan-Americano, em Brasília. Foi uma loucura [...] fui de ônibus, sai daqui sábado, cheguei segunda-feira de manhã em Brasília. Xinguei o técnico, chamei ele num canto e perguntei até quando ele ia me deixar de fora [...] ‘o que passou, passou’ disse o técnico. Fui campeã nacional, tinha todo o direito de ser convocada para este jogo aqui hoje e o senhor não me convocou, disse para o técnico, depois os campeonatos regionais deram uma parada. Em 2005, ainda tivemos o brasileiro em julho. Quando foi em setembro nós tivemos o mundial, aí tu vê que as entidades nacionais que podiam nos ajudar, fecharam as portas [...] veio gente de tudo quanto era país para este mundial, foi muito bonito no Rio de Janeiro, os hotéis a beira mar, fizeram um tributo a paz no Cristo Redentor. Foi muito bonito. Aí a associação fechou as portas. Bom aí começou um outro movimento do esporte paraolímpico com a Confederação, porque em 2001, quando eu fui para Espanha, eu fui pela Confederação, mas aí começou a ter atritos de diretoria, assumiu uma nova diretoria. Nós tivemos poucos jogos, aí a Confederação fechou também e agora eu estou sem jogar, parei porque não tem campeonato. A não ser junho, eu sempre vou para um campeonato em São Paulo, no clube de São Paulo, no troféu Sérgio Del Grande. O que eu lamento mesmo é que o Comitê Paraolímpico não tenha assumido, porque logo que fechou a Confederação Brasileira eu liguei lá para o Comitê Brasileiro em Brasília, e perguntei. Eles me disseram que não, que não iriam assumir, aí foi para o brejo. Esta modalidade continua, mas continua assim, pela Federação do Estado. Em primeiro lugar, eu tenho que ser medalha de prata ou de ouro, de bronze eu não sei. Mas tem que pagar passagem, pagar inscrição e tudo isso aí pesa. Tem patrocínio que dá uma ajuda ali uma vez por ano e tchau, não quer mais se envolver. A crise também e o esporte paraolímpico estava muito bem obrigado. Vinha gente de tudo que era lugar. No Rio de Janeiro, nós enchíamos quase dois ônibus, aquele mundial mesmo, feito em 2005, provou o quanto o esporte paraolímpico era forte no Brasil. Tinha gente de Rondônia e tudo que era estado. Nós tivemos campeonatos em Natal, Brasília, Curitiba, São Paulo, mas é uma pena que certas coisas aconteçam [...] como se diz, por baixo dos panos, que a gente não sabe o que realmente aconteceu na Confederação para ela não funcionar mais. Para mim é a falta de capacidade do dirigente, para ter uma entidade nacional nas mãos tem que ser negociante tem que saber manejar, porque a verba entra, cadê? A verba entra. Eu paguei R\$400 na viagem da Espanha que não devia ter pago, para ajudar não sei o que. Aí chegando lá em Madrid, na Espanha, o rapaz que era da Confederação começou a dizer porque o fulano ali é bem pobre não tem que pagar, aquele ali também. Aí eu disse: ‘não, não, mas eu também’, mas aí eu já tinha pago, morreu. Então uma entidade nacional tem muita força, só que tem que ter uma mente preparada, espiritualizada, para tudo poder funcionar. Porque por exemplo a associação fechou por que? miá, só pode ser. Meu amigo lá do Rio de Janeiro, morreu com um osso trancado na garganta porque era o presidente do conselho fiscal da associação e para ele estava tudo bem, mas de repente fecha as portas. Então aquele atleta que não tem índice, nunca participou de campeonato, esse aí não tem mais chance. Porque a associação, com os campeonatos dela, levava o atleta a participar para pegar índice. Então, esse ano tu ganhou de bronze, mas talvez ano que vem tu já pegue a de prata e aí tu vai indo, mas sem o campeonato regional, ela fazia em todos os estados. Todos os estados faziam, todos os anos era certinho, uma pena”.

*A19 “passamos por uma transição da associação para a atual confederação. A associação passou por um problema muito difícil, infelizmente teve que fechar as portas, foi um erro administrativo vamos dizer assim. Nunca houve má vontade, falcatrua, nenhum desvio, nenhuma corrupção, mas infelizmente por N motivos houve sim, um erro administrativo que levou a associação praticamente à falência, técnica e financeira, que impossibilitou ela até mesmo de continuar a exercer suas funções e então a partir deste momento, foi criada a confederação porque o segmento de deficientes não poderia ficar, jamais, sem uma coordenação legal, em hipótese alguma”.*

A falta de continuidade de projetos, incentivos e suportes faz com que o esporte para pessoas com deficiência careça de uma maior atenção para o seu desenvolvimento. Atrelado a isso, temos o preconceito ainda presente, a dificuldade de aceitar a deficiência e usá-la como desculpa em momentos difíceis, o problema financeiro e a falta de informação e apoio. Administrar todas estas barreiras e procurar, através do esporte, um caminho para seu desenvolvimento, foi o que fizeram alguns atletas:

*A3 “inicialmente, dentro do Instituto não tinha tanto apoio, diferente de outros esportes, a gente fazia de maneira muito deficiente vamos assim dizer, mas o meu gosto, a minha paixão pela modalidade foi muito maior do que aquela insuficiência estrutural, então eu continuei insistindo e conclamando as pessoas para ajudar, dar esse apoio essa força maior junto com alguns outros colegas que também gostavam e que também praticavam. Com isso a gente conseguiu chamar atenção até para descoberta de outros talentos para o esporte dentro da instituição. Assim, eu considero que foi uma colaboração para que despertasse também atenção para talentos que existiam ali dentro da instituição e que eventualmente poderia estar sendo desperdiçado, que poderia estar passando despercebido e assim aconteceu, houve uma transformação considerável, posteriormente eles começaram até mesmo profissionalizar. Hoje a instituição já conta com uma estrutura considerável na descoberta e aperfeiçoamento de talentos [...] as barreiras nesse processo esportivo inicialmente foi só ausência de apoio, que eu digo financeiro e estrutural. Foi o que eu encontrei no início da minha preparação, a dificuldade para ter uma sapatilha, um tênis para treinar, a suplementação alimentar adequada para poder me desenvolver no alto rendimento porque se não tiver isso, fica muito difícil. No aspecto esportivo o que eu mais senti foi isso”;*

*A6 “no início foi muito difícil, a questão da violência, tinha muitos tiroteios, era difícil você sair porque eu sempre busquei fazer teste em clubes convencionais antes de começar no esporte adaptado, então muitas das vezes, naquele dia de você ir lá fazer aquele teste, com a questão da violência, ai você tinha que ficar dentro de casa e muita das vezes você não podia sair em busca do seu grande sonho, essa foi uma parte difícil também e das vezes que eu buscava, a maioria das vezes, era barrado devido a minha deficiência então levei essa questão do preconceito dos meus oito anos de idade até eu conhecer o esporte adaptado. Fiquei por muitos anos carregando essa questão e era muito difícil assim, porque na minha cabeça, não via problema nenhum em jogar no meio de pessoas convencionais, mas os dirigentes dos clubes sempre alegavam que iria trazer problemas para ele devido a minha deficiência, então era muito difícil eu chegar em casa e falar para minha mãe: ‘ah eles não me aceitaram por causa que eu tenho uma*

*deficiência’, então aquilo até mesmo para minha mãe, era muito difícil. Porque ela sempre foi uma pessoa que sempre me ajudou nessa minha caminhada pela busca da minha realização”;*

A9 (depoimento professora) *“naquela época você ainda tinha projetos voltados para esta área, para base, agora não tem mais, o estado está muito ruim, a equipe tinha um patrocinador (durou quatro anos), mas acabou”;*

A10 (depoimento da professora) *“o desafio não se concentra no nosso dia a dia das nossas aulas, o desafio é das questões externas dos apoios, desta questão da sociedade olhar, apoiar, a gestão pública não ter nenhum projeto voltado para isso, principalmente para aqueles que de repente não chegue lá, mas que tenha a oportunidade de nadar, de jogar basquete, seja o que for”;*

A11 *“tive alguns preconceitos, sofrendo bullying, estas coisas sabe, mas isso, eu ter enfrentado barreiras, isso me fortaleceu como homem. Porque pode me amarrar, pode fazer bullying, mas isso não vai me impedir de ser homem [...] na hora de dizer não, é não. Na hora de dizer sim, é sim, Não treino só com pessoas com deficiência, eu treino com todo mundo, que não tenha deficiência nenhuma. Eu vou para luta”;*

A12 *“desafio, pessoalmente foram dois, a parte financeira porque a gente não deixa de ter outras demandas na vida e tem mesmo, o viver, parte de se sustentar com a deficiência, material, cadeira de rodas, o próprio deslocamento, tudo é gasolina, transporte, na época que eu não dirigia, tinha que alguém dirigir, então tudo é muito custoso, esse pode ser um dos desafios. Mas o outro, é o próprio desafio com a lesão, em uma época que a gente não tinha muita informação sobre as facilidades e contornos da lesão para tornar a história mais simples, eram as grandes dificuldades e a própria repercussão do esporte”;*

A13 *“eu acho que o maior desafio, não é o treinamento, é você conciliar toda a sua vida. O atleta de alto rendimento tem que saber dosar sua esposa, porque ela não entende, seus amigos, você abdica de uma série de coisas, seu tempo e a falta de grana. Esse é o principal, é a falta de grana, eu consigo provar isso para você que eu mais ponho do que recebo. Ai você está com sua mulher, está casado a dez anos, uma hora ela chega para você e fala: ‘amigão, a gente vai ficar nessa até quando? Você vai viajar, você põem dinheiro’, os caras acham que estão te dando uma grande coisa, que vira para você e fala: ‘não, olha, a hora que entrar o bolsa atleta vai entrar tudo de uma vez’. Tá legal, eu estou a um ano com a minha conta negativa no banco, os caras, eles esquecem que existe os juros. Entendeu, então quando entra o dinheiro, você tem que renegociar tudo para pagar o que você está devendo, é uma piada. Então, esse eu acho que é o maior desafio que eu vejo para todos, você conciliar sua vida fora o esporte, porque o cara que está treinando, eu acredito que ele já faz isso porque ele gosta, então se você tiver todos os subsídios ali do seu lado, fica até fácil, mas para você acertar isso que é o problema”;*

A15 *“não tínhamos investimento, o (professor) ganhava um salário, mas, você olhava e via que ele fazia por amor, ele estava implantando o esporte, tinha dezenas de cadeirantes e tinha dois kits, ou seja, não dava. Então cada um pegava uma bolinha e ficava lá jogando bolinha e ele passava o recreativo, foi uma dificuldade muito grande, principalmente quando tinha competições que você tinha que dividir o kit com os outros atletas [...] a dificuldade foi muito grande no início, não tinha transporte para as competições, não tinha transporte para a gente ir treinar, não tinha local*



*adequado para treinar, era um clube emprestado [...] comparar hoje, com aquela época (2002, 2003), nós estamos no céu. Hoje em dia, nós temos um centro de treinamento, com vários profissionais capacitados, treinados e preparados para lidar com todos os tipos de deficiência, nós temos um centro de treinamento específico para (o esporte) paraolímpico, nós temos transporte para as competições, municipais, estaduais e interestaduais. Nós temos projetos que beneficiam as pessoas com deficiência com verba, salários para as pessoas fazerem o esporte social ou alto rendimento têm plano de saúde, cesta básica, carteira assinada em uma empresa, dignidade para pessoa com deficiência, muitos deles aqui sustentam a própria casa, temos testemunhos de pessoas que falavam assim 'meu pai falava que eu ia ser um peso na minha família, meu pai teve um problema, teve que parar de trabalhar e não tinha como manter a casa. Hoje eu tenho uma carteira assinada e eu sustento minha casa'. Então assim, o cara ganhou o respeito da família dele, o deficiente ali que você olha, então toda essa mudança aconteceu na vida da pessoa com deficiência, que naquela época não tinha, e que hoje tem e eu estou incluído nesse meio aí também [...] a gente precisa de pessoas para cuidar da gente. Então hoje a situação mudou totalmente, mas não era assim. Até 2012, não era assim, era muito difícil”.*

*A18 “o desafio foi a falta de estrutura de treinamento, tinha que superar isso tudo; as lesões, que às vezes me lesionava próximo de competição e tinha que superar; a falta de reconhecimento, que o esporte paralímpico hoje é um pouco mais conhecido, mas falta muito, nem sei se um dia vai ser reconhecido como é reconhecido o esporte olímpico. As pessoas pensam assim, no canal fechado teve um canal que divulgou bastante, mas vai nos canais abertos, ninguém parava a programação para passar uma prova e não sei, porque como estava lá na vila, não sei como ficaram os canais da Sportv, mas era um só, para você ver, não passava evento direto, já foi diferente e a parolimpiada não foi tão divulgada como foram as olimpíadas [...] e o legado que fica para as pessoas com deficiência, para as famílias que têm pessoas com deficiência dentro de casa? [...] isso tudo a gente tem que estar sempre superando no esporte paraolímpico, a falta de apoio, falta de reconhecimento. Eu consegui pegar uma fase boa, mas tiveram pessoas que, mesmo com resultados, não conseguiram”;*

*A21 “olha, sinceramente o primeiro desafio maior é o financeiro, costume falar assim, para mim que sou amputada e para os cadeirantes, o maior desafio é a questão financeira porque a gente depende do equipamento. Só para querer começar, preciso, no meu caso, de R\$80 mil, senão nem vou começar, nem de brincadeira, fora as manutenções. Ganhei as próteses, mas e aí, e as manutenções? Vou dar conta de ganhar uma prótese e manter ela? Hoje, a questão da manutenção das próteses, tenho uma clínica ortopédica que faz as manutenções, as trocas de alguns componentes. Se não fosse o apoio da clínica, não estaria no esporte. Tenho que ter uma equipe, um apoio atrás, senão é impossível estar no esporte. Tem muitos desafios, não é só o financeiro, ele pega mais porque dependo dos equipamentos, mas assim, tem outros desafios normais para todos os atletas. A questão psicológica, a questão de ter uma equipe por trás, o esporte que pratico é muito recente no mundo, não é um esporte do comitê paralímpico, depende da confederação, não é muito tradicional e é um esporte muito caro”;*

*A22 “no olímpico, quando sofri o acidente, já ia ser pré-convocada para seleção adulta, é toda aquela disputa, lógico que tem pessoas que tem mais talento, era considerada uma promessa, todos achavam. No esporte paraolímpico os desafios são esses que te falei, amadorismo, de repente de*

*chamar a atenção e a pessoa não gostar, eles são umas pessoas muito difíceis, porque na verdade, perto de muitas pessoas, a minha deficiência é mínima, acho que eles usam muito da deficiência deles, então o meu maior desafio foi esse e continua sendo, porque na verdade não tenho muita paciência. Não é porque uma pessoa perdeu uma perna, é muito difícil, porque para mim também é difícil, mas o que você pode fazer? Você não é deficiente mental, você tem uma deficiência física, então acho que muitas vezes eles usam isso. Até mesmo eu usava depois do meu acidente que parei de jogar, usava muito isso, que ficava deitada no sofá, olhando para o teto 'coitada de mim'. Até um dia que você fala ou você levanta daí e vai tocar a vida ou senão tu vai ficar se fazendo de coitada a vida inteira”.*

Este processo não é fácil, como relata a atleta A21, “não foi tão fácil tomar esta decisão, não é fácil ainda”. Afinal de contas, se adaptar às exigências do esporte paraolímpico neste momento de ajuste à deficiência, também foi considerado um desafio para os atletas, como comentado anteriormente pelo atleta A19 e ressaltado por outros atletas:

*A2 “acho que foi eu ter começado tarde, porque se tivesse começado mais cedo, teria chegado com uma maturidade esportiva maior para não ficar dependendo apenas de uma seletiva regional. Se eu tivesse começado mais cedo, eu teria tecnicamente evoluído bem e aí entraria pelo ranking direto. Esse foi o maior impacto”;*

*A14 “desafio em relação a minha baixa estatura, porque eu não teria a oportunidade mesmo de estar em uma seleção brasileira ou em qualquer outra equipe de alto rendimento, então eu tinha que fazer mesmo a minha participação no amador, mas que para mim era muito séria também, levava como se fosse profissional mesmo, de verdade. Nossa quando tinha um campeonato, meu Deus do céu, era a vida que a gente colocava ali na quadra. Então para mim é muito importante essa competitividade, isso me faz muito bem, nossa adoro isso. Apesar desse monte de empecilhos: idas e vindas de classificação; é deficiente não é deficiente, é mínima não é, sou uma apaixonada pelo esporte, então só de estar ali no meio delas, eu passaria pano para elas na quadra, ficaria no banco para elas lindamente, feliz da vida, de coração eu te falo isso e graças a Deus hoje, no Pan de Toronto eu fui classificada como deficiente permanente, assim eu falo graças a Deus, é até engraçado a gente feliz com uma lesão que aconteceu com você, com uma dor maluca que você sentiu, mas feliz por ter se encontrado no esporte novamente é uma coisa de louco isso, apesar de eu não ser mais uma menina, já estou quase que no fim de carreira, apesar do esporte paraolímpico ter uma longevidade para gente um pouco maior do que o esporte olímpico, mas eu sou muito feliz hoje, mais feliz do que eu era antes”;*

*A15 “o desafio é que no início, quando eu conheci a natação, eu não tinha físico para ser atleta de alto rendimento, então era impossível, quando você, busca, luta, se prepara para tua hora chegar e você conquistar é tranquilo, mas no meu caso, fisicamente não tinha como. No início quando eu conheci o esporte paraolímpico andava segurando a mão da minha irmã, dos meus irmãos que saíam comigo e eu estava meio que desanimando da vida, eu saía, eu caía. Não saía mais de casa, eu tinha um preconceito muito grande com a cadeira de rodas. Uma fisioterapeuta chegou para mim quando eu tinha 19 anos e falou ‘um dia você vai ficar na cadeira de rodas, a gente não sabe quando, então você se prepara porque você vai para cadeira de rodas’ e aquilo ficou na minha cabeça. Quando eu chegava perto de um cadeirante*

*eu andava com dificuldade, eu saía de perto, porque eu imaginava ‘um dia eu vou estar nessa cadeira’, então eu quero retardar o máximo possível isso. Então, nem perto de cadeira de rodas ficava. Claro, mal sabia eu, hoje cuido de um projeto para cadeirantes, trabalho com os cadeirantes”;*

*A16 “quando comecei no clube, não tinha nem cadeira de rodas, nem quando estudava. Quando comecei a jogar, meu pai me levava no colo, pegava três ônibus porque onde morava, era um pouco difícil, o bairro não tinha muita acessibilidade e meu pai falou assim ‘não, é a única atividade que meu filho faz, o único divertimento que ele tem, a única distração, então eu não vou desistir’. Me pegava no colo, me colocava no ombro e saía até o clube. Chegando lá no clube a gente pegava uma cadeira emprestada para fazer as atividades das 13 até às 17 horas. Jogava na cadeira e quando saía do clube, devolvia a cadeira e meu pai me pegava no colo e voltava para casa. Tudo que tenho assim, devo aos meus pais, porque eles não desistiram. Aí surgiu a possibilidade, fui para outro clube, fiquei dez anos nesse clube, disputei vários campeonatos, até então ganhava vários títulos nacionais, regionais, estaduais, todos os títulos, mas internacionalmente não estava conseguindo deslanchar, não estava conseguindo despontar para o mundo. Em 2010, montaram uma equipe nova e me convidaram, ‘se você quiser’ [...] consegui uma casa, foi uma correria danada para conseguir, até que a gente conseguiu comprar a casa, inicialmente vinha de trem para o treino, com o pessoal. Minha técnica me pegava na estação, minha mãe me levava, empurrando cadeira, para treinar no ginásio municipal. Da estação ia para o ginásio com minha mãe empurrando cadeira. Depois de 2012, as coisas melhoraram. Pelo fato de logo no começo não ter cadeira de rodas, fui ter a primeira cadeira de rodas em 2000, através de uma doação da prefeitura, aí que começou a melhorar um pouco”;*

*A17 “Claro, considero que a minha história no esporte é tudo aquilo que todo atleta passa, degrau por degrau. Metas, objetivos e sonhos realizados, cada um ao seu tempo e nesse percurso que tive desde 2006, o que aconteceu. O esporte coletivo é uma modalidade que o volume de pessoas é muito grande, então para você adentrar para uma seleção brasileira é um pouco mais complexo, você tem que iniciar bem antes, com uma idade bem baixa e tem que estar em uma equipe top para ter visibilidade, e a nossa equipe é mais regional, mais estado. Então, era um dos melhores atletas, All Star do estado, essas coisas, algumas premiações. Acabei praticando outro esporte coletivo que até era uma modalidade que brincava bastante na minha adolescência, me destaquei já nas primeiras competições, cheguei à seleção brasileira em 2009, só que uma lesão na véspera da competição me cortou da seleção e o meu tipo de deficiência para este esporte é complicado, é uma modalidade onde a característica dos atletas de ponta é amputação ou deficiência mínima, tem que ter uma movimentação de tronco e a ajuda das pernas. Eu, como sou paraplégico, a minha denominação na verdade é paraparesia porque eu tenho o movimento das pernas, me atrapalhava, era um peso morto as pernas, tinha todo o fundamento, todas as habilidades, mas o deslocamento em quadra, me prejudicava. Só que pelo fato de ter chegado na seleção brasileira me deu o gostinho de querer mais, aí esse mesmo amigo, falou de um esporte individual que gostaria que fosse conhecer, acabei indo conhecer e por ser um esporte individual me proporcionou isso. A minha dedicação ao treinamento automaticamente traz os resultados para mim, o esporte coletivo às vezes é meio ingrato, você pode se dedicar muito, mas você depende dos seus companheiros. Comecei em 2010, em 2011 fui convocado para fazer parte da seleção brasileira como, vamos dizer assim, um coadjuvante no regional, cheguei à prata. O*

*ouro garantia a vaga para Londres, até então entrei sem noção, nem imaginava. Perdi na final para um americano, aí me deu um estalo ‘opa, agora eu quero mais’. Fiquei em 23º do ranking mundial e falei ‘não, agora o meu foco é 2016’ ainda mais sendo no Brasil você tem um gostinho a mais. E daí muito investimento, muita dedicação, foram quatro anos de dedicação, nos últimos dois anos percorri todo o circuito internacional que dava pelo ranking a vaga para os jogos. Participei das quinze competições, não falhei uma. Fui o único atleta no Brasil, no esporte individual, que quando o governo não mandava, pagava do bolso, claro tenho meus subsídios, mas paguei várias competições e treinamentos fora para atingir este objetivo”.*

Antigamente a realidade era outra. Apesar de a questão financeira ser um fator limitante, eram os problemas estruturais que restringiam o rendimento esportivo, sendo um obstáculo para obtenção de bons resultados esportivos, como abordado pelos atletas:

*A4 “para você ter uma ideia, naquela época era muito difícil, o esporte não era patrocinado, muito difícil. A gente vivia sempre na dependência do governo, era um governo militar na época e quem gerenciava o Conselho Nacional de Desportes (CND), o Coronel, sempre teve um carinho especial por nós, mas ele praticamente trazia como fosse mais uma coisa dele, porque do governo mesmo, não tinha política nenhuma, ele abraçou o esporte e ajudou muito a gente. Mas do governo mesmo não tinha nada, então, toda vez que a gente tinha que viajar normalmente a gente fazia campanha especificamente para isso, fazíamos pedágio, por exemplo, em 1972, saí por uma grande avenida da cidade, subindo em cada prédio e pedindo aos empresários que comprasse uma passagem para que eu pudesse competir. Quem comprou minha passagem foi uma empresa juntamente com a parceria com a Lufthansa, mas iniciativa minha [...] só fui saber que eu ia viajar na semana anterior da viagem, quer dizer a gente treinava, treinava, mas não sabia se iria competir”;*

*A7 “minha deficiência é mínima, sempre fui competitivo, sempre. Tanto é que depois que eu voltei de uma competição, falei: ‘não, eu vou começar no esporte’. Eu sempre fui competitivo, tanto é que a minha mãe me tirou do judô, estava para passar para faixa laranja e ia começar as competições. Ela viu que não eu não ia me poupar em nada, tinha receio de eu me machucar por causa da deficiência, então ela pegou e me tirou do judô [...] em uma cidade de 200.000 habitantes, a gente conta nos dedos quantos atletas tem lá, atletas mesmo. O que eu fazia, eu disputava a competição com os convencionais, ia para as competições de máster, era federado na federação estadual, ia para os torneios regionais sempre tentando me manter, porque naquela época era uma, no máximo duas competições no ano do esporte adaptado”;*

*A8 “a gente não tinha lugar para treinar, esse era uma problema sério, a gente não tinha um local, fui treinar com outros atletas, mas que também não tinha um parque esportivo. O local de treinamento mais próximo para nós era em um estádio de atletismo, mas ainda assim eles não deixavam a gente treinar com facilidade, então nós treinávamos de madrugada, de noite, na rua, até que eles permitiram que a gente treinasse lá todos os dias ao meio-dia, que era o horário que o sol estava mais alto. O pessoal viu que apesar não ser tão ruim assim, ser meio dia, o sol quente, era o horário que o pessoal saía do almoço, então as pessoas começaram a usar, nós perdemos inclusive este horário. Até que depois eles acabaram concedendo um horário para nós, entramos em uma harmonia e começamos a treinar*

*[...] esta iniciativa era pessoal, da professora, aliada com a nossa de querer fazer esporte, tudo era muito nato, não tinha nada elaborado, ela era a única que tinha conhecimento de universidade e o desejo, porque ela era atleta. Então, o que ela recebeu como atleta olímpica, ela repassou para o paraolímpico. Eu acho que foi tudo muito espiritual, porque não tinha explicação. A gente até era ligado à entidade, mas ela não recebia remuneração, era tudo meio assim, um desejo. Todo mundo voluntariado, tanto a gente que ia ser atleta, como ela que ia nos treinar”;*

*A19 “problemas financeiros não foram tantos, porque a gente nem pensava tanto em ganhar dinheiro, sabe, nós fazíamos com maior dedicação, às vezes tinha dificuldade de guia, como desafio, mas olha, para dizer que não tive um grande desafio a ser vencido, o meu grande desafio era o meu tempo na prova, melhorar o meu tempo a cada momento, a cada prova, meu grande desafio era conseguir fazer o meu rendimento melhorar. Se tivesse me dedicado quem sabe tivesse sido minha melhor prova, porque mesmo sem treinar especificamente para ela, sempre tive bons resultados, fui recordista desta prova também até 2007, isso porque eu parei de competir em 1989, 1990, então ele perdurou muito tempo. Hoje, tenho até vergonha de pensar que a recordista brasileira já está a dois centímetros da minha marca, risos.”*

As barreiras esbarraram no contexto histórico em que a falta de visibilidade do esporte para pessoas com deficiência e a inexistência de recursos humanos para trabalhar na área dificultavam a prática esportiva organizada. A partir da conquista de resultados importantes obtidos pelos atletas e a regulamentação da profissão de Educação Física, a temática da deficiência passa a ser inserida nas universidades, como relata o atleta A5:

*[...] bom, na época o esporte adaptado era quase que desconhecido no Brasil. A gente teve que quebrar pedra mesmo para chegar aonde a gente chegou, inclusive com a montagem do Comitê Paralímpico Brasileiro, em 1995. A gente teve que ralar muito para que o esporte adaptado fosse conhecido e ainda tinha uma transição que era um esporte feito como apresentação. Os deficientes faziam uma apresentação, não era encarada ainda como uma superação de desafio, quebra de recordes, isso começou a cair quando a mídia começou a focar, viu que os resultados dos paraolímpicos estavam até superando o dos olímpicos e aí quando começou a mídia focar e ver que ali tinha um trabalho sério, aí começou a abrir as portas e foi uma transição que começou com os profissionais, até então a gente tinha muito, o voluntariado e aí começaram a vir profissionais capacitados [...] nesse mesmo tempo também, foi feita a regulamentação da Educação Física, em 1996, que começou a focar nos profissionais da cadeira de Educação Física Especial (Atividade Física Adaptada) e aí começou a abrir as portas do conhecimento técnico, profissional e também da mídia para população conhecer um pouco mais do esporte adaptado.*

A necessidade de romper com alguns preconceitos sempre fez parte do esporte para pessoas com deficiência. O atleta A19 aborda um fato ocorrido em relação à dificuldade de se conseguir patrocínio na época:

*[...] me recordo inclusive de uma situação na paraolimpíada de 1988, nós tivemos uma oferta de um patrocinador, isso já para seleção brasileira que já estava estruturada, todo mundo já tinha algo muito maior, lembro que ele*

*passou o recurso, mas pediu que não divulgasse o nome dele porque não queria divulgar a marca ao esporte de deficientes. Hoje, quem não quer?*

O atleta A23 não encontrou grandes desafios ao longo do seu contato com o esporte, talvez por ter nascido em um período de participação mais ativa na luta pelos direitos da pessoa com deficiência, década de 1990, e também pelo tipo de esporte praticado, esporte individual, no qual não dependia de muitas pessoas para desenvolver suas atividades:

*[...] desde quando comecei sempre me ajudaram bastante, meus colegas que enxergavam, treinava com pessoas que enxergavam. As pessoas que enxergavam e os professores sempre me ajudavam a fazer as coisas, quando não entendia, foi bem tranquilo e sempre fui querendo aprender mais e mais. Difícil, difícil não teve, porque sempre me ajudaram bastante. Não podia ir, eles falavam 'não, eu consigo te buscar, a gente dá um jeito' me levavam para os campeonatos.*

Os facilitadores encontrados pelos atletas ao longo da sua trajetória esportiva estão diretamente relacionados: aos fatores sociais, como a empatia com os atletas e treinadores / professores; ao apoio da família e dos amigos; à informação produzida pelos próprios agentes envolvidos, aos atletas (multiplicadores) e à experiência esportiva anterior. O estudo de Seron *et al.* (2015), apesar de o foco estar centrado na prática de atividade física, aponta para mesmo caminho.

Ao cruzar com este novo caminho, cercado de barreiras e facilitadores, a vida destes atletas passa a ter um novo sentido. A construção de um ambiente que seja propício ao desenvolvimento de uma prática sistematizada, organizada e bem orientada são determinantes para pensar no esporte como um elemento fundamental de mudança. Esta mudança deve estar vinculada à construção de um plano de ação específico, desenvolvido a partir dos facilitadores (motivadores) vivenciado pelos atletas, bem como as estratégias utilizadas para superar as várias barreiras à participação esportiva torna-se uma questão central para o poder público.

Os atletas ratificam as barreiras e os facilitadores apontados por Bragaru *et al.* (2013) e Haiachi *et al.* (2016) e acrescentam outros pontos, como representado na figura 26:

**Figura 26:** Barreiras e facilitadores para o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas com deficiência.



**Fonte:** autor.

## INCENTIVO FINANCEIRO

A questão financeira é a porta de entrada para a construção da carreira esportiva (DE BOSSCHER *et al.*, 2015). A necessidade de atos normativos e ações que financiem o desenvolvimento do esporte, seja ele na esfera municipal, estadual ou federal, são determinantes para sua evolução em longo prazo.

Como atos marcantes na legislação brasileira em relação ao esporte de alto rendimento, podemos destacar: a utilização dos recursos da loteria federal, a Lei Pelé, a regulamentação da profissão de Educação Física, a instituição do programa Bolsa Atleta e a Lei de incentivo ao esporte (quadro 7).

A implantação do Programa Bolsa Atleta, pelo Ministério do Esporte (2004), incentivou os atletas de alto rendimento, em âmbito municipal, estadual e federal, em diferentes níveis (Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Paraolímpico e Bolsa-Pódio) a dedicarem um tempo maior aos treinamentos e melhorarem suas condições para uma participação mais efetiva no calendário do esporte adaptado (BRASIL, 2015).

Mas não somente os recursos financeiros são determinantes para a obtenção de resultados (DE BOSSCHER *et al.*, 2015). Ações centradas na melhora das condições de treinamento, questões estruturais (locais de treinamento), de recursos humanos (equipe multidisciplinar), de inovação tecnológica (cada vez mais presente no esporte paraolímpico), ou afetiva (apoio familiar e convívio com o treinador), são fundamentais para compreender o processo de estruturação do caminho a ser seguido (HAIACHI *et al.*, 2016).

A Lei Agnelo/Piva nº 10.264/2001 veio ao encontro desta necessidade ao possibilitar que, através do repasse de percentuais da arrecadação bruta das loterias federais, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o CPB desenvolvam ações nos esportes de rendimento, escolar e universitário (PARSONS; WINCKLER, 2012). Recentemente a lei sofreu uma alteração em seus percentuais de repasse (de 2% para 2,7%), assim como a distribuição entre o COB (de 85% para 62,96%) e CPB (de 15% para 37,04%). Esta alteração ocorreu com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que permitirá ao CPB investimentos na ordem de R\$130 milhões (CUNHA, 2015).



**Quadro 7:** Atos normativos referentes ao esporte de rendimento em nível Federal

<b>Data promulgação</b>	<b>Diploma legal</b>	<b>Nível ato normativo</b>	<b>Assunto</b>	<b>Ementa do documento (objetivo)</b>	<b>Número do ato</b>	<b>Status</b>
<b>31/05/1990</b>	Decreto	Federal	Loteria	Cria a loteria federal sob a modalidade instantânea e dá outras providências	99.268/1990	Vigente
<b>24/03/1998</b>	Lei	Federal	Norma geral do esporte	Lei Pelé - institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências	9.615/1998	Vigente
<b>09/01/1998</b>	Lei	Federal	Educação Física	Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física	9.696/1998	Vigente
<b>05/10/2002</b>	Lei	Federal	Jogos Olímpicos	Altera a legislação tributária federal	10.451/2002	Vigente
<b>07/09/2004</b>	Lei	Federal	Bolsa-atleta	Institui a bolsa-atleta	10.891/2004	Vigente
<b>29/12/2006</b>	Lei	Federal	Incentivo	Lei de incentivo ao esporte - dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo	11.438/2006	Vigente
<b>08/03/2007</b>	Decreto	Federal	Incentivo	Regulamenta a lei nº 11.438, 2006, que trata dos incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo	6.180/2007	Vigente
<b>10/01/2009</b>	Lei	Federal	Jogos Olímpicos	Institui o ato olímpico, no âmbito da administração pública federal	12.035/2009	Vigente
<b>15/12/2009</b>	Decreto	Federal	Jogos Olímpicos	Dispõe sobre a divulgação, por meio do portal da transparência do poder executivo federal	7.033/2009	Vigente
<b>01/09/2013</b>	Lei	Federal	Jogos Olímpicos	Dispõe sobre medidas tributárias referentes à realização, no Brasil, dos Jogos Olímpicos de 2016 e dos Jogos Paraolímpicos de 2016	12.780/2013	Vigente
<b>01/12/2015</b>	Lei	Federal	Pensão	Concede pensão especial à atleta Laís da Silva Souza	13.087/2015	Vigente

**Fonte:** Reppold Filho *et al.*, 2016.

O impacto na renda das famílias dos atletas que conquistaram através do seu desempenho esportivo, a condição de pleitear o recebimento do “apoio/incentivo” financeiro é relatado pelo atleta A15:

*hoje, minha família trabalha para mim, eu contratei minha família para trabalhar [...] no projeto social apareceram centenas de pessoas com deficiência para praticar esporte socialmente, mas o material ainda é muito caro, este material internacional custa de R\$1.500 a R\$2.000 [...] minha família toda trabalha comigo, capacitei eles, tenho condições de pagar hoje uma pessoa para trabalhar comigo, que fica a minha disposição no meu treinamento e nas viagens.*

A questão da necessidade de despendere uma quantia elevada de recursos financeiros para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento é recorrente por grande parte dos atletas:

*A17 “alto rendimento desprende muito investimento. Cada competição internacional é em torno de R\$8 a R\$10 mil cada competição, viagem, hospedagem, alimentação e inscrição. Fora o material, para você ter um bom material, você tem que investir alto, R\$2.600, só que duram cinco anos. Alguns equipamentos custam R\$750. Numa cadência forte de treino preciso repor mensalmente e fora os outros custos, transporte diário, porque treino de segunda à sexta-feira. Meu treino é cadenciado em técnico, físico e psicológico, todos eles na sua devida proporção e para isso pago profissionais, não são profissionais voluntários, porque voluntário no alto rendimento não funciona, tive que aprender isso também. Pago aula particular, pago preparador físico, pago psicólogo e também nas minhas lesões, nas minhas necessidades fisioterapêuticas também”;*

*A21 “só para querer começar preciso de R\$80mil, que seria o valor das lâminas, senão nem vou começar a correr, nem de brincadeira. Fora as manutenções. Se não tiver apoio não tem como estar no esporte. Não sou só eu, tenho que ter uma equipe, um apoio atrás, senão é impossível estar no esporte”.*

Alguns atletas não chegaram a receber incentivos financeiros efetivamente, como relata o atleta A4 “nunca, nunca, nunca recebi nenhum”, mas outros acabaram recebendo apoios de outra natureza que também foram importantes para seu desenvolvimento enquanto indivíduo e posteriormente como atleta:

*A1 “apoio de passagem para viagens pelo estado e um patrocínio da empresa em que trabalhava. Quando eu estava quase conseguindo pelo Comitê Paraolímpico, porque com os jogos da Confederação eu estava conseguindo índice, estava quase chegando à ajuda fornecida pelo Comitê que estava dando R\$2.500, três e pouco, eu estava quase chegando. Teve gente que comprou até carro, porque aí que começou o Comitê abriu olho porque o dinheiro que a caixa dava era para o deficiente colocar na sua modalidade aí ele começou a fazer casa [...] recebia aproximadamente R\$1.000,00 de patrocínio de uma empresa para participar de algumas competições”;*

*A5 “não, para participar das competições a gente tinha uma elaboração pessoal, colocava da nossa disponibilidade financeira e de tempo. Geralmente tinha uma entidade, no caso quando conquistei estes*

*campeonatos, eu já estava na Associação [...] a gente se programava e executava conforme o planejamento, inclusive da associação, na época”;*

*A8 “olha, assim, eu recebi algumas vantagens. Remuneração na minha época, na década de 1980, era quase nenhuma. Mas assim, consegui material, alguns suprimentos, mas remuneração mesmo, não, não recebi”;*

*A12 “uma das minhas desmotivações foi a falta deste apoio, então eu nunca tive. Para não dizer que nunca teria, no último ano, como meu time foi campeão a gente teria a bolsa atleta, mas fui deixando passar e eu mesmo não usufruí desta bolsa atleta que eu tinha direito, que é um ano de apoio pelo governo, alguns atletas, praticamente todos do time ganharam porque o meu time foi campeão nessa época, mas eu mesmo não usufruí. Depois parei, como eu disse, não foi por isso, então eu posso dizer que eu nunca tive nada”;*

*A13 “direto não, o que acontece é assim, tenho alguns patrocínios, porque é interessante para todo mundo, mas não visando patrocínio de atleta. O que acontece, a empresa conseguiu lá uma bonificação, alguma coisa de incentivo da lei de esporte, que a gente sabe que funciona assim, o cara vai declarar cinquenta, vai te dar vinte, divide com todo mundo, então é assim, infelizmente é Brasil, é uma picaretagem, o cara veio te dar patrocínio você já desconfia [...] a gente está aí a uns vinte e tantos anos nisso quando aparece, alguém que quer patrocinar, já olha um para cara do outro e fala ‘já vem alguma coisa, lá vem história’. Já aconteceu de tudo”;*

*A17 “recebo um valor mensal, uma bolsa e a administro. Deram-me um carro em comodato que fazia parte do patrocínio, na verdade quando eles me chamaram, isso no começo de 2014, meio do ano, e me falaram que eles tinham intenção de fazer um aporte financeiro, mas que era bem baixo, que era para eu ver uma cadeira de rodas, qual carro que seria mais viável para mim. Na época, falei para eles o seguinte ‘olha, eu já tenho carro, minha cadeira tinha acabado de comprar, fazia três, quatro meses, se o objetivo do patrocínio ou da parceria era fazer com que conseguisse a vaga, o que precisava era dinheiro para pagar minhas viagens internacionais’, expus para eles, eles entenderam, passei mais ou menos um cronograma, valores. Eles dividiram isso em um valor mensal de subsídio, que era o principal, e realmente foi isso que me deu capacidade, porque uma cadeira já tinha, carro já tinha. A única diferença é que depois eles me deram o carro, o carro de comodato, inclusive encerra agora em dezembro, a intenção é ou ficar com o carro ou devolver, mas o fundamental foi que eles entenderam que para chegar a Rio 2016 precisava do investimento em dinheiro, sem ele era impossível [...] inclusive até foi bacana porque como ela buscou o meu contato e fez esse tipo de patrocínio, diferente, porque se fosse de outra forma tinha me ferrado, porque uma outra empresa que estava patrocinando, o esquema era diferente, era por resultados. Você escolhe uma ou duas competições no ano como alvo e o resultado, se tiver eles te dão um aporte financeiro. O meu não, ela me dava mensal o que me dava essa segurança, por exemplo, o dinheiro que eu tinha guardado, investia ele e sabia que no próximo mês vinha de novo para uma eventualidade. Quebrava algum equipamento, o governo não está me pagando, beleza, vou comprar outra. Te dá essa segurança, por um lado o que a outra empresa tinha de bacana, foi que ela fez um monte de workshops e o investimento que fez nos jogos foi exorbitante, mas para mim foi o fundamental. Se você for ver, no mundo são nove atletas patrocinados, no Brasil sou o único, assim eles buscaram atletas com o objetivo de classificar. A outra empresa buscou quem, só os tops, então para eles você tem que ser medalhista, é outro*

*escopo. E até não valorizaram tanto o resultado, não tinha pressão na empresa, por exemplo, cheguei foi graças à ajuda deles, a soma. Parece que foi o pontapé, lá em 2014. Aí o que aconteceu, o governo do estado diz que a soma foi o que deu mais segurança. Os nove selecionados são paralímpicos, inclusive o outro patrocinado por eles na França não classificou para os Jogos e aí tinha três russos. Como a delegação toda foi cortada, dos nove sobrou só cinco e eu era um deles”;*

*A20 “tive uma carreira, foi muito benéfica, mas é claro que tem os percalços, mas creio que as vantagens foram muito melhores do que as desvantagens [...] imagina um cara que saiu do município, que não tem um fluxo de atividades como tem Rio e São Paulo. Acabei tendo a oportunidade, depois de vários anos, comecei a me envolver [...] posso dizer que não recebi dinheiro propriamente dito, nunca tive ou fui pago para desenvolver. Por ser um deficiente vi que poderia estar ajudando outras pessoas também, além de ser atleta comecei a me envolver com a parte política também, de vice-presidente, hoje sou o atual presidente da Associação Brasileira [...] uma porque gostava e tomei o esporte como uma metodologia de vida e consegui entender qual era a filosofia do trabalho, utilizando a ferramenta do esporte como uma ferramenta de inclusão social. Mas consegui algum recurso trabalhando em prol do desenvolvimento da modalidade, então posso dizer que tudo que conquistei, que tenho na vida até hoje, foi através do esporte, mas não da modalidade em si, mas de estar gerenciando o trabalho”.*

Um problema recorrente foi a falta de continuidade nos aportes ou sua brusca interrupção. O repasse dos recursos deveria ser mensal, mas acabavam atrasando por longos períodos, como relatam os atletas, inviabilizando qualquer tipo de planejamento. As interrupções ocorriam de forma brusca sem nenhuma justificativa:

*A3 “olha, inicialmente, não. A remuneração veio posteriormente com a criação do programa bolsa atleta, isso em 2005. Desde 1998 até 2004 foi por conta própria. Aquilo que eu costumo brincar com os amigos foram as mãestrocínios e os paistrocínios que me ajudaram a chegar até a Atenas 2004 e dali sim participar do programa bolsa atleta. O valor exato no início do programa, que era para categoria olímpica e paraolímpica foi de R\$2.500,00. Hoje esse número já alterou, mas em 2005 ele começou com uma média de R\$2.500. O apoio da família foi importante, minha mãe e meu irmão ali que me ajudava no custeio e na compra de uniforme, de sapatilha, o tênis e eventualmente o suplemento alimentar que era algo para o treinamento, inexistente na época”;*

*A11 “já recebi o bolsa atleta, mas o que acontece, a bolsa atleta que eu tinha era municipal, só que acabou. Hoje estou tentando arrumar patrocínio”;*

*A13 “O que acontece é o seguinte, já de alguns anos, existe a bolsa atleta. A bolsa atleta na verdade é por merecimento depois que você conquistou alguma coisa. Então desde Sidney eu recebo a bolsa atleta, algo em torno de R\$3.100, então eu tenho direito à bolsa atleta que está sempre atrasada, para você ter uma ideia ela está atrasada um ano, então quer dizer eu não sei se você pode contar com isso ou não. Olha, você recebe, recebo, tenho o direito. Na verdade é assim, eu conquistei o direito de receber a bolsa atleta, que é uma coisa do governo que é escabrosa, uma total falta de administração esportiva. Você tem que correr atrás para caramba para aí*

*“você receber. Eles não têm um projeto de inteligência. Olha não, vamos investir neste cara que talvez dê, não. Ah o cara conseguiu, que legal, agora vamos dar para ele”.*

Alguns atletas conseguem conciliar recurso público com privado, sendo que poucos conseguem sobreviver apenas com recursos públicos. A necessidade de possuir outra fonte de receita faz parte do cotidiano do atleta paraolímpico brasileiro:

*A2 “recebia recursos público e privado. Uma empresa e o Governo Federal foram os principais patrocinadores. Ao longo dos anos, ainda teve um grupo de pequenos patrocinadores que se somavam aos outros patrocínios. Aconteceu o seguinte, a partir do momento que comecei ficar famoso na cidade e eu percebi que realmente poderia treinar e ia ter futuro, eu reduzi o trabalho e consegui um patrocínio com uma empresa. Consegui isso já foi em 2004 para 2005, depois consegui a bolsa atleta. Então com esses dois patrocínios, essas duas iniciativas, eu tinha condições. A bolsa atleta era internacional por conta do Pan-Americano de 2003. A partir daí já comecei a ter mais condições, depois fiquei só com o patrocínio da empresa e uma ou outra empresa na cidade fazendo aquelas pequenas parcerias. Eu diria que se você comparar 10 anos, a gente está em 2016, em 2006 que a gente está falando aqui, eu cheguei ao meu melhor nível. Os investimentos que tinham naquela época eram muito baixos se você comparar agora. Hoje, você além da bolsa atleta, tem bolsa pódio e tem uma visibilidade maior na televisão, você não precisa mais ficar explicando. Antes quando eu chegava à minha cidade, tinha que explicar para as pessoas do que eu fui campeão porque as pessoas não entendiam o esporte paraolímpico. Na época, ainda mais no meu caso que não sou cadeirante e a minha deficiência é mínima, eu tinha que explicar: ‘não, é um campeonato paraolímpico para deficiente’. Então foi um processo mais de educação das pessoas, hoje 10 anos depois o público já conhece, os patrocinadores conhecem já sabem o que agrega valor e posteriormente você já tem mais condições de fazer seu planejamento. Os valores variaram em função do período, mas fui bolsista internacional do programa Bolsa Atleta, aproximadamente R\$2.000,00”;*

*A6 “recebia sim, somente do Ministério do Esporte, que nos mantém no alto nível, claro que não é o ideal, falta até mais, mas nós atletas brasileiros vamos na força de vontade mesmo, conseguindo de alguma maneira nos manter. A gente procura algum tipo de patrocínio, mas que não financeiramente, mais com produtos e academias. Foi o que eu procurei fazer, assim, procurar alguns patrocínios, mas muitos não aceitavam, financeiramente devido o esporte não ser muito divulgado, então eles não queriam apostar nesta questão. Muitas das vezes eu conseguia uma academia como tinha dito e produtos, suplementos [...] o valor era R\$3.100 aproximadamente, mas no clube eles estavam trabalhando muito em cima disso, a questão de remunerar o atleta, eles tem convênio com várias empresas. Nós atletas prestamos um serviço a eles, mas de alguma maneira que não atrapalhe nossos treinamentos. Nós trabalhamos em empresas, mas que a gente possa trabalhar um a dois dias na semana, um horário mais flexível, para que não atrapalhe os treinamentos. Isso foi assim uma forma que eles conseguiram para que a gente tenha algo a mais também”;*

*A7 “não recebia sempre. Eu trabalhava, quando em 1998 fui para o mundial com a empresa onde eu trabalhava pagando a minha viagem, ela custeou a minha viagem para eu ir para Nova Zelândia para disputar o mundial. Esta empresa prestava serviço para o banco, trabalhava na madrugada. Naquela época a gente tinha que fazer conferência, digitação*

*de tudo que acontecia no banco e aí eles me custearam toda esta viagem para a Nova Zelândia, que não foi barato porque foi em cima da hora. Eu fiquei uma semana a mais que todo mundo porque não tinha voo para o dia seguinte e para voltar também voltei mais tarde do que todo mundo e aí quando eu voltei já com os índices feitos para Sydney eu fui pedir a conta na empresa e eles não me mandaram embora, me mantiveram registrado falaram que seria como uma forma de patrocínio e ao invés de eu ir trabalhar eu ia treinar e aí eu fiquei registrado por esta empresa até 2004, quando eu consegui outros patrocinadores e por coincidência eles falaram que não conseguiriam mais manter porque eles tinham perdido a renovação do contrato com o banco, então a empresa não iria mais ser prestadora de serviço. Mas sempre tive coisas, tive momentos bons financeiros, mas tive momentos péssimos. Por exemplo, em 2009, eu fui para o mundial na Austrália com promessa da secretaria de esporte do estado de custear tudo quando eu voltasse e não pagaram até hoje, então fiquei quase dois anos tentando me recuperar financeiramente, mas tive momentos bons também. Sempre, sempre me considereei talvez um dos primeiros atletas profissionais, porque eu ganhava para competir e a minha vida era só esporte [...] os valores variavam muito. Cheguei a ter fixo por mês R\$10.000. Esse valor foi na época que eu já recebia a bolsa atleta, foi um ano que eu tinha o patrocínio de uma empresa porque eu era de um Clube e esta empresa patrocinava o clube. Quando eu voltei do mundial 2002, a nível técnico e de tempos foi o meu melhor mundial, eu consegui um patrocínio direto com eles. Mas a média de 2002 até quando eu parei era de R\$5.000. Um dos motivos da minha parada também foi isso, da queda deste valor, precisava trabalhar, aí resolvi parar mesmo”;*

A9 “recebo bolsa atleta. (professora): ‘tivemos o apoio de uma empresa durante quatro anos, apenas para despesas relacionadas à infraestrutura, viagem e recursos humanos’”;

A10 “meus avós me ajudam com as viagens. (professora) ‘recebeu bolsa atleta federal por um período (desde 2008) e tivemos o apoio de uma empresa durante quatro anos, apenas para despesas relacionadas à infraestrutura, viagem e recursos humanos’. (depoimento) ‘somente em 2016 é que não renovou por conta de exigências de cinco estados ou três países nas competições e nem sempre isso é possível’”.

Os atletas, mesmo apresentando resultados, medalhas paraolímpicas, tiveram dificuldades de terem seu rendimento esportivo reconhecido financeiramente. Alguns apresentam a evolução dos recursos financeiros obtidos ao longo da carreira esportiva, o que nos possibilita compreender melhor a importância dos recursos financeiros para o desenvolvimento tanto do lado esportivo, como do lado pessoal do atleta:

A14 “pelo clube nós temos a nossa remuneração, como se fosse um funcionário normal, recebendo salário, nós somos contratados, temos a bolsa atleta que é garantido pelo Ministério do Esporte, mas infelizmente desde janeiro nós não recebemos absolutamente nenhum tostão. Nós fomos para as Paralimpíadas do Rio sem a remuneração, tanto o esporte paralímpico quanto o olímpico também, ninguém recebeu absolutamente nada até agora. Tem muitos atletas que dependem única e exclusivamente desse auxílio, se nós fossemos também estar nessa, não sei como seria. Tem muito atleta que precisa desse dinheiro demais, demais, demais e desde janeiro nós não recebemos um tostão, um absurdo. Um evento como esse

que é o principal do planeta, o ministro do esporte não dá nem uma justificativa para gente, nem uma justificativa não, porque agora dia 06 de outubro, saiu uma nota dele dizendo que vai continuar com a bolsa atleta, bolsa pódio também, mas até agora não liberou nada, do ano passado [...] nós recebemos mais ou menos R\$1.500 do clube. De bolsa atleta são três valores: tem a nacional R\$950, a internacional R\$1850 e a paralímpica R\$3.100. A nacional precisa conquistar campeonatos até terceiro lugar, são R\$950 por um ano. A internacional também tem que ter conquistas até o terceiro lugar, são R\$1.850 durante um ano e a paralímpica, somente pela participação nos Jogos, são R\$3.100 durante quatro anos. Então, para você ver que não é um dinheiro ruim é um dinheiro razoável para o atleta e que muitos deles fazem isso como um salário, como se fosse a renda deles mesmo, da vida. A gente não tem essa constância de recebimento, direitinho, infelizmente”;

A15 “a partir da conquista de Londres 2012, recebi patrocinadores, investimentos para ir mantendo minha carreira, mas até 2012 foi sofrido. Meu pai, minha mãe, irmão, família, amigos que se uniram para não me deixar desistir do esporte. Até 2012 foi difícil, até foi assustador. Em 2008, nós fizemos um esforço muito grande, meus vizinhos ficaram sabendo que eu estava treinando para a paraolimpíada, eles se uniram, eles pagavam meu transporte para eu ir treinar, pagavam a minha alimentação para o treinamento e me ajudaram a treinar para a paraolimpíada, meus vizinhos se uniram. Aí nós conquistamos os dois ouros e voltamos da paraolimpíada achando que isso traria algum investimento na minha carreira para continuar como atleta de alto rendimento. Eu treinava na garagem da minha casa, dois dias no clube e os outros dias, até domingo na garagem da minha casa. E de 2008 até 2012, não teve investimento nenhum, foi super difícil, joguei mesmo por amor [...] entrei no esporte em 2002, de 2002 a 2012, dez anos, não teve investimento nenhum. O investimento surgiu em 2012, quando nós já tínhamos ganhado o mundial e a paraolimpíada, hoje graças a Deus eu tenho patrocinadores, investimentos, minha carreira está, graças a Deus, amparada. Recebia bolsa atleta bolsa pódio, teto máximo no ano de 2013. Em 2014, eu já não peguei o teto alto, recebi acho que R\$8.000, tinha o patrocínio da caixa do time São Paulo, esse manteve, o que caiu foi a bolsa pódio, então tive esse investimento para manter minha carreira. Somente uma empresa privada investiu em mim, ela me auxiliava na infraestrutura, um carro 100% acessível com tudo pago, eu só arco com o combustível, manutenção, seguro tudo por conta da empresa. Ela monta workshops de quatro em quatro meses, de cinco ou seis meses, dependendo do cronograma de treinamento de cada atleta e eles preparam, a gente fica dois dias com uma equipe muito grande, preparando o atleta para carreira do atleta e para o pós-carreira do atleta, porque é muito difícil o atleta se preparar para o pós-carreira, ele acha que ele nunca vai parar, então a empresa nos preparou para o nosso pós-carreira de atleta. Como escolher uma profissão, como você gerenciar os teus patrocinadores, os investimentos que você conquistou, quem trabalha e é atleta, como gerenciar essa questão de você trabalhar, ter uma profissão e ter uma outra profissão que é ser atleta, para nenhuma sobrepor a outra, nenhuma atrapalhar a outra. A empresa deu um ensinamento muito grande em relação a isso e também, nos preparou para as armadilhas de competições, o dia a dia de mídias e redes sociais e isso foi imprescindível para mim na paraolimpíada. Conversei com muitos atletas que caíram em muitas armadilhas, com jornalistas, com repórteres, com facebook, com instagram, com twitter e principalmente com a ferramenta que muitas pessoas não

*sabem utilizar que é o whatsapp. O whatsapp ele toma muito tempo da pessoa e muita gente não consegue se desvencilhar, então cai em armadilhas. Eu vi o pessoal falando no Rio de Janeiro, de falta de concentração, ter muito contato com outras pessoas que na verdade atrapalharam. Tudo isso a empresa fez durante a caminhada de 2012 até 2016 para nos preparar ao máximo possível, porque nós sabíamos que a Paralimpíada do Rio de Janeiro seria a melhor e a maior de todos os tempos e seria uma guerra para conquistar uma medalha de ouro na Paralimpíada do Rio de Janeiro. Então na minha classe, todos os atletas, chegaram 100% preparados e queriam a medalha, então a nossa meta no Rio foi trazer medalha, não importa se era individual ou dupla, foi trazer medalha e graças a deus conquistamos a prata [...] o projeto da empresa foi de 2012 a 2016, a previsão é ele se encerrar no final de 2016, claro nós estamos torcendo para que a empresa mantenha o projeto porque está ficando um legado muito grande e bonito no Brasil. São os projetos como esse, da empresa, time São Paulo, Bolsa Pódio, o centro de treinamento de excelência do estado de São Paulo, tudo isso foi construído visando o Rio, se tudo isso parar, tudo que foi feito vai ser meio que assim, jogado por água a baixo. Como é que os atletas vão usar um centro de treinamento como aquele de São Paulo se não tiver investimento? Eu ficava assustado às vezes, eu pegava meus patrocinadores, meus investimentos e eu começava a colocar na ponta do lápis o que eu estava gastando ali com a minha carreira de atleta, e eu ficava assustado com a quantidade de investimento que eu tinha que colocar no atleta, para me manter no alto rendimento. Então eu olhava aquilo tudo e pensava 'se eu não tivesse estes apoios não conseguiria treinar para me preparar para o Rio de Janeiro, para chegar bem preparado no Rio de Janeiro'. Nós chegamos bem preparados no Rio de Janeiro, claro que ganhar ouro, prata ou bronze, já é outra história. Nós chegamos preparados no Rio de Janeiro, melhor do que estava em 2008, melhor do que estava em 2012. Nós estávamos muito bem preparados, claro que os outros atletas também estavam preparados. Se não tivesse feito este investimento e essa preparação, nós não teríamos chegado nem na disputa de medalha”;*

*A16 “então, durante este ciclo paraolímpico, da olimpíada de Londres até a olimpíada do Rio teve um grande investimento no Brasil. Patrocínios das loterias caixa, o bolsa atleta pódio do Governo Federal, time São Paulo paralímpico, além de uma empresa que é parceira do nosso clube. A empresa ela investe e assim nós trabalhamos para ela, somos funcionários, a gente ganha como se fosse funcionário comum, a gente ganha todos os benefícios que um funcionário tem, plano de saúde, décimo terceiro, a gente é um funcionário como qualquer outro. E agora também está chegando outra empresa, também está fazendo o mesmo investimento na equipe. É a mesma coisa, é como se fossemos funcionários comuns, como qualquer outro, tem horário para entrar, para poder prestar durante a semana e a gente tem estes dois investimentos aqui no clube que dá todo suporte para nós atletas também. Olha, por exemplo, a bolsa atleta que era o único investimento que eu tinha até 2012, que era nacional, cerca de R\$925. Depois da paraolimpíada de Londres que eu fui campeão, o meu investimento subiu 10 vezes mais, de média de R\$920 passou para mais de R\$20mil por mês. Por conta do campeonato na paraolimpíada, conquista do ouro, saltou bem para esta faixa por mês”;*

*A17 “desde 2011 tenho o pleito da bolsa atleta, a nível municipal, temos a lei de incentivo municipal da prefeitura. Nos últimos dois anos criou-se o talento olímpico estadual que é uma bolsa do estado. De 2014 para cá, se*



*encerra agora em dezembro, um patrocínio do Instituto de uma empresa. Vamos pensar agora nesse ano de 2016 que foi o ano que se somou todos os benefícios, não todos os valores, porque a bolsa nacional está atrasada desde o ano passado, mas algo em torno de R\$10 mil”;*

*A18 “fui receber depois de muitos anos que estava no esporte. Dos 13 anos até quando fui para o Rio de Janeiro ganhava R\$100, mas tinha ajuda de uma Associação na época e eles pagavam meu apartamento, que morava com a minha filha, a escola dela, o jardim porque ela estava com seis anos, e os R\$100 era para comprar a alimentação. Tinha um local que a gente almoçava, pegava a comida para janta e este dinheiro comprava alguma coisa que precisava, se precisasse de alguma coisa, mas a estrutura para morar era bem tranquila. Vou te falar, não fui uma atleta que consegui grandes patrocínios, como hoje os atletas estão recebendo. Peguei uma fase que começou, que foi uma fase que o esporte paraolímpico começou a ser reconhecido, foi justamente com os meus resultados, de Sydney e mesmo com o resultado voltei e fiquei uns anos sem apoio nenhum. Por isso que fui ter patrocínio, para você ter ideia, patrocínio mesmo, foi em 2004, da Caixa, depois veio Mizuno, Gol e Bombril, que era um projeto de 2004 até 2007. Meu salário, vou te falar mais ou menos R\$5 a 6 mil. Nesse período só me dedicava ao esporte, esses anos todos”.*

*A22 “na verdade a gente recebe pelo clube e a bolsa atleta. Então quando comecei recebia só a bolsa nacional que era R\$700 e pouco, agora está R\$925. Depois do Pan, passou para bolsa internacional, tem que ficar entre os três que é R\$1.900 e pouco. Desde Londres que recebo a bolsa paralímpica que é R\$3.100, mas a bolsa atleta, a gente faz todo aquele processo de inscrição e tal, tanto que a gente está recebendo a segunda parcela relativa ao ano passado, não é aquele dinheiro que você pode contar mensalmente, você tem que ter suas outras atividades, ou um clube que você joga ou mesmo trabalhar. Porque ela vem assim, vem duas parcelas, depois fica quase um ano sem pagar, porque não tem uma coisa muito certa. Tem que ser assim porque não tem como você depender dela para pagar suas contas mensais. No clube varia entre R\$2.000 e pouco. Aquele ano que teve a crise teve uma baixada, tudo em função da situação econômica do Brasil”;*

*A23 “recebo as bolsas atletas, nacional, internacional, mas foram só as bolsas. Não sei dizer, minha mãe que controla esses negócios, mas você pergunta para ela depois. (depoimento) A mãe apontou valores referentes desde quando foi convocada para seleção brasileira, mas somente em 2014 ela passou a receber a bolsa atleta internacional. Em 2015 foi indicada para o bolsa pódio e passou a receber R\$11mil. Tem um contrato com uma empresa que ela recebe R\$12mil por mês. Ela tinha uma do município que era de mil reais, mas acabou”;*

Com a atleta A21 aconteceu de uma forma bastante diferente e merece destaque:

*[...] nunca recebi um benefício do governo em relação ao esporte, mas hoje tenho dois patrocínios de duas empresas. Uma, nesse mês de outubro faz um ano, comecei em outubro de 2015 e com a outra empresa, desde julho de 2016. Em uma o meu patrocínio é de 18 meses e recebo R\$5mil, teoricamente acaba em abril do ano que vem. Na outra é por 10 meses no valor de R\$1.500.*

Esta situação de dedicação ao esporte de forma independente, sem recursos públicos, pode ser considerada um ponto positivo, apesar de fugir ao padrão seguido no esporte

paraolímpico, primeiro conquista resultados para depois receber apoio financeiro. Neste caso, o atleta recebeu um investimento, mesmo que de curto prazo, para desenvolver suas atividades esportivas, podendo se dedicar de forma exclusiva ao esporte. Por se tratar de uma atleta ainda em início de carreira (apenas 04 anos de atividade competitiva), pode-se especular que a realização dos Jogos Rio 2016 contribuiu para que a empresa tivesse interesse em patrociná-la. A mídia espontânea construída pelo atleta, mesmo não tendo participado dos jogos, agregou valor à empresa que, ao investir no esporte paraolímpico, gerou uma empatia geral imediata tanto para empresa como para colaboradores, fazendo com que a empresa fosse vista de forma positiva pela população.

Outra situação diferente foi a relatada pelo atleta A19, na qual ele apresenta toda a trajetória para o desenvolvimento do esporte naquela época e, principalmente, para o reconhecimento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência:

*[...] olha, uma única vez, me recordo que foi 1987, 1988, estava treinando para ir à Paraolimpíada de Seul e a partir de um projeto do estado, na época, não me recordo o nome, era um projeto similar ao que temos hoje, no próprio estado, mas ele dava uma bolsa para atletas que conquistassem classificação para competições internacionais, campeonatos brasileiros, só não me recordo como você se habilitava para ganhar essa bolsa, fui contemplado e diga-se de passagem foi a primeira vez que conseguimos ter esse apoio de um projeto governamental. Era um salário mínimo na época. Para nós, de verdade, foram os primeiros momentos que nós como atletas daquela época com deficiência, que posso falar mais da deficiência visual porque vivi intensamente como atleta e dirigente. Era atleta e presidente da Associação Nacional. Quando ia iniciar as competições, me licenciava oficialmente, assumia o vice-presidente e ia para quadra. Isso porque era ditador? Não, porque era a nossa realidade. Sabe, todos nós jogadores éramos presidentes de suas entidades. Tinham as Associações de deficientes de vários estados em que o presidente era quem jogava como centroavante, era o pivô, o capitão do time, não porque era ele que mandasse, acontece que era a nossa realidade, nós precisávamos dessa participação. Sempre digo que o paradesporto competitivo no Brasil ele veio de baixo para cima, foram as pessoas com deficiência que construíram este alicerce, inclusive posso afirmar com algumas contrariedades da época dos pensadores. Me recordo que em 1983, em uma daquelas reuniões da Coalisão, que se discutia a pessoa com deficiência, o segmento. No início da discussão do esporte, tinha um debate muito forte com um profissional da Universidade e também do Instituto, porque ele não admitia que nós pudéssemos falar em esporte de rendimento para pessoas com deficiência porque nós estávamos em um país que tinha dificuldades para comprar cadeira de rodas, lembro bem desse discurso, desta fala, que tínhamos dificuldade de ter bengalas para os cegos e me coloquei em uma posição extremamente contrária em dizer que 'por mais que tivessem dificuldades, estas pessoas tinham tanto direito quanto aquelas outras que mesmo com as dificuldades, de não ter comida, toda infraestrutura social, de ter gente que morava na rua, que tinha direito ao esporte então o pessoal com deficiência visual igualmente deveria ter' e assim foi. Hoje fico extremamente feliz porque nessa trajetória*

*toda, a gente vê toda mudança, inclusive salarial, que é a parte melhor, não tenha dúvida.*

## PÓS-CARREIRA

A vida pós-atividade competitiva traz de volta o sentimento de limitação, presente no momento da aquisição da deficiência, que faz com que alguns destes atletas busquem uma proximidade com atividades e funções relacionadas ao esporte, como uma forma de se manter ativo (SILVA; RUBIO, 2003). No entanto, estas funções (gestão, administração, treinamento) requerem uma formação mínima para seu exercício e podem ser positivas para sua subsistência no longo prazo.

Portanto, planejar este momento da carreira esportiva (pós-transição) é decisivo para sua inserção em uma nova atividade profissional. A oportunidade de capacitação e treinamento profissional, de acordo com as exigências do mercado de trabalho, aliada à experiência esportiva acumulada (resiliência e foco) podem ser determinantes para uma melhor adaptação a esta nova fase da vida.

Para o atleta A11, “o esporte é para a vida inteira, mas às vezes, muitos atletas falam que quando o coração fala que quer parar, ele vai parar. O meu coração está dizendo para não parar. Eu só vou parar quando minhas pernas não aguentarem”. Este sentimento de dúvida sobre o momento certo para encerrar suas atividades esportivas de forma competitiva, faz com que os atletas criem uma barreira pela simples menção ao assunto:

*A13 “a primeira coisa que preciso é de uma terapia, porque é duro você aceitar. Isso é duro de você aceitar. Com o tempo, você começa de repente a ver sua marca cair. Eu sou um cara que eu vivo de desafios e isso eu ainda, não soube trabalhar. Vou te falar, tive duas lesões, agora tive uma lesão grave recentemente, na qual acabei deixando de ir para o Rio de Janeiro, isso eu dei uma pirada. Não estava meio que aceitando a velhice entre aspas. O pós eu não sei, eu vivo de motivações. Hoje, uma motivação que eu tenho, que criei dentro de mim para voltar, para ter ânimo, assim, quero, pelo menos, ser o atleta paraolímpico com maior longevidade, eu vou tentar ir até onde der, até onde der eu vou tentar ir. Depois disso, uma coisa também é, eu não posso ser leviano. O atleta paraolímpico já trouxe muitos benefícios para o nutricionista. Tem muitas pessoas que me procuram pelos meus rendimentos, eles falam, peraí, vamos ouvir o que este palhaço tem para falar porque se ele está onde ele está agora, ele deve saber um pouquinho de nutrição, ele deve saber. Alguma coisa ele deve fazer certo, alguma coisa ele sabe. De repente, começar dar palestra profissionalmente, escrever um livro, tem uma série de coisas”.*

A maturidade enquanto atleta, assim como na vida pessoal, faz com que esta decisão de encerrar as atividades no esporte competitivo venha de forma natural. O atleta A19 expõe este momento importante da sua carreira esportiva:

*[...] na verdade continuei jogando porque nossa carreira não tinha nada profissional no clube, fui parando de jogar, as coisas começaram a mudar, comecei a me dedicar mais à parte profissional, à Educação Física mesmo, então não tive um momento assim, parei, as coisas foram acontecendo. Em 1997 (aos 40 anos), foi minha última competição, já não estava mais disputando pela seleção brasileira. Depois, em 2001, voltei, disputei mais um campeonato, mas aí não mais com aquela vontade, com aquela febre de treinamento, simplesmente disputei o campeonato. Diga-se de passagem, fomos muito bem, levamos um time bem fraquinho e conseguimos chegar no quarto lugar. Foi o preço que paguei, de preferir gerenciar a ser atleta. As coisas continuaram assim, foram indo dessa maneira, mas até mesmo porque também já estava com um pouco de preguiça de treinar, queria ir só jogar, mas sempre fui competitivo e se não estou no melhor do meu momento, este tempo atrás, fui fazer um bate bola, uma brincadeira, e alguém disse 'ele vai jogar! agora vocês vão ver o que é jogar' falei 'pelo amor de Deus, não fala isso' risos, os caras vão falar 'isso aí', de jeito nenhum. Então sabe, fui parando naturalmente, não teve assim nenhum momento algo que me fizesse acelerar ou retardar, foi natural.*

O envolvimento com o esporte seja dentro ou fora das quadras, acaba sendo um caminho natural para estes atletas e também para suas famílias, como relata o atleta A16: “não me vejo longe do esporte, inclusive a minha família é toda envolvida na área esportiva. Me vejo no pós carreira, na área esportiva”.

*A14 “cheguei ao esporte em um momento, para mim, quase fim de carreira, risos. Eu vou te falar, eu não me vejo fora desta modalidade de maneira nenhuma, hoje o meu pensamento é esse. Se eu não estiver na quadra ajudando elas, atuando com elas ali naquelas linhas, eu acho que por fora eu vou ajudar em alguma coisa, seja da parte física, com a parte técnica, com a parte tática, de alguma maneira eu vou auxiliar e procurar ajudar em algum momento. Eu acho que a experiência que a gente tem também, dá uma ajuda. Em algum momento a gente vai ter que parar. Eu acho que eu vou estar ligada ao esporte coletivo. Têm muitos atletas que pensam na parte financeira, como eu paguei a minha vida inteira para eu jogar, de verdade, a gente levava um pãozinho com queijo e um suco. Eu paguei a minha vida inteira para jogar, hoje eu ganho para isso, não sou valorizado do jeito que deveria. Eu sou valorizado pelo meu clube, defendo meu país com o maior orgulho da minha vida, de coração, de corpo e alma. Se eu fosse pensar na parte financeira eu estaria fora disso, muitos atletas dizem 'se não tiver bolsa atleta agora, eu vou parar de jogar'. Eu não penso assim não, nossa vou te falar que eu estaria vestindo a minha camisa lá de graça, de coração. Quem me conhece sabe que eu estaria ali por livre espontânea vontade, de graça que fosse, mas minha ajuda fora da quadra seria nesse sentido mesmo, vou auxiliar em algum momento, pegar bola sei lá, fazer qualquer coisa”.*

O futuro de alguns atletas ainda é incerto devido às mudanças no programa dos Jogos Paraolímpicos de 2020, no Japão. O atleta A6 se vê nesse momento de dúvidas e incertezas quanto ao futuro:

*[...] foi até bom lembrar desta questão, porque durante esta minha caminhada no paradesporto, devido ao meu estilo de jogo de velocidade eu já recebi convites para participar do esporte individual, mas foi uma coisa*

*que eu nunca aceitei, assim, por causa do esporte coletivo, que é a minha paixão. Então, foi uma coisa assim, que eu nunca levei muito a sério. Queria crescer e não queria deixar aquele momento escapar. Assim, meu pensamento hoje é de querer participar, de ver como é, se eu vou gostar, me adaptar à questão de outro esporte, mas me manter assim também no esporte coletivo porque vão ter as principais, outras competições e eu pretendo participar. Meu foco é claro, me manter na seleção, a idade vai chegando, estou com 29 anos e tem outros atletas, mas ainda tenho muita lenha para queimar, mas a gente está com uma fase de atletas novos muito boa que estão chegando, até para questão da renovação da seleção vai ser bom. Claro que eu ainda tenho muito para dar para seleção, mas minha hora vai chegar, meu pensamento é esse. É uma coisa que a minha esposa deu a maior força, tem outras modalidades também. No esporte individual é outro tipo de treinamento, tenho que me adaptar também, mas isso é aos poucos. Conheço atletas que também fizeram este caminho, eram do futebol e agora estão no atletismo, inclusive um recebeu a notícia que tinha sido convocado para Paraolimpíada. Minha ideia é essa, mas se não der, vou continuar participando das principais competições e torcer para o esporte voltar logo, logo para as Paralimpíadas.*

Esta incerteza sobre o futuro recai também em atletas que, por lesão ou queda de rendimento, ficaram sem perspectiva alguma em relação ao seu futuro. A necessidade de uma orientação e apoio psicológico é determinante para superar este momento. O atleta A18 relata a dura realidade que viveu ao conviver com lesões e a falta de apoio em um momento delicado da sua carreira esportiva:

*[...] não me preparei para este momento. Na verdade, meu objetivo era competir em Londres e encerrar agora no Rio 2016, só que em Londres me lesionei, tive que fazer duas cirurgias, uma no joelho esquerdo e outra no joelho direito. Depois disso não fui, já me deixou bem triste, primeira vez que saiu a lista de convocação e meu nome não estava. Aí, em 2013, ainda competi no circuito e depois foi mudando muito a política, mudando a forma que o pessoal corre, aí resolvi parar. Achei melhor parar, porque já foi difícil não ver meu nome na lista de convocados em 2012 e não queria passar por isso de novo, treinar e chegar na hora, ficar de fora. Então achei melhor encerrar a carreira. Encerrei e foi aí que comecei a fazer outras coisas, como te falei, foi um momento bem difícil para mim, quando encerrei. Foi uma fase assim, que não queria mais saber de esporte paralímpico, era como se passasse alguma coisa e aquilo ali não queria saber, me afastei de tudo e de todos. Chegou um momento que vi que aquilo ali não era normal, que não estava bem, que tinha que procurar uma ajuda, um tratamento, foi onde comecei com a terapia. Não tive ajuda de ninguém, agora eles estão com um projeto de pós-carreira, mas eu não peguei isso, outros atletas também não, sendo que muitos atletas estavam na seleção, pararam e não tiveram ajuda.*

Apesar da dificuldade de conciliar esporte e estudo, muitos atletas pensam em cursar uma Faculdade para aliar sua experiência competitiva aos conhecimentos acadêmicos e auxiliar novos atletas no seu desenvolvimento esportivo:

*A15 “pretendo, um dia mais para frente, espero que daqui uns 200 anos, sempre brinco, ser professor, mas ser professor de teologia. De 2005 a 2009 fiz faculdade de teologia para ser teólogo e dar aula da bíblia para a galera.*

*Estudei, fiz alguns cursos, optei por não estudar por conta disso aqui (medalha paraolímpica), por causa disso aqui. Em 2008, quando ganhei os dois ouros, ganhei a bolsa na universidade para fazer. Tive seis meses para pensar. Eu tinha o mundial daqui a dois anos e a Paraolimpíada de Londres se for estudar, vou ter que fazer, vou ter que me dedicar aos estudos. Então vou treinar, não vou estudar, na verdade estou retardando. Vejo pessoas aqui que tem 60, 70 anos e tem uma professora que dá aula de inglês aqui para o pessoal. Então a professora vem aqui para dar aula de inglês para o pessoal de 70 anos, eu olho e falo 'minha hora vai chegar', mas sou totalmente a favor ao estudo sim, é uma das regras para a pessoa entrar nos projetos. O deficiente chega aqui dentro e ele não está matriculado na escola, ou ele parou a escola por algum motivo, para ele permanecer no projeto ele tem que dar entrada e voltar a estudar. A gente ajuda o deficiente, ele volta a estudar, o ensino médio ou se terminou o estudo se não está cursando a universidade vai saber o porquê, vamos correr atrás de bolsa, colocar na universidade, então uma das regras aqui dentro é a pessoa estar estudando. Eu era contra quando eu tinha lá 19 anos, pretendo cursar uma universidade, mas não agora, tenho uma carreira para me dedicar e tenho o projeto aí que acredito que vai sair alguma coisa aí para o mundo, aqui deste projeto nosso aqui dentro. O esporte adaptado que pratico é diferenciado de todas as outras, é a única que aquelas pessoas que não conseguem se encaixar na natação, atletismo, basquete em cadeira de rodas, futebol de sete, se encaixam nesta, mesmo tendo uma deficiência muito grave. Ela tem uma particularidade que ela não tem idade, por exemplo, tenho uma limitação que vai se desgastando, o dia que não conseguir mais jogar em uma classe, posso ir para outra. Se me cuidar e fizer o trabalho direitinho que o fisioterapeuta sempre passa, estou me sentindo cada vez melhor, porque fiz loucuras até 2008, de não tomar remédio, de não me cuidar, de não me tratar, de não fazer fisioterapia, de não fazer nada e consegui ser de alto rendimento ao extremo. Hoje, com todo esse investimento, tenho fisioterapeuta, uma médica geneticista, o doutorado dela foi feito em cima da minha deficiência então ela sabe o que está falando. Tenho uma fisioterapia cardiorrespiratória que trabalha minha função respiratória pulmonar e da minha questão do coração, por exemplo que também é um músculo atingido pela minha limitação, então assim, tenho um fisiologista que trabalha comigo, tenho um nutricionista então tenho uma equipe muito grande que trabalha comigo. Hoje em dia só para cuidar de mim fisicamente para que esteja bem, eles até brigam comigo 'eu não estou preparando você para ser atleta, nós não estamos querendo saber se vai ganhar ouro, prata ou bronze, nós queremos saber se você vai estar bem para o seu dia da dia, se você estiver bem para o seu dia a dia, você vai estar bem para ser atleta, para ser o que for' é claro que eles olham a medalha de ouro e falam que coisa boa, então assim, estou muito bem hoje, fisicamente, pretendo chegar a Tóquio 2020 e me vingar de todos os meus adversários, lá posso ter vingança. Não vou machucar ninguém, só vou tomar isso aqui deles (medalha), me vingar dos meus adversários que ganharam de mim aqui no Rio e penso sim no dia que parar de jogar. Penso um dia, o dia que parar de ser atleta de alto rendimento, vou continuar envolvido com este projeto, o projeto que estou envolvido. Nós temos uma experiência muito grande com este projeto, nós temos algo que ninguém tem, nós conseguimos buscar as pessoas com deficiência dentro de casa para colocar elas nas empresas. Capacitamos elas e colocamos dentro das empresas, algo que ninguém tem e quando alguém tem, eles cobram para fazer e aí é onde assusta a empresa. O dia que parar com esse projeto, é nisso que eu vou continuar, nessa questão. Por isso que eu acho que isso*

*que a faculdade de educação física me ajudariam muito, as medalhas de ouro. Cinco medalhas de ouro, professor de Educação Física, técnico da equipe, todo mundo vai querer vir, mas eu não penso muito sobre isso não, sobre o dia que eu vou parar”;*

*A17 “financeiramente assim, vou ser sincero em dizer, vivo o momento que o esporte me proporciona, vamos pensar assim, sei da realidade que daqui para frente as coisas vão ser bem mais difíceis, a probabilidade de grandes bolsas, de grandes patrocinadores vai ser a mínima possível. Vivemos em um país onde os patrocinadores só aparecem seis meses antes de uma competição principal, que são os jogos 2020. Começa a aparecer em 2019, se você está classificado, você vai se classificar, agora quero aparecer. Não foi diferente comigo, em 2014 que vieram me procurar. Não tem como viver de bolsa do governo, que é uma coisa que hoje tem amanhã não tem, como te falei, estamos com a bolsa atleta nacional desde dezembro sem receber, então imagine, se dependesse daquilo, seria mais um nas estatísticas, no semáforo vendendo bala ou fazendo alguma coisa, claro que não é meu perfil, só para você ter uma visualização. Não vivo do esporte, tenho minha aposentadoria, minha esposa trabalha também, então separo muito bem. Hoje, estou bem no esporte, invisto aqui, por exemplo, sei que o governo não vai pagar minhas competições, já tenho, esse ano não estou pensando no ciclo de Tóquio, mas já tenho meu pré-planejamento para 2020, mas só começa em fevereiro, até lá sei que ele existe, mas pode mudar. Tudo que entra, faço um fundo de reserva, opa, aconteceu alguma coisa, esse aqui vai me sustentar no esporte. O que entrar, beleza entrou, o que não entrar, vou continuar o mesmo. Transição de carreira, não paro de pensar, inclusive o CPB manda direto para nós, agora existe um projeto dele que é transição de carreira, o que o atleta faz na hora que ele decide parar ou se aposentar, não me vejo longe do esporte e tenho uma facilidade de passar conhecimento, então, já me vejo daqui para frente, nos próximos ciclos ou já iniciando agora, nesse próximo ciclo, conciliação atleta e professor, tanto que estou pesquisando para iniciar minha segunda faculdade, no caso, se eu tivesse iniciado no esporte lá atrás, não teria feito Informática, teria feito Educação Física. Apesar de que no meu esporte individual não é uma exigência a tua formação, você pode até ser formado, mas para você se tornar um instrutor, você tem que fazer o curso de 3, 4 anos na Itália, na França, no Brasil raramente abre os cursos. Então posso estar sendo um instrutor sem ter propriamente um curso de Educação Física, mas pretendo iniciar uma formação de bacharelado, mais bacharelado porque não tenho intenção de dar aula em escolas, porque toda experiência que adquiri e tudo que sofri como atleta para chegar, quero proporcionar para os atletas, que vou acabar sendo professor ou mestre, ajudá-los nisso”;*

*A20 “quando penso nesta questão de parar, porque sou um amante do esporte, mas hoje estou com 47 anos, estou na seleção brasileira desde o início e hoje sou um dos atletas referência da modalidade em si, tanto na questão de jogar, de poder contribuir socialmente para o grupo, pela experiência que tenho que obtive durante esses anos [...] nós estávamos em uma competição e o técnico me tirou, porque o jogo estava mais ou menos bem, ele me tirou aí colocou outro garoto, nem sentei no banco, ‘volta, volta, volta’ ele tirou o garoto para eu voltar. Então você vê a confiança que eles têm naquilo que a gente faz dentro do campo, não dizendo que a gente é melhor do que ninguém, mas a gente tem uma certa experiência, conhece os atalhos e acaba ajudando. O que eu penso assim, quero voltar à faculdade. Voltando à faculdade, gosto deste lado da pesquisa, quero trabalhar esta questão, quero trabalhar a questão social do esporte, do paradesporto, da*

*pesquisa do paradesporto, acho que a gente tem um pouquinho para contribuir dentro de tudo que a gente já viveu, já vivenciou, a gente trazer um pouquinho e passar para as outras pessoas que estão vindo, não só os deficientes, hoje tem milhares de pessoas indo para os hospitais, amputando, mas para as outras pessoas que são envolvidas na área, mesmo não sendo deficiente, mas gosta ou vislumbra uma possibilidade até mesmo de renda dentro do paradesporto, porque anos atrás, não tinha uma perspectiva de retorno financeiro, hoje não, você já vê que há uma possibilidade de um retorno, tanto no meio de pesquisa como no meio profissional, de ser treinador, você consegue obter algum recurso, antes não, era pelo amor”;*

*A23 “continuaría praticando esporte, só para praticar e faria uma faculdade, alguma coisa assim, mas só depois. Penso em fazer Educação Física, porque como gosto muito de esportes. Também gosto das redes sociais, posso pensar em outra coisa, quem sabe”.*

Alguns atletas dão vazão a projetos antigos que hoje já podem pensar em torná-los realidade. Desenvolver outra atividade e já se preparar para exercê-la foi o caminho estabelecido pela atleta A22:

*[...] é uma coisa que vai acontecer, cedo ou tarde. Não tenho problema nenhum quanto a isso. Então, sempre gostei muito de mexer com esta parte de comida, até esse ano estou com um projeto, vamos ver se ele sai do papel, de começar a fazer uma marmita fit, uma coisa assim, por isso essa minha vontade de fazer nutrição, para conhecer melhor os alimentos, manipulação, o meu projeto é esse. Essa é a luta do professor, ele conseguiu algumas bolsas, ele sempre fala ‘olha gente, vieram falar aqui que tem vaga em tal lugar’ e a maioria não pensa muito. Desde que vim para cá, sempre trabalhei, batalhando sozinha, depois meu marido veio, tive o neném, hoje não estou trabalhando nesse momento, mas tenho um projeto em mente, agora tem gente que fica achando que o clube não vai terminar nunca.*

O atleta A8 aponta um novo momento para o esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência, segundo ele, a carreira esportiva do atleta se resume a 10 anos ou dois ciclos paraolímpicos (oito anos), colocando em cheque seu futuro tanto no esporte como na vida pessoal:

*[...] a vida do atleta é muito curta, hoje você tem atleta ganhando sei lá quase R\$100 mil por ano, não por mês, você tem uma medalha paraolímpica que vale R\$65 mil reais, mas a vida dele dura no máximo dez anos, o que você vai fazer? A cada duas Paraolimpíadas o cara já está começando a entrar na linha final, duas Paraolimpíadas que são de quatro em quatro anos, então em oito anos o cara já está praticamente se preparando para terminar o ciclo dele e é preciso que a gente faça alguma coisa. É preciso discutir esta política, então o Comitê Paraolímpico tem este compromisso. A gente, hoje, gasta muito dinheiro porque quando você não reabilita, o estado gasta duas vezes porque cuidou de você para depois você tirar todo o dinheiro através do benefício, ele hoje quer resolver este problema e acho que a gente tem que começar a encarar isso porque uma Paraolimpíada no Brasil estimulou uma demanda que estava reprimida, se eu tinha 10 atletas agora eu terei 30, e aí [...] parei de competir de forma bem direta foi em 1992, na Paraolimpíada de Barcelona, já não estava indo tão bem no dardo que eu era recordista, fiquei em sétimo lugar, no disco que também era recordista, fiquei em sexto lugar e no peso que eu também era recordista,*



*bati o recorde mundial, inclusive durou quase dez anos este meu recorde e aí decidi que era hora de parar. Eu aprendi que tem um momento que a gente tem que escolher parar, quando a gente não pode mais ou quando a gente ainda pode. Como eu ainda podia, já que eu bati o recorde mundial, eu resolvi parar, parei em 1992. Aí fui me preparar, para esta transição, fui fazer uma formação acadêmica, fui fazer Psicologia, me formei na faculdade. Escolhi Psicologia porque eu vi muitos atletas, somatizarem, nós perdemos atletas. O Brasil tinha um celeiro de atletas muito grande que eram atletas natos, mas muitos deles até por uma força muito grande. Imagina você no estádio que você é um cara excluído e estava em um estádio por exemplo na Inglaterra, todo mundo ali pagando para ver você, assistir você, então você tinha muitas paralisias histéricas, tinha muitos movimentos totalmente errados uma pressão muito grande e eu achei que eu podia ajudar de alguma forma. Aí eu descobri que a Psicologia era um elemento que trabalhava isso, trabalhava com comportamento, trabalhava essas observações e eu fui fazer por conta disso. Eu atuo na psicologia todos os dias, porque o que eu aprendi na psicologia é o dia a dia da gente, então hoje eu vivo com as adversidades, com as diversidades de forma muito mais tranquila porque eu aprendi sobre isso. Depois, eu fiz uma pós sobre sexualidade humana e conclui melhor os cursos, porque o início e o fim estão ligados à questão da reprodução, da sexualidade e aí eu acabei fazendo o link com as duas coisas.*

Como apontado pelo atleta A18, este momento tão delicado da carreira deveria ser melhor trabalhado tanto pelo CPB, como por profissionais que poderiam orientar o melhor caminho a seguir. O atleta A7 relata sua trajetória em busca do seu novo caminho:

*[...] várias vezes eu penso em voltar a estudar, tenho muita vontade de fazer jornalismo. O problema é assim, eu não me vejo mais quatro anos em uma faculdade, eu acho que eu não tenho tempo para isso, eu já pensei. Sempre penso 'até Londres eu vou fazer faculdade, não até o Rio eu vou fazer faculdade, não até Tóquio eu vou fazer faculdade', mas é complicado esse negócio de você ficar dando aula, você não tem muito horário, tem dia que dou aula até 10 horas da noite. Por exemplo, segunda-feira, das oito às duas da tarde eu não faço nada, então assim, eu acabo relaxando [...] em relação às aulas de tênis, tive que fazer uma adaptação, uma transformação completa, porque na nataçao você tá ali, o máximo que você está fazendo é andando, no tênis você está jogando para dar aula. No começo, cara eu chegava em casa, eu desmaiava, era remédio. Domingo, não queria sair de casa, a não ser quando meus alunos iam jogar um torneio de tênis, hoje eu já estou bem mais adaptado, tanto é que eu jogo alguns torneios com alguns alunos meus que me pedem, mas assim, foi difícil. Eu comecei a pensar nisso depois que comecei a dar aula de tênis, mas assim, eu consigo mudar outro foco, por exemplo, eu estou procurando um local para eu construir minhas quadras de tênis e ter a minha academia, entendeu. Saí das piscinas e fui para as quadras, financeiramente é mais viável não é fácil, não está sendo fácil, mas financeiramente é mais viável porque para você ser técnico de nataçao você recebe um X fixo, independente se você tem um ou tem 500, no tênis cada aluno te paga um valor e o tênis é elitizado não tem como discutir. Por exemplo, pegar uma aula de personal de nataçao está em torno de R\$50 e tênis é R\$100 então é diferenciado, por isso que eu meio que consegui unir essa paixão que eu tenho pelo tênis [...] eu acho que estou neste pós-carreira, eu tive muito problema com isso, muito, muito, muito. Esta história, na verdade, é recente e eu acabei me afastando do movimento*

*paraolímpico durante um tempo, por sei lá, talvez eu achasse que tinha que ter um reconhecimento maior do comitê, por algum tempo tentei alguma coisa, mas acho que até fiquei sendo mal visto por tanto insistir, então acabei me afastando. Eu sei que tem atleta que recebe aposentadoria da caixa, mas assim, eu já fiquei tão desiludido com esse lado, enquanto eu ganhava medalha era bom, agora que eu não ganho mais, 'Agora apareceu outro atleta, vamos esquecer ele', então sou chateado quanto a isso, então fui procurar o que fazer, eu tinha família, meu filho tem 17 anos já então, é uma coisa diferente. Eu já tentei entrar na área acadêmica cheguei a dar aula na educação infantil já tive vontade de dar aula em universidade, mas não tenho currículo para isso.*

Este processo de transição realmente é difícil e merece atenção das entidades que investem tempo e dinheiro na formação destes atletas. Não podemos esquecer que por trás do campeão, do recordista e do medalhista existe uma vida fora do ambiente esportivo que carece de investimento e atenção.

## TRANSIÇÕES MARCANTES DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA

Para a teoria do curso de vida, a sequência de situações ocorridas ao longo do tempo facilita a compreensão dos impactos sofridos a partir das mudanças promovidas por eventos ou transições (BRITTAIN; GREEN, 2012). Estas transições se mostram importantes na ampliação das oportunidades enfatizadas pelo sentimento de pertencimento (fazer parte de uma equipe), pela boa educação (nível de estudo) e pela estrutura familiar (constituir família, ter apoio da família):

### Sentimento de pertencimento

*A10 “conhecer e fazer parte da equipe NSB (Natação Sem Barreiras)”.*

### Boa educação

*A6 “uma coisa que eu sempre falo é que foram os professores, na escola, que fizeram a diferença na questão da disciplina que eu aprendi. Outra coisa também que aprendi é que para se tornar um grande atleta de alto rendimento, a disciplina é uma das principais características e isso eu carreguei por toda minha vida. Eu aprendi muito com as professoras na escola, foi um momento que carrego até hoje”;*

*A15 “Uma coisa que marcou, na época que eu estudava, fazia primeiro e segundo ano, eu caía, eu morava mais ou menos dez minutos da escola, eu morava com minha irmã e meus irmãos moravam com minha mãe, cerca de uma hora de distância. Eu ia para escola andando lá aqueles dez minutos para chegar à escola e caía no caminho. Quando eu caía no caminho, eu ia tentar levantar, as pernas estavam fracas e eu não conseguia, acabava meu dia, voltava para casa e não ia para escola, faltava muito. Eu lembro que minha mãe colocou um dos meus irmãos para estudar no mesmo colégio que eu, no início não falou nada, meu irmão passava lá em casa e a gente ia junto para escola, a minha mãe tinha falado, na época, que a escola que o meu irmão estava não era boa, então ele ia para minha escola porque ela era boa, depois que eu fui descobrir, porque o meu irmão ia para escola, porque se eu caísse no caminho ele me ajudava. Então, o meu irmão passou a estudar comigo para me ajudar na escola, me ajudar nas lições, eu era muito preguiçoso na escola, não escondo de ninguém não, eu odiava estudar, meu negócio era jogar vídeo game, brincar de bola, cabular aula com os amigos. Às vezes eu estava indo para escola, eu caía, o meu dia acabava, eu ia para escola só para cabular aula com meus amigos, cabular aula, saía, eu não gostava, eu não sou um exemplo em relação à escola não, copiava prova, colava, eu sou um mau exemplo para esse negócio que eu falo para você, hoje eu falo e brinco com o pessoal que eu não sou exemplo, não siga o meu exemplo. Por causa da minha deficiência eu chegava na escola, eu estava subindo a escada, caía, acabava meu dia, começava a tremer ficava nervoso e indignado com a situação, eu lembro que eu tinha um amigo na escola que me acompanhava o tempo todo. Vou falar um negócio para você, o cara inteligente ele parecia que ele tinha o dom para estudar, o cara sabia todas as matérias e ele assim, ele era impressionante porque às vezes o professor pegava muito no meu pé, porque claro o professor desconhecia minha deficiência e eles queriam que eu terminasse meus estudos, não importava como. O professor pegava muito no meu pé e quando ele via que o bicho tava pegando para mim, o que ele fazia, ele dava*

*um jeito de trocar a prova dele comigo sem ninguém ver, e aí ele pegava a minha prova, fazia rapidinho, tinha dez questões ele acertava sete questões errava lá umas três, acertava seis, para que eu tivesse uma nota mais ou menos, porque eu não sabia fazer nada, eu era zero, não ia conseguir fazer nenhuma questão ali e eu não gostava de estudar mesmo, desafiava o professor, eu não estava nem aí. Ele tinha esse conhecimento que eu não tinha, de que se eu não estudasse, não passasse de ano, ia ser um atraso para minha vida. Hoje eu o conheço, ele fala comigo, brinca muito comigo hoje, ele fazia minha prova rapidinho, pegava a dele e ia fazer. O professor de história passava pela gente, trocávamos de prova com rapidez e eu ficava lá tentando, rabiscando, apagando, colocando a minha letra, mas até isso marcou, marcou a minha adolescência, certo, errado ou não, eles me ajudaram. Hoje eu estou aí, terminei o ensino médio, isso marcou. A época que o meu irmão foi estudar comigo, tinha que fazer os trabalhos, ele sentava junto comigo, eu fazia minha parte ele fazia a dele e se ele não estivesse me incentivando eu não conseguiria fazer, então tudo isso aí marcou para mim”;*

*A16 “na fase de infância o fato de ir de bicicleta para escola, de todos os alunos estarem me ajudando, me acolhendo, eles nunca tiveram preconceito comigo tipo ‘eu não vou carregar esse aleijado não’ graças a Deus, nunca escutei isso, ‘vamos deixar ele aí, ele não serve para nada mesmo, não vamos levar ele não, é muito cansativo’ [...] no ensino médio pegava ônibus, minha mãe me colocava no ônibus, às vezes entrava sozinho no ônibus, só tinha eu e o motorista, era mais ou menos uma hora da onde morava até a escola. Assim era bem legal, ia chegando um por um, ia juntando aquela galera. Eu lembro que já tinha 15, 16 anos a gente brincava dentro do ônibus, fazia aquela festa. Eu fiz de tudo que um adolescente faz, jogava baralho no ônibus, matava aula, saía com os amigos da escola”;*

*A19 “a faculdade de Educação Física, foi um acontecimento que me garantiu que poderia ser um profissional e quem sabe, quem sabe não, com absoluta certeza o momento de eu querer, eu quero, eu sempre quis ser um profissional da área de Educação Física. Quis ser um curioso da área da televisão, fui, na área do rádio, até hoje sou, trabalho com isso, então o momento, o fato de eu querer sabe, fala muito alto, até hoje comigo. Volta e meia estou com projetos novos e vamos em frente”;*

*A20 “vou contar um fato que aconteceu, estava na quinta para sexta série, não me recordo bem, na época que perdi a perna. Quando cheguei para fazer aula de Educação Física o professor falou ‘olha, você está dispensado da aula’. Eu falei ‘posso tentar, pelo menos? Tentar se consigo fazer, se consigo sair pulando, handebol, se consigo driblar a bola saltitando, posso fazer Educação Física? O vôlei preciso só das mãos e se conseguir saltitar e dar o toque, uma manchete e saltar para cortar, posso fazer? O basquete da mesma forma’ então foi assim desta forma, se você falar para mim ‘você não consegue pular aquele muro’, vou dizer para você que vou tentar primeiro, entendeu”.*

### Estrutura familiar

*A1 “importante para mim foi primeiramente o meu casamento, então foi o primeiro momento que eu guardo, casei com 20 anos [...] depois do meu casamento, foi o nascimento da minha filha. Tenho duas filhas, depois vieram os netos, os bisnetos. Eu tenho sete netos por conta da idade e cinco bisnetinhos. Fora do mundo esportivo foram as coisas mais importantes que aconteceram na minha vida”;*

A3 “olha, relacionando isso tudo com a questão da deficiência visual, o processo está muito próximo da família, isso me ajudou muito a ter ali a minha família ao meu lado que desde pequeno, os meus pais não me enganaram, não me ocultaram essa informação de que aquele problema visual que eu tinha ali na infância, ele, em determinado momento da minha vida, passaria a alterar todo o meu curso de vida. Até os meus 7/8 anos meus pais trataram muito diretamente, muito claramente isso comigo, então isso para mim foi muito importante [...] passei a conviver e aproximar de pessoas que tinham a mesma situação que a minha, então aquela experiência de vida daqueles colegas foi fundamental para que eu pudesse de fato entender aquela minha realidade e encará-la de frente e que eu não deveria fugir daquilo, eu tinha que enfrentar. Eu enfrentar significaria no futuro aceitar, de certa forma, aquela realidade e procurar me adaptar às situações, àquele mundo novo, a minha nova maneira de ter que viver, de ter que enfrentar a vida”;

A6 “a questão do apoio à família assim, que acho muito importante também, minha mãe foi uma pessoa muito importante na minha caminhada. Minha mãe, minha irmã que tomava conta de mim quando minha mãe ia trabalhar, mas ali eu vi a importância da família de te ajudar naquele momento que você mais precisa, que muitas das vezes minha mãe arrumava quando ela não tinha, ela arrumava dinheiro emprestado para que eu fosse pegar o ônibus para eu treinar muito das vezes foi assim, outras vezes ela tirava da passagem dela para me dar, foram momentos assim difíceis, mas que depois eu vi que realmente o apoio da família é muito importante. Eu agradeço muita minha família por ter chegado até onde eu cheguei hoje”;

A7 “de fato foi a insistência da minha mãe em mim, sabe eu até me emociono como isso. O tanto de trabalho que eu dei para ela, o tanto que eu tentei me desvirtuar e ela nunca desistiu, entendeu até hoje, até hoje, hoje eu ainda passo às vezes por alguns problemas, como por exemplo, aquela questão financeira que a Prefeitura não me ressarciu e outras coisas e ela sempre, sabe, eu acho que é por isso que eu me considero um bom pai para os meus filhos, porque o que ela fez comigo, o que ela e o meu pai fizeram por mim me ensinou mais que tudo, entendeu. Eu acho que foi a insistência dela querer me mostrar, sempre, o caminho certo. Junto com ela, minha esposa, eu sou abençoado nesse sentido, que realmente sempre foi muito sincera e me apoiou com tudo ‘olha acho que não dá mais, você está com dois filhos, tem que se virar, tem que trabalhar’ então eu acho que Deus sabe o que faz”;

A9 “não foi só a minha professora, a minha família também foi a coisa mais importante”;

A11 “a família é a base de tudo porque defende você com unhas e dentes. Eu passei por muitas coisas que me mudaram. Tem que ter o pé no chão para fazer as coisas direitinho”;

A15 “essa questão mesmo da minha mãe sentar como meus irmãos e esconder a deficiência de mim, foi acertada. Minha mãe acertou. Acho que se eu ficasse sabendo, entraria meio que em depressão, não ia querer brincar com meus irmãos porque saberia que tinha um problema, não ia querer fazer tudo como as outras pessoas porque iria conscientemente saber que tinha um problema e que não seria ninguém no futuro [...] minha mãe escondeu algo de mim e eu vivi como qualquer outra pessoa, normalmente”;

A16 “toda a minha infância e adolescência sempre empinei pipa, sempre tive com meus primos na rua, andei de bicicleta. A minha infância não tenho

*do que reclamar, tive uma infância assim de criança até adolescente, bem legal mesmo [...] outro fato marcante foi o nascimento do meu filho, que já está com cinco anos. A gente pensa muita bobeira, será que é possível, surgem muitas dúvidas, será que vou ser pai um dia? O nascimento do meu filho foi a maior motivação para chegar à paraolimpíada de Londres, querendo dar tapa na cara de Argentino, moer chinês, não aguentava ver chinês. Ele que foi um dos principais combustíveis, que mais marcou. Apesar de não ter acompanhado o parto dele. Acompanhei do segundo [...] tem quatro meses [...] consegui acompanhar todo o parto, pré-natal, consegui estar lá no momento que ele nasceu, foi um momento mágico da minha vida pessoal”;*

*A17 “acho assim, que avaliando o contexto desde que tinha um raciocínio lógico, que consigo lembrar da minha adolescência, acho que tive uma vida assim, que as coisas aconteceram sempre, no momento certo. Até aqueles que, para muitos, foram ruins, serviram de aprendizado e evolução do caráter ou até mesmo de vida. Como o próprio acidente, no exato momento quando sofri o acidente, a perspectiva era que a minha vida tivesse acabado e hoje vou dizer que a minha vida melhorou 100%, 200%. O esporte me proporcionou isso, então acho que cada coisa, a infância, o tipo de educação que tive, a formação familiar que tive, foram fundamentais. Vim de uma família bastante pobre, que tinha que lutar para sobreviver, isso me deu essa competitividade essa necessidade de fazer diferente, não aceitar como ela é, buscar isso. Sou o único filho, no caso fui filho adotivo, de oito irmãos a ter uma formação acadêmica, os outros nem o ensino médio conseguiram concluir, infelizmente. Minha mãe, que me deu toda essa ajuda, não pode vivenciar esses momentos. Até agradeço pelo fato dela morrer antes do acidente, porque não sei se ela suportaria me ver numa cadeira de rodas, ou passar pelo momento que passei, de dois anos terríveis pós-trauma. Cada coisa, as oportunidades de trabalho, crescimento profissional, formação acadêmica, aí veio, claro, o momento trágico que é um acidente, que vamos dizer assim, seria utópico dizer ‘se tivesse que passar passaria por isso de novo’ não, não quero para ninguém porque até chegar ao exato momento que estou hoje, de realização, passei coisas terríveis que até então você não interpreta direito. Você questiona a Deus, questiona todo mundo. Sou uma pessoa religiosa, acho que Deus sabe muito bem das coisas e dosa até o máximo que você possa aguentar. Claro que com tudo isso somado vem as realizações, os benefícios de tudo que você acaba produzindo, você acaba recolhendo ou atribuindo a você”;*

*A19 “olha, a minha infância; a minha família; como a família encarou toda a minha deficiência visual, de uma criança de um momento que ninguém conhecia isso, numa cidade pequena, do litoral do estado, então poxa, ficou cego, acabou. Então isso foi importantíssimo o meu momento de infância, adolescência, quem sabe possa dizer que foi o mais importante. Porque primeiro me ensinou que eu era cego, segundo me ensinou também que tinha um monte de barreiras a vencer, não só arquitetônicas, não só limitações pela deficiência visual, mas tinha uma barreira social que teria que enfrentar para o resto da vida, como é até hoje. Então sempre fui um cara muito briguento, então isso me fez alguém, briguei, chutei, voltei, por característica sou mesmo contestador”;*

*A20 “acho assim, sempre fui um cara que nunca dependi de ninguém, mesmo depois que perdi a perna [...] posso te dizer assim, o apoio familiar muito importante na época, meus pais sempre apoiaram. Acho que deu tudo certo”;*

A21 *“muita coisa, acho assim, que hoje, depois da minha amputação, que é um trauma gigante, qualquer tipo de trauma que a pessoa passe ela tem que ter uma estrutura para se manter, porque senão ela não aguenta. Uma coisa que avalio como positivo, foi que desde nova, sempre fui muito independente, sempre tive independência, meus pais sempre trabalharam esta questão conosco, isso me ajudou muito a lidar com a deficiência”.*

Alguns eventos ocorridos ao longo da vida foram muito marcantes, destaque feito ao falecimento de membros próximos à família (mãe e filho ainda no processo gestacional) e à precoce independência familiar, em virtude do esporte:

A2 *“aconteceu uma coisa importante na minha vida que foi quando estava chegando aos 13 anos de idade, minha mãe foi até uma cidade em outro município fazer compras e na hora que ela voltou, foi atropelada. Teve um acidente, bateu com a cabeça e teve traumatismo craniano. Ficou mais três dias no hospital, em coma, e faleceu com 37 anos de idade. Como eu era meio que superprotegido quando eu tive poliomielite, o que aconteceu, eu ficava naquela redoma, ninguém mexe com o menino, todo mundo faz tudo, uma superproteção. Imagina um filho normal, hoje em dia já tem proteção ainda mais filho especial. Bom com 13 anos ela foi embora e eu tive que mudar um pouco o conceito de como ia viver a vida naquele momento ou ficava louco. Ia para o lado do mal ou seguia para frente e vamos ver o que vai acontecer. Nesse período, eu já não queria mais ficar na cidade, deu um sentimento de querer sair de lá. Eu quero crescer, fazer as coisas e comecei a trabalhar. Com 16 anos tinha um amigo meu que já morava em outro estado. Ele saiu para o trecho, foi mudando de município até se fixar e constituir família. Se casou e abriu um restaurante em um município que fica no Vale do Paraíba. Eu queria sair da minha cidade e ele me convidou. Fui eu, meu pai e minha irmã na época, isso com 16 para 17 anos. Chegando lá, nessa época não tinha muita experiência, basicamente o que eu tinha de conhecimento era os trabalhos que tinha feito na minha cidade. Trabalhei em rádio uma época por isso que eu falo relativamente bem. Passei quase um ano na rádio e depois, trabalhei no jornal também fazendo a parte de diagramação. Essas eram as duas experiências que eu tinha quando eu cheguei. Foi exatamente isso que eu passei a fazer. Comecei a trabalhar em rádio, não deu certo. Depois fui trabalhar com diagramação de jornal, aí que eu comecei a fazer jornal em toda aquela região porque nessa época o sistema de tecnologia era um pouco arcaico e as pessoas faziam jornal no sistema paste kup, então tudo tinha que colar e fazer tudo. Nessa época já tinha a tecnologia de fazer isso no computador, fazer a diagramação toda ali no Aldus Page Maker. Especializei-me fiquei bom nesse negócio aí quando eu cheguei implantei o sistema e comecei a fazer jornal em toda região. Automaticamente comecei a ganhar dinheiro porque eu trabalhava bem intensamente e aí nesse período sai do restaurante do meu amigo e alugamos uma casa. Fiquei eu, meu pai e a minha irmã. Depois trouxe mais dois irmãos, tinha de 18 para 20 anos e já era o dono da casa. Bom aí eu trouxe meus irmãos neste período, ficamos um tempo ali para dar mais estabilidade para eles, começar a arrumar trabalho etc e tal. E nesse período, tinha outra questão também que ligada isso que quando nós saímos da minha cidade, eu sempre falava: ‘eu tenho que aprender inglês porque acho que isso um dia vai ser importante para mim e eu tenho que achar uma maneira de aprender’. Eu não tinha nem dinheiro, nem tempo para fazer as aulas, nisso eu falei: ‘então, vamos fazer esse negócio sozinho, autodidata’, comecei a estudar. Estudava todos os dias 20 a 30*

*minutos e fui aos poucos aprendendo a língua. Depois de 2 anos eu já estava com fluência e foi exatamente quando teve a conversão para esporte que aí eu comecei a viajar internacionalmente e ter mais oportunidades de estar me comunicando e pegar fluência de vez. Eu acho que a morte da minha mãe foi um dos fatores muito importantes da minha vida porque ela me fez sair da zona de conforto e ficar entre o bem ou o mal, porque na verdade, esse negócio da redoma de vidro que se vive e que muitas pessoas vivem isso é muito ruim, porque deixa você muito mal. Você se acha dono de tudo, o todo poderoso. Na verdade eu ter colocado à prova isso aí, foi fundamental e fez com que depois direcionasse muito a minha vida ao logo desse período e no aspecto religioso também, de começar a entender as coisas, porque eu comecei ler filosofia muito cedo, depois que minha mãe morreu eu comecei a estudar filosofia, porque eu queria entender porque as coisas aconteciam e queria achar respostas. A simples resposta de que foi porque Deus quis, não era uma resposta que me satisfazia. Então comecei a ler filosofia para entender as coisas e para me confortar. Fazendo isso também muito cedo foi me dando embasamento muito forte para exatamente quando as situações da vida fossem difíceis eu tivesse mais ou menos como me posicionar, saber lidar. Acho que isso foi bem positivo. Foi importante ter saído de uma cidade de 15.000 habitantes sem nenhuma perspectiva e depois começar a rodar o mundo representando meu país. São dois extremos que se chocam muito, porque aí você começa pensar, estou aqui na China jogando, mas nasci naquela cidadezinha. Isso é uma coisa muito interessante. Tudo muda, o seu foco muda completamente. Uma coisa muito importante que eu acho e te falei, é a exclusão que existe. Primeiro você tem que não ficar excluído, não se sentir excluído, você tem que se libertar primeiro, porque a maioria não se liberta, tem muitos problemas em função da deficiência, muito problema psicológico, não se liberta. Depois que você se liberta, você faz o que quiser”;*

*A12 “olha, eu tenho muitas coisas assim de grande significado na minha memória, porque já são quase que 30 anos de lesão, eu costumo dizer para toda pessoa com deficiência ‘a gente tem duas vidas, a antes da lesão e a depois [...] antes da lesão a gente tem uma vida totalmente diferente, que já ficou para trás, depois é como se fosse um novo nascimento, em 1987 quando eu fui baleado, foi todo um histórico de retorno à vida. A lesão séria, a parte de imobilidade total praticamente, a dependência praticamente total e cada vez mais os pequenos ganhos, você entrou comigo pelo quintal, eu lembro que o primeiro fim de semana que eu cheguei da ABBR em casa, passei uma semana lá internado, eu queria descer, para vir aqui para frente, porque eu sempre gostei de ficar aqui no quintal, conversando com as pessoas, passando aí eu tentei descer o quintal e parei de cara no chão, só aquela ladeirinha aqui do corredor. Veio aquela correria, meu filho, meus pais me tiraram, eu com a cara ralada, tetrão, ‘não, eu tenho que conseguir’, ‘mas porque você não pediu?’, ‘Não, porque se eu pedir vocês vão sempre me levar’, depois de um tempo, depois de várias tentativas, eu já estava descendo o quintal sozinho. Aí eu passei a mudar o objetivo, será que um dia eu consigo subir. Hoje, eu faço tudo na boa, então estes pequenos ganhos são significativos. Pelo negativo, aí entra como parte de tristeza, muito maior do que ter tido a lesão, foi a perda de um filho. Assim, minha ex-mulher, na época, a gente muito apaixonado ela engravidou, mas veio a abortar, quinto mês, foi todo um período de muito sofrimento, o ápice da perda do bebê, a gente já cheio de projetos, eu costumo dizer sempre que esse filho, embora não tivesse se concretizado, ele me deu muito ganho, nós morávamos em Botafogo e ela tinha uma filhinha,*



*a gente levava para creche e ela ficava o dia todo, ela tinha seus quatro anos na época, só que como ela começou a ter problemas na gravidez, na gestação, a gravidez dela de risco, a recomendação médica era que ela vivesse na cama. Aí eu passei a cuidar dela, a gente saía, colocamos a cama em uma posição que a cadeira ficava comprimida para não ter risco de cair, aprendi a sair sozinho da cama, usava a tábua. Ia à cozinha, fazia café, trazia para ela, almoço, ficava naquela. Cuidava dela. Dia sim, dia não, eu chamava minha sogra, minha ex-sogra, para ficar com ela e eu vinha lá de botafogo para tomar banho, fazer cocô, essas coisas. Eu me equilibrei para fazer isso dia sim, dia não, porque eu não podia me arriscar ir para o banheiro e de repente cair da cadeira e ela ter que levantar. Esse processo, embora de grande dificuldade, de estar aqui na minha memória grande cicatriz, me deu um grande aprendizado de vida e crescimento, assim a curto prazo, pela necessidade, mas veio infelizmente com uma grande tristeza que para mim, na época, foi uma dor muito maior do que a lesão. A lesão foi triste para caramba, foi difícil, mas ela foi mais diluída, mas esta do bebê foi mais triste. Mas, independente disso, a vida são tristeza e felicidades. As felicidades tiveram estas outras e outras tantas que continuam vindo até hoje, eu costumo sempre tentar perceber, muitas pequenas coisas, pequenos prazeres. Das interações, o que cada um pode trazer, às vezes por uma pequena passagem na nossa vida, você, por exemplo, o quanto uma pequena intervenção lá no CVI, a gente acabou fixando um contato que fica um tempão sem falar, mas que fica ali presente e outras situações dessa aí de vida que sempre são memoráveis”;*

*A22 “então, quando decidi jogar, porque saí de casa muito cedo, com 14 anos e comecei a jogar no clube, vinha nos finais de semana. Trabalhava lá na minha cidade, das 7 às 13 horas, em uma faculdade, saía de lá e vinha, viajava o dia inteiro, treinava de noite e no sábado de manhã. E para mim aquilo passou a não ser suficiente, porque sabia que para me desenvolver no esporte, mesmo já tendo praticado antes, é uma adaptação, é outra característica, você tem que saber como se deslocar, onde se posicionar, você tem que fazer adaptações. Estava estudando, já tinha me casado. Falei com o meu marido, ia terminar os estudos no final de 2010, ‘para mim não está dando mais ficar indo deste jeito final de semana, ou me mudo para lá ou paro de jogar’ e ele como sempre me deu muito apoio, ele falou assim ‘não, pode ir, vou depois, depois eu vou’ porque ele trabalhava. Para mim foi muito difícil porque vim com duas malas, fiquei na casa de uma companheira de time que falou ‘fica na minha casa’ então foi muito difícil para mim. Difícil e importante, sabia que era um dos passos mais importantes que estaria dando na minha vida, porque não queria mais voltar para minha cidade, não gosto de lá, sempre quis ter minhas coisas, então nessa linha que você está falando, acho que essa foi uma das fases mais importantes de ter coragem de largar tudo já com 28, 29 anos e vir, começar do zero. Foi a decisão correta, com certeza, nossa senhora”.*

A deficiência se apresenta como um marco na vida de alguns atletas que a adquiriram, sendo considerado um divisor, um ponto de virada em seu curso de vida:

*A5 “eu vou te falar uma coisa que pode até te chocar e chocar até quem ouvir, mas eu acho que a deficiência adquirida na minha vida foi de suma importância até porque eu estava entrando para polícia na época. Tinha feito concurso tinha passado em sexto colocado como motorista policial, na época do concurso, mas a deficiência em si, o que ela me trouxe de conhecimento, de objetivo, de superação de desafios, eu sou até capaz de falar que seria até grato. Deus sabe o que faz na vida da gente, então ele*

*não dá o cobertor para que não aguenta o frio, ele só dá o cobertor na medida daquela pessoa que aguenta aquele frio e na realidade a deficiência ela me ensinou muito, de superar desafios, de ter objetivos na vida e então isso na realidade eu considero que minha infância foi uma infância feliz, boa, normal, dentro da minha classe social em que eu vivia. Depois a juventude, uma juventude também dentro de uma normalidade de um garoto de 20 anos na época, mas a deficiência fez com que, aos 20 anos eu mudasse meu foco, passasse a ter uma perspectiva maior de vida. Primeiro, superar os desafios que eram colocados à minha frente como uma pessoa cadeirante de 20 anos, eu acho que eu fui uma referência para mim mesmo, para minha família, para amigos enquanto pessoa com deficiência superando todos os desafios”;*

*A8 “eu acho na verdade, nada é por acaso, nada é à toa, a gente recebe umas missões, que às vezes a gente tem consciência outras vezes a gente tenta negar e não tem consciência. Eu tenho consciência do meu papel. Eu sei que eu fui um predestinado, eu fui um escolhido para fazer alguma coisa. O que eu assumi para fazer era tentar libertar o segmento de pessoas com deficiência, hoje nós somos aí 45 milhões de pessoas com deficiência e que eu ainda imagino que a gente está em um campo de concentração embora não tenha arame farpado, mas você vê, a gente vive num país de pessoas com deficiência dentro do Brasil, onde somos excluídos, onde a ignorância, o olhar, não é um olhar protetor, não é um olhar integrador, tanto é que hoje você tem a Constituição Brasileira e para as pessoas com deficiência você tem a LBI, Lei Brasileira da Inclusão, que na verdade é um estatuto disfarçado, então para que todo mundo, cidadão brasileiro tem a constituição, mas o cidadão brasileiro com deficiência tem um estatuto, uma lei a parte? Porque não nos consideram como um cidadão completo ou considera que a gente precisa de uma legislação com um pouco mais de explicação. Então, eu acho que quando diz para todos é para todos, mas ainda na prática não é assim. É para todos, mas também para pessoa com deficiência por isso que isso aqui é necessário. Eu acho que ainda somos cidadãos diferenciados e a nossa briga é para ter o direito da igualdade”;*

*A13 “por incrível que pareça, por mais estranho que pareça, a lesão medular foi um divisor de águas. Daquele atleta mediano, depois da lesão medular, existe um cara mais focado, mais determinado para as coisas. Até meio bruxo, olha o negócio, é aquilo lá, e vai embora, não olha nada para os lados. O foco é uma medalha paraolímpica, vamos treinar até se arrebentar, vamos treinando, vamos treinando, baixa aqui o super-homem, o que não é”;*

*A14 “Então eu acho que esta minha lesão fez com que a minha vida transformasse de verdade, porque bastou isso acontecer para eu estar onde eu estou hoje. Eu costumo dizer que a males que vem para o bem. A dor que senti foi uma dor de morte, quem já sentiu essa dor do joelho, do ligamento rompendo, eu tive delírio. Então eu acho que essa dor que passei serviu para eu ser feliz hoje. Acredito nisso, que precisava passar por isso, para estar onde estou ser feliz por completo, vamos dizer assim”.*

O esporte também apresentou esta característica marcante no curso de vida de outros atletas com deficiência:

*A4 “consegui ter o primeiro e segundo grau. Depois de casado, já com 38 anos, consegui ir para uma faculdade. Fiz a minha formação acadêmica em Ciência Contábil, fiz duas pós-graduações, em auditoria e em análise de sistemas, fiz um concurso público para o estado, passei para trabalhar no*

*banco do estado. Como teve a privatização, então saí do banco e fui para o mercado de trabalho, fiquei três anos no mercado e fiz outro concurso público para o IBGE. Hoje eu sou funcionário público federal, trabalho no IBGE, concurso de 2002, estou me preparando para aposentar. Mas isso tudo eu só consegui chegar lá, até mesmo fazer a faculdade, porque eu já tinha descoberto meu potencial, sabia o que eu poderia fazer, era só querer fazer. Se eu corresse atrás, se estudasse, se fosse atrás, eu ia conseguir, porque consegui fazer coisas muito mais difíceis [...] tinha conseguido, por exemplo, eu não ia à praia porque tinha que mostrar as pernas finas, eu não ia à praia com 18 anos. Eu ia à praia de calça comprida. Cheguei um dia na praia, os caras que foram dirigindo a Kombi me pegaram e me jogaram de roupa e tudo, eram umas 11 horas, eu fiquei lá até quatro horas da tarde dentro da água e não saí de lá de dentro porque como é que eu ia sair de lá? Entendeu, eu estava com sunga por baixo, bermuda, mas eu não tinha coragem de mostrar minhas pernas. Depois disso eu ficava procurando, perguntando às pessoas ‘quando é que a gente vai à praia de novo?’. Eles não queriam ir, pegava um ônibus saía do clube já de bermuda e ia sozinho para praia. Eu comecei a disputar namoradas com a rapaziada andante e sempre fui muito bem-sucedido nesta área, risos”;*

*A5 “a partir do momento que eu comecei no paradesporto isso me deu uma condição muito privilegiada, porque aí você tem uma condição de superação muito além do que uma pessoa que não faz paradesporto, que não tem uma deficiência, que não faz paradesporto, isso me deu uma condição muito grande, psicológica física, financeira, social. Financeira porque quando você vê que tem possibilidade de sair à rua e enfrentar os desafios, de superar, de poder fazer qualquer coisa, então as portas se abrem e isso foi muito bom pra mim”;*

*A16 “a paraolimpíada de Londres, marcou minha vida como esportista e vai ficar marcado na minha memória. Consigo descrever todo jogo, jogo por jogo, detalhe por detalhe, consigo descrever tudo. Foi um momento marcante como atleta, foi o ápice da minha carreira e da minha história”;*

*A18 “se não fosse o esporte, não teria conquistado muitas coisas que conquistei, inclusive essa minha casa aqui, comprei com o que ganhei no esporte. Tudo que recebia de premiação, o pessoal da construtora foi muito bacana comigo. Tinha um valor na época, entrei com esse valor e tudo que recebia eles diziam ‘traz aqui a gente vai abatendo, abatendo, abatendo’ e quando terminou a casa tinha um valor X que tinha que pagar, quando estava para entregar a casa já estava menos que a metade já, para quitar. Então, era um sonho também de ter uma casa própria e graças a Deus, consegui. Hoje tenho meu carro, muitas amizades, a pessoa que me tornei devo muito ao esporte. As pessoas que estavam comigo, treinadores, guias, dirigentes, muitas pessoas que conheci, que me davam conselhos e muitos acredito que ouvi e consegui colocar na prática e me ajudou muito para ser a pessoa que sou hoje”;*

*A23 “aconteceu tudo muito rápido na minha vida, foi tudo muito louco. Não sei dizer. O esporte foi importante, a educação também. Que mesmo fazendo o esporte, consegui acabar os estudos”.*

Neste sentido, a deficiência e o esporte foram considerados eventos marcantes no curso de vida dos atletas com deficiência, ampliando as oportunidades e a obtenção de recursos para seu desenvolvimento enquanto sujeito capaz de tomar suas próprias decisões e

membro mais participativo da comunidade na qual está inserido.

Ter uma vivência esportiva desde a infância até a idade adulta também se mostrou importante para um maior conhecimento do corpo e dos seus limites, como foi relatado pelos atletas A2, A7, A8, A10, A11, A13, A14, A16, A18, A22 e A23.

## EDUCAÇÃO, RENDA E RELAÇÕES SOCIAIS

As necessidades de aprendizagem ao longo da vida, como uma característica importante para o desenvolvimento humano de indivíduos com algum tipo de deficiência, se mostra um desafio. De acordo com o censo do IBGE de 2010, a população com deficiência ainda carece de formação, educação e alfabetização em busca de uma melhor colocação no mercado de trabalho. A figura 27 retrata a carência de políticas de incentivo para alfabetização da população com deficiência.

**Figura 27:** Nível de ensino da população com deficiência.

### Educação e emprego

A Constituição Federal Brasileira e a Declaração dos Direitos Humanos defendem que todas as pessoas tenham acesso à educação. Mas, na prática, nem sempre há condições para que todos desfrutem desse direito tão básico.



**Fonte:** Cartilha do Censo IBGE 2010 – Pessoas com Deficiência, Ministério do Trabalho.

A questão educacional apresentou uma característica bem peculiar, como abordado no contexto sociocultural (54% com nível superior, 9% com nível superior incompleto, 29% com

ensino médio e apenas 8% ensino fundamental). Ao longo do curso de vida destes atletas, a preocupação com a educação, seja ela formal ou informal, sempre esteve presente. Como relatado pelo atleta A15 que, apesar de não ter motivação para estudar, conseguiu terminar seus estudos e hoje compreende melhor a importância deste momento para o desenvolvimento das pessoas com deficiência.

A difícil decisão de abdicar dos estudos em função do trabalho ou do esporte também foi relatada pelos atletas deste estudo. No longo prazo, esta decisão é encarada com certo desconforto, já que o término da carreira esportiva nem sempre é planejado, muito menos possui algum tipo de acompanhamento, causando um sentimento de frustração (A7) e problemas mais sérios como a depressão (A18).

Ter uma profissão / ocupação está diretamente relacionado ao nível de escolaridade. Quanto mais qualificado, melhores são as chances de se conseguir uma ocupação e maiores são as possibilidades de exercer uma profissão. Recentemente, o esporte surge como uma atividade laboral, fazendo com que muitos se definam como atletas (52%) ao serem perguntados sobre sua ocupação atual. Como abordado anteriormente, quando nos referimos ao incentivo financeiro obtido a partir do contato com o esporte, esta situação pode ser vista tanto de forma positiva como de forma negativa.

Positiva no sentido de que alguns atletas passaram a receber pelo seu rendimento esportivo quantias que possibilitaram uma mudança radical na sua situação social e também das suas famílias. Como relatam os atletas A12 e A15, quem era o peso para a família, passou a ser o provedor. O lado negativo fica por conta da dificuldade de entendimento do que muitos chamam de invalidez. É duro ser considerado inválido para o trabalho e super-herói, exemplo de vida pelos veículos de comunicação. Como descreve o atleta A17, hoje seria difícil abdicar do benefício recebido para se dedicar somente ao esporte. Os benefícios conquistados através do rendimento esportivo estão diretamente ligados ao repasse do governo federal, que não consegue estabelecer uma rotina no repasse, causando incertezas e insegurança em relação ao futuro.

A atleta A21 reforça a necessidade de vislumbrar as oportunidades que aparecem ao longo do curso de vida. Estar preparado e disposto a fazer a diferença é uma questão decisiva para viver uma vida mais digna:

*[...] vejo a Educação Física como uma oportunidade, até na forma de me ajudar como atleta e ajudar depois outras pessoas, porque entrando nesta área, vejo que a gente é muito pobre de profissionais [...] a questão de amputação não tem profissional nem na área de Educação Física, na área Médica, na área de Fisioterapia, infelizmente não tem, não tem. Então porque não a gente, já que estamos na prática, temos a vivência, porque não*

*ir para frente, vejo que vou ganhar muito com isso. Meus planos futuros, até na questão financeira, porque não sei até onde os patrocínios vão, então é uma forma que vejo que posso me encontrar futuramente. É difícil falar, porque isso é uma coisa que está mudando agora, só que já deveria ter mudado há muitos anos. Grande parte dos atletas tem um patrocínio hoje, bacana, legal, mas é aquilo, você não sabe até quando vai e o atleta fica confortável, nessa situação que ele está hoje, ele está super bem, ótimo, mas não vai durar para sempre a maioria dos atletas também não tem um apoio, não sei dizer se psicológico ou familiar, mas os atletas não tem esse apoio de estrutura. Tenho minha vida hoje e daqui a dez anos, enxergo um ponto positivo em mim, trabalhava antes, não dependia dos meus pais, da minha família, sei o quanto que isso é importante para o futuro, já tenho isso na minha mente. Muitos atletas hoje, já vieram desde jovens, adolescentes, já entraram no esporte, sem precisar de uma cobrança para isso e sem um nível de instrução. O atleta não estuda, não trabalha, não tem essa cobrança de emprego e o futuro dele como é que vai ser? Não é nem só o paraolímpico, porque a gente vê muitos exemplos do olímpico até uns exemplos mais famosos. Acho que uma das coisas mais importantes é esta estrutura e a gente vê que esta estrutura por trás do atleta é bem pobre, são poucos os atletas que tem uma estrutura familiar, até de uma equipe boa atrás dele, a gente torce para que ele siga por um bom caminho.*

Todos os atletas que se beneficiaram dos programas de incentivo do governo federal expressam o descontentamento em relação à instabilidade no repasse dos recursos e, para piorar, esta situação foi agravada com a obrigatoriedade de recolhimento da previdência social (20%). O que, de certa forma, garante um futuro para alguns, causa a necessidade de escolha para outros. Receber menos e no dia correto ou receber mais, porém sem saber quando receber?

Ter o esporte como um campo de trabalho, seja como professor de Educação Física (A7), Nutricionista (A13) ou Gestor Esportivo (A2, A5, A8, A15, A19, A20), foi um caminho seguido por estes atletas com o objetivo de se manterem no esporte e poder, a partir da sua experiência esportiva, contribuir para o crescimento e desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência.

Alguns atletas conseguiram se estabelecer, por muito tempo, como funcionários de empresas, que viam nesta forma de suporte uma maneira de contribuir para o desenvolvimento da carreira destes atletas (A7, A15, A16, A18). No caso específico dos atletas A8 e A18, ambos recebiam uma bolsa, heróis paralímpicos, como uma aposentadoria em função dos resultados esportivos obtidos ao longo das suas carreiras esportivas. Este benefício não é vitalício. De acordo com a atleta A18, esse benefício se encerra agora e não sabe se será renovado. Como relata o atleta A8, ele sobrevive financeiramente dos resultados esportivos obtidos no passado “a vida é assim, a gente vai sobrevivendo das histórias do passado, que vai sendo renovado e construindo o futuro”.

A capacidade de se relacionar com as pessoas e ser bem acolhido são pontos-chaves para um bom desenvolvimento enquanto membro participativo da sociedade. Isso foi o que aconteceu com o atleta A13 e A22:

*A13 “é uma questão de postura do indivíduo, eu fui, como você falou, bem acolhido dentro da faculdade, porém, mesmo dentro da faculdade eu nunca me coloquei como coitadinho em situação nenhuma, sempre encarava de frente o que tinha para fazer, muitas vezes eu gerava até alguns problemas por não querer ajuda. Deixa eu tentar, mas não fica mais fácil, fica. E hoje acontece o inverso, que tem hora que preciso até mostrar, principalmente para os meus amigos, falar: ‘o pessoal, peraí’ eu brinco, ‘olha, lembra que eu sou aleijado’, senão os caras esquecem também, ‘vamos devagar’, acontece muito disso”;*

*A22 “para mim não é difícil construir novas relações sociais, gosto disso, gosto dessa parte. No começo foi difícil para mim, como te disse, vim com duas malas, então tinha que começar do zero. Sentia muita falta da minha mãe porque desde muito cedo moro fora de casa, para mim era mais complicado ficar morando em um município pequeno do que morar fora. Logo construí muitas amizades, hoje amo esta cidade que me acolheu, tenho o que tenho graças à cidade, principalmente ao clube e ao meu professor que acredita no esporte adaptado, porque se não, com certeza a seleção acho que nem existiria, porque a maioria das meninas são do clube e elas não estariam jogando, mas é muito importante você construir relações sociais com pessoas que você jamais imaginaria ter”.*

A atleta A14 não teve problemas pós-lesão em relação ao seu círculo de amizades. Já o atleta A16, a partir do envolvimento com o esporte, adquiriu uma maior desenvoltura para se relacionar com outros atletas e pessoas:

*A14 “é muito curioso, mesmo depois de lesionada minha vida de amizades mudou pouco. Eu continuo com as mesmas amizades, com o mesmo convívio que eu tinha antes é o mesmo que eu tenho hoje. A minha equipe, que joguei há um tempo, joguei 11 anos, continua igualzinho, eles são muito orgulhosos de mim também, me assistiram agora, deram os parabéns. O que muda é que algumas pessoas oportunistas, que vem falar ‘que orgulho que eu tenho de você’, mas que antes nunca falaram. Família também que vem lá de longe ‘ah que orgulho’, mas isso aí é normal mesmo, é esperado, mas quanto às amizades graças a Deus não tive problema nenhum, não me viraram a cara, em nenhum momento ‘agora ela é deficiente, não sei o que, não sei o que lá’ e sempre tem algum preconceituoso nesse sentido. Mas a minha deficiência ela é tão mínima de verdade que é imperceptível até, só quem repara muito que vê que eu dou uma manquitolada com o pé meio bambo. Graças a Deus eu não tive problemas quanto a isso, depois da deficiência”;*

*A16 “o esporte me proporcionou a interação, conhecer pessoas de todas as partes do mundo e do Brasil, me ajudou mesmo na parte de desenvoltura, de falar, de não ter vergonha, de chegar e brincar com outro deficiente também. Quando você entra no meio esportivo, principalmente no meio de deficiente, a gente é igual, não tem discriminação, a gente brinca, implica um com o outro, a gente interage. O esporte me ajudou muito, tinha muita vergonha de falar com outra pessoa [...] o esporte me ajudou muito neste sentido de poder falar mesmo, do que eu faço, de toda minha história”.*

O esporte passa a ser uma forma de fazer novas amizades, rever velhos amigos, ganhar visibilidade e reconhecimento:

A4 *“as minhas relações sociais, sempre estiveram penduradas no esporte. Fui para outro estado por causa do esporte. As entidades que promoviam o esporte, para onde eu segui minha vida, estavam ligados ao esporte. Desde quando eu fui para o clube e conheci o esporte, que sentei em uma cadeira de rodas e arremessei uma bola, que não chegava nem na tabela e para você ver no último campeonato eu participei fui o cestinha do campeonato só com cesta de três, jogando lá de fora. Era um grande jogador, então as pessoas, as entidades me procuravam para jogar. Um clube certa vez montou uma equipe e mandaram me contratar. Contratar, sabe qual foi o contrato? Eles pagaram meu aluguel. Eu já estava casado, desempregado não tinha como pagar o aluguel e um cara falou assim: ‘vou conversar com pessoal e se a gente pagar o seu aluguel, você joga para gente?’ Eu falei: ‘agora, porque eu não tenho condições, eu tenho dois filhos pequenos e estou desempregado’. Os atletas se reuniram, cotizaram e pagaram o meu aluguel para eu jogar para eles, os próprios atletas. O clube não deu nenhum dinheiro, nem sabe disso, quem fez isso foram os atletas que jogavam lá que resolveram me contratar e pergunta se a gente foi campeão? A gente foi campeão. Fomos campeões estadual e brasileiro”;*

A8 *“na verdade aquele que não é nada, não é nada. Os meus resultados me abriram as portas e aí eu pude com o preparo que tive é claro, construído com a relação, a minha amizade contigo, você me trouxe alguma coisa, a minha relação inclusive com amigos e inimigos me trouxe sempre resultado. Não há uma única briga que não deixe um saldo positivo, então eu fui construindo uma identidade ao longo do tempo, que me fez entrar numa linha de discussão e ir para uma plenária discutir e isso me dá certa visibilidade, me dá uma continuidade”;*

A18 *“agradeço também o esporte, das amizades, das pessoas que me conhecem hoje, pela minha história, amigos que fiz depois que encerrei, através do esporte, que tem a ver com as corridas de rua e antes, lá no Instituto, tinha também muitos colegas que brincava e conhecia. Sempre gostei de conversar, de fazer amizade, então o esporte só acrescentou, de ter essa oportunidade de conhecer outras cidades, pessoas de outros países. Inclusive agora no Rio reencontrei uma atleta que competia comigo [...] a gente chorava, chorava, chorava. A menina disse ‘nossa a gente trabalhou aqui nas olimpíadas não teve um momento que a gente presenciou um momento tão lindo como esse, de duas adversárias e esse carinho uma com a outra’. Ela me deu uma pulseira, que tem o nome dela em grego e eu levei uma camisa que tenho com minha marca para ela, mas foi muito legal assim reencontrar. Até os atletas do Brasil também, tinha muitos que não encontrava depois que parei, nossa, ficaram bem felizes de me ver lá e isso foi muito bacana assim. Sempre tive um bom relacionamento, claro que tem uns que não, risos, mas graças a Deus a maioria ficou muito feliz em me ver”;*

A19 *“o esporte foi uma sequência porque nunca tive problemas para o meu relacionamento social, desde pequeno na escola que era a única criança cega, brincava, jogava bolinha de gude, ia aos aniversários dos outros meninos, eles iam à minha casa, nós brincávamos. A minha relação também com a turma de rua, na época de 12, 13, 14, 15 anos, adolescentes, festas, festa no clube, esse meu relacionamento, a deficiência visual não impediu em hipótese alguma de ter uma facilidade de ter um relacionamento social, e*



*claro depois o esporte inclusive, faz com que até hoje possa ter construído grandes amigos e grandes relações sociais que tenho e continuo tendo”.*

Como aborda o atleta A6, “às vezes passa um filme” pela cabeça ao lembrar como o caminho foi difícil e tortuoso. Da mesma forma, o orgulho da família com o sucesso obtido deixa marcado este momento, na perspectiva de servir de inspiração para as novas gerações:

*[...] às vezes passa um filme na minha cabeça até mesmo pela questão da violência de você ter forças assim parar escolher o caminho do bem, o caminho do esporte, para que de alguma maneira você dê algum orgulho para sua família, hoje eu sou muito feliz por conseguir tudo que eu conquistei, de viajar por diversos países [...] conhecer outras culturas e você ver a diferença nas pessoas de outros países e o que a gente pode aprender até mesmo a questão da educação, de você ver o que eles fazem trazer de alguma maneira isso para o nosso país, acho muito importante. É gratificante fico até sem palavras porque realmente foi batalhado, porque minha mãe foi muito batalhadora. Ela falou que não iria sossegar enquanto eu não conseguisse realizar o meu grande sonho. Hoje, ela é muito feliz por me ver representando o Brasil, viajando por esses países, ela fica toda boba, mãe é mãe. Daqui a pouco vou eu estar contando toda esta história para o meu filho, vai ser maravilhoso a gente ter essa história de sucesso para contar.*

A aceitação pela família às vezes não é total, como aborda o atleta A17. Uma nova readaptação em relação ao círculo de amizades acaba sendo necessário em função da mudança nos hábitos de vida:

*[...] na família, não posso dizer que na sua totalidade houve uma aceitação plena, mas a família foi fundamental [...] sou um tipo de pessoa que os amigos meus são mais selecionados, porque tenho um perfil de vida diferente, não sou de beber, não sou de festa, não sou de bagunça, sou de tentar uma vida mais regrada, então, hoje em dia vivemos numa sociedade em que você já tem mais dificuldade de ter um relacionamento com pessoas assim, por exemplo, vou fazer um churrasco na minha casa, só vou levar pessoas que respeitam meus princípios, então, alguém que não vai falar palavrão, que não vai começar a querer beber e daqui a pouco sabe-se lá o que vai acontecer. Então as pessoas que tinham próximas de mim são mais familiares que são as pessoas mais importantes para mim, o que mudou é o perfil dos meus amigos, que se tornaram hoje, mais atletas, mais pessoas com deficiência, os que não são pessoas com deficiência são pessoas ligadas à área da pessoa com deficiência, técnicos, profissionais, fisioterapeutas, então você acaba mudando o teu perfil. Antigamente eram das empresas em que trabalhei, era o corporativo, hoje acaba sendo os profissionais da área e os atletas mesmo que você acaba tendo um contato maior, principalmente aqueles que treinam com você.*

Ter um trabalho que promova a interação com pessoas de diferentes países foi importante para o atleta A2, da mesma forma que o atleta A20 teve na religião uma maneira de ampliar sua capacidade de comunicação com as pessoas:

*A2 “a oportunidade que estou tendo por estar trabalhando numa empresa que você tem contato com o mundo todo, a todo momento e isso ao longo do tempo você vai aprendendo também como se relacionar com essas pessoas porque são pessoas diferentes, culturas diferentes, tempos diferentes e isso*

*vai fazendo com que você comece ter uma habilidade de se relacionar e fazer com que você tenha aquele grupo na mão que basicamente aqui uma de nossas funções é de liderar as pessoas para entregar os jogos, vamos precisar de mais ou menos 500 a 600 pessoas trabalhando na arena de competição, então tem que se relacionar com estas pessoas, tem que trazer as pessoas para o seu time, criar valores isso aos poucos você vai se tornando quase um expert, porque todo dia chega gente nova na equipe e lidar com os egos é muito difícil”;*

*A20 “nunca tive esse problema de comunicação assim, digo sempre que a igreja contribuiu, porque era da igreja católica, logo que perdi a perna fui participar do grupo de jovens, tínhamos que fazer comentários de missa, e essas coisas, sempre era escolhido, para falar em microfone, sábado à noite, igreja lotada, domingo. Perdi esta inibição de falar em público, não tenho problema nenhum posso falar para 10 pessoas ou mil não tenho problema com isso. E o esporte acaba te dando estas oportunidades, de você se relacionar com pessoas de muitos níveis porque, para você ter ideia, falo sempre para o pessoal, saí lá de um estado e fui sentar na mesa do ministro e ele tinha que ouvir as minhas opiniões. Trabalhava como assessor dele e com várias pessoas renomadas. Eu falo o seguinte, que nesta comissão chegava os caras lá com Armani, uns paletós e eu chegava com o meu de 1,99 e eles tinham que me ouvir do mesmo jeito, sentavam na mesma mesa com eles. Quero dizer com isso que não é o que você veste, mas é o que você tem do seu eu, da qualidade do pensamento por um todo, visando a maioria, trabalhar em prol de algo, que você almeja, sonha, não só para você, mas para uma amplitude muito maior, que é esta visão de você fazer para o todo, vamos trabalhar por todos, vamos melhorar todo mundo junto”.*

As redes sociais também aparecem como uma forma de ampliar as relações sociais e promover afeto, intimidade e confiança (SOUSA; CERQUEIRA-SANTOS, 2011). O atleta A23 vive intensamente este novo modelo de relacionamento social, que é a utilização das redes sociais para interagir com as pessoas:

*[...] comecei a ter bastantes seguidores, posto bastantes coisas nas redes sociais, também fico curtindo fotos, comentando, compartilhando algumas coisas que acho legais e comecei a ter bastante carinho das pessoas nas redes sociais, pelo esporte, por ser colorada e ter bastante convivência com o pessoal lá do Inter, o pessoal começou a me seguir e a me incomodar também. Tem uns que nem tenho vontade de responder, mas respondo. Tem bastante gente que me elogia, tem várias coisas assim, fico lá, convivendo com as pessoas.*

## AUTONOMIA

Ter a capacidade de desenvolver atividades comuns, estabelecidas a partir de uma rotina diária, expressa o grau de autonomia conquistado por estes atletas ao longo do curso das suas vidas. Esta foi uma escolha do atleta A13:

*cheguei para o meu pai e falei: ‘ouvi falar que tem carro adaptado’. Meu pai falou: ‘você tá louco, carro adaptado, eu te levo para onde você quiser’, eu falei: ‘se eu quiser namorar você vai me levar para namorar?’ Ele falou: ‘tá bom, eu te ajudo a comprar se você conseguir, você nem sai da cadeira,*

*como é que você vai dirigir?’. Eu esperava meu pai chegar do trabalho, pegava a chave do carro escondido e ia para o carro, ficava entrando e saindo do carro, caía, me arrebatava inteiro. Ai um dia eu cheguei para ele e falei: ‘ tá bom, vamos’. Foi aí o que me deu maior liberdade, nós compramos um carrinho velho, adaptamos e aí, começava ir para qualquer lugar, ia trabalhar.*

Os atletas, na sua totalidade, conseguiram construir um curso de vida com altos e baixos, mas que apontaram para uma rotina de vida de dedicação ao esporte, de conciliação entre o esporte e a atividade laboral, de atividades relacionadas ao esporte como gestão e atividade profissional, de mobilização através de movimentos de luta pelos direitos das pessoas com deficiência, enfim, rotinas comuns a qualquer cidadão. Destacamos a importância de mobilizar, através do esporte, projetos e atividades que ofereçam condições para que outras pessoas com deficiência tenham acesso a atividades físicas e esportivas. Parte destes atletas se preocupou com este processo, como abordaremos em seguida.

A diversidade cultural ainda causa impacto na rotina de vida destes atletas. Em relação ao atleta A1, apesar de ter uma vida mais tranquila, “atualmente é moleza”, a mesma acredita que ainda é necessário um maior esclarecimento por parte da sociedade, em relação à deficiência:

*[...] até bem pouco tempo eu vendia balas, aprendi a vender bala no Rio de Janeiro, mas a mentalidade do Rio de Janeiro é uma mentalidade maravilhosa. O carioca não via a gente como pedinte, ele via a gente como uma pessoa normal que está trabalhando [...] agora aqui, você vai vender eles acham que a gente é pedinte. Tinha uma época que nos tínhamos uma Kombi, de terça a sexta nós íamos para Niterói. Ganhávamos presente, era época de Natal, as pessoas valorizavam o trabalho da gente. Tem gente que me olha e diz ‘queria estar no teu lugar’ pela disposição, a mensagem de otimismo que a gente larga. Que a gente conversa com muita gente, isso dá uma paz. Tinha um rapaz que chamava as senhoras de madame, quando vim para cá e fui vender a bala, chamei a mulher de madame, a mulher me botou a boca. Me xingou, quer dizer é uma questão de mentalidade [...] são culturas muito diferentes.*

Algumas rotinas estão centradas no treinamento e condicionamento para um melhor rendimento esportivo:

*A6 “é só treinamento, procuro treinar duas vezes na semana quando eu não estou na seleção, nós temos que fazer o dever de casa de treinar por fora, tem a questão do treinamento no clube [...] vou duas vezes por semana para treinar, no resto da semana eu treino individual. Faço academia, comprei alguns acessórios para fazer a parte física, então eu vou para o campo próximo aqui, dou meus tiros, faço meus trabalhos de agilidade ,porque é uma coisa que eu gosto de fazer, sempre gostei de treinar, então a minha rotina é essa, só de treinamento mesmo”;*

*A9 “na segunda-feira e na sexta-feira, quando acordo eu lavo meu rosto, tomo café, vou para academia, depois vou para psicóloga, volto para casa para almoçar e depois vou para o (clube1), só chego em casa à noite. Na terça e na quinta de manhã eu estudo, vou para o Kumon, depois eu treino*

no (clube 2). Na quarta de manhã tem o ensaio, porque eu sou ator de teatro, depois vou para academia e depois para o (clube 2). Na sexta eu venho para o (clube 1), à tarde, para o (clube 2) e depois, academia. No sábado vou para o (clube 1). No final de semana eu fico em casa, às vezes saio”;

A10 “segunda-feira de manhã não tenho nada para fazer, eu descanso, à tarde, eu vou para o (clube1) para treinar das 15h às 17h. Na terça, de 8h às 10h da manhã eu vou para academia e à tarde eu tenho treino das 16h às 17h no (clube2). Na quarta de manhã eu não tenho nada para fazer, mas à tarde eu tenho terapeuta, fonoaudióloga e depois eu vou para o (clube2), na quinta eu tenho academia de 8h às 10h, depois eu tenho aula de música às 14:40h e depois vou para o (clube2) das 16h às 17h. Sexta eu tenho treino às 9h no (clube1) termina lá pelo meio dia e depois das 16h às 17h no (clube2). No sábado, tenho treino de manhã, das 9:30 até às 11:30h. (depoimento) ‘a vida dele é dedicada ao esporte e à música’”;

A14 “hoje eu vivo para o esporte de verdade, eu sou dedicada ao esporte adaptado 25 horas por dia. O dia que eu não estou treinando, estou vendo alguma coisa, estou procurando saber alguma coisa. Segunda, quarta e sexta nós treinamos lá no clube, chego 17:30h, vou para academia e saio de lá só 21h. Nos outros dias eu faço as minhas atividades em casa, procuro saber um pouco mais na internet e essa é a minha rotina, exatamente”;

A16 “treino e muito treino. Minha rotina diária é aqui dentro (clube). Tomo café, almoço e até janto (no clube). Minha esposa fala ‘eu não tenho marido, vocês não tem pai’ ela brinca com meus filhos que também perguntam ‘pai, você volta que horas?’. Várias vezes, agora, durante este ciclo paraolímpico, eu saí daqui às 22:30h - 23h. Minha vida hoje, além de treinar, treinar é participar de eventos dos meus patrocinadores, mas a minha vida é uma correria, quando tenho uma folga, corro para resolver alguma coisas, mas a minha rotina maior é dentro do (esporte adaptado), da minha casa para cá”;

A17 “então a minha rotina é como se fosse igual ou parecida a minha vida antes do acidente, sou bem organizado, não tanto como gostaria, porque nossa vida é muito dinâmica, mas existe uma questão antes dos jogos do Rio e depois dos jogos, período do ciclo. Saía de manhã, acordava no horário que minha filha ia para escola, ia para associação, aonde sou voluntário. Saio vou para academia chego lá duas, duas e meia, treino até às 19 horas. Em período pré-competição, vai até às 21, 22 horas, dependendo dos olímpicos que chegam para jogar com você, porque às vezes chega um para jogar com você, outro quer jogar e você quer aproveitar e quando vai ver já são 10 horas da noite. Existe o período em que você está em convocação de seleção brasileira, aí são 10 dias de treinamento e daí começa às 9 da manhã, treina até meio dia, volta, almoça, às 14:30h retorna para o treinamento até às sete horas da noite, isso de domingo a domingo. A gente sempre chega no domingo no local de treinamento, treina até sábado e no domingo retorna. Pré-jogos Rio 2016, um mês longe de casa, até comento que os dois últimos anos eu era turista, passava uma semana em casa e o restante viajando ou treinando fora. Tenho um filho de 20 anos que saía de manhã para trabalhar, saía antes de eu levantar, eu chegava ele estava na faculdade, quando ele chegava eu já estava dormindo e assim, quer dizer, via ele nos finais de semana, quando via”;

A23 “faço treino físico, vou para competições, viajo. Treinar e descansar”.

A dificuldade de se dedicar exclusivamente ao esporte, infelizmente é uma situação que afeta a rotina de vida dos atletas:

*A13 “bom hoje, a minha rotina é realmente, independente de todas as dificuldades é a rotina mesmo de um atleta. Eu acordo, eu tenho uma facilidade, por [trabalhar com o esporte], trabalho dentro da academia, então seis horas da manhã de qualquer jeito eu estou dentro de uma academia. Então hoje eu programo meus horários para estar treinando logo cedo e depois começar minha vida mesmo profissional. Porque eu gostaria de viver do esporte mais não dá, é utopia”;*

*A21 “além do esporte, faço a faculdade, estudo à noite, no período da manhã e à tarde, treino. À noite, vou para faculdade. Minha rotina de treino é de segunda a sábado. Praticamente treino duas modalidades por dia e mais um treinamento de força ou fisioterapia, basicamente é isso. Tenho um treinador que é de uma assessoria esportiva, ele me passa os treinos das modalidades, na academia faço com o personal, faço acompanhamento com uma fisioterapeuta”;*

*A22 “agora não estou trabalhando, trabalhava no recebimento fiscal, quando fui para Toronto, fui pedir para eles me liberarem, e ele pediu para escolher, ou você vai jogar ou você vai trabalhar, falei assim ‘então você me manda embora’ porque na verdade nunca tinha participado de um Pan e falei para ele que era uma oportunidade única, que não iria desperdiçar. Fui em agosto, em dezembro me mandaram embora. Minha rotina era levantar às cinco e meia da manhã, trabalhava o dia todo, chegava no (clube) umas seis, seis e pouco, fazia musculação e treinava até às nove da noite. Hoje minha rotina já é diferente, fico em casa, faço todos os afazeres domésticos, levo meu filho na escola, tenho um tempo maior para me dedicar, fazer musculação”.*

O envolvimento político destes atletas seja nos movimentos de luta pelos direitos da pessoa com deficiência, na gestão esportiva ou em atividades diretamente associada ao esporte passa a fazer parte da sua rotina de vida:

*A5 “a (entidade esportiva) consome boa parte do meu tempo, por conta das questões administrativas, responsabilidade administrativa, ela consome boa parte do tempo, mas não vou falar que é total [...] a gente divide entre família, mais a administração da casa e outras questões paralelas, as questões sociais e de militância política, tudo aquilo que nos atrai”;*

*A7 “é bem diferente de quando era atleta, mas ainda é com o esporte. Hoje, eu dou aula de tênis até o meio do ano agora, eu era técnico de uma equipe de natação, mas o clube mudou diretoria, perdeu patrocinador então eles acabaram cortando esse lado competitivo, aí financeiramente não era viável, mas graças a Deus os alunos do tênis aumentaram e eu tenho um trabalho com deficientes físicos, tênis em cadeira de roda, natação, então super tranquilo, graças a Deus é com o esporte porque não me vejo fazendo outra coisa que não seja esporte. Já tentei até por imposição da minha esposa: ‘você precisa ganhar dinheiro’, mas não tinha como, tem que ser com o esporte, não sei fazer outra coisa que não seja com esporte”;*

*A8 “muito trabalho, criar os filhos, tenho cinco filhos, tenho que criar todo mundo, tenho que botar comida na mesa desse pessoal e ainda cuidar dos 45 milhões de brasileiros, embora eu não cuide de cada um deles é meu compromisso, é o dia a dia da vida estressante”;*

A11 “eu trabalhava no site do movimento (de luta das pessoas com deficiência), agora não trabalho mais por falta de patrocínio [...] conto histórias para crianças, mudando a narrativa e este trabalho vai para adaptar para eles, para desenvolver mais rápido [...] faço narração de história infantil”;

A12 “se eu posso dizer que eu tenho rotina, a rotina é acordar e dormir no fim do dia. Nunca tem nada programado não. Assim, quando eu parei com o esporte, enveredei mais no trabalho, mas mesmo continuando com o trabalho, eu sempre continuei com outras atividades. Participo de um projeto de palestras motivacionais em empresa, isso até dá um retorno financeiro também, não é ainda aquilo que a gente espera mais vai ser [...] às vezes me dão pró-labore, às vezes me dão combustível, às vezes me pagam legal, mas é no ‘às vezes’ [...] mas não é só porque é deficiente que ele está apto a falar em público, falar produtivamente, este projeto vai ser meu sonho dourado [...] a minha rotina hoje, são eventuais palestras, a pintura quando bate inspiração ou quando eu tenho que fazer algum trabalho [...] eu acordo sei que faz parte da rotina, tomo café, agora durante o dia, não sei [...] o computador prende também muito a minha atenção, eu tenho um hobby que acaba sendo um canalizador de outros trabalhos, que é meu blog, então tudo que eu faço divulgo lá”;

A15 “trabalho como coordenador na prefeitura [...] tenho um projeto que cuido para o prefeito, que é a reintegração da pessoa com deficiência através da prática do esporte adaptado, nós temos vários centros de treinamento [...] montei esse projeto, hoje coordeno esse projeto e montei uma equipe para trabalhar comigo, porque como eu ainda sou atleta, não poderia cuidar do projeto 100%, então montei uma equipe, treinei essa equipe, professores de Educação Física, capacitei essa equipe e hoje, essa equipe cuida desse projeto para mim. Eles coordenam, passam o treinamento, passam as atividades, são professores que são braço esquerdo, direito, dedo, mão, unha e pé. Eu só fico de olho no que eles fazem, para que não saia nada dos trilhos, que dificilmente sai. O projeto está na mão dos professores. Então, hoje, meu dia a dia é: chego ao centro de treinamento, converso com os professores, tá tudo certo, tem algum documento para assinar, eu assino o documento e treino, treino, treino, treino e treino. Muitas pessoas me questionam ‘como que você trabalha e é atleta?’ Tem que conhecer como que é o meu trabalho, penso que isso é uma benção de Deus para mim, o projeto é espetacular”;

A20 “a política, o envolvimento, veio de uma necessidade, de uma visão de organização para um todo e não para uma parte, porque a minha filosofia de trabalho é essa. Não trabalho visando grupo, quero atingir a maior parte possível dos nossos atletas, melhorar cada vez mais a modalidade. Para você ter ideia, já fui presidente da federação internacional de 2009 a 2012. Então, assim, a gente tem um know-how a nível internacional como nacional também, para poder estar à frente de um trabalho desse”.

Ter uma rotina normal de trabalho e de vida, com atividades de lazer e em família, ratifica a independência atingida por estes atletas:

A2 “não parei de jogar de vez, porque você passa muito tempo em um ritmo de vida muito acelerado esportivamente. Em época de competição 71, 72 quilos, 73 no máximo, se eu tivesse parado de vez eu já estaria com 90 quilos. Fico o dia todo sentado nesse negócio, come mal, não tem hora de dormir, se come, mas ainda assim eu consegui arrumar um clube para treinar aqui. Vou lá, treino uma vez, duas vezes por semana quando dá

*tempo, sempre faço alguma coisa. São 10, 12 horas de serviço todos os dias, tenho jogado, porém com menos frequência uma ou outra (competição), mas com menos responsabilidade, senão não dá. Hoje, se eu falasse agora: 'vamos treinar mais 6 horas' já não consigo mais porque é um problema aqui no joelho, outro no cotovelo, outro no ombro. É pelo desgaste de horas e horas de treinamento ao longo de oito a dez anos”;*

*A3 “hoje ela se limita, eu sou muito caseiro, sou muito doméstico depois que eu me aposentei da atividade esportiva, isso já tem quatro anos, mudou bastante. Como sou casado, gosto muito de casa, de cuidar da casa, do nosso espaço. Eu sou aquele cara que faço comida, limpo a casa e paralelo a isso, eu estudo para concurso público. Então há uma necessidade de fato de uma concentração dentro de casa para que isso aconteça e pratico também ali uma musculação, porque se parar totalmente, aquilo que eu costumo brincar com os amigos, o metabolismo continua muito acelerado, aquela questão de comer, comer, comer, como se ainda tivesse naquele ritmo de treinamento, ainda continua na cabeça, se não tomar cuidado o leão sai devorando tudo. Então eu ainda pratico musculação, faço um trabalho aeróbico na academia, de corrida ,não posso deixar de fazer isso e fico também viajando para outros estados até por conta da realização de provas de concurso público, então de vez em quando estou viajando para realização dessas provas”;*

*A4 “atualmente estou de licença médica do trabalho por causa de uma não cirurgia que fiz do quadril, mas normalmente eu acordo sempre cedo, tomo meu banho, deixo minha filha no colégio e vou para o meu trabalho. Saio do meu trabalho, normalmente venho para casa, às vezes tem uma atividade no clube, às vezes vou bater uma pelada, alguma outra coisa, mas normalmente é isso. É mais casa, trabalho, casa e, de vez em quando, um lazer”;*

*A19 “moro sozinho, não estou mais casado. Trabalho todos os dias, pego ônibus, vou para o trabalho, volto. Gosto muito do final do dia de estar tomando um chopp, final de semana, gosto de uma boa festa, uma feijoada, adoro praia, curto, gosto de andar de barco [...] gosto muito de coisas ligadas à natureza, de mato, de cavalo [...] adoro a natureza, chácaras, tenho uma rotina normal, e sempre que posso, estou ligado às atividades esportivas. Acompanho bastantes modalidades, o futebol hoje é minha paixão maior, tenho uma ligação muito forte com o esporte adaptado, assisto, acompanho. Do esporte paraolímpico, hoje em dia, se tiver, estou por perto, se puder estar”;*

*A20 “acordo cinco e pouco da manhã, trabalho, vou para o trabalho dirigindo, sou encarregado de um departamento que são 60 funcionários, ainda tenho que dar conta do serviço de manutenção dos veículos do estado, tenho que ver, mandar mecânico fazer, escala de serviço, passar para o diretor o que está acontecendo durante o dia, porque se ligar ‘como é que está meu carro?’ Ele já tem um relatório de informação, se está terminando, o que foi trocado no carro e isso foi interessante, porque isso não existia neste departamento. Assumi este departamento há dois anos, um ano e pouco atrás, comecei a fazer estes relatórios, mapa de serviço por veículo, hoje tenho um diagnóstico, se chegar lá, veículo tal, tenho tudo que foi feito nele de janeiro até agora. Identifico o mecânico que fez o serviço, tudo bolado por mim estas planilhas. Minha vida é essa, depois saio de lá, quando estava estudando, ia para faculdade. Agora, chego em casa, vou levar o filho na escolinha de futebol. Terça e quinta vou para igreja, porque sou evangélico também, essa é minha rotina”.*

A dificuldade no período de pós-transição é relatada pela atleta A18 como um momento de readaptação, já que a rotina de treinamento e competição precisa ser substituída por outras atividades:

*[...] parei em 2013, desde quando parei, foi um momento assim bem difícil para mim, quando encerrei minha carreira, porque sempre fui muito apaixonada pelo esporte e tive até depressão. Tomei medicação para ansiedade e a gente começou a participar das corridas de rua, agora estou mais parada, não tenho participado muito das corridas, mas estou na dança, faço dança de salão, dou palestras em empresas quando sou convidada. Faço pilates, polidance. Já faço polidance há um ano e meio, mas foram coisas assim que comecei a fazer para preencher aquela falta do esporte na minha vida.*

A necessidade de políticas públicas que envolvam a iniciativa privada e o poder público em prol das pessoas com deficiência, que ficam à margem da sociedade, é fundamental e precisam ser trabalhadas em longo prazo, visando o empoderamento destas pessoas, seja através do esporte ou através do trabalho:

*A15 “a empresa contrata a pessoa com deficiência para ser funcionário, ela cumpre com a lei de cotas, mas ele não fica dentro da empresa, ele fica treinando no centro de treinamento, em contra partida a empresa contrata o professor para cuidar da pessoa com deficiência. É um projeto que nós desenvolvemos na prefeitura, só que nós não usamos um centavo de verba da prefeitura. É um projeto que enche os olhos do prefeito, mas é um projeto que ninguém consegue montar, porque para montar tem que ter uma prefeitura por trás, tem que ter um jurídico da prefeitura, um jurídico da empresa, porque os dois jurídicos tem que trabalhar juntos mostrando para o ministério que o projeto é bom. A prefeitura não pode receber verba de empresas, porque você não sabe o que acontece. A verba tem que sair diretamente da empresa para conta de cada atleta e para conta de cada professor, então tem que ter esses detalhes do projeto, de como tem que ser. Nunca pode deixar a prefeitura mexer com verba, não sabe quem vai estar por trás de tudo isso, para não dar problema no projeto e o nosso projeto está espalhado por todo o Brasil. Aqui nós fizemos o seguinte, a lei de cotas ela manda a pessoa com deficiência estar dentro da empresa, é o que a lei de cotas foi feita especificamente para isso, a pessoa tem que estar lá dentro, então a empresa tem que se virar para poder adequar o local para que a pessoa esteja lá dentro. Quando você pega um lesado medular, que do pescoço para baixo ele não tem movimento nenhum, quando você pega um paralisado cerebral, que além da paralisia ter afetado fisicamente, ele não consegue ter uma boa dicção, ele não consegue controlar seus movimentos, como é que você vai colocar uma pessoa como essa dentro da empresa? Não tem como, é impossível, por mais que a empresa seja 100% acessível, por mais que você coloque cinco pessoas para trabalhar com um deficiente, não tem como você colocar essa pessoa dentro da empresa. Não tem como você colocar um síndrome de down dentro de uma empresa, aquele que a síndrome dele é um pouco maior, não tem como você colocar um autista dentro da empresa, não tem como você colocar, por mais que você tenha capacitado, treinado, trabalhado não tem como você colocar um autista dentro da empresa. A lei de cotas nesse caso ela se torna exclusiva, ela exclui essas pessoas com deficiência do mercado de trabalho, elas nunca estarão dentro de uma empresa. Então, nós pegamos o projeto e*



*trabalhamos este público de início, para dentro da empresa. Porque o Ministério vem fazer vistoria, então quando ele chega lá vê um amputado, um paraplégico treinando esporte, não, ele tinha que estar dentro da empresa, da cintura para baixo ele tem movimento, o amputado ele não tem, ou dedo, ou mão, ou braço ou perna, tem que estar dentro da empresa. Se você for trabalhar com esse público o Ministério barra seu processo, então você tem que pegar aquele público que por mais que a empresa seja acessível, ele não tem como ir para dentro da empresa. O Ministério vem para também barrar seu processo, e vai barrar aí o que você faz, nós processamos o Ministério para que ele entenda nosso projeto. Aí eles vieram entender o projeto, viram que não tem nada de ruim no projeto, não tem nada de benefício só para a empresa ou para prefeitura, que o benefício vai para a pessoa com deficiência em vulnerabilidade social grave, nós encontramos pessoas aqui que nem documento tinha, na zona rural. Nasceu com deficiência, a mãe e o pai nunca cuidaram, tivemos que ir lá buscar, tirar toda a documentação, tirar a carteira de trabalho da pessoa, aí a empresa registra a carteira de trabalho e ele passa a ter o salário dele, plano de saúde, cesta básica e vale alimentação. Olha a mudança que o projeto, feito em cima da lei de cotas, fez na vida da pessoa com deficiência. A empresa não precisa do projeto, o Ministério não precisa, a prefeitura não precisa, quem precisa é o deficiente. Aí a promotora entendeu nosso projeto. No início nós colocamos todas as deficiências, hoje nós estamos com um processo de capacitar as pessoas com a deficiência leve para trabalhar dentro da empresa e as pessoas com deficiência grave, ficarem dentro do projeto esportivo. Hoje, nós não abrimos o projeto para outras pessoas por causa desses problemas”.*

Esta autonomia demonstrada pelos atletas foi fundamental para se adaptar a uma nova realidade. Ter trabalhado desde cedo e lutado por sua independência deu a maturidade necessária para a atleta A21 seguir com sua vida:

*[...] porque foi rápido, em um mês estava lá me jogando na piscina, mal me mexia, mas já estava lá no esporte. A minha maturidade de ter trabalhado muitos anos, ela me ajudou muito a enfrentar tudo isso. Acho que minha trajetória é essa. As pessoas se surpreendem muito como foi rápido tudo que me aconteceu, como evolui rápido nisso, assim não sei, vejo assim, a minha maturidade que influenciou muito nisso, foi a parte mais importante.*

## EMPODERAMENTO

A participação esportiva é uma influência positiva para a reabilitação de pessoas com algum tipo de deficiência. Os benefícios promovidos por esta participação estão relacionados com as dimensões físicas e psicossociais do processo de reabilitação, tendo o esporte em uma mão e a intervenção psicológica na outra (HUTZLER, 1990).

Em relação ao esporte, de acordo com Dehghansai *et al.* (2017), pouco se sabe dos fatores que afetam o desenvolvimento de atletas com deficiência (treinamentos eficazes e barreiras potenciais). Nas últimas duas décadas houve um crescimento da literatura sobre o

desenvolvimento de atletas e sua especialização no esporte convencional, o que não ocorreu no mesmo ritmo em relação aos atletas com deficiência.

É necessário aperfeiçoar o ambiente de treinamento visando a melhor compreensão dos fatores que afetam o desenvolvimento e o desempenho ao longo do tempo (histórico de treinamento, rotinas de prática, marcos). Neste sentido, os programas de treinamento esportivo específico se mostram essenciais para identificação e compreensão dos aspectos determinantes para o sucesso esportivo de atletas e para melhora do seu desenvolvimento.

Já em relação aos aspectos psicossociais, a prática esportiva tem demonstrado uma expansão nos domínios sociais e na experiência dos indivíduos ao encorajá-los a confiarem mais no seu corpo, a melhorarem seu autoconceito físico e a sua autoestima (PENSGAARD; SORENSEN, 2002).

O empoderamento aparece a partir do entendimento de que as pessoas necessitam aumentar o controle sobre suas próprias vidas a partir de situações de aprendizagem, no qual elas tenham acesso aos recursos e desenvolvam novas competências:

*A1 “as mentalidades da deficiência são muito diferentes. Eu comecei na causa com um grupo de pessoas com mentes bem diferentes. Então tinha dia que chegava toda alegre e eles me barravam. Eu era muito expansiva, consegui um programa na rádio, um espaço para fazer um programa só meu. Primeiro foram 15 minutos, depois 20 minutos, depois meia hora. Aí eu me expandi. Saí da associação para fazer a minha entidade. Eu criei asas, voei, fundei uma associação. Aí com a entidade, eu cresci. Consegui várias coisas, aquela minha vontade que eu tinha de fazer e o pessoal lá da outra entidade me podava, acabou. Passaram muitos anos, passaram outros presidentes, diminuí as atividades e destruíram tudo que eu fiz. Mas eu sempre continuei no esporte, mesmo não tendo muito acesso. Eu não tenho mais saúde para começar tudo de novo, houve muitas decepções e no nosso meio é muito difícil, não existem mais pessoas com idealismo, só pensam no dinheiro. Eu tenho a associação ainda e sou a presidente porque eu coloquei uma cláusula no meu estatuto, em que só quando eu morrer para passar para outro. Porque eu cansei de deixar entrarem presidentes e anularem a entidade. Hoje nós ajudamos através de indicações, fazemos trabalhos sociais”.*

O esporte passa a apresentar um papel relevante na conquista deste empoderamento que pode aparecer em três níveis: individual, grupo e societal.

*A16 “o convívio, por exemplo, quando a gente é atleta convive numa Babilônia, são pessoas de todas as partes do mundo. Eu era um pouco tímido antes de ser atleta, era muito no meu canto, não falava muito e com o convívio no esporte comecei a me posicionar ‘eu preciso conquistar meu espaço, interagir mais’ [...] hoje, dou palestra, falo da minha história, falo das minhas conquistas, tenho várias palestras marcadas ainda para esse ano e passa a ser uma coisa natural. Poder divulgar um pouco a modalidade, falar um pouco da minha família, tudo que eu passei na minha vida”.*

De acordo com Hutzler (1990) moderadores importantes como a idade de início da deficiência, o sexo e o tipo de deficiência aliados a mediadores em nível individual – metas de realização, identidade e autoeficácia; em nível de grupo – clima motivacional, identidade de grupo e eficácia coletiva; e em nível societal – contexto cultural e eficácia política são determinantes para o empoderamento de um indivíduo.

Ao longo do trabalho, estes moderadores e mediadores relacionados ao empoderamento foram reforçados e ratificados a partir do envolvimento destes atletas com o esporte. Cabe salientar que eventos marcantes ao longo do curso de vida destes atletas também apresentam um aspecto importante para o seu empoderamento, além da reafirmação da importância da família, das relações sociais, da renda e da educação.

Ter a oportunidade de poder expressar seus sentimentos e transmitir uma mensagem para as pessoas foi uma preocupação do autor, no sentido de dar voz aos atletas que nem sempre tiveram a oportunidade de poder expressar seus anseios, angústias e momentos positivos ao longo da sua trajetória. Reviver momentos marcantes causou comoção em alguns atletas, evidenciando a importância de, através da prática esportiva, não se sentir excluído, de ter um motivo para sair de casa e procurar assumir o curso da sua vida. Esta mensagem deixada pelos atletas é carregada de sentimentos adversos, como a indignação com o desvio de recursos, o que inviabiliza o crescimento do esporte, mas também a alegria de poder compartilhar sua história e mostrar para as pessoas que sim, é possível viver uma vida digna, com qualidade, depende só de você. Como diz o atleta A2 “o que move o homem é o nosso querer, então tudo aquilo que você sonha, busca e pensa, corra atrás porque tudo é possível”.

Mensagens dos atletas:

*A1 “gostaria de deixar a mensagem que a divulgação nas universidades é muito importante, este grupo que eu comecei, eles eram muito inteligentes. Eles eram muito sofisticados e tinham uma posição social melhor do que a minha. Então não existem mais pessoas no mundo com a espiritualidade colaborativa de ajudar, esportivas, com vontade de fazer, de ajudar [...] tem que saber trabalhar, uma entidade é a mesma coisa que uma firma só abre as portas se ela tem como manter as portas abertas senão ela fecha de vez e acabou. A minha entidade era para ser uma das mais ricas do estado, mas não foi por causa dos miasis, muito roubo. Às vezes eu fico muito triste só em pensar, porque quando eu via a coisa errada, eu sempre saía fora, eu nunca colocava minha cabeça a prêmio”;*

*A2 “primeiro você tem que não ficar excluído, não se sentir excluído, você tem que se libertar primeiro porque a maioria não se liberta, tem muitos problemas em função da deficiência, muito problema psicológico, não se liberta. Depois que você se liberta você faz o que quiser [...] às vezes eu costumo olhar muito para o passado e tê-lo como referência. Ver os passos que as coisas vão caminhando. Hoje, estar aqui trabalhando nessa organização, sendo responsável por entregar jogos de alto nível, nos jogos*

*mais importantes no mundo já é uma gratificação muito grande. Paralelo a isso, já vem todo conhecimento que a gente vem adquirindo ao longo do tempo, tem o dinheiro que você ganha, tem o status que você ganha, tem as amizades que você ganha, isso tudo é muito positivo. Eu acho que isso é mais um degrau que justifica e isso tudo vai agregando valores que para o próximo passo que eu vá dar e as pessoas que estão comigo também fazem parte disso. E só para dar uma imagem de que tudo o que aconteceu e pelo que está acontecendo, o futuro é nada mais do que um mero detalhe. As pessoas só veem depois, quando você está com sucesso, mas elas: ‘ah não, o cara é inteligente’, não. Não é inteligente, é trabalho e dedicação. Eu aprendi três línguas sozinho, mas é tempo, dedicação, eu quero isso. Aprendi informática sozinho, na época não tinha o nível de informação que a gente tem hoje, tem que estudar, tem que buscar, vamos atrás, tem que se mexer. Então assim, eu acho que é muito fácil ver depois que as coisas acontecem, mas a fórmula disso aconteceu no dia-a-dia tocando sempre em frente. Tem um detalhe também, o ciclo esportivo ele tem um dia para começar e um dia para terminar, é terrível, então se você nesse ciclo não desenvolver outras habilidades, umas outras conexões, tudo que você fez já foi, é só história porque a vida continua, a vida é muito dinâmica, como diz o Cazuzza: ‘o tempo não para, não para, não para’ e você tem sempre que estar correndo do lado dele ou tentando estar um pouco a frente, senão [...] naquela época não sei te dizer exatamente o que foi que me motivou, acho que talvez inconscientemente, naquela época eu falei para mim mesmo: ‘vou superar isso daí e seja o que Deus quiser ou, caso contrário, ficaria ali como a maioria fica’. Você tem 24 milhões de deficientes físicos no Brasil, desses 24 milhões, uma minoria consegue não ser excluída, porque é muito, é limite ali, não tem mais ou menos, ou você é ou não é”;*

*A3 “uma mensagem que eu trago, principalmente voltada para pessoas da área da Educação Física, eu digo que a minha carreira foi muito fortalecida por estudantes de Educação Física. A participação deles foi fundamental para que eu pudesse me desenvolver, o conhecimento adquirido teoricamente, dentro da sala de aula, levado para pista, fez a diferença. Então, ainda que não na graduação, mas vocês agora com conhecimento mais vasto em âmbito de doutorado, ter essa percepção de que o acúmulo do conhecimento canalizado para um resultado prático, passar isso para um resultado prático na vida de uma pessoa com deficiência vai fazer total diferença, se for simplesmente conhecimento acumulado teoricamente, engavetado e deixado, digamos assim, reproduzido numa folha de papel, numa parede, não vai servir de nada. O esforço que vai acabar até sendo em vão, vai mais massagear ego, agora se transformar tudo isso e levar para dar oportunidade a uma pessoa com deficiência, pode ter certeza que vai fazer toda diferença na vida de uma pessoa, ainda que seja uma única pessoa, vai fazer toda uma diferença então a mensagem que eu trago, que eu deixo, é essa: ‘utilizar os conhecimentos para transformar uma vida, é o meu desejo, é minha vontade, que seja feito’”;*

*A4 “olha, você vê bem, de toda minha vida como atleta não só minha como de muitos outros atletas, colegas nossos, muitos já morreram sem ter tido a oportunidade de ver a paraolimpíada aqui no Brasil. Quando eu fui pela primeira vez, quando cheguei na Alemanha e vi aquilo ali, ‘gente, será que vai ter isso no Brasil alguma vez, difícil’. Com quase 50 anos está tendo uma aqui e você vê bem, eu não vejo, com todo dinheiro que está envolvido nisso tudo, uma coisa de resgatar as pessoas que iniciaram, trazer junto nesse projeto desta olimpíada, vamos trazer um louvor para estas pessoas, que eles estejam lá na frente, vai ter desfile de tocha, vai ter tanta coisa, eles*

*não buscam estas pessoas que iniciaram, quem são estas pessoas que iniciaram, quem são estas pessoas que iniciaram. Vamos trazer essas pessoas junto, reconhecer, porque para nós é um sonho se realizando, porque o esporte ainda corre nas nossas veias, não por dinheiro como hoje muitos jogam, muitos estão até por dinheiro, para sobrevivência. Não, não, fazemos por amor, então o que eu vejo é o presidente, é um garoto muito bom, mas ele poderia fazer mais. O vice-presidente é um cara que começou lá no clube com a gente, ele era professor de Educação Física do Colégio lá perto do clube, está lá no Comitê, mas porque que não faz o resgate. Tá certo, ele foi para uma outra área que é paralisia cerebral, mas não foi com isso que ele iniciou, de qualquer forma, nós estamos vivos. Cadê o Claudio Antônio, cadê o Aroldo Telles, cadê o Paulo Cesar Tavares Dias, cadê Amintas Piedade, cadê? Tem tantas pessoas que poderiam hoje estar envolvidas, quando lá fora os caras dão honra, louvor àqueles que tanto lutaram e hoje aqui, nem vão ficar sabendo. Não vão nem assistir, porque não tem nem dinheiro para comprar um ingresso para assistir à Paraolimpíada e estas pessoas não lembram deles. Eu acho que é uma covardia fazer isso com atletas, com tanto dinheiro que tem hoje, como pode dizer que não tem, não que, misericórdia, pode não ter projeto, mas dinheiro, tem muito”;*

*A5 “a gente está vivendo hoje um momento ápice do paradesporto mundial, que vai ser aqui no Brasil, a Paraolimpíada Rio 2016, e por mais que tenha pessoas contra ou a favor da realização deste grande evento aqui no Brasil, por questões financeiras que poderiam se aplicar aqui e ali, mas eu acho que isso vai trazer uma visibilidade muito grande, principalmente para aquelas pessoas, quando eu falava de paixão, eu me apaixonei porque o esporte tira um cidadão, ouvi e têm esses testemunhos dentro da seleção brasileira, você tira o cidadão de uma situação de cama, que teoricamente para ele a vida acabou ali, ele adquiriu uma tetraplegia ‘acabou a vida para mim, não tem mais possibilidade nenhuma’ para um astro de um esporte, de ser uma pessoa reconhecida como um atleta, como um cidadão que contribui para levar o nome do Brasil para dentro do Brasil e para fora do país, então hoje, a gente está vivendo esse ápice. Eu me sinto orgulhoso de estar fazendo parte disso, de ter contribuído para este trabalho e mais ainda de ver pessoas que não tinham possibilidade nenhuma, e que através do esporte em cadeira de rodas, ou esporte, ou paradesporto para qualquer tipo de deficiência, mas particularmente, no meu caso, do esporte coletivo, ver que as pessoas conseguiram superar seus desafios e hoje se tornam referência para muita gente com e sem eficiência, então a mensagem que fica é que nós fizemos nossa parte, estamos fazendo até hoje nossa parte, fico muito grato e você também se sinta gratificado, porque eu sei, que você deu a sua parcela de contribuição, até mesmo nesse momento, porque nesse momento metodológico, científico, de buscar informações, de fazer um trabalho numa academia, mas que você com certeza, também contribuiu muito para o desenvolvimento do esporte, do paradesporto então todos nós demos nossa parcela de contribuição, alguns mais, outros menos, mas todos deram e a sociedade vai ver que a gente consegue transformar, a gente é moldado pela sociedade, mas também molda a sociedade. Eu acho que também nós fomos moldes da sociedade, conseguimos transformar pessoas que, teoricamente não serviam para mais nada, ficariam acamadas, mexendo só pescoço, em pessoas que hoje são referência para muita gente, com e sem deficiência, então essa mensagem é a que fica”;*

*A6 “uma coisa que eu queria falar era a questão da pessoa com deficiência que muitas vezes ela se sente meio que, como posso dizer, envergonhada de*

*querer, de fazer alguma coisa, não que seja somente no esporte, mas direcionado a outras coisas, para que estas pessoas possam sair de casa, se libertarem de estarem buscando coisas melhores para sua vida, porque é possível sim, a pessoa com deficiência que apresenta algum tipo de deficiência não é diferente de ninguém, uma coisa que eu sempre botei na cabeça, que depende muito da nossa autoestima, da nossa força de vontade, é só querer, ir atrás dos seus sonhos que, com certeza, com muita humildade, pés no chão, você com certeza irá conseguir realizar seu grande sonho. Hoje, me sinto muito realizado, por conseguir realizar meu grande sonho e da minha família também, de me tornar um atleta, não foi pelo convencional, mas dou graças a Deus que foi pelo paralímpico e me sinto muito honrado em dizer isso, dizer que represento todos nós brasileiros”;*

*A7 “acho que tudo é muito novo no movimento paraolímpico embora já estejamos aí em 2016 e já tivemos essa paraolimpíada aqui, mas acho que ainda é novo e que a gente precisa de muito profissional, porque tem espaço e tem muitos aproveitadores tomando conta desses espaços. Então eu acho que é um nicho interessante para quem quiser se dedicar, porque vale a pena, sou super tranquilo, embora tenha minhas tristezas, as minhas frustrações como atleta como, por exemplo, a prova dos 50 livre em Atenas, eu lembro dela até hoje, cheguei como número um do mundo e saí como quinto, por um erro na largada e os tempos que os caras fizeram não era o tempo que eu tinha, então sou completamente frustrado, essa é minha única frustração enquanto atleta, mas sou super resolvido quanto a isso, vejo nessa questão de comentarista talvez um meio, por isso que às vezes penso em voltar a estudar, não sei, vamos ver o que vai acontecer”;*

*A8 “eu acho que você já até abordou o assunto, mas a preocupação com o pós-carreira é importantíssimo e é fundamental, porque depois da paraolimpíada fica aí um ponto de interrogação. As próximas paraolimpíadas vão ser em Tóquio, as atenções para o Brasil acabaram, vamos voltar para o anonimato ou vamos construir? A gente queria ficar em quinto lugar, ficamos em oitavo. Já se fala em corte de recursos, se tirarem dinheiro, a gente não volta para uma boa posição, a gente fica mais distante e Tóquio não é ali, é do outro lado do mundo, os custos são maiores. Então essa é a preocupação, de que a paraolimpíada não tenha sido somente um momento, que o Brasil, cada ano escolhe um tema, que não seja este um tema para um ano somente e que a gente possa estar investindo, até porque as fábricas de fabricar deficientes continuam abertas, é arma de fogo, acidente automobilístico, as piscinas, as praias continuam mutilando. Então nós temos hoje 45 milhões de pessoas com deficiência, a gente acredita que ainda vai aumentar este número, até porque tivemos agora o Zika vírus que vai trazer um número considerável de pessoas com deficiência mental e então a gente tem que estar preparado para isso. O esporte é só um instrumento, ele não vai resolver o problema, mas ele denuncia, ele aponta, ele transforma, ele pesquisa. Que a gente possa utilizar estas ferramentas dentro das universidades, dos pós-doutorados, dos doutorados, dos mestrados para gente estar discutindo. É um tema que não tem literatura, as literaturas são muito pobres e a gente precisa ter literatura e acabar definitivamente com este tabu, de não discutir a pessoa com deficiência”;*

*A9 “eu queria mandar uma mensagem para o pessoal que está em casa, é bom praticar esporte para sair de casa sozinho. Eu venho para cá com meu pai ou então venho com meu amigo”;*

*A10 “para se tornar atleta, tem que treinar, treinar, treinar, treinar, treinar e treinar”;*

A11 *“hoje pratico o amor ao esporte e que as pessoas também vejam que o esporte também pode mudar as vidas [...] quero agradecer a você por ter feito esta entrevista, sei que está com saudade de mim e eu tenho certeza, que isso vai para faculdade, que você vai tirar uma boa nota, para mim vai ser cem. Qual aluno que não quer que o professor tire cem e dizer para você que eu te amo. Obrigado Marcelo”;*

A12 *“não me falaram que não podia, então eu fui lá e fiz [...] tenho certeza que cada vez mais, quando você me procurou perguntando se eu poderia colaborar com esta sua tese, esse seu trabalho, de pronto, não só por me considerar seu amigo, mas por ter certeza da importância de entradas como esta. Como eu disse, numa época que eu não tinha nada de esporte, que a gente malhava a ferro frio para a gente conseguir alguma coisa, eu vejo que os resultados hoje não são só pela prática. Eu até tenho este estudo elaborado em alguma das minhas apresentações de que o social, social que eu digo é o social esportivo, hoje se apresenta com resultados do que a gente vê na televisão do que a gente vê na mídia, o que a gente percebe em propagandas, um Daniel Dias, a gente estava comentando outro dia que o Daniel Dias não tem mais espaço na camisa dele para patrocinador. Ele não tem mais como aceitar patrocinador, olha que felicidade para ele claro, mas para gente também, para a gente perceber o quanto o esporte cresceu e ter ele como referência para os outros que estão vindo, mas tudo isso na prática, na causa e efeito se dá também por conta disso, é a academia. Então é o estudo, são os resultados dos estudos que levam a estas constatações e que dão um upgrade, um impulsionamento a todo este resultado, eu agradeço se é que pode se considerar isso, não só de dar assim os parabéns a mais uma pesquisa nesse caminho de percepção do ser humano pelo ser humano e aí é realmente no meio acadêmico que pode perceber com outros olhares essas coisas que a gente vai passando o dia a dia e se não registrar, se perde ou demora muito mais tempo. Fica aí esta observação”;*

A13 *“esta mensagem eu tentei até passar para todos os atletas que estavam ouvindo, viver de esporte paraolímpico no Brasil ainda é ilusão, as pessoas ainda não perceberam isso. A maioria dos atletas ainda não percebeu o que está acontecendo hoje, os administradores do esporte, eles gostam que na hora que é conveniente para eles, o atleta é aquele coitadinho, onde eles vão sensibilizar toda a comunidade: ‘olha lá, olha a superação do cara’. É engraçado, a palavra superação acho que é a pior palavra que tem, não tem nada de superação. Eu tenho que viver e acabou, eu tenho que acordar cedo como todo mundo, tenho que correr atrás como todo mundo, superação é um pai de família receber R\$800 por mês e ter que bancar a família dele, entendeu, não tem essa. Então aí quando interessa para os caras ‘olha a superação’, aí os caras gastam fortunas entendeu para mostrar a deficiência do cara, por quê? Porque aí isso vai gerar renda para eles, porque são administradores que ganham 30 pau por mês, entendeu, tem ajuda de custo para isso, para aquilo e você vê que tem atletas da região sudeste, uma região privilegiada, porque aqui você tem acesso a uma série de coisas, agora quando você vai ver o pessoal do nordeste os caras treinam para ganhar uma bolsa, uma cesta básica entendeu, poxa vida, então é difícil isso. Eu acho que o primordial é você ter educação e correr atrás da sua renda. O esporte infelizmente, ele me deu autoestima, porém financeiramente ele só me tirou as coisas, já fui questionado e muitas vezes eu fico refletindo para isso. Eu sou um cara determinado no esporte, a hora que veio a deficiência, ele entrou de cabeça no esporte, por isso que ele teve todo esse curso bacana, que aconteceu para ele. E se eu tivesse essa mesma*

*determinação e se eu não tivesse o esporte? E se eu tivesse essa mesma determinação no meu campo profissional? Eu deixei de fazer uma série de coisas, cara, por causa do esporte, eu deixo de fazer uma série de coisas por causa do esporte. O esporte me dá autoestima, é uma coisa que eu gosto, mas se eu entrasse de cabeça na vida profissional quando eu entrei, onde eu estaria hoje? Eu não sei, eu não sei te responder. Então, muitas vezes eu falo isso para os caras, ainda não entrar de cabeça, vai devagarzinho, entendeu. Vai fazendo uma coisa aqui, outra coisa ali. Quem sabe lá para frente dá, agora não dá. Esses dias eu estava lendo uma matéria que disse que hoje o esporte paraolímpico está sendo um meio de vida para o deficiente físico, para você ver como se vende uma coisa completamente errada, completamente errada. Me fala um cara que está recebendo a bolsa do governo, porque ninguém está recebendo. O que acontece, existe a lei de incentivo que é mimoso no esporte. Agora que no final do ano você pode ver, você tem empresa, você pode doar seu imposto de renda, agora começa aparecer um cara que vem, que quer te dar uma coisa, assina aqui, você vai ver seu nome está em um monte de coisa ruim”;*

*A14 “gostaria de te agradecer, de verdade, porque isso que você está fazendo é muito importante para gente, esta visibilidade que você está dando, não é nem uma entrevista que a gente está fazendo aqui, é mais um bate-papo mesmo. Nós não somos muito conhecidos e isso que você está fazendo para gente, é muito importante, essa visibilidade para gente é muito importante de verdade, te agradeço de todo meu coração. MUITÍSSIMO obrigado de todo o coração”;*

*A15 “a mensagem que gostaria de deixar para todo mundo é que se você tem uma deficiência adquirida durante o passar da vida ou se que já nasceu com a deficiência e está dentro de casa, sem perspectiva de vida e acha que não pode viver seu sonho, que a vida acabou, saia de casa, procure uma associação de terceiro setor, que geralmente trabalha com pessoas deficiência, algum clube ou universidade e venha praticar o esporte adaptado, o esporte paralímpico, que assim como a minha vida mudou, a vida de vocês vai mudar também. Isso é com certeza, não é será, será que a minha vida vai mudar? Vai. Se você vir a praticar o esporte adaptado, sua vida vai mudar. Aqui dentro do centro de paradesporto tem centenas de pessoas com deficiência, com várias deficiências e que imaginava que ficaria dentro de casa e que não aconteceria nada com elas. Quando comecei, tenho a história de um menino aqui, que do peito para baixo ele perdeu os movimentos, em um acidente de carro. Encontrei ele deitado em cima de uma cama, de fralda, achando que a vida dele tinha acabado. Deu um trabalho para tirar ele de casa. Detalhe, ele morava no segundo andar de uma casa, com dois lances de escada e lembro que meu irmão me pegou na cadeira e subimos. Riscamos a parede dele todinha. Cheguei lá em cima e vi ‘eu não acredito, não’. A mãe dele falou ‘ele já fica ali em cima para não descer mesmo’ Eu falei ‘nós vamos pegar ele e levar para o ginásio, forçado, a senhora permite?’ ela falou ‘permite’. Enfiamos ele na cadeira, ele quase chorando, colocamos no carro, trouxemos para o ginásio e colocamos ele para jogar tênis de mesa. Quando ele chegou no ginásio, ele viu o pessoal ele ficou assustado. Aí colocamos ele na sala, mostramos a mesa de tênis, o professor começou a bater uma bolinhas de tênis de mesa com ele, quebramos aquele gelo e levamos ele embora para casa. No outro dia ele me ligou ‘e aí, que dia que você vem me buscar de novo aqui, para jogar tênis de mesa, pô gostei’, eu disse ‘você gostou, eu achei que você ia ficar bravo comigo’, ele ‘não gostei’. Hoje, está aqui dentro do centro de treinamento, ele é atleta de alto rendimento do tênis de mesa, fisicamente*



*está parecendo um monstro, porque ele mudou, fez um trabalho de musculação. O cara do peito para baixo ele não tem os movimentos, mas o cara é um monstro, a cadeira de rodas amarrada na cintura do cara, o cara sobe um prédio se você deixar. A vida do cara foi totalmente transformada, casou, está se preparando para ter o filho dele, mora com a esposa dele na casa dele e vive uma vida como qualquer outra pessoa. Está lá para o nordeste em uma competição. Então aquele cara que ninguém dava nada, que não saía de casa, hoje tá aí, a vida dele mudou, se você está dentro de casa e você tem uma deficiência, saia de casa venha para o esporte paralímpico, que sua vida vai mudar. Agradeço à minha mãe, ao meu pai, às minhas irmãs e aos meus irmãos por acreditarem em mim”;*

*A16 “Tem vários deficientes no Brasil que ficam em casa ainda, que não praticam esporte, que não acreditam e acham que a vida acabou. O esporte ele pode te mudar não só economicamente, mas fisicamente, psicologicamente, toda vida, como mudou a minha. A mensagem que eu deixo é que se você não acredita na vida, se está desanimado com alguma coisa, a paraolimpíada do Rio mostrou, apesar do resultado que tive, não era esperado, mas fiquei muito emocionado, feliz do que eu vi no Rio de Janeiro, do que o povo brasileiro fez, tanto no esporte olímpico como no paralímpico. Sem dúvida, foi a paraolimpíada que marcou muito a minha vida, ter ficado próximo da família, do povo brasileiro. Tenho certeza que o povo brasileiro deu uma aula, deu um show e que muita gente que está em casa, que não acredita na vida, que seja deficiente, que está lamentando ‘minha vida não tem sentido’ a paraolimpíada do Rio mostrou isso, nós deficientes, nós esportistas, nós atletas, não desistimos nunca. Nós somos atletas como o Bolt, como o Phelps, o povo brasileiro deu um show mesmo de estrutura, de calor humano. Tenho certeza que muitas pessoas com deficiência vão gostar do esporte, a bocha, o atletismo, qualquer outro. Essa é a minha expectativa é o meu sonho de ver mais pessoas com deficiência praticando esporte, saindo de dentro de casa. Nós temos várias histórias aqui dentro do clube de pessoas que não acreditavam na vida e hoje é atleta de alto rendimento, campeão Pan-Americano, campeão brasileiro. Essa é a expectativa que tenho de que em Tóquio 2020 a gente tenha uma nova geração, ‘poxa realmente antes eu estava desacreditado da vida e agora estou em uma paraolimpíada, disputando um mundial ou uma competição seja qual for, mas que esteja no esporte, na modalidade que for’. Essa é a minha expectativa”;*

*A17 “bom, primeiro quero agradecer a oportunidade, espero que toda essa conversa seja útil para tua formação, para o teu trabalho, para o teu projeto, espero que possa ter contribuído e aos que tiverem acesso aos dados, sejam pessoas com deficiência ou não, ou profissionais da área, valorize mais o paradesporto, reconheçam mais esse trabalho e invistam mais, porque não há diferenças entre o olímpico e o paraolímpico, a única diferença é apenas a deficiência. O que nós precisamos mais é de uma sociedade mais igualitária, mais humana, mais respeitosa, espero que meu depoimento, a minha fala, possa estar contribuindo, seja para os profissionais da área ou para aqueles pesquisadores, curiosos, que vão ler seu trabalho e entendam que só podemos ter um Brasil melhor, um mundo melhor, a partir do momento que as discriminações, as diferenças se acabem”;*

*A18 “gosto sempre de estar citando que vim de uma família muito simples, meu pai era pedreiro e minha mãe era costureira e nem por isso deixei de ir atrás dos meus sonhos de acreditar que podia conquistar o que conquistei.*

*Muitas vezes, as crianças que vem de uma família pobre pensa 'jamais vou sair da minha cidade'. E não, vim de uma família muito simples e olha quantos países tive a oportunidade de conhecer”;*

*A19 “não sou muito bom de deixar mensagem, mas apenas dizer que hoje me sinto um cara feliz, naquilo que posso ter compreendido do que fiz para o paradesporto do país e que quero fazer ainda, quero continuar ainda fazendo muita coisa, espero eu, e fico extremamente orgulhoso, você me perguntou de momentos importantes, felizes ou conquistas, teve outra que acabei não citando, que aconteceu dentro dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, uma foi aquela do troféu de ter acendido a pira paralímpica e conduzido a tocha paralímpica. A outra, além da medalha de ouro, que é a minha paixão que tenho contato direto, estou no vestiário com os atletas e tudo mais e que eles, como disse, mais uma vez, tanto em Tóquio, que estávamos juntos e aqui, ‘vocês estão fazendo, mais outros muitos que sonharam com isso, como nós que fomos atletas e sonhávamos em jogar com uma arena lotada, em ver alguém chamar teu nome como jogador, isso nós sonhamos lá atrás sabe, sonhávamos muito, e hoje isso se concretiza’ disse a eles ‘estou roubando um pedacinho desse sonho porque também é meu, porque estou concretizando com vocês aqui, faço parte de sonhar com vocês e hoje estar vivendo isso’ e quem sabe o maior de todos, do que medalha, foi perceber, no final de semana, no meio dos jogos paralímpicos, nós tivemos a participação de 327 mil pessoas dentro daquele parque olímpico e ao andar, ao ter que esbarrar em um ou outro, me vi ‘tudo isso aqui é para o paradesporto, são crianças que estão sabendo’. Ontem, conversando um professor, ele falando do filho dele, que tem 5 anos, brincava: ‘eu sou o Usain Bolt’, ele colocou-se como o ídolo, ‘não, agora eu sou o Petrúcio’, ídolo do paradesporto, e segundo o professor ele faz exatamente, ele modela seu braço exatamente como o braço do Petrúcio. Quando ele vai correr ‘agora eu sou o Yo’ que é o Yohanssen, o corredor de Alagoas, o menino fecha as duas mãos. Este legado, essa conquista do cidadão com deficiência, atleta que fez mudar o mundo, de mudar a visão desta sociedade, acho fica, para mim, uma das coisas mais felizes que conquistei, que estou percebendo ainda”;*

*A20 “acho que a gente não pode desistir nunca. A gente tem que ter objetivo, traçar metas para atingir este objetivo, claro, dentro de uma idoneidade, não pisando em ninguém, mas tendo foco do que você quer almejar, dentro daquilo que falei, não quero nada para mim, quero que aconteça para um todo, para que as pessoas e essa modalidade que a gente pratica e desenvolve no Brasil, que ainda não é paraolímpica, mas é um sonho, que creio que ainda verei esse sonho ser realizado, não como atleta, mas como dirigente, ou estando envolvido no meio, porque a gente sai de atleta ou vai ser dirigente ou técnico, estou nessa balança aí e dizer para as pessoas não desistir nunca, como disse, a roda motriz, o que move o homem é o nosso querer, então tudo aquilo que você sonha, busca e pensa, corra atrás, porque tudo é possível”;*

*A21 “não sei, assim uma coisa minha que não falei, além dos dois patrocínios, tenho algumas empresas que me apoiam. A gente fala que somos parceiros, eles não me dão nada financeiramente, mas ou me apoiam com material ou com prestação de serviço. Faço parte do instituto, que seria a minha equipe, dispuo competições por eles, que tem uma estrutura de treinamento, me ajudam muito, meus apoios, o patrocínio e o instituto. Não estaria no esporte hoje se não fosse esse pessoal que está atrás de mim, não estaria, impossível, não vejo um atleta no esporte sem ter um apoio, sem ter*

*coisas por trás dele. Na verdade, a mensagem, assim, hoje sou exemplo para muitas pessoas já, em pouco espaço de tempo já me tornei exemplo para muitas pessoas, até a questão que todo atleta deficiente é obrigado a virar atleta ou um super-herói? Não né, a gente não é obrigada, por ser deficiente, ser um atleta, estar no topo do esporte. O que passo para as pessoas hoje é buscar a qualidade de vida delas, em primeiro lugar, acho que foi a questão mais importante minha, no início, foi essa, de querer buscar minha qualidade de vida, porque uma pessoa sem deficiência já tem que ter, mas ela só se dá conta depois talvez, e um deficiente físico mais ainda, até em função do que ele tiver, das dificuldades que ele vai ter para vida inteira. Porque, se não me exercitar, vou ter 50 anos e não vou conseguir ficar em uma prótese, então assim, onde você quer chegar, o que você quer para sua vida? Essa, na verdade, é a questão, o que as pessoas querem para a vida delas? Ou até a gente estava falando do atleta se aprimorar, o que ele quer para vida dele? Porque daqui dez anos, um troféu na estante dele não vai valer nada. A questão do hoje, a gente não tem que pensar só no hoje, a gente tem que pensar mais na frente”;*

*A22 “então acho que a maior batalha mesmo, é conseguir mulheres deficientes para praticar esporte, porque acho que a mulher tem essa resistência maior, a que é deficiente, sair de casa. Enfim, se alguém, o pessoal que vai ler sua tese, vê se o pessoal se interessa, tem o clube e o professor que faz um trabalho maravilhoso aqui, com vários esportes, para sair de casa. Porque muitas vezes a gente para, aborda as pessoas na rua, deficientes, tem muita gente que tem resistência igual a mim, então se alguém for ler, se interessar, nós estamos aqui para tirar todas as dúvidas”;*

*A23 “dizer que as pessoas que fazem esporte, que acreditem nos seus sonhos, que continue sempre pensando nos seus objetivos, no seu futuro, que nunca desista. Para as pessoas que não fazem, para as famílias das pessoas que tem algum filho, algum familiar com alguma deficiência que procure algum esporte para fazer, qualquer coisa, que não deixe a pessoa dentro de casa só porque tem uma deficiência que não possa fazer, que se supere e consiga, que faça alguma coisa, nem que seja por lazer e depois comece pensar futuramente, mas que faça, que não fique em casa só achando que porque é deficiente tem que viver isolado, porque no esporte, quando você começa fazer, você consegue muitos amigos, muitas coisas boas”.*

## **ANÁLISES DOS DIFERENTES CURSOS DE VIDA**

A compreensão de tudo aquilo que caracteriza o curso de vida de um atleta com deficiência foi explorado neste trabalho. Nesse sentido, a elaboração do quadro 8 tem como finalidade analisar os principais recursos obtidos pelos atletas em função do seu período (década) de nascimento.

Este quadro não tem a intenção de generalizar os resultados encontrados, muito menos expandir estas características para toda população, mas sim, trazer informações pertinentes a uma realidade presente no curso de vida destes atletas com deficiência.

Nascer com uma deficiência limita o acesso a determinadas oportunidades e afeta o desenvolvimento psicossocial e motor. No caso dos atletas com deficiência congênita, as situações limitantes para o seu desenvolvimento foram minimizadas pelo empenho da família, que abdicou de questões particulares de desenvolvimento para oportunizar melhoras nas questões educacionais, nas relações sociais, na obtenção de recursos, na autonomia e empoderamento obtidas através do envolvimento com o esporte.

A maior preocupação com os aspectos de educação ocorreu com os atletas nascidos entre as décadas de 1950 e 1970. Este fato se justifica pelo sentimento de responsabilidade em relação à vida pós-atividade competitiva. Muitos destes atletas procuram se manter no esporte, seja como gerente esportivo ou como professor de Educação Física. Esta identificação com o esporte fez com que estes atletas tivessem uma ampla experiência esportiva, tendo vivenciado toda a construção esportiva de alguns esportes adaptados. Alguns atletas acumularam mais de 20 anos de atividade competitiva de alto rendimento, marcando o nome do país no cenário internacional do esporte para pessoas com deficiência.

Os aspectos de saúde não foram um problema ao longo do curso de vida destes atletas. Provavelmente este fato tenha ocorrido em função da atividade competitiva exercida pela maioria dos atletas, já que sua rotina diária estava relacionada aos cuidados com alimentação, sono, descanso, recuperação e hidratação, visando o melhor rendimento do seu corpo para as exigências no período de treinamento e competição. Esta preocupação com o corpo e um maior conhecimento do mesmo fez com que sua saúde não sofresse maiores problemas ao longo do seu curso de vida.

A família esteve presente ao longo de toda a trajetória dos atletas. Uma família estruturada e focada na busca pelo melhor desenvolvimento dos seus membros, com certeza faz uma grande diferença para obtenção de recursos, principalmente em relação aos aspectos relacionados à educação. Constituir sua própria família (casamento e filhos) foi apontado

como a maior realização da vida destes atletas, superando as conquistas esportivas e medalhas.

**Quadro 8:** Quadro de análise do curso de vida dos atletas com deficiência

<b>CURSO DE VIDA DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA</b>				
<b>DÉCADAS</b>	<b>RECURSOS OBTIDOS AO LONGO DA TRAJETÓRIA ESPORTIVA</b>			
	<b>FAMÍLIA</b>	<b>EDUCAÇÃO</b>	<b>RENDA</b>	<b>RELAÇÕES SOCIAIS</b>
<b>1930</b>	Fora do mundo esportivo a constituição da família (casamento, filhos, netos, bisnetos) foi a melhor coisa que aconteceu na sua vida.	Baixo nível de instrução pela dificuldade de mobilidade (primário).	Salário da aposentadoria, patrocínio e apoios pontuais em alguns momentos.	Foram expandidas quando começou a militar no movimento dos direitos da pessoa com deficiência e passou a se envolver o esporte.
<b>1950</b>	Porto seguro por ensinar que as barreiras existem para serem superadas.	Nível superior.	Serviço público federal e estadual; poucos incentivos financeiros ao longo da trajetória esportiva.	Ligado diretamente ao esporte.
<b>1960</b>	Base de todo o processo, sendo estes atletas os responsáveis pelo sustento dos seus membros e por amenizar o sofrimento causado pela deficiência.	Nível superior.	Poucos incentivos financeiros ao longo da trajetória esportiva	Oportunidades conquistadas com o esporte de se relacionar com pessoas de diferentes níveis.
<b>1970</b>	Apoio irrestrito e estímulo à prática esportiva; responsáveis por uma formação / educação fundamental para uma melhor interpretação do mundo, mostrando sempre o caminho certo.	Nível superior e ensino médio	Contratado como atleta; incentivo governo federal; patrocínio de empresas; contratação como funcionário, com todos os direitos; aposentado por invalidez.	Não teve muitos problemas para se relacionar; conquista obtida através do esporte, as amizades; necessita de uma mudança no perfil do ciclo de amizades, muito em função de uma ligação com a rotina de vida.
<b>1980</b>	Estimular a independência e conquistar a maturidade para superar os obstáculos impostos pela vida; unida para encarar a realidade de frente; é a base de tudo; é o meu maior troféu, poder constituir minha própria família (casar, ter filhos).	Nível superior completo e incompleto; ensino médio e fundamental.	Patrocínio; incentivo governo federal; benefício de prestação continuada; dificuldade de administrar suas finanças, precisa da ajuda da família; contratação como funcionário, com todos os direitos;	Preocupação em passar uma mensagem positiva para as pessoas; a convivência com os pares é fundamental para criar aceitação, começar a se posicionar e conquistar seu espaço; aprender com outras culturas.
<b>1990</b>	Incentivo à autonomia através do esporte e da arte.	Ensino médio e fundamental	Dificuldade de administrar suas finanças precisa da ajuda da família; a família que administra sua renda.	Estabelecida nas redes sociais em função do seu envolvimento esportivo como atleta e amante do esporte; ampliada com o esporte a partir da participação de competições nacionais e internacionais.

**Fonte:** autor

Um bom nível de instrução abre um leque de oportunidades para inserção no mercado de trabalho e para consolidação de uma profissão. A carreira de atleta é cercada de desconfianças e incertezas. Esta instabilidade em relação ao futuro dificulta projetar os recursos obtidos através do esporte (bolsa atleta, patrocínios e prêmios) como uma real fonte de renda. O caminho seguido por muitos atletas foi se qualificar para ter a possibilidade de obter uma profissão / ocupação. Apesar de os nascidos na década de 1980 e 1990 se declararem como atletas, alguns precisam recorrer a outras fontes de recursos para obter sua estabilidade financeira.

Um fato curioso ocorreu com o nível de instrução dos atletas que adquiriram a deficiência, nascidos até a década de 1970. Dos 14 atletas que compõem este grupo, 72% possuem ensino superior, fato que foge à tendência nacional em que apenas 18% da população com deficiência possuem ensino médio. Deste grupo, 30% tinham formação universitária ou já se encontravam no ensino superior. Os demais buscaram sua qualificação, o que evidencia a autonomia e empoderamento destes atletas nascidos neste período.

As relações sociais a partir do envolvimento com o esporte expandiu a capacidade dos atletas de se relacionarem, tanto em relação ao ambiente esportivo como para suas rotinas de vida diária. Uma característica marcante neste grupo foi a sua capacidade de multiplicar informações referentes à deficiência. Todos os atletas procuram, através de palestras, entrevistas, depoimentos e redes sociais, incentivar que cada vez mais pessoas tenham contato com o esporte para pessoas com deficiência. Esta característica multiplicadora reflete o grau de empoderamento obtido por estes atletas que, além de ter a possibilidade de tomar suas próprias decisões, conseguem organizar seu tempo para incentivar outras pessoas a obter sua autonomia.

Ao lembrar que o desenvolvimento humano está relacionado à boa saúde, ao bom domínio do conhecimento, a certo nível de segurança econômica e às boas relações sociais, este grupo se apresenta no curso para o desenvolvimento enquanto membro participativo da sociedade, apesar das barreiras vivenciadas ao longo deste caminho.

## RELAÇÕES DE APROXIMAÇÃO ENTRE OS DIFERENTES CURSOS DE VIDA

A família tem um papel determinante no curso da vida de qualquer indivíduo. Sua importância aparece em todas as fases da vida: nascimento, infância, adolescência e fase adulta. Os atletas relataram a importância de possuir uma família estruturada, unida para

encarar um novo mundo e com um papel universal, que é o de promover as melhores condições para que seus filhos cresçam e se desenvolvam com saúde.

A militância política, “nada sobre nós sem nós”<sup>32</sup>, está presente no grupo de atletas entrevistados, já que os mesmos estão envolvidos:

- 1) Com a criação de associações em prol dos direitos das pessoas com deficiência;
- 2) Com comissões nacionais e cargos de confiança em setores da administração pública municipal, estadual e nacional;
- 3) Com a divulgação de informações e autodefesa das pessoas com deficiência;
- 4) Com o desenvolvimento de esportes, de entidades esportivas, de projetos esportivos e do gerenciamento do esporte para pessoas com deficiência no Brasil e no mundo.

Este envolvimento com ações políticas reforça o empoderamento societal obtido pelos atletas ao longo do seu curso de vida. Outros níveis de empoderamento, individual e em grupo, também foram identificados ao longo das falas dos atletas.

A concentração dos atletas em grandes centros urbanos faz com que o contexto no qual os mesmos estão inseridos tenha relação com as oportunidades esportivas e com a capacidade de obtenção de recursos fora da vida esportiva. Todos os atletas representaram o país em competições internacionais e o investimento necessário tanto para o desenvolvimento da sua carreira esportiva, como para sua vida fora do esporte ocorreu de forma provisória. Este fato reforça a necessidade de investir na educação dos atletas para proporcionar melhores oportunidades no mercado de trabalho ou na consolidação de uma profissão.

A importância de um bom nível de entendimento das ações que cercam a sua rotina de vida faz com que a preocupação com a escolaridade esteja presente na fala dos atletas. De forma positiva, grande parte dos atletas possui o ensino médio, fato este que é superior ao nível de instrução da população brasileira com deficiência. O ensino superior aparece também como uma forma de trilhar um caminho fora do ambiente esportivo, o que pode facilitar na independência em relação ao esporte, que está mais centrado nos resultados esportivos do que nos benefícios da sua prática. A meritocracia esportiva passa a ser o divisor de águas para quem avança ou retrocede na carreira esportiva.

Outro aspecto a ser ressaltado é a fé, o envolvimento religioso e a utilização da filosofia para entender melhor este momento de mudanças e adaptações para uma nova vida. Esta mudança brusca no curso da vida às vezes traz sentimentos ruins que causam depressão e

---

<sup>32</sup> Lema foi lançado no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, 03 de dezembro de 2004, baseado no princípio de alcançar a plena participação e igualdade de oportunidades para, por e com pessoas com deficiência. Maiores informações acesse: <https://www.un.org/development/desa/disabilities/international-day-of-persons-with-disabilities-3-december/international-day-of-disabled-persons-2004-nothing-about-us-without-us.html>



até o desejo de interrupção da vida. Este momento delicado, de fraqueza e perda da vontade de viver é transposto, como já relatado anteriormente, com o apoio da família e a presença do esporte. Mais que rendimento esportivo, a busca por uma melhor qualidade de vida tem no esporte um forte aliado.

A resiliência passa a ser a palavra representativa para este momento de adaptação frente à nova realidade para aqueles atletas que adquiriram a deficiência. No caso daqueles que nasceram com a deficiência, a atenção se volta para família, que ofereceu o que há de mais importante para o desenvolvimento de um filho: carinho, amor e atenção. Tratar o filho como uma pessoa normal, eliminando todo e qualquer tipo de preconceito, foi, comprovadamente, a melhor estratégia para lidar com a deficiência. Fácil não foi, mas como tudo na vida, é o processo que fortalece, cria laços e faz com que estes atletas tenham forças para superar todas estas adversidades, como descrito ao longo dos depoimentos dos atletas.

O envolvimento com esporte, seja como atleta ou como responsável por outras áreas afins (gestão esportiva, professor de Educação Física, Nutricionista), surge como uma forma de manter o vínculo com o ambiente esportivo. A função de multiplicador dos benefícios da prática esportiva nos domínios físicos, psicológicos e sociais passa a ser um dos objetivos principais destes atletas.

As barreiras estão diretamente ligadas à descontinuidade de políticas públicas de atendimento de longo prazo para pessoas com deficiência que ainda não veem neste grupo, um grupo em vulnerabilidade social. Por se tratarem de atletas, os aspectos de saúde foram todos controlados em função da prática esportiva sistemática, do controle da alimentação, da preocupação com as horas de descanso e do tratamento de lesões provenientes do treinamento. Todos os atletas praticam atividades físicas, seja em academias ou nas ruas, para manter suas condições de saúde.

## RELAÇÕES DE DISTANCIAMENTO ENTRE OS DIFERENTES CURSOS DE VIDA

A obtenção de recursos financeiros, renda, necessários para subsistência pessoal e da família apresentaram características diferenciadas. Alguns atletas recebem a aposentadoria por invalidez. Apesar do termo forte, este recurso possibilitou o desenvolvimento nos aspectos físicos, de saúde e social dos beneficiados, fato relatado como determinante para seu sucesso no esporte e na vida pessoal.

Outros atletas conseguiram um benefício federal em virtude das conquistas esportivas obtidas, só que apenas nove atletas recebem este recurso em todo o Brasil para divulgar o

esporte paraolímpico. Este recurso se encerrou no ano de 2016 e seu futuro é incerto. O benefício de prestação continuada também foi um recurso utilizado para solucionar o problema ocasionado pelo encerramento da atividade competitiva.

Um atleta conseguiu um caminho muito frequente em outros países, patrocínios privados para o desenvolvimento das suas atividades esportivas. O estudo também apontou que algumas empresas contrataram os atletas como funcionários e incentivou sua dedicação exclusiva ao esporte, fato não muito usual. Uma característica recente no esporte para pessoas com deficiência são beneficiários do programa de incentivo a atletas, programa bolsa atleta e bolsa pódio, do governo federal. Em virtude da crise financeira e da descontinuidade dos repasses, esta não pode ser classificada como uma fonte segura de renda por parte dos atletas, sendo muito criticada por todos os atletas beneficiados.

Este momento de instabilidade política e financeira traz uma reflexão: será que é possível falar de carreira esportiva para atletas com deficiência? A partir de 2012, os recursos destinados aos atletas possibilitaram ganhos vultosos, por um curto período de tempo, para o desenvolvimento de suas atividades esportivas. Muitos utilizaram este recurso para melhorarem sua condição de vida pessoal, o que, de certa forma, no longo prazo pode causar um estrangulamento em função da dificuldade de conseguir honrar tais compromissos financeiros.

Neste sentido, reafirmamos a necessidade de pensar a vida do atleta de forma conjunta, ambiente competitivo e vida fora do esporte. Pelo fato de a carreira esportiva estar associada aos resultados esportivos e à política da meritocracia, é possível que em pouco tempo estes incentivos financeiros, em sua maioria de origem pública, deixem de fazer parte da renda destes atletas. Esta instabilidade reforça a necessidade de obtenção de outra fonte de recursos que possibilite o atleta arcar com suas despesas de subsistência pessoal e da sua família.

A partir deste estudo foi comprovado que ao possuir um maior nível de instrução consegue-se ampliar o leque de oportunidades em relação ao mercado de trabalho. A importância de projetos que envolvam diferentes entidades (prefeituras, secretaria de esporte, ministério do trabalho, empresas) tendo como objetivo principal a pessoa com deficiência, se mostrou um exemplo a ser perseguido tanto pela esfera pública como pela iniciativa privada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“utilizar os conhecimentos para transformar uma vida”*

A partir desta frase, declarada pelo atleta A3, iniciamos as considerações finais deste estudo no sentido de responder aos questionamentos feitos inicialmente. Desta forma, foi possível ir além dos elementos fundamentais da demografia histórica, da sociologia da idade, da história de vida e do desenho longitudinal para articular os avanços específicos no campo da vida.

Ao conhecer como a vida transcorre, o indivíduo e a família, foi possível compreender sua trajetória, cercada de barreiras (constrangimentos) e facilitadores (oportunidades), a partir da capacidade de ampliar as condições de saúde, nível de instrução (educação), situação socioeconômica, relações sociais e conseqüentemente a qualidade de vida.

Neste caminho, a deficiência e o esporte foram considerados eventos marcantes no curso de suas vidas. No caso dos atletas com deficiência adquirida, a interrupção brusca no curso normal da vida trouxe um comportamento marcante em relação a este momento, tanto para o indivíduo como para sua família. Estas fases de choque, negação, reconhecimento e de adaptação a partir do “acidente” fez com que muitos atletas encontrassem seu ponto de equilíbrio, um melhor conhecimento do próprio corpo e dos seus limites. Como abordado por um atleta, a vida é cercada de momentos bons e ruins que fazem parte do crescimento e amadurecimento das pessoas, “tudo depende só de você”.

O esporte ocupou um papel de destaque pelos atletas, sendo ressaltadas suas principais contribuições: “quando você começa a fazer, você consegue muitos amigos, muitas coisas boas acontecem”, “o esporte quebra os seus limites sem você perceber”, “você passa a ter um conhecimento do próprio corpo” e “pode mudar vidas”. O seu maior desafio “é conciliar sua vida fora do esporte”. A preocupação é grande em relação à manutenção dos investimentos, “se parar, tudo que foi feito será jogado por água a baixo”.

As barreiras e os facilitadores identificados pela literatura foram reforçados e ampliados a partir dos discursos dos atletas, em função das suas trajetórias esportivas. Como barreiras foram destacadas: a política (gestão pública, incentivos e apoio), o financeiro (trabalho, renda, dedicação exclusiva), o social (preconceito, informação, reconhecimento), o pessoal (gerenciamento pessoal e familiar) e o apoio (suporte de uma equipe multidisciplinar). Já em relação aos facilitadores, foram destacados: as relações sociais (troca de experiências,

relação atleta / treinador), a família (apoio e incentivo), a informação (multiplicadores de informação) e a experiência anterior (conhecimento prévio do esporte).

Em relação às implicações para o desenvolvimento, o empoderamento conquistado pelos atletas nos três níveis, individual, grupo e societal, foi confirmado a partir da boa relação entre os fatores moderadores (idade de início da deficiência, sexo e tipo de deficiência) e mediadores (individual – metas de realização, identidade e autoeficácia; grupo – clima motivacional, identidade de grupo e eficácia coletiva; societal – contexto cultural e eficácia política). Pode-se afirmar que a partir do envolvimento com o esporte, estes fatores determinantes para o empoderamento estimularam o aparecimento de sentimentos contraditórios, anseios e angústias x momentos felizes e prazerosos, sentimentos estes reprimidos pela limitação ocorrida ao adquirir ou conviver com a deficiência. Ao despertar estes sentimentos ganha-se um motivo para sair de casa, de não se sentir excluído e de assumir o curso da sua própria vida.

Ao assumir o controle do curso da sua vida estes atletas reforçam uma antiga parábola “não me falaram que não podia, então eu fui lá e fiz”. A necessidade de construção de um ambiente em que as pessoas possam desenvolver seu pleno potencial (em toda duração do seu curso de vida), levar uma vida produtiva e criativa de acordo com suas necessidades e interesses, precisa ser estimulado a partir das interdependências entre indivíduos, famílias, comunidades e sociedade, “ser diferente faz a diferença”.

A construção desta autonomia está associada a um olhar mais acolhedor da sociedade em relação ao diferente. A deficiência não pode ser vista como uma condição estática e que só diz respeito a um grupo específico. A vulnerabilidade é de todas as pessoas que, em algum momento da vida, pode cruzar com uma condição limitante, seja ela definitiva ou temporária. Só pensa na deficiência “quem não é deficiente, porque quem é, não pensa. Você tem que pensar na vida. Você é um cidadão que está com a vida”. Desta forma, “só poderemos ter um Brasil melhor, um mundo melhor a partir do momento que as discriminações, as diferenças se acabem”.

Espero ter argumentado de forma clara e precisa para que vocês tenham bons motivos para concordar ou pelo menos reconsiderar seus conceitos em relação ao esporte para pessoas com deficiência.

## LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Não ter conseguido avançar nos contatos com os atletas surdos e com a entidade nacional responsável pelo seu desenvolvimento foi um fator limitante do estudo. A falta de preparo com a língua de sinais inviabilizou o contato com os atletas, apesar de o pesquisador ter construído um formulário eletrônico direcionado para o preenchimento dos atletas surdos. Este formulário foi encaminhado para um professor do Instituto Nacional de Ensino para Surdos, que ficou de encaminhar para os atletas da instituição. Infelizmente este retorno não ocorreu, o que inviabilizou a participação do atleta surdo no estudo.

## RECOMENDAÇÕES DE NOVOS ESTUDOS

A proposta de novos estudos tem a função de ampliar as percepções em relação a um determinado assunto. Neste sentido, recomendamos:

- 1) A construção de estudos geracionais a partir de entrevistas com diferentes membros da família (mãe, pai, irmão, esposa, filhos) no sentido de contextualizar a deficiência e o papel do esporte no desenvolvimento do indivíduo e da família, já que a mesma foi considerada o alicerce para a conquista da autonomia e do empoderamento dos atletas;
- 2) Dar maior atenção para estudos relacionados com atletas com deficiências severas. Apesar de apresentar problemas de comunicação, existem outras formas de linguagem capazes de expressar o empoderamento destes atletas a partir do seu envolvimento com o esporte;
- 3) A limitada participação de atletas do sexo feminino abre caminho para um aprofundamento sobre a participação esportiva de mulheres com deficiência, já que de acordo com o censo do IBGE de 2010, 57% da população com deficiência é do sexo feminino.

## REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, M. L. T. et al. Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. 97-103, fevereiro 2000.

ANDE. Nota sobre a saída do futebol de sete dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020. **Notícias**, Rio de Janeiro, Associação Nacional de Desporto para deficientes, 2016. Disponível em: < <http://www.ande.org.br/informacao-sobre-o-futebol-sete/> >. Acesso em: 10 mar, 2017.

AUSTIMO E REALIDADE. O que é autismo? **Informe-se**, São Paulo, Autismo e Realidade, 2017. Disponível em: < <http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo/> >. Acesso em: 09 mar 2017, 2017.

AZEVEDO, P. H.; BARROS, J. D. F. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 1, p. 77-84, jan / mar 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. p. 279p.

BAUER, M. W.; AARTS, B. Construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativo. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. cap. 2, p.39-63.

BEGOSSI, T. D.; MAZO, J. Z. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, 2016.

BERGER, R. J. Disability and the dedicated wheelchair athlete: Beyond the " supercrip" critique. **Journal of Contemporary Ethnography**, 2008.

BERNARD, P. et al. **Capturing the life course: the contribution of a panel study of lifecourse dynamics (PSLD) to public policy analysis in Canada**. Canada: Université de Montréal, 2006. p. 96.

BERNARD, P.; MCDANIEL, S. **The life course as policy lens: challenges and opportunities of human development**. HRSDC's Policy Dialogue on "The Lifecourse as a Policy Lens". Ottawa 2009.

BERTOLUCCI JR, L. Deficiência e Migração: avaliação e crítica das informações censitárias de 1991 a 2010 vis-à-vis quesitos de outras pesquisas específicas para a população com deficiência. **XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2012, Águas de Lindóia / SP. ABEP. p.1-20.

BRAGARU, M. et al. Barriers and facilitators of participation in sports: a qualitative study on Dutch individuals with lower limb amputation. **PloS one**, v. 8, n. 3, p. e59881, 2013.

BRASIL. **Diretrizes de atenção à pessoa com lesão medular**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. p. 69.

\_\_\_\_\_. **Legislação Brasileira sobre Pessoas com Deficiência**. CEDI. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara: 402 p. 2013.

\_\_\_\_\_. **Legislação esportiva no Brasil**. Ministério do Esporte. Brasília, p.349. 2015.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-DECASTRO, E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. **Motriz, Rio Claro**, v. 7, n. 2, p. 115-123, jul / dez 2001.

BREWER, B. W.; VAN RAALTE, J. L.; LINDER, D. E. Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel? **International journal of sport psychology**, 1993.

BRITAIN, I. Perceptions of Disability and their Impact upon Involvement in Sport for People with Disabilities at all Levels. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 28, n. 4, p. 429-452, November 1, 2004 2004. Disponível em: <  
<http://jss.sagepub.com/content/28/4/429.abstract> >.

\_\_\_\_\_. **The paralympic games explained**. London and New York: Routledge, 2010. p. 172.

\_\_\_\_\_. **From Stoke Mandeville to Stratford: a history of the summer paralympic games**. Common Ground, 2012a. p. 392.

\_\_\_\_\_. The Paralympic Games: from a rehabilitation exercise to elite sport (and back again?). **International Journal of Therapy & Rehabilitation**, v. 19, n. 9, p. 526-530, 2012b.

BRITAIN, I.; GREEN, S. Disability sport is going back to its roots: rehabilitation of military personnel receiving sudden traumatic disabilities in the twenty-first century. **Qualitative Research in Sport, Exercise & Health**, v. 4, n. 2, p. 244-264, 2012.

BURKETT, B. Technology in Paralympic sport: performance enhancement or essential for performance? **Br J Sports Med**, v. 44, n. 3, p. 215-20, Feb 2010.

BURKETT, B.; MCNAMEE, M.; POTTHAST, W. Shifting boundaries in sports technology and disability: equal rights or unfair advantage in the case of Oscar Pistorius? **Disability & Society**, v. 26, n. 5, p. 643-654, 2011.

BURKETT, B.; MELLIFONT, R. Sport science and coaching in Paralympic swimming. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 3, n. 1, p. 105-112, 2008.

BUTLER, N. **No plans for a Commonwealth Paralympic Games**. Inside the games. England and Wales: Inside the games 2014.

CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.

CAMPBELL, E. Psychological Well-Being of Participants in Wheelchair Sports: Comparison of Individuals with Congenital and Acquired Disabilities. **Perceptual and Motor Skills**, v. 81, n. 2, p. 563-568, 1995.

CAMPEÃO, M. D. S. Esporte paraolímpico para além do "ouro". In: OLIVEIRA, A. F. S. e HAIACHI, M. D. C. (Ed.). **Megaeventos esportivos e seus impactos nos estados periféricos: Ciclo de debates em estudos olímpicos**. São Cristóvão: Editora UFS, 2011a. cap. 9, p.107-127.

\_\_\_\_\_. **O esporte paraolímpico como instrumento para moralidade das práticas de saúde pública envolvendo pessoas com deficiência: uma abordagem a partir da bioética da proteção**. 2011b. 176p. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências / Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública / Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

CAMPOS, A. L. V. D.; NASCIMENTO, D. R. D.; MARANHÃO, E. A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10, p. 573-600, 2003.

CARDOSO, V. D. **O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no Brasil**. 2016. 2017p. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. C. A classificação funcional no esporte paralímpico. **CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 12, n. 2, p. 132-146, 2014.

CASTANEDA, L.; BERGMANN, A.; BAHIA, L. The International Classification of Functioning, Disability and Health: a systematic review of observational studies. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, p. 437-451, 2014.

CGF. **The Story of The Commonwealth Games**. United Kingdom, Commonwealth Games Federation, 2014. Disponível em: < <http://www.thecgf.com/games/story.asp> >. Acesso em: 06 jun, 2017.

CPB. Planejamento estratégico do esporte paraolímpico brasileiro 2010-2016. **Gestão de recursos**, Brasília/DF, Comitê Paralímpico Brasileiro, 2010. Disponível em: < [http://gestaorecursos.cpb.org.br/outras\\_planos.php](http://gestaorecursos.cpb.org.br/outras_planos.php) >. Acesso em: 28 mai, 2014.

\_\_\_\_\_. **Transição de carreira**. Brasília/DF, Comitê Paralímpico Brasileiro, 2015. Disponível em: < <http://www.cpb.org.br/web/guest/apresentacao1> >. Acesso em: 10 mar, 2017.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. 3 ed. California: Sage Publications, 2013. p. 403.

CUNHA, G. Após melhor campanha da história, CPB tem injeção de R\$ 90 milhões no horizonte. **Toronto 2015**, Brasília, Portal Brasil 2016, 2015. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/apos-melhor-campanha-da-historia-cpb-tem-injecao-de-r-90-milhoes-no-horizonte> >. Acesso em: 02 fev, 2016

DAVIS, L. J. Constructing normalcy. In: DAVIS, L. J. (Ed.). **The disability studies reader**. 3rd. New York: Routledge, 2010. p.3-19.



\_\_\_\_\_. Introduction: disability, normality and power. In: DAVIS, L. J. (Ed.). **The disability studies reader**. 4th. New York and London: Routledge, 2013. cap. 1, p.1-14.

DE BOSSCHER, V.; BINGHAM, J.; SHIBLI, S.; VAN BOTTENBURG, M.; DE KNOP, P. **The global sporting arms race: an international comparative study on Sports Policy factors Leading to International Sporting Success**. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2008. p. 176.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S. A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. **European sport management quarterly**, v. 6, n. 2, p. 185-215, 2006.

DE BOSSCHER, V.; SHIBLI, S.; WESTERBEEK, H.; VAN BOTTENBURG, M. **Successful elite sport policies: An international comparison of the Sportpolicy Factors Leading to International Sporting Success (SPLISS 2.0) in 15 nations**. London: Meyer & Meyer Verlag, 2015.

DEHGHANSAI, N.; LEMEZ, S.; WATTIE, N.; BAKER, J. A systematic review of influences on development of athletes with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 34, n. 1, p. 72-90, 2017.

DIAPER, N. J.; GOOSEY-TOLFREY, V. L. A physiological case study of a paralympic wheelchair tennis player: reflective practise. **J Sports Sci Med**, v. 8, n. 2, p. 300-7, 2009.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Braziliense, 2007. p. 37p.

DINIZ, D.; PEREIRA, L. B.; SANTOS, W. R. D. **Deficiência, direitos humanos e justiça**. 2009.

DSISO. **About us**. Austrália, Down Syndrome International Swimming Organisation, 2016. Disponível em: < <http://www.dsiso.org/> >. Acesso em: 25 mai, 2017

ELDER JR, G. H. Family history and the life course. In: HARAVEN, T. K. (Ed.). **Transitions: the family and the life course in historical perspective**. New York: Academic Press, 1978. cap. 1, p.17-64.

ELDER JR, G. H.; JOHNSON, M. K.; CROSNOE, R. The emergence and development of life course theory. In: MORTIMER, J. T. e SHANAHAN, M. J. (Ed.). **Handbook of the life course**. New York: Klumer Academic Publishers, 2002. cap. 1, p.3-19. (Handbooks of Sociology and Social Research).

FAVERO, R. V. M. **A cultura dos usos das redes na academia: um olhar de professores universitários, brasileiros e italianos, sobre o uso das Mídias Sociais na docência**. 2016. 211p. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FERREIRA, E.; LOPES, R.G.B.; FERREIRA, R.; NISTA-PICCOLO, V.L. Um olhar sobre a Educação Física Adaptada nas universidades públicas paulistas: atividades obrigatórias e facultativas. **Revista de Educação Física / UEM**, v. 24, n. 4, p. 581-595, 2013.

FILHO, J. A. O.; SALVETTI, X. M.; MELO, M. T. D.; SILVA, A. C. D.; FILHO, B. L. Coronary risk in a cohort of paralympic athletes. **British Journal of Sports Medicine**, v. 40, n. 11, p. 918-922, nov 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a. p. 405.

\_\_\_\_\_. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. cap. 5, p.114-136.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no esporte adaptado**. 2009. 395p. (Doutorado). Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas / São Paulo.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. cap. 3, p.64-89.

GAYA, A. C. **Projetos de pesquisa científica e pedagógica: desafio da iniciação científica**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2016. p. 426.

GIELE, J. Z.; ELDER JR, G. H. Life course research: development of a field. In: GIELE, J. Z. e ELDER JR, G. H. (Ed.). **Methods of life course research: qualitative and quantitative approaches**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998a. cap. 1, p.5-27.

\_\_\_\_\_. **Methods of life course research: qualitative and quantitative approaches**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998b. p. 361.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo diferente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano/2007. In: PIRES, G. D. L. (Ed.). **"Observando" o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribos da Ilha, 2009. p.149-67.

GROFF, D. G.; KLEIBER, D. A. Exploring the identity formation of youth involved in an adapted sports program. **Therapeutic Recreation Journal**, v. 35, n. 4, p. 318, 2001.

GUTIERREZ, L. M. Working with women of color: An empowerment perspective. **Social work**, v. 35, n. 2, p. 149-153, 1990.

GUTTMANN, L. **Textbook of Sport for the Disabled**. Aylesbury/England: HM+ M, 1976.

HAIACHI, M. C. Inovação nas relações entre atleta, treinamento e carreira esportiva em entidades gestoras do esporte paralímpico. In: DESLANDES, A.;DACOSTA, L. P., *et al* (Ed.). **O futuro dos mega-eventos esportivos**. Rio de Janeiro: Engenho Arte e Cultura, 2015. cap. 29, p.479-488. (Inovações pós Copa 2014 e Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016).

HAIACHI, M. C.; DACOSTA, L. P.; SANTOS NETO, S. C.; OLIVEIRA, A. F. S.; MATARUNA, L. Organizational structures of Brazilian Paralympic sports. In: DE

BOSSCHER, V., **Elite sport success: society boost or not?**, 2013, Antwerp, Belgium. Vrije Universiteit Brussel, 13-14 nov. p.100.

HAIACHI, M. C.; KUMAKURA, R. S. Os jogos paraolímpicos e suas contradições. In: SOUZA, R. D. C. S.; ZOBOLI, F., *et al* (Ed.). **Educação Física Inclusiva: perspectivas para além da deficiência**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013. p.251.

HAIACHI, M. D. C.; CARDOSO, V. D.; REPPOLD FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 2999-3006, 2016.

HARAVEN, T. K. Introduction: the historical study of the life course. In: HARAVEN, T. K. (Ed.). **Transitions: the family and the life course in historical perspective**. New York: Academic Press, 1978. p.1-16.

HENDERSON, K.; BEDINI, L. Women, leisure, and "double whammies": empowerment and constraint. **Journal of Leisurability**, v. 24, n. 1, p. 36-46, 1997.

HUANG, C.-J.; BRITAIN, I. Negotiating Identities Through Disability Sport. **Sociology of Sport Journal**, v. 23, n. 4, p. 352-375, 2006.

HUTZLER, Y. The concept of empowerment in rehabilitative sports. In: (Ed.). **Adapted physical activity: an interdisciplinary approach**. Heidelberg: Springer, 1990. p.43-51.

IBGE. **Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE: 1-215 p. 2012.

ICSD. **Paris 1924: International Silent Games**. Washington, International Committee of Sports for the Deaf, 2015. Disponível em: < <http://www.deaflympics.com/games.asp?1924-s> >. Acesso em: 23 ago, 2015.

INAS. **History of INAS**. United Kingdom, International Sports Federation for Persons with Intellectual Disability, 2010. Disponível em: < <http://www.inas.org/about-us/who-we-are-2/history-of-inas/> >. Acesso em: 23 ago, 2015.

IPC. **London 2012 overview**. Bonn / Germany, International Paralympic Committee, 2012. Disponível em: < <http://www.paralympic.org/london-2012-overview> >. Acesso em: 23 ago, 2012.

\_\_\_\_\_. **Explanatory guide to paralympic classification**. Paralympic Summer Sports. Bonn / Germany: International Paralympic Committee: 45 p. 2015.

\_\_\_\_\_. **About us**. The IPC, Bonn, International Paralympic Committee, 2017. Disponível em: < <https://www.paralympic.org/the-ipc/about-us> >. Acesso em: 24 mai, 2017.

IRWIN, S. Repositioning disability and the life course: a social claiming perspective. In: PRIESTLEY, M. (Ed.). **Disability and the life course: global perspectives**. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. cap. 2, p.15-25.

JARDIM, A. D. P. **A investigação das migrações internas, a partir dos censos demográficos brasileiros de 1970 a 2010**. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. OLIVEIRA, L. A. P. e OLIVEIRA, A. T. R. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1: 49-57 p. 2011.

KOHLI, M.; MEYER, J. W. Social structure and social construction of life stages. **Human Development**, v. 29, n. 3, p. 145-149, 1986.

LABRONICI, R. H. D. D.; CUNHA, M. C. B.; OLIVEIRA, A. S. B.; GABBAI, A. A. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arq Neuropsiquiatr**, v. 58, n. 4, p. 1092-1099, 2000.

LAGE, M. C. Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. **Educação Temática Digital**, v. 12, p. 198, 2011.

LANNA JÚNIOR, M. C. M. **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos e Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. p. 482.

LE BRAS, H. **L'adieu aux masses**. La Tour-d'Aigues: Aube, 2002. p. 89.

LEEDY, P. D.; ORMROD, J. E. **Practical Research: Planning and Design**. Pearson Education, 2014.

LEEDY, P. D.; ORMROD, J. E. **Practical research: planning and design**. 11 ed. Pearson Education International, 2014. p. 408.

LEGG, D.; BOSSCHER, V. D.; SHIBLI, S.; BOTTENBURG, M. V. What is the Ideal Paralympic Sport System? Future Research Directions. **ICSSPE Bulletin (17285909)**, n. 61, p. 2-2, 2011.

LEITÃO, M. T. K. **Perspectivas de atuação profissional: um estudo de caso das olimpíadas especiais**. 2002. 132p. (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas / SP.

LEONELLI, V. **ABC dos direitos humanos**. UNICEF. Salvador: 23 ago, p.92. 2002

LEVERMORE, R. Sport: a new engine of development? **Progress in Development Studies**, v. 8, n. 2, p. 183-190, April 1, 2008 2008. Disponível em: <<http://pdj.sagepub.com/content/8/2/183.abstract>>.

LOURENÇO, I. **Com bronze no revezamento 4x100, Daniel Dias é o maior medalhista paralímpico**. Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). MASSALLI, F. Brasília: Agência Brasil 2016.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARQUES, R. F. R. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem sociológica do esporte de Pierre Bourdieu**. 2010. 286p. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. J. G. D.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365-377, out / dez 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; DE ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo**, v. 27, n. 4, p. 583-596, 2013.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; DE ALMEIDA, M. A. B.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: perspectivas de atletas brasileiros. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 20, n. 3, p. 989-1015, 2014.

MARTIN, J. J. A personal development model of sport psychology for athletes with disabilities. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 11, n. 2, p. 181-193, 1999.

MARTIN, J. J.; ADAMS-MUSHETT, C.; SMITH, K. L. Athletic identity and sport orientation of adolescent swimmers with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 12, n. 2, p. 113-123, 1995.

MARTIN, J. J.; MUSHETT, C. A. Social support mechanisms among athletes with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 13, n. 1, p. 74-83, 1996.

MATARUNA, L. Physically modified athletes in the paralympic games: a new ethical challenge of today's sport. In: GEORGIADIS, K., **14th International Seminar on Olympic Studies for post-graduate students: Sport and Ethics, 2006, Ancient Olympia**. International Olympic Academy and the International Olympic Committee. p.332-350.

MATARUNA, L.; HAIACHI, M. C.; MELO NETO, F. P. Paralympic management in Brazil: a map of sports results, human development index and gross domestic product. **22nd European Association of Sport Management: Social & Commercial Impact of Sport**, 2014, Coventry. Coventry Business School, 9-12 September. p.265-266.

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada**. 2ª ed. Ribeirão Preto/SP: Novo Conceito, 2011. p. 720.

MAUERBERG-DECASTRO, E.; CAMPBELL, D. F.; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 22, n. 3, p. 111-123, 2016.

MCGRATH, M. **Atletas paraolímpicos se flagelam para melhorar desempenho**. BBC Notícias. Londres: BBC Brasil 2012.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study approaches in education**. São Francisco: Jossey-Bass, 2001. p. 275.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Política Nacional do Esporte**. Ministério do Esporte. Brasília: 14 Junho, p.24. 2005

MOVIMENTO DOWN. **Síndrome de down: o que é**. Rio de Janeiro, Movimento Down, 2017. Disponível em: < <http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/> >. Acesso em: 09 mar 2017, 2017.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D.; TEIXEIRA, A. N. Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software NVIVO®. **Revista Alcance**, v. 23, n. 4 (Out-Dez), p. 578-587, 2016.

MULHOLLAND, E. **What sport can do: The true sport report**. True Sport, 2008.

NUBILA, H. B. V. D. Uma introdução à CIF: classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 35, p. 122-123, 2010.

OISHI, S. M. **How to conduct in-person interviews for surveys**. 2 ed. California: Sage Publications, 2003.

OLIVEIRA, A. T. R.; ERVATTI, L. R.; O'NEILL, M. M. V. C. **O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e Censos Demográficos**. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. OLIVEIRA, L. A. P. e OLIVEIRA, A. T. R. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1: 28-48 p. 2011.

OMS. **A life course approach to health**. Organização Mundial da Saúde. Geneva / Switzerland, p.12. 2000

ONUBR. **ONU: Inclusão de pessoas com deficiência é fundamental para implementação da Agenda 2030**. Rio de Janeiro, Nações Unidas do Brasil, 2016. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/onu-inclusao-de-pessoas-com-deficiencia-e-fundamental-para-a-implementacao-da-agenda-2030/> >. Acesso em: 29 mar, 2017.

PAIM, P. **Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei Brasileira da Inclusão**. Brasília: Senado Federal: 104 p. 2015.

PARSONS, A.; WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. In: MELLO, M. T. e WINCKLER, C. (Ed.). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012. cap. 1, p.3-14.

PENSGAARD, A. M.; SORENSEN, M. Empowerment Through the Sport Context: A Model to Guide Research for Individuals With Disability. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 19, n. 1, 2002.

PRIESTLEY, M. Introduction: the global context of disability. In: PRIESTLEY, M. (Ed.). **Disability and the life course: global perspectives**. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. cap. 1, p.3-14.

REAÇÃO. CPB apresenta Programa de Transição de Carreiras para apoiar formação profissional dos atletas paraolímpicos. Revista Nacional de Reabilitação - Reação. São Paulo: C&G: 74-75 p. 2015.

REBELLO, H. Alan Fonteles leva ouro e vaga para o Parapan na volta aos eventos do IPC. Globo Esporte. São Paulo: globo.com 2015.

REBELLO, H.; GOZZER, T. Impasse com o INSS bloqueia bolsa de atletas paralímpicos, que cogitam parar. Globo Esporte. Rio de Janeiro: globo.com 2017.

REPPOLD FILHO, A. R.; ENGELMAN, S.; FERREIRA, A. D. C. D. A method to establish the current situation of Elite Sport in Brazil. **International Convention on Science, Education and Medicine in Sports (ICSEMIS)**, 2016, Santos. 31 Aug - 04 Sep.

RIBEIRO, C. T. M. et al. O sistema público de saúde e as ações de reabilitação no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, v. 28, n. 1, p. 43-48, 2010.

RIDING, M. Doping: a paralympic perspective. **New Horizons in Sport for Athletes with a Disability**, v. 1, n. 1, p. 273-277, 2001.

RUDMAN, W. Life course socioeconomic transitions and sport involvement: A theory of restricted opportunity. **Sport and aging**, v. 5, p. 25, 1986.

SANTOS NETO, S. C.; MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; DA COSTA, L. P. Sistema de gestão aplicado ao ambiente do atleta. **Podium**, v. 4, n. 2, p. 16, 2015.

SENADO FEDERAL. **Paraolímpico, Paralímpico**. SECS. Brasília: Senado Federal 2012.

SERON, B. B.; DE ARRUDA, G. A.; GREGUOL, M. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015.

SHANAHAN, M. J. Pathways to adulthood in changing societies: Variability and mechanisms in life course perspective. **Annual review of sociology**, v. 26, n. 1, p. 667-692, 2000.

SHAPIRO, D. R.; MARTIN, J. J. Athletic identity, affect, and peer relations in youth athletes with physical disabilities. **Disability and Health Journal**, v. 3, n. 2, p. 79-85, 2010.

SHERRILL, C. Disability, identity, and involvement in sport and exercise. In: FOX, K. R. (Ed.). **The physical self: From motivation to well-being**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1997. p.257-286.

SHERRILL, C.; WILLIAMS, T. Disability and sport: psychosocial perspectives on inclusion, integration, and participation. **Sport Science Review**, v. 5, n. 1, p. 42-64, 1996.

SILVA, I. R. D.; GÜNTHER, I. D. A. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 31-40, 2000.

SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.

SILVEIRA, B. R. **Entre a vitimização e a divinização: a pessoa com deficiência em viver a vida**. 2012. 149p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUSA, D. A. D.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, p. 53-66, 2011.

STEIN, C.; MORITZ, I. **A life course perspective of maintaining independence in older age**. Geneva: World Health Organization. 1: 20 p. 1999.

SWARTZ, L. Oscar Pistorius and the melancholy of intersectionality. **Disability & Society**, v. 28, n. 8, p. 1157-1161, 2013.

TASIEMSKI, T.; KENNEDY, P.; GARDNER, B. P.; BLAIKLEY, R. A. Athletic identity and sports participation in people with spinal cord injury. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 21, n. 4, p. 364-378, 2004.

TEIXEIRA, I. N. D.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, v. 19, n. 1, p. 81-94, 2008.

TEODORO, C. M. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos**. 2006. 135p. (Mestrado). Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

THEVIS, M.; HEMMERSBACH, P.; GEYER, H.; SCHANZER, W. [Doping in disabled sports. Doping control activities at the Paralympic Games 1984-2008 and in Germany 1992-2008]. **Med Klin (Munich)**, v. 104, n. 12, p. 918-24, Dec 15 2009.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TRIESCHMANN, R. B. **Spinal cord injuries: Psychological, social, and vocational rehabilitation**. Demos Medical Publishing, 1988.

TRIVIÑOS, A. **A introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VANLANDEWIJCK, Y. C.; SPAEPEN, A. J.; LYSSENS, R. J. Relationship between the level of physical impairment and sports performance in elite wheelchair basketball athletes. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 12, n. 2, p. 139-150, 1995.

VASCO, C. C.; FRANCO, M. H. P. Indivíduos Paraplégicos e o Significado Construído para a Lesão Medular em suas Vidas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, p. 119-131, 2017.

WDG. **Event History**. Canadá, World Dwarf Games, 2015. Disponível em: < <http://worlddwarfgames2017.org/> >. Acesso em: 25 mai, 2017.



WHEATON, B.; GOTLIB, I. H. Trajectories and turning points over the life course: concepts and themes. In: GOTLIB, I. H. e WHEATON, B. (Ed.). **Stress and adversity over the life course: trajectories and turning points**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. cap. 1, p.1-25.

WHEELER, G. D.; MALONE, L. A.; VANVLACK, S.; NELSON, E. R.; STEADWARD, R. D. Retirement From Disability Sport: A Pilot Study. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 13, n. 4, 1996.

WHEELER, G. D. et al. Personal investment in disability sport careers: An international study. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 16, n. 3, 1999.

WHO. **World report on disability 2011**. Geneva: World Health Organization: 350 p. 2011.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. 3 ed. Barueri: Manole, 2004. p. 552.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016. p. ISBN 8584290834.

## APÊNDICES

### 1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### **PROJETO DE PESQUISA:** A REPRESENTAÇÃO DO ESPORTE NO CURSO DE VIDA DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA

#### I – EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA

1. Este estudo tem por objetivo: identificar a representação do esporte no curso de vida do atleta com deficiência;
2. A coleta de dados incluirá respostas a uma entrevista semi-estruturada;
3. Não haverá nenhuma forma de reembolso em dinheiro;
4. Os benefícios constituem na identificação de elementos essenciais, a partir da sua própria experiência esportiva, para elaboração de ações que possam contribuir para transformações no seu curso de vida.

#### II. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA (probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia de sua participação no estudo)

Risco Mínimo (X) Risco Baixo ( ) Risco Médio ( ) Risco Máximo ( )

1. Os riscos de desconforto são mínimos durante a participação dessa pesquisa, porém, estamos cientes de que poderá ocorrer: desconforto, constrangimentos ou alguma situação de estresse emocional em decorrência dos relatos referentes ao seu curso de vida;
2. Como forma de minimizar os riscos que a participação nesse estudo pode causar, será possível: realizar a substituição do entrevistador; a interrupção da entrevista a qualquer momento, sem que lhe traga prejuízo; a realização da entrevista em uma nova data (a definir de acordo com o desejo do entrevistado) e a substituição da técnica de entrevista in-loco (se o entrevistador desejar);
3. O entrevistado terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre os procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, e também a transcrição da entrevista;
4. O entrevistado terá a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto lhe traga algum prejuízo ou constrangimento;
5. A identidade dos entrevistados estará sob confiabilidade, sigilo e privacidade.

#### III. RESPONSABILIDADE DO ESTUDO

**Professor Orientador:** Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araújo Gaya (acgaya@esef.ufrgs.br)

**Professor Responsável:** Prof. Marcelo de Castro Haiachi (haiachi@ufs.br)

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS) –  
Campus Olímpico. Endereço: Rua Felizardo 750, Jardim Botânico – Porto Alegre / RS - CEP:  
90690-200 - Telefone: (51) 3308-5860

Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS – CEP/UFRGS

Endereço: Av. Paulo Gama 110, sala 317 – Prédio anexo 1 da Reitoria, Campus Centro –  
Porto Alegre / RS – CEP: 90040-060 – Telefone: (51) 3308-3738

E-mail: ética@propesq.ufrgs.br

#### IV. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado,  
concordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa ou representante legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador: Prof. Marcelo de Castro Haiachi

## 2. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

### Questionário de identificação de variáveis de controle

Dia \_\_ de dezembro de 2016 às \_\_: \_\_ horas Entrevista com \_\_\_\_\_ Local da entrevista: \_\_\_\_\_

Duração: \_\_\_\_ Naturalidade: \_\_ Data do Nascimento: \_\_ / \_\_ / \_\_\_\_ Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Tipo de deficiência: \_\_\_\_\_ ( ) Congênita ( ) Adquirida Se adquirida, idade: \_\_\_\_\_

De que forma: \_\_\_\_\_ Cidade onde mora: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_ Tempo de envolvimento com o esporte: \_\_\_\_\_

Principais resultados esportivos: \_\_\_\_\_ Remuneração: \_\_\_\_\_ Valor: \_\_\_\_\_

### Roteiro de entrevista

#### CURSO DE VIDA

Acontecimentos que você considera importantes no curso de vida (Nascimento, Infância / Adolescência, Idade Adulta)?

Como foi esse processo de reabilitação e estimulação para que você conseguisse se desenvolver?

A partir de que momento você passou a aceitar a deficiência?

Como é a sua rotina diária?

#### ESPORTE

Como surgiu o contato com o esporte?

Fale sobre os desafios que você encontrou para a construção dessa carreira esportiva?

A partir de que momento você passou a se considerar atleta?

Qual foi o momento esportivo que mais marcou a sua carreira?

Qual foi o resultado esportivo mais significativo?

Como que foi a experiência com a classificação funcional?

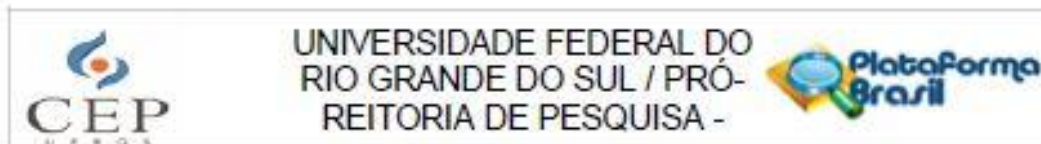
Como era sua vida antes do esporte?

#### OUTROS ASSUNTOS

Existe algum outro assunto que não foi comentado que você gostaria de falar ou gostaria de deixar alguma mensagem?

## ANEXO

### 1. APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A representação do esporte no curso de vida do atleta com deficiência.

**Pesquisador:** Adroaldo Cezar Araujo Gaya

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 50739915.6.0000.5347

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.373.128

##### Apresentação do Projeto:

Trata-se do projeto de doutorado de Marcelo de Castro Halachi orientado pelo Professor Adroaldo Cezar Araujo Gaya. É uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa que se justifica pela necessidade de se compreender os significados, os comportamentos e as características situacionais de como as pessoas constroem o mundo a sua volta. Para o desenvolvimento da pesquisa serão entrevistados atletas com deficiência sensorial, motora ou intelectual, de caráter congênito ou adquirido, que tenham pelo menos cinco anos de atividade competitiva.

##### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:** Identificar a representação do esporte no curso de vida do atleta com deficiência.

**Objetivo Secundário:** Identificar os eventos importantes ocorridos ao longo do curso de vida dos atletas com deficiência; Verificar os facilitadores e as barreiras encontradas pelos atletas com deficiência na construção da carreira esportiva; Descrever os efeitos do esporte para o curso de vida do atleta com deficiência; Identificar quais os desafios do atleta com deficiência para melhorar seu desenvolvimento humano ao longo do seu curso de vida.

##### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

São descritos os riscos e desconfortos no Projeto, no TCLE e na Plataforma Brasil. Os riscos são descritos da seguinte maneira: "Os riscos de desconforto serão mínimos durante a participação

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
Bairro: Farpouilha CEP: 90.040-060  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br





UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-  
REITORIA DE PESQUISA -



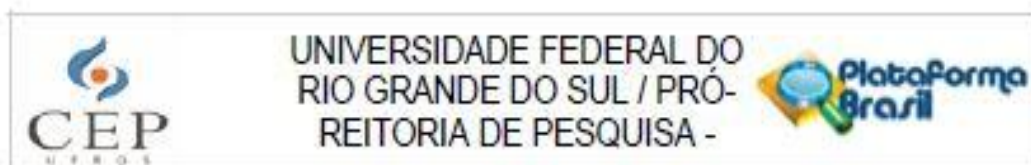
Continuação do Parecer: 1.373.128

dessa pesquisa, porém, estamos cientes de que poderá ocorrer: desconforto, constrangimentos ou alguma situação de estresse emocional em decorrência dos relatos referentes a sua trajetória esportiva e de vida." Os benefícios apontados são: "Os benefícios se constituem na contribuição, a partir dos eventos ocorridos ao longo da sua vida, através da identificação de elementos essenciais para elaboração de políticas públicas que possam contribuir para transformações no curso de vida de novos atletas."

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta referencial teórico adequado e atualizado. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com atletas com deficiência sensorial, motora ou intelectual, de caráter congênito ou adquirido, que tenham pelo menos cinco anos de atividade competitiva. A seleção dos sujeitos da pesquisa será intencional para um melhor entendimento e compreensão do fenômeno central a ser observado. O contato inicial será feito por telefone, pelas redes sociais ou por endereço eletrônico, contando com o auxílio de técnicos, treinadores, professores, dirigentes esportivos e dos próprios atletas que aceitaram participar do estudo. O processo seguirá até atingir o princípio da saturação onde a partir da repetição sistemática das informações dos entrevistados se adota um padrão de comportamento que pode ser considerado comum a todos os atletas. Para realização da coleta de dados serão utilizados dois instrumentos: 1. Questionário de Identificação de Variáveis de Controle (QIVC); 2. Roteiro de entrevista semi-estruturada. O QIVC tem por objetivo trazer informações dos sujeitos participantes da pesquisa como a data da entrevista, o horário da entrevista, data de nascimento, a naturalidade, sexo, tipo de deficiência, congênita ou adquirida, idade e forma de aquisição, a cidade onde mora, o estado civil, a profissão, o nível de escolaridade, o tempo de carreira esportiva, principais resultados esportivos, esporte praticado, remuneração. O roteiro de entrevista surge como uma estratégia para controlar e padronizar a condução da entrevista facilitando a posterior a a posterior análise e comparação das informações obtidas. No caso específico de ocorrer problemas na condução da entrevista em relação a comunicação ou ao entendimento, serão adotadas as seguintes estratégias: utilização do intérprete de libras, caso necessário, no momento da entrevista; complementação das informações pelo responsável pelo atleta e coleta de depoimentos por formulário eletrônico. Para análise dos dados serão reunidas todas as informações obtidas seja por intermédio de materiais escritos ou pelas entrevistas para posterior interpretação. Será adotada a análise de conteúdo, a partir da codificação, categorização e análises dos dados brutos obtidos nas entrevistas sendo

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
Bairro: Farróupilha CEP: 90.040-060  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etca@propesq.ufgrs.br



Continuação do Parecer: 1.373.128

possível efetuar suas relações e nexos entre deficiência, esporte e curso de vida dos atletas com deficiência (BARDIN, 2011). O cronograma apresentado está adequado. O orçamento será custeado pelo próprio pesquisador.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE foi ajustado, respondendo a pendência do primeiro parecer do CEP, acrescentando o seguinte texto: "Não haverá custos ao participante ou remuneração pela participação na pesquisa".

Não foi apresentado o parecer consubstanciado da COMPEAQ/ESEFID. Foi apresentado um parecer de aprovação diretamente da página da UFRGS.

**Recomendações:**

Das pendências solicitadas no primeiro parecer, todas foram respondidas:

- O texto do TCLE no que se refere ao 'reembolso financeiro', foi ajustado, estando o mesmo adequado.
- Foi esclarecido, no texto do projeto, que a pesquisa para seleção dos sujeitos aptos à participar da pesquisa e para identificação dos atletas com deficiência que participaram de eventos estaduais, nacionais ou internacionais, será realizada nas páginas eletrônicas oficiais das entidades responsáveis pelas competições esportivas e não em banco de dados.

Foi anexado o texto de divulgação e convite para participar da pesquisa que será enviado para os atletas por e-mail e/ou disponibilizado nas redes sociais.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_602844.pdf	03/12/2015 15:12:46		Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Apendices_Projeto.pdf	03/12/2015 15:08:49	Adroaldo Cezar Araujo Gaya	Acelto
Projeto Detalhado	Projeto_CEP.pdf	03/12/2015	Adroaldo Cezar	Acelto

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
 Bairro: Farroupilha CEP: 91.040-060  
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br





UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-  
REITORIA DE PESQUISA -



Continuação do Parecer: 1.373.128

/ Brochura Investigador	Projeto_CEP.pdf	14:47:03	Araujo Gaya	Acelto
Outros	Parecer_Compesq.pdf	05/11/2015 13:11:54	Adroaldo Cezar Araujo Gaya	Acelto
Folha de Rosto	FolRosto_Marcelo_Halachi.pdf	09/10/2015 16:23:37	Adroaldo Cezar Araujo Gaya	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 17 de Dezembro de 2015

Assinado por:

MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA  
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
Bairro: Farroupilha CEP: 91.040-060  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br